



# MILENA

ROMANCE MEDIÚNICO

DENISE CORRÊA DE MACEDO

*pelo espírito* MILENA

EDITORA  
EME



# MILENA

ROMANCE MEDIÚNICO

DENISE CORRÊA DE MACEDO

*pelo espírito* MILENA

EDITORA  
EME

© 2019 Denise Corrêa de Macedo

Os direitos autorais desta obra são de exclusividade da autora.

A Editora EME mantém o Centro Espírita “Mensagem de Esperança” e patrocina, junto com outras empresas, instituições de atendimento social de Capivari-SP.

1ª edição eletrônica: novembro de 2019

**Capa: André Stenico**

**Projeto eletrônico: vbenatti**

**Revisão: Letícia Rodrigues de Camargo e Véra Lucia dos Reis**

ISBN 978-85-9544-xxx-x

**Milena | Denise Corrêa de Macedo**

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem autorização dos detentores dos direitos autorais.

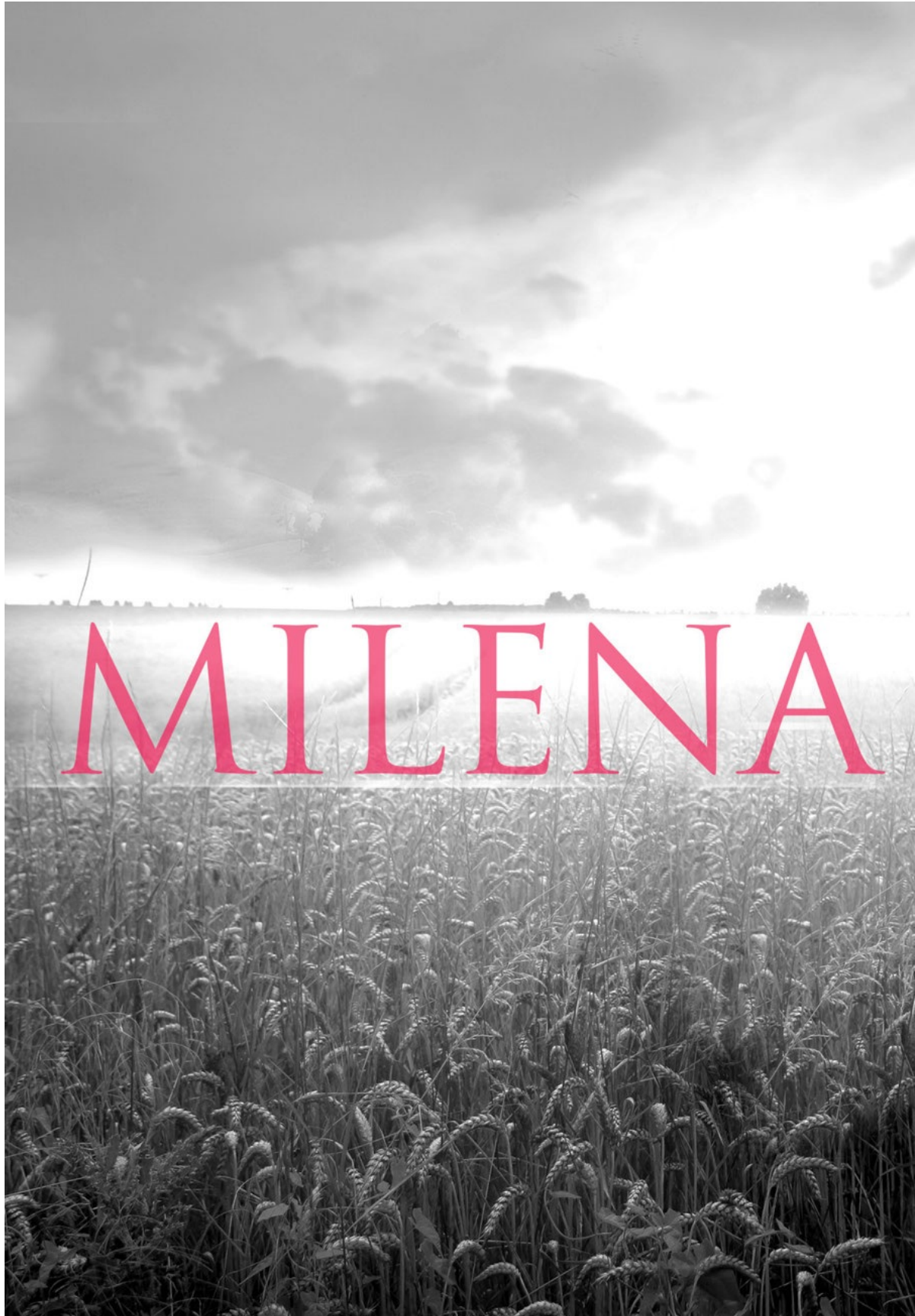
**Copyright © Editora EME Ltda-ME**

Avenida Brigadeiro Faria Lima, 1080

Capivari-SP | CEP: 13360-000 | (19) 3491-7000

[www.editoraeme.com.br](http://www.editoraeme.com.br)

**Ampliando os sentidos da vida**



MILENA

—

825. Há, no mundo, posições em que o homem pode gabar-se de gozar de uma liberdade absoluta?

– Não, porque todos vós tendes necessidade uns dos outros, tanto os pequenos como os grandes.

*O Livro dos Espíritos, Allan Kardec.*

*“Quando os meios de nos comunicarmos diretamente com os espíritos são falhos, temos aqueles outros que a Humanidade sempre possui: o contato através da prece, os sonhos espíritas, momento em que podemos nos desdobrar e estar com eles (...) temos intuições e a sensação de suas presenças junto a nós.”*

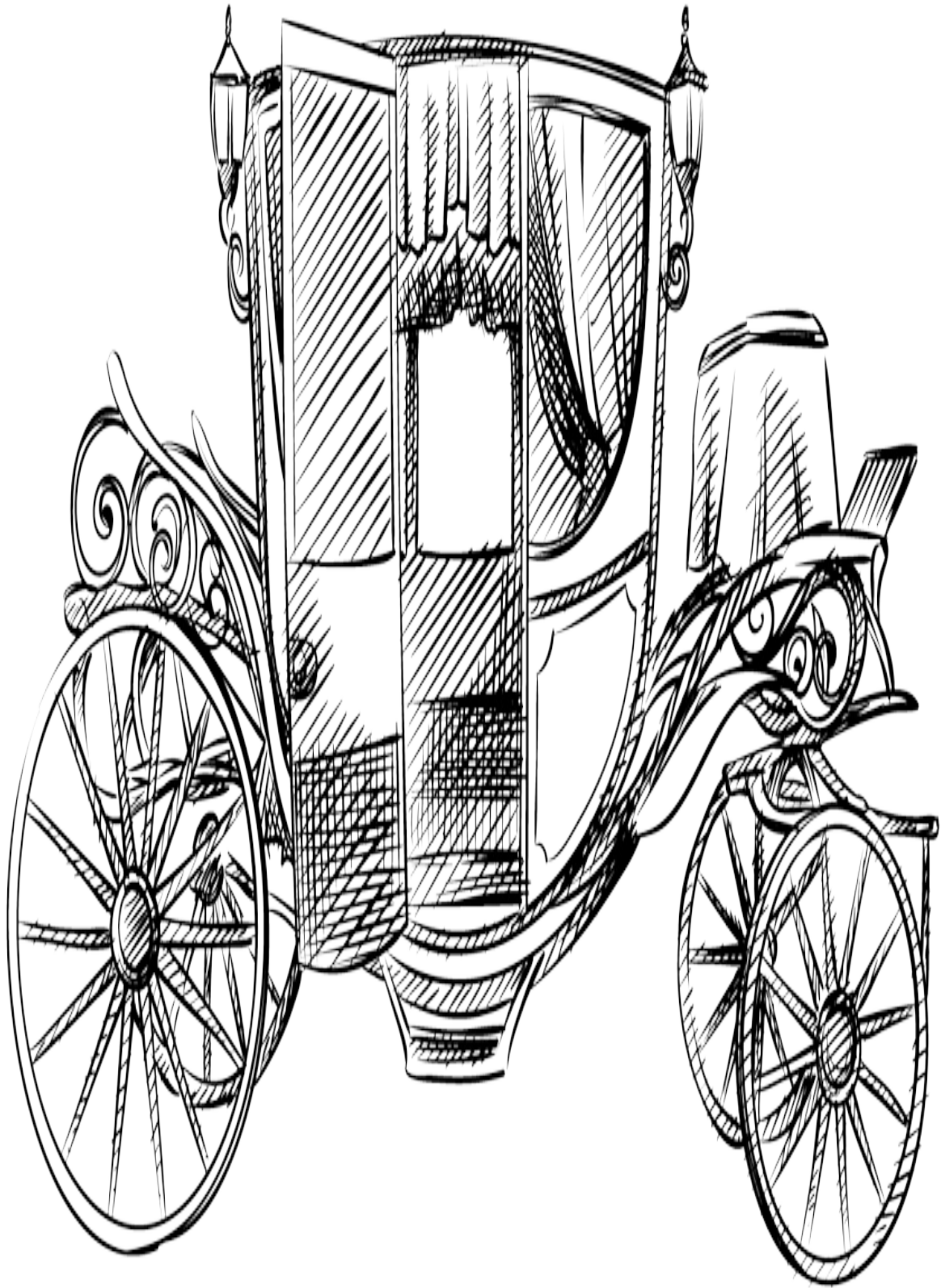
*Yvonne, a médium iluminada, pág. 124.*

## **Agradecimentos:**

A Véra Lucia dos Reis, pela revisão do texto.

Ao meu marido Carlos Henrique, pelo apoio.

A Larissa Macedo, pelas ilustrações.



## Prefácio

É tão intenso o mundo físico, que nos esquecemos de que somos imortais. Aqui do plano sutil, encontramos maior lucidez para refletir sobre os ensinamentos aprendidos, longe dos preconceitos do mundo.

Até ontem as mulheres não tinham voz para decidirem suas vidas, e creio que este é nosso desafio quando reencarnamos num corpo feminino. Seremos ouvidas... Antigamente, tinham medo de nós, caçavam-nos como bruxas porque sabíamos conversar com o invisível; depois nos tolheram a ponto de nos tornarmos propriedade masculina... Era uma escravidão disfarçada como numa brincadeira de mau gosto, impuseram-nos atribuições da casa e, hoje, o grito surdo reverbera pelos corações – somos livres. Será mesmo que não pertencemos mais a homem algum, nossa família não pode decidir nossa vida sexual, nem nossas escolhas?

Cento e trinta anos após a libertação dos escravos os preconceitos ainda são grandes e não falo só dos negros, falo das mulheres e de todas as minorias.

Minha história, que narro a vocês, não poderia ser diferente. Muitas vezes esperamos humanidade e coerência, mas encontramos apenas indiferença, frieza, descaso.

No relato de meu “diário”, na encarnação em que me chamei Milena, mantive meu olhar limitado e medíocre, infantil e mimado até descobrir a realidade espiritual. Somente após a descoberta dessa verdade, pude refletir sobre o sofrimento e suas razões e percebi que durante o tempo em que estive encarnada como a “senhora de fazenda”, muito cresci espiritualmente por me sintonizar comigo mesma. Tinha os dias de minha solidão para pensar... nesses momentos entrava a cismar comigo mesma, filosofando internamente sobre os propósitos da existência física e as razões pelas quais nos faziam nascer em um mundo tão embrutecido.

Não existia nenhum tipo de psicologia, nenhuma orientação além dos áridos livros, nas distâncias das fazendas no interior do Brasil. Não havia nada além da faculdade mediúnica, que nos possibilitava, entre medos e assombros pelo

fenômeno desconhecido, algumas instruções limitadas e precárias... Mesmo assim sobrevivi com marcas profundas na personalidade, principalmente sobre a injustiça da vida de uma mulher. Desenvolvi muita força, muita vontade e tive fé que conseguiria por mim mesma, reerguer-me das cinzas.

Meu amado foi o grande incentivador de meu aprendizado, aquele que me respeitou em minhas particularidades e, acima de tudo, respeitou também as limitações do planeta Terra como lugar de redenção no contexto do final do Império do Brasil.

Somos hoje, eu e ele, irmãos em ideal, nosso compromisso com a doutrina dos espíritos nos une e traz a essa obra para registrar como até hoje o mundo continua, disfarçadamente, prezando valores que já deveriam ter caído há mais de cento e trinta anos...

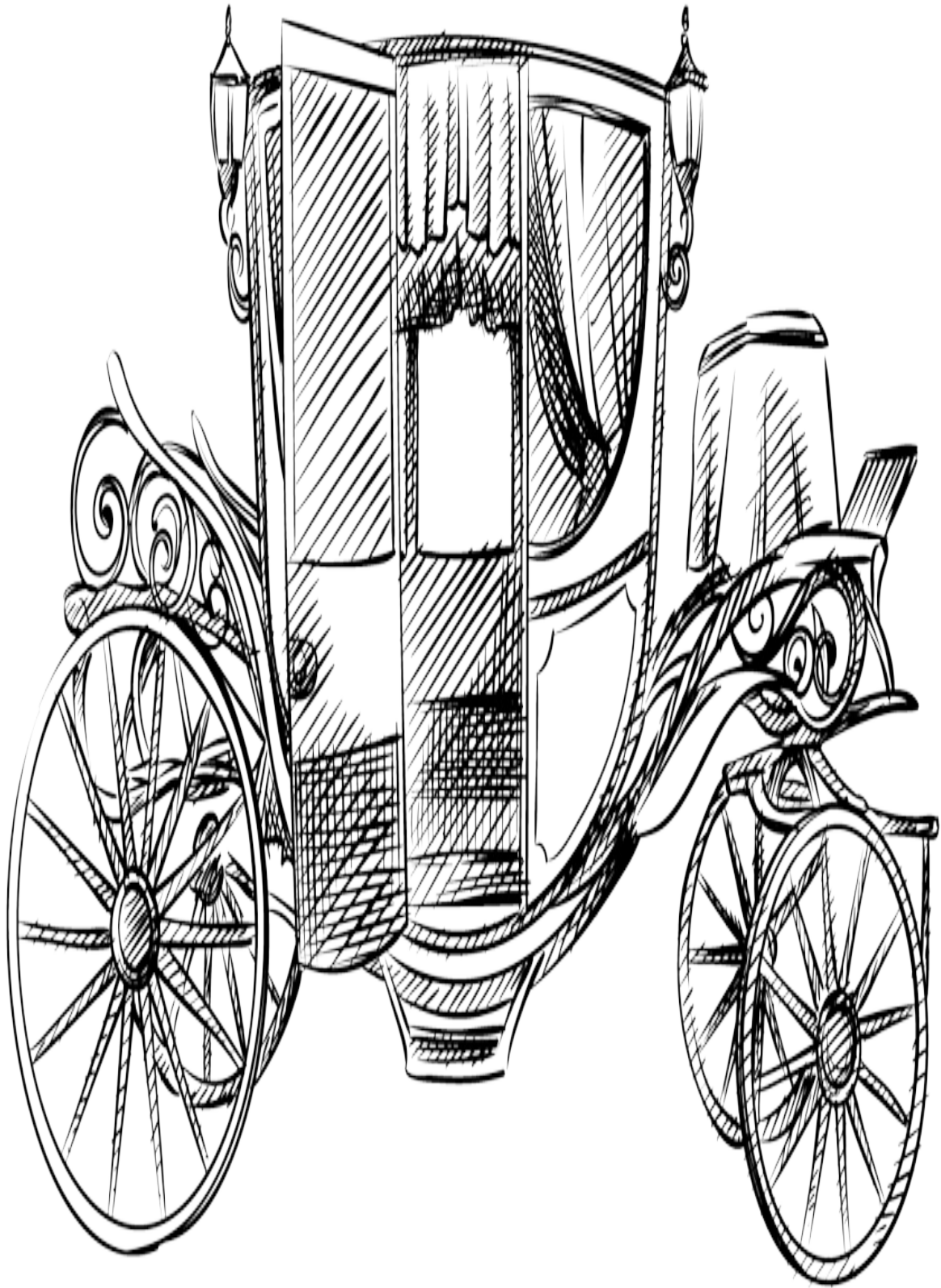
Sei que estamos distantes do que dizem os espíritos sobre evolução e temos caminhado mais tecnologicamente do que moralmente, mas precisamos de muita força de vontade para policiarmos nossos instintos, vencermos a nós mesmos em nosso primitivismo. Achemo-nos orgulhosos do dito mundo civilizado, mas nossos preconceitos são muito velhos. São construções de uma geração que humilhava, submetia as mulheres de forma ostensiva. Hoje, isso ocorre de forma velada, mas continua ocorrendo, porque nossas mentes não se abriram para a igualdade. Ainda nos valem da força para medida de valor, ainda aceitamos viver à sombra de um homem por medo de sermos nós mesmas – mulheres – espíritos livres, inteligentes, crescendo e evoluindo a cada degrau reencarnatório.

Como espíritos, já experimentamos as duas polaridades sexuais, mas acredito que as reencarnações femininas falam mais diretamente ao coração. A experiência da maternidade entenece e exercita o amor incondicional, aprendemos a cuidar e a abrir mão quando a vida pede.

Quando encarnada, conquistei duas amigas espirituais, verdadeiras irmãs agora, também mães e espíritos fortes, a quem agradeço pelo apoio quando não havia mais ninguém. Hoje, estão reencarnadas juntas e eu as sigo de perto no mesmo movimento que fizeram comigo, agora ao contrário. Assim é a vida nos dois planos de ação. Das zonas misteriosas da morte, às vezes, se nos afiguram como apoio alguns antepassados ou amigos caros que deixamos em algum momento para depois reencontrá-los.

Irmãos, compreendam essa história como um grito de liberdade, como um clamor por justiça. Mulheres! Reflitam sobre si mesmas, a condição em que vivem, os valores que alimentam. Enquanto não houver igualdade não estaremos em paz com nossas consciências aqui no mundo espiritual, e regressaremos sempre para a Terra com esse compromisso!!!

**Milena**



## Encarnação anterior

*...por virtude do axioma segundo o qual todo efeito tem uma causa, tais misérias são efeitos que não de ter uma causa e, desde que se admita um Deus justo, essa causa também há de ser justa. Ora, ao efeito precedendo sempre a causa, se esta não se encontra na vida atual, há de ser anterior a essa vida, isto é, há de estar numa existência precedente.*

*O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. V, item 6.*

O carrinho que me abrigava, puxado por animais pesados, seguia morosamente, e eu sabia para onde ia, para alguma masmorra da Santa Inquisição. Eu estava na Espanha do século XVI. Em breve, seria morta na fogueira. Não sentia medo, sabia o destino daqueles que mexiam com forças sobrenaturais no mundo obscurecido em que eu vivia. Havia poderes, que eu dominava, incompatíveis com a mentalidade limitada da época. Eu era considerada uma feiticeira. Fui acusada de bruxaria, porque oferecia minhas mãos e a água da cura, porque manipulava ervas, porque conversava com espíritos e lia os semblantes das pessoas como quem lê um livro. Minha mãe me ensinou e, desde pequena aprendi a compreender a vida de uma perspectiva diferente, com uma visão ampliada e, infelizmente, agora proibida.

A carroça passou por um bosque meu conhecido, onde eu, minha mãe e nossa tribo de mulheres livres, costumávamos fazer alguns rituais para a lua cheia, onde buscávamos as ervas que cultivávamos para os chás curativos e de onde vinha a força vital para as poções que vendíamos ou doávamos aos que nos procuravam. As receitas estavam no velho livro de minha mãe, que ela chamava de “O livro doce”. Nós conseguíamos entender as leis naturais que regiam o mundo, conseguíamos captar as forças dos astros, dos elementais e seres dévicos que comandam a natureza. Por um minuto, vi o rosto dela, de minha mãe, em suas vestes sacralizadas pelos rituais, suspensa no ar, dando-me força para ir para onde ela estava, em meu corpo de luz. Quando chegasse a hora, o fogo não poderia me atingir, consumiria apenas o corpo, porque eu sabia como sair da prisão de carne.

O solavanco moroso dava-me tempo para pensar, fui rememorando os fatos, não que eu quisesse encontrar culpados, mas queria entender meus sentimentos para morrer em paz. Lembrei-me do rosto da dama Lenita<sup>1</sup>, aquela senhora do castelo, com altos títulos de nobreza, que veio procurar-me, certa vez, em minha modesta cabana, no meio da floresta. Ela veio a cavalo e estava só, mas senti a presença masculina que a escoltava. Nenhum homem ousaria desafiar minhas defesas, sem que eu não percebesse. Geralmente, dias antes, percebia as intenções de quem vinha e, muitas vezes, até mesmo adiantava o que queriam de mim.

Lenita era uma mulher leviana, que vivia pelos prazeres do corpo com vários amantes que encontrava em seu meio social repleto de viagens, visitas e regalias. Ela queria uma poção do amor, estava loucamente apaixonada por um homem, que era cavaleiro de seu marido e que não cedia a seus caprichos de sedução. Tinha usado decotes, deixado entrever suas intenções por sorrisos provocantes e, até mesmo, forçara situações para estar sozinha com o bravo cavaleiro, mas ele, altivo e orgulhoso de si mesmo, retribuía com desdém e isso tinha ferido seu brio de mulher. Por várias vezes, ela tinha agido assim com outros homens que cediam sempre, mas este, parecia-lhe insensível, de gelo. Concordei com o trabalho, embora soubesse que esse tipo de atração sexual mal resolvida não gera bom carma para quem o manipula. Pedi-lhe que esperasse a lua nova e depois viesse buscar o elixir para ser ministrado em três vezes, na bebida ou comida. Alertei que aconteceria o tão esperado encontro amoroso, mas que, talvez, as consequências fossem desastrosas. Ela logo pensou em gravidez e disse que tomaria precauções.

Assim foi feito e refeito: manipulei os instrumentos ao meu alcance, pedi permissão à “Grande Mãe”, esperei o horário certo da lua e escolhi as ervas como minha mãe descrevera em seu livro. O cheiro do preparado não era bom, mas fazia efeito com profunda eficiência. Homens são presas fáceis para esse tipo de manipulação, sempre cedendo aos instintos animalizados e baixos do corpo, sempre imprevidentes com sua força etérica. No tempo marcado, a jovem dama veio procurar-me aflita. Havia uma complicação. Seu amado informava aos amigos mais chegados que viajaria sem data para voltar. O elixir do amor teria de ser usado de uma vez só, naquela mesma noite. Eu não deveria ter aceitado que ela usasse o elixir daquela maneira, mas deixei para sua livre escolha, eu já havia explicado como funcionaria. Uma bolsa com moedas de ouro foi entregue em minhas mãos e o trato foi feito. Ela disse:

– Se der certo, de onde veio esse ouro, virá mais. Quero muitos amores...

Eu não precisava de ouro, mas sempre é bom ter garantias para o futuro. Cedi. Três luas cheias depois ela retornou, com outro pedido. Queria um amuleto de proteção. Não costumo conferir a aprovação daqueles que me procuram, nem perguntar pela sucessão dos fatos. Aceitei o novo trabalho, sem questionar e ia fornecer mais uma vez os prazos e detalhes, quando Lenita começou a chorar e desabafou:

– Estou de volta, sacerdotisa, quero proteger-me, quero um talismã porque sei que exagerei na poção do amor! Depositei tudo de uma vez, quando me recomendou para fazer isso em três vezes. Eu estava impaciente, estava afogueada.

– Minha nobre dama tem algo a reclamar, ou veio pedir outro serviço? – indaguei como de costume a todos que vinham pela segunda vez.

– Não vim reclamar, claro que não, fui eu que pedi e o elixir do amor funcionou perfeitamente, Leôncio cedeu e estivemos juntos, mas como a senhora mesma alertou, não pude prever as consequências. Ele não viajou como tinha dito e anunciado. Ficou preso a mim e agora não me deixa em paz, ameaçando contar tudo ao meu marido José Maria, desgraçar minha reputação e a sorte de meus filhos. Quer fugir comigo. Naquela mesma noite, consegui que viesse ao meu castelo, recebi-o em aposentos privados. Coloquei tudo na bebida dele, de uma única vez e ele bebeu com gosto. Seus olhos brilharam para mim e parecia ter-se aberto uma janela por onde ele via apenas o meu corpo. Foi bom por algum tempo, mas agora, estou desesperada, venho pedir proteção. Esse amor era mais uma aventura minha, um desejo não correspondido que afetava meu caráter voluptuoso. Não o quero por marido, nem o quero mais por amante, é apenas um cavaleiro bruto. Quero outros homens, mais corajosos e destemidos. Há como desfazer este feitiço? Há como me proteger?

– Prepararei para a senhora um amuleto que previne desse tipo de encanto. Ele a olhará como sempre fazia antes, desmanchando os efeitos da magia de amor, mas pode ser que ele encontre outra pessoa e transfira a fascinação. Ele não a verá mais, mas verá outra pessoa, entendeu? O elixir funcionará ainda por uns anos, usa o amuleto neste período, depois seu amante estará livre. O talismã, posso confeccioná-lo agora mesmo.

Pedi licença à nobre figura em minha modesta sala onde atendia às pessoas que me procuravam e fui aos meus aposentos particulares. Tirei um dos cristais que

deixava mergulhado na água da chuva, soprei sobre ele essências de ervas do despertamento, colhidas ali mesmo no meu quintal. Costurei-o em um pequeno artefato dizendo palavras de poder. Ele era bem discreto e deveria ser colocado dentro do decote de uma dama ou no bolso de um cavalheiro. Retornei com o pequeno artefato e ofereci-o dizendo:

– Esconda-o no decote, sempre que precisar ver a pessoa que bebeu o elixir, ou prenda-o em um cordão sempre próximo ao corpo. Ele não mais a verá com desejo, pode ser que a despreze, que a ignore ou que a evite. Poderá ficar perturbado por um tempo, mas logo transferirá para outra pessoa a fascinação.

A dama me olhou com os olhos cheios de esperança, com certeza sua vida tinha se tornado uma mistura de fugas e anseios. Ela era vítima do próprio desejo incontrolado. Mais uma bolsa de moedas de ouro surgiu em minhas mãos, como recompensa.

Os tempos estavam se tornando mais difíceis a cada ano, as perseguições aos que conheciam os segredos do invisível eram evidentes, e eu não tinha garantias de quanto tempo poderia morar ali no bosque em que minha mãe havia morado, nem se teria como exercer meus conhecimentos de cura, clarividência e confecção de objetos mágicos por muito tempo. As moedas de ouro poderiam me servir numa emergência. Guardei-as.

O tempo passou, e mais uma vez a comitiva veio até os limites de meu território, só que desta vez, um homem procurava por mim. Pude vê-lo antes que chegasse, vinha do mesmo castelo que era residência da dama Lenita e trazia os mesmos brasões familiares em seus cavalos e escudeiros. Na certa, algum parente. Preparei-me para cobranças, intrigas e incompreensões tão comuns entre os nobres. Não poderia esperar mais de quem não conhecia a sensibilidade da vida.

Ele entrou, observando os detalhes da minha sala de atendimento. Era pobre para os padrões com que estava acostumado e como confundia riqueza com valores morais, como a maioria dos nobres da época, não esperava ali encontrar mais do que a ignorância. Dei por despercebida a expressão de desdém com que era afrontada no meu próprio espaço. Como podia ler as expressões humanas, sabia bem o que esperar dali e não esperava muito.

– Seja bem-vindo à paz do meu humilde lar, fique à vontade. Em que posso servi-lo, meu senhor e nobre fidalgo? – fiz uma referência para que não pensasse

que eu era incivilizada.

Ele não se sentou, estava impaciente e irrequieto com tudo ao redor, como se cada objeto de uso guardasse impregnada uma maldição. Seu olhar percorria as janelas de madeira tosca onde estavam penduradas minhas ervas. Pelo odor ele tinha identificado o caldeirão onde minhas poções ferviam, desta vez, era um unguento que eu cozinhava para atender a uma pessoa que tinha se queimado. Viu as pedras de cristais que eu recolhia do lago e punha dentro de uma bacia de barro com água da chuva para refletir o luar. Pelo seu incômodo vi que não gostou de nada meu, ou antes, estranhou que eu vivesse tão precariamente e ao mesmo tempo em profunda paz interna e conexão com o Todo.

– Não posso me demorar em uma casa que vejo não ser cristã. De qualquer maneira, aqui estou porque quero apenas uma informação.

Ele remexeu o alforje e retirou o amuleto que eu tinha feito para a dama Lenita e atirou-o sobre minha mesinha improvisada. Sobre o tecido dobrado, uma espécie de capa protetora, eu vi as letras que tinha bordado no lado de fora do talismã, as inscrições sagradas de proteção. Por dentro, com certeza, havia a pedra que eu tinha escolhido entre as minhas e que era destinada à referida dama.

Respirei fundo, sabendo que não me era permitido mentir e perguntei:

– O que quer saber de mim, senhor?

– Veio daqui este amuleto? – ele falou, vertendo suor pelas têmporas, visivelmente abalado com o que constatava.

Não tive como negar a minha autoria do artefato de proteção, encomendado e pago como era justo em negociações do tipo. Ele ia virar-se para sair, mas resolveu dar-me satisfações. De forma arrogante, bateu as botinas no assoalho de madeira e falou:

– Espero que esteja em paz com suas bruxarias, pois um homem morreu por causa desse objeto hoje pela manhã.

Eu só podia lamentar a tamanha desinformação daquele nobre senhor. Primeiro, o talismã era para a proteção e segundo, pertencia a uma dama, ou seja, eu não poderia ter nada a ver com a morte em questão. Não respondi, reunia mentalmente meu poder para pedir que saísse de forma que ele não percebesse.

Pus-me de pé e tenho certeza de que parecia maior do que era, devido à evocação que fazia. Ele não conseguiu encarar-me, pois sentia a força que saía de mim. Ele continuou falando enquanto se encaminhava para a porta de saída.

– Meu principal cavaleiro pulou da janela atado a um lençol, o corpo ficou pendurado, exposto e visível numa das paredes do meu castelo. Ele alegava que me amava! Queria-me, cercava-me, sugeria sem escrúpulos ou pudor. Um homem amar outro homem? Enlouquecia junto dele que me tentava. Minha mulher nos encontrou juntos, eu cedi ao pecado!!! Fui pedir-lhe desculpas e conversei com ela, entre soluços ela me deu este amuleto e disse para eu usar que ele pararia de me procurar. Torturei-a por dois dias, ela estava cheia do demônio, mas descobri como conseguiu esta peça de bruxaria, abrindo meu castelo para o pecado. Agora, mantenho-a presa no quarto, enquanto grita por perdão, penso em como me livrar dela. A alma de Leôncio me persegue, aquele suicida. Vejo-o, ouço-o a me chamar para o Além. Somente a Santa Inquisição porá fim aos demônios e às bruxas. Quando a senhora e seus amuletos queimarem na fogueira, estarei livre.

Segui-o de perto enquanto ouvia e descobria minha parcela de responsabilidade naquela história. O homem que se matara era o mesmo que a dama Lenita queria conquistar com o elixir do amor e depois que conseguiu seu intento, tentou repelir com o amuleto. Se não estava errada, seu nome era Leôncio. Aquele que ali estava reclamando e acusando meus atos como bruxaria deveria ser seu marido, o castelão José Maria de Antorno, senhor de todas aquelas terras, menos da floresta que minha família habitava havia três gerações. Ele era um fanático católico que usava o domínio, o massacre e a subjugação em nome da fé. Calei todos os meus argumentos porque não seriam suficientes.

Quando ele saiu de minha frente, tomando a liteira que o conduziria de volta, busquei os alforjes de ouro que tinha recebido como pagamento por aquele trabalho que me desgraçou, subi em meu cavalo e segui por um atalho rumo ao castelo. Às vezes, ia até lá vender algumas ervas. Enquanto o cavalo trotava por uma trilha, olhei para trás e vi que minha casa estava em chamas...

Lá chegando, escondi o cavalo junto ao muro do lado de fora e não foi difícil entrar pelos enormes portões e passar pelos guardas antes que o senhor de Antorno regressasse. Misturei-me aos criados, indaguei pela senhora do castelo. Afirmei que tinha ordens para aliviar suas dores e fui, imediatamente, conduzida à sua prisão improvisada em um quarto de dormir. Ao ver-me ela titubeou,

estranhou que eu estivesse entrado com o conhecimento de seu marido, mas manteve a farsa, pedindo privacidade.

Sozinha com ela, consegui soltá-la das amarras de cordas com minhas habilidades conquistadas por longos anos, vivendo sozinha na mata. Estendi-lhe os pesos de ouro e disse a ela:

– Minha senhora, vim alertar-lhe, seu marido e castelão está como louco em busca de um culpado para os próprios crimes de luxúria. Ele irá matar a senhora. Será melhor uma fuga, enquanto há tempo. Sinto-me envolvida com o seu destino, porque me buscou para auxílio, tenho respeito a toda mulher como minha irmã e sei dar conta de meus atos a Deus. Troquemos de roupas, há um cavalo escondido entre as folhagens próximo ao muro do castelo, será fácil encontrá-lo. Tome-o, use o dinheiro que me deu e, com seus anéis de nobreza para identificar-lhe, pode chegar à corte, busque seus parentes.

Lenita me olhou com profundo agradecimento, trocou comigo de roupas e fiquei à mercê do senhor do castelo. Sabia que ele destruía minha humilde casa na floresta para onde eu não poderia voltar e que ele me entregaria à Santa Inquisição, mas, antes não ousaria fazer nada comigo, por medo dos meus poderes, que eram considerados e comentados pelo povo da região.

A carroça balançou ao passar em um buraco e a roda travou. Despertei de meu devaneio. Adentrávamos os pórticos da cidade. Por certo, eu seria encarcerada para sempre ou, de alguma forma, julgada por meus atos de bruxaria, em pouco tempo seria lançada na fogueira. Se naquele mundo eu não poderia viver segundo minhas crenças, eu não queria viver naquele mundo. Eu acreditava que a doce mensagem do Cristo estava sendo conspurcada, corrompida e adulterada por aqueles homens de batina que se arvoravam em defensores da santa fé cristã.

Enquanto a carroça não seguia, vi que um homem de capuz veio até as grades que me separavam da liberdade e pensei que iria debochar, cuspir ou me xingar, mas esse não era um homem comum, era um jovem discípulo. Ele conversou comigo, em linguagem familiar, dando-me confiança.

– Senhora sacerdotisa, eu a saúdo como saúdo o sol e a lua, por quem é como sábia, pela soberania do espírito e de Deus. As forças da natureza se rendem ao seu poder, se não se considera culpada, pode seguir seu caminho na paz do Criador, como bem sabe.

– Meu viajor, que conhece as leis e os mistérios de Deus e a utilização da inteligência humana, da força e da vontade, sabe e fala bem, os grilhões não me oferecem obstáculo, nem os homens para quem criaria uma ilusão qualquer, mas pergunto-me se valeria a pena viver num mundo onde a escuridão e a ignorância apagam lentamente a sabedoria antiga?

Ele descobriu o rosto e pude vê-lo entre as grades. Tinha um rosto bonito e os olhos claros, com um brilho idealista. Sereno em seu semblante, modesto e até mesmo, pareceu-me casto, porque havia alguns monges que faziam votos desse tipo.

– Acontece, senhora sacerdotisa, que neste exato momento, Deus enviou-me como emissário para lembrar-lhe de seu poder, porque precisamos de seus conhecimentos. Estamos formando um grupo para viagem distante, subindo a montanha, em recolhimento eremita. Se você quer a vida ao ar livre, a fome por companheira e não suporta ficar sem ver a luz do Sol dentro das grades de um calabouço, junte-se a nós. Queremos aprender, carece-nos uma instrutora.

Pensei por alguns instantes o que poderia ensinar a ele. A leitura das estrelas, as ervas curativas, o poder da criação mental, as evocações aos elementais, o princípio de causa e efeito... sim, eu gostaria de deixar esse conhecimento com alguém que pudesse entendê-lo.

– Amigo iniciante do caminho, você é tão jovem, o brilho do ideal está em seus olhos, será com prazer que ensinarei o que minha mãe me legou fazendo-me sacerdotisa do lago. O que tenho a perder? As terras sagradas de onde tirava minhas ervas santas plantadas por gerações de minha família e onde morei até o dia de ontem, foram tomadas pelo castelão que me acusou ao Santo Ofício. Há injustiça e iniquidade no mundo agora, e não me rendem o respeito pelos meus votos. Pensava em seguir para a morte e para a fogueira sem resistência, mas as suas palavras me deram esperança de que ainda haja alguns poucos dispostos a guardar esse segredo. Vou seguir com vocês se entende que posso ajudar com meus poucos conhecimentos de ervas e benzeduras, de imposição de mãos para curar. Diga-me seu nome, meu jovem.

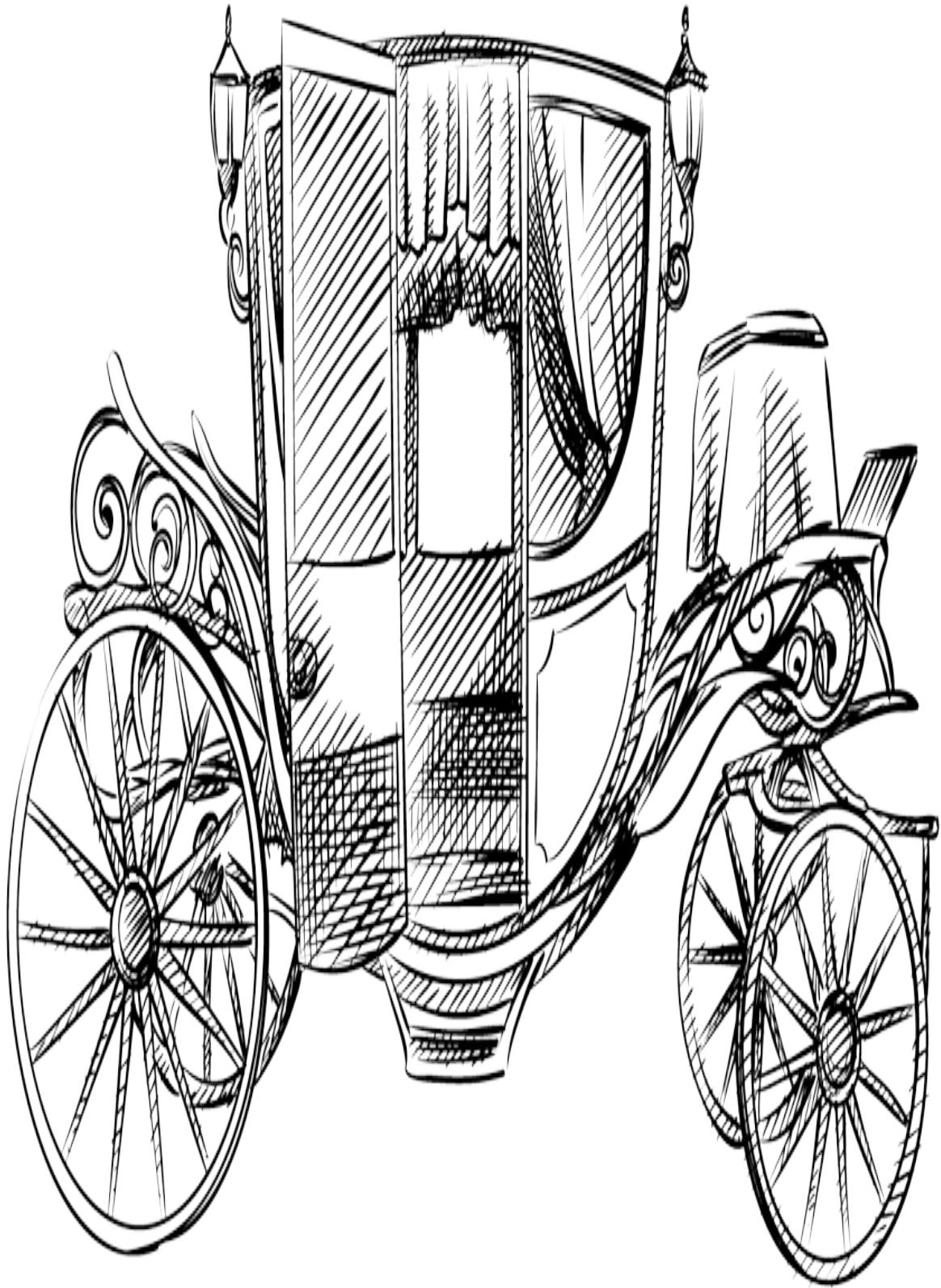
– Chamam-me Augustus Cezar.

Por força da minha concentração e vontade, os grilhões que me prendiam se romperam, a porta se abriu e os homens, que conduziam a carroça, continuaram

distraídos com a roda quebrada. Sumimos os dois como sombras entre o nevoeiro que cobria a entrada da cidade, mas não pude escapar da justiça de Deus.

---

[1 Para facilitar o entendimento, mantive o nome das personagens em ambas as encarnações abordadas neste livro \(nota da autora espiritual\).](#)



## 01. O professor

*Espíritas, amai-vos, eis o primeiro ensinamento.*

*Instruí-vos, eis o segundo.*

*O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. VI, item 5.*

Vou relatar esta minha encarnação, quero descrevê-la como num diário que começa com minha mocidade. Na verdade, eu era apenas uma criança saída do domínio dos pais, diretamente às mãos de um marido, que não me amava... Vou começar pelo dia mais feliz de que me lembro. É um bom começo a felicidade. Dia de reencontro daquele espírito que me acompanhou de perto, salvando-me de mim mesma. Naquele tempo, os dias eram sempre iguais para mim, mais um em que meus caprichos de menina-moça eram atendidos por todos que me serviam. No dia especial que escolhi para começar a narrar, eu...

...ouvia o canto dos pássaros empolgados com a chegada do verão e sentia o cheiro doce do vento do sudoeste que trazia os perfumes das bromélias do jardim, numa calma tarde de dezembro, quando ouvi o rebuliço dos cavalos e escravos servindo aos que chegavam. Tinha esperado por quase todo o mês até que aquele dia viesse. Meu pai tinha contratado um professor que vinha da capital ensinar a mim e minhas irmãs. Era um barão – que diziam ter falido – cuja mãe doente tinha gasto com a saúde as ricas baixelas, candelabros, anéis de brilhante e colares de pérola da família. Antes disso, o próprio filho, em viagens de estudo pela Europa e até mesmo às Índias, consumira as riquezas, buscando conhecimentos. Agora tinha de trabalhar para custear os remédios para sua mãe, a senhora baronesa. Dizem que não ficou mesmo curada, apesar de ter gastado a fortuna... Restava, porém, o imponente título e os conhecimentos do viajado barão.

Findava o ano de 1885.

Levantei-me do piano, que ficava na sala de música, interrompendo minha

sessão habitual da tarde, para correr à sala de visitas, como fazem todas as crianças diante de uma surpresa. Eu já era adolescente, mas ainda me comportava como uma menina mimada. Estava curiosíssima quanto ao novo professor, só poderia ser ele que chegava. Sem disfarçar meu entusiasmo, atravessei a sala de jantar ainda correndo e fazendo estrondo pelo assoalho, por sorte não cruzei com Mina, uma escrava nossa que trabalhava na cozinha e praticamente nos criara. Ela se achava no direito de ralhar conosco sempre que fazíamos barulho, bagunça ou desarrumávamos alguma coisa.

Por um triz não dei um encontrão na cristaleira da mamãe, a sinhá Francisca, baronesa de S... Já no átrio, desviei dos pórticos que asseguravam a entrada para a biblioteca de papai e parei tentando compreender a cena: no arco oposto que separava o grande vão da sala de visitas do hall de entrada – estava ele – altivo, esbelto, vestido com roupas de viagem. Garantia que a própria mãe se sentasse, conduzindo-a pelo braço. Uma velha senhora cansada, parecendo ter mais idade que a minha falecida avó.

Ele ajeitou os cabelos bastos e negros que lhe caíam sobre o rosto. Notei a barba curta emoldurando os traços finos. Quando se endireitou em pé novamente, deu uma olhada panorâmica de quem deslumbrava desde os vitrais da janela aos castiçais da cantoneira, incluindo as peças sobre a lareira, encimada pelo retrato de papai, pintado a óleo. Ele me pareceu um sonho, um nobre distinto e com postura cortês, como descrito nos folhetins. Foi como se um personagem vindo dos romances que lia, surgisse, em carne e osso diante de mim.

Minha mãe articulou algo para Mina, que passou por mim como um raio. O professor, então, a acompanhou com o olhar e me viu. Fiquei tão encabulada que senti as maçãs do rosto queimando e minha face se contraiu num sorriso. O olhar dele, claro e brilhante, parecia lançar faíscas – era lindo e calmo. Pareceu-me mais jovem do que eu supunha para um professor. Tinha pensado em alguém com a idade de meu pai, com cabelos brancos, mas Augustus tinha os cabelos negros, talvez 25 anos, foi o que calculei, mas nunca soube ao certo, não durante aqueles primeiros tempos.

Quando me senti o centro das atenções, ia virar para sair novamente, escondendo o rosto afogueado por trás das paredes da casa da nossa fazenda, mas mamãe me chamou pelo nome e me fez cumprimentar a todos com cerimônia e deferência.

– Milena, já que está aqui, venha cumprimentar nosso novo hóspede, o seu

professor. Aproveite para conhecer a senhora baronesa que é mãe dele – e, voltando-se para os convidados, com toda educação, disse: – Esta é nossa filha, a baronesa de S...

Estremeci ao ouvir meu nome, mas caminhei alguns passos para cumprimentá-los. Segurei a mão dele timidamente, em contrapartida ele tomou as minhas com firmeza e beijou meus anéis de nobreza com extrema educação. Após olhar bem dentro dos meus olhos falou:

– Augustus Cezar Andrade Ribas, herdeiro do título de barão de Calligari, senhorita baronesa de S..., ao seu dispor.

O professor largou a minha mão, virando o rosto para o lado, enquanto dizia seu título com embaraço – alguém tinha me dito antes que o título não fazia jus à família sem posses, talvez por isso ele tenha desviado o olhar.

Fiquei me perguntando, enquanto cumprimentava a velha baronesa de Calligari, por que eles ainda se apresentavam assim, se o título não condizia com as posses... costumes!

A postura deles era tão altiva, serena, tão elevada, educada. Nada que tínhamos na nossa família, com todos os filhos se sentando à mesa para o almoço em falatório que cessava com um grito de papai. Fiquei imaginando se era essa a diferença que papai queria que tivéssemos adquirido – educação.

Meu irmão e minhas irmãs chegaram à sala conduzidos por Mina e as mulheres ficaram conversando num murmurinho baixo, enquanto esperavam que papai chegasse. Um escravo tinha ido buscá-lo, porque estava cavalgando no campo. Olhei de soslaio para o professor e vi que ele me encarava, mas antes que conseguisse corar ou pensar algo, ele se dirigiu a mim com uma pergunta tão simples que nem consegui responder direito:

– A senhorita é a filha mais velha?

Fiz que sim com a cabeça. Embora nunca tivesse me imaginado “velha”, era como se referiam a mim: “filha mais velha”, aquela que tem que dar o exemplo e coisas assim que não conseguia imaginar de onde surgiam. Ele revirou os olhos para os arcos da porta que davam para o átrio e, conseqüentemente, para os pórticos da nossa biblioteca. Dali de onde estávamos dava para ver algumas estantes de livros ao longe.

– Talvez, a senhorita possa me mostrar alguns objetos de trabalho: os livros. Primeiro lecionarei à senhorita, depois às suas irmãs, que são menores e analfabetas ainda. Seu irmão, creio que seguirá para a Europa, assim que tiver idade.

Imaginei que ele estivesse brincando e, por um tempo, fiquei sem entender o que dizia. Tinha viajado por dias e mal tinha chegado. Os escravos precisariam dele para ajeitar as arcas com os pertences na ala azul, designada aos empregados da casa, como a nossa governanta Clair, e ele, empolgado, perguntando por livros! Seus olhos brilhavam querendo adivinhar as riquezas da biblioteca. Meneava a cabeça para vê-los, completamente alheio à conversa das senhoras. Para os meus dezesseis anos, cinco meses e algumas dezenas de livros lidos apenas, não poderia supor o que lhe ia à alma. Livros... Objetos frios e estanques, enquanto ele era uma pessoa real, um homem educado como nunca vira antes, que me impressionou a ponto de me emocionar com seus gestos polidos, sua voz grave e contida, seus braços grandes demais para mãos tão finas. Ele era tão encantador e diferente. Tinha causado um choque em meu coração quase infantil. Respondi que sim, faria a gentileza de levá-lo pela minha biblioteca mostrando objeto de estudo e nosso material de trabalho. Era eu que deveria procurar me instruir, mas não me importava com isso até aquele dia. A partir de então e por causa dele, passaria a gostar mesmo do que ele propunha como estudo. Carisma...

Levantei-me, sem dizer uma palavra, e ele aproveitando minha aprovação se explicou à minha mãe enquanto passamos à biblioteca. Depois, falou com a mãe dele que não se demorasse, porque ficaria tarde para o retorno. Ele pretendia instalá-la na casa de uns primos que moravam na cidade próxima.

Senti o contato das mãos firmes que me tomavam o braço para me conduzir a maneira mesmo de uma dama que se deixa levar pelos salões, e já me imaginava tal dama, quando rapidamente chegamos. Quisera que papai tivesse construído a nossa biblioteca bem longe, só para ter o prazer de caminhar com ele, mas chegamos e não tinha outra desculpa para mantê-lo junto a mim.

– A senhorita já leu pelo menos alguns desses romances? – a voz dele grave ressoou pela grandiosidade da sala de leitura.

Ele correu às estantes examinando cada título com cuidado e critério, pedia meu consentimento para tirar um ou outro de sua preferência e devolvia-o cuidadosamente, na ordem que encontrara. Passei também eu a olhar alguns

títulos que ele acabara de recolocar na estante, curiosa estava por sua preferência e descobri Jane Austen, que já lera sem me empolgar muito, e aproveitei para quebrar o silêncio. Meio tímida ainda e sem saber mesmo se deveria abordá-lo falei que havia lido a obra Orgulho e preconceito no início do ano e que havia gostado.

O rosto dele se iluminou num sorriso branco e irradiante. Gelei por dentro ao vê-lo tão belo. O olhar, por mais que achasse iluminado pelo azul intenso, trazia também olheiras de cansaço – detalhe que muito me chamou a atenção. Como seriam aquelas aulas, se eu, no primeiro dia, sem nem mesmo conhecê-lo em caráter e personalidade, já me encontrava completamente seduzida pela figura masculina? Levando em conta que eu não frequentava meios sociais e não estava habituada a conversar com nenhum homem, não fosse, de forma cerimoniosa, na companhia de meu pai.

Fiquei a admirá-lo por longos minutos. O porte esbelto, a expressão descontraída, o olhar penetrante concentrado nas letras das lombadas dos livros, nos títulos.

Após breve momento de dúvida de minha parte, ele retomou a pergunta, a qual eu tinha ignorado em favor de meus pensamentos sobre ele. Ele queria saber o que eu tinha a dizer de Elizabeth. Demorou a vir à mente a personagem do livro – falei o que pensava, que a achei por demais solidária com a família e com as irmãs sem pensar em seus próprios interesses, fato raro de se observar. Imaginava que eu mesma não seria assim tão altruísta com uma irmã. Pensaria em minha felicidade em primeiro lugar, mas não cheguei a expressar esse último pensamento.

Ele pareceu ponderar minhas observações e recomendou que lesse algumas passagens para retomarmos a discussão no dia imediato, quando nossas aulas oficialmente começariam. Sorri por dentro, mal contendo minha ansiedade infantil de poder admirá-lo por uma hora que fosse...

– Quantos títulos a senhorita já leu?

Mais uma vez a resposta demorou para se formar em minha mente como se eu demorasse também para pensar, mas era o contrário, minha mente fervilhava de possibilidades de respostas e eu não conseguia chegar a uma conclusão sobre qual delas seria a mais adequada. Quando me decidi, enumerei outros títulos,

que lera, para passar o tempo, mesmo achando alguns cansativos.

– Já leu os novíssimos folhetins de José de Alencar?

– Minha mãe os coleciona, senhor.

Ele parecia tomar nota mentalmente, como se isso fosse possível. Andamos entre as estantes mais alguns minutos, em silêncio. Ele adentrou para a área de livros do meu pai e avisei que daquelas estantes não lera nada.

– Nenhum livro teórico ou filosófico? Precisamos começar então, com urgência. Não pode amadurecer o raciocínio sem exercitar o pensamento abstrato.

Não entendi o que ele quis dizer, com quem ele esperava que eu discutisse tais filosofias? Com os animais no estábulo?

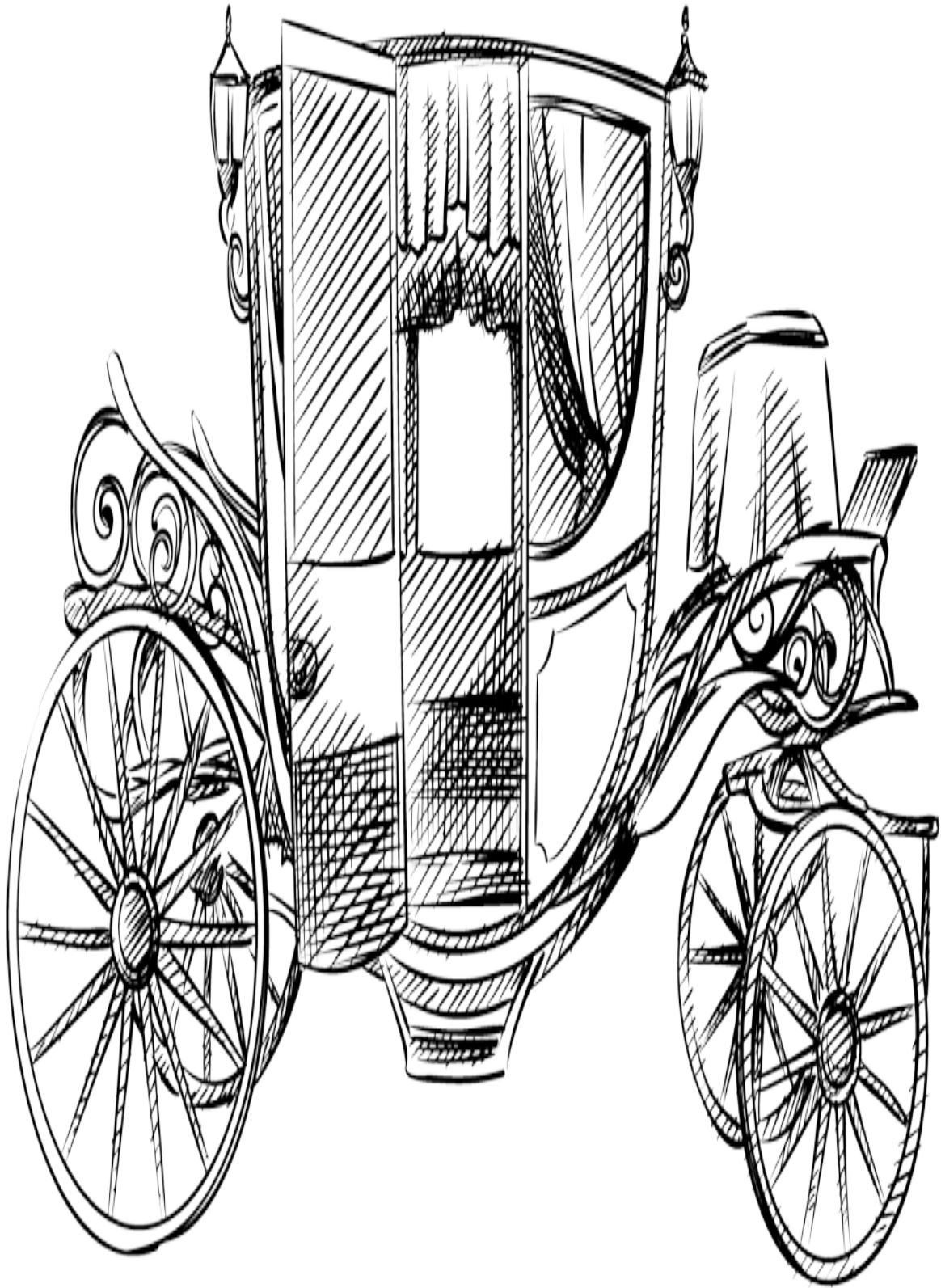
Antes de retornarmos à sala de visitas para que ele cumprimentasse meu pai João Carlos, o barão de S..., que acabara de chegar vindo de sua cavalgada, descobri que o professor havia trazido duas arcas inteiras abarrotadas de livros, que os escravos se esforçavam por empurrar até a lateral da casa. Ele sugeriu mais alguns autores para que eu lesse, poderia pegar de sua coleção particular o que quisesse.

Estava enganada sobre os livros, representavam justamente a oportunidade de refletir sobre o caráter e a personalidade do nosso hóspede e meu professor, sem levantar suspeitas para a minha infantil admiração pelo sexo masculino, que se me apresentava na figura dele.

Relembrando esses acontecimentos, posso perceber como eu era tímida e imatura aos dezesseis anos de idade. Meus olhos deslumbrados viam no mundo um colorido de aventura, uma aura de glamour ou romance comum aos que estão na primavera da vida. Não conhecia adversidades, crises, problemas. Meu cotidiano era cercado de facilidades e mesmo com a distância de meu pai e a dureza de minha mãe, hoje reconheço que minha infância foi bela e pude conhecer a alegria inocente e despreocupada de quem precisa crescer apenas.

Até os dezesseis anos, nada me faltou. Tive alimento, cuidado, disciplina, vivia sob o domínio familiar e começava a ensaiar meus voos de liberdade, quando percebi a soberania do poderio masculino. Às mulheres, era reservada uma vida sombria, sempre presa aos caprichos do marido. Então, não tínhamos autonomia,

nem direitos, nem valor se não estivéssemos associadas a um homem, prisioneiras do lar e da família... se não fôssemos entregues a um homem que “cuidaria” de nós, um marido, geralmente, conseguido por interesses financeiros. O último assunto de meu interesse, na época.



## 02. Leituras

*Há homens naturalmente destinados a ser propriedade de outros homens?*

*Toda sujeição absoluta de um homem a outro é contrária à lei de Deus. A escravidão é um abuso da força que desaparecerá com o progresso, como pouco a pouco desaparecerão todos os abusos.*

*O Livro dos Espíritos, questão 829.*

Passaram-se algumas semanas e a cada dia o clima ia esquentando à medida que avançávamos pelo verão. As manhãs eram radiantes de sol intenso e à tarde chovia muito, deixando as estradas em péssimas condições. Meu pai sempre reclamava de ter de sair num tempo assim em que não se poderia prever se seria possível voltar. Para mim, o barulho da chuva e das goteiras no assoalho era como um incentivo às leituras e ao sossego do quarto. Empolgava-me cada vez mais com os livros e, certa noite, fiquei lendo à luz de vela e só parei de ler quando Mina, sentindo o cheiro de vela ou vendo a penumbra pela porta, adentrou meu quarto. Ela já se levantava para o trabalho. Foi um susto vê-la como um fantasma ao lado da cama. Nada percebi do barulho de sua entrada. Ela me tomou Castro Alves e fechou de uma vez. Perdi a página que estava lendo e lamentei por isso.

Sobreveio uma série de reprimendas sobre o fogo nos reposteiros... Ela nem se deu conta de que eu lia um libertário, morando num sistema escravocrata, que ela não poderia entender bem, mas sentia na pele. Não disse nada sobre o autor, nem sobre o professor, mandante do meu crime – ler até tarde.

O livro foi fechado com estrondo e a vela assoprada, mas a suave claridade da manhã já se fazia no horizonte, então, adormeci enquanto o dia surgia aos poucos, total novidade para mim, que nunca tinha virado a madrugada acordada.

No dia imediato, perdi o horário da aula que teve de ser adiada porque eu não conseguia me levantar. Minhas irmãs recebiam as primeiras noções sobre letras e

números, mais cedo; depois era o meu horário de aula, por eu ser mais velha quatro anos. Mina foi dizer ao professor que eu me atrasara. Quando acordei, ela veio me contar da conversa que tivera com o “Sinhô Professô”, quando dei por mim, que o tinha deixado esperando, levantei de um pulo.

A negra emendou que não adiantava mais, ele já tinha ido para a biblioteca improvisada que criaram para ele num dos quartos que Clair fazia de depósito de coisas sem uso. Esperta e ladina, Mina notou que eu me encabulara por deixá-lo esperando.

Tomei o desjejum rapidamente, pegando da bandeja que Mina trouxera: um copo de suco e uma torrada. Troquei minha camisola por um vestido, que ela me ajudou a vestir e que minha mãe mandara fazer para mim, e desci as escadas para procurá-lo na área azul. Mina desceu atrás de mim falando e gesticulando, como sempre.

Eu não ouvia nada, tinha criado um recurso para quando falavam comigo e não queria ouvir. Prestava atenção à natureza. Ao longe um galo atrasado cantou, dois bem-te-vis disputavam seu trinado característico sobre os laranjais. Quem precisava dos conselhos de uma escrava?

O professor me esperava no salão de música como pude constatar ao descer as escadas. Ele olhou para o carrilhão que marcava dez horas, nossa aula deveria ter começado às nove e, seguiu-se uma ligeira advertência, tão polida quanto possível.

– A senhorita se atrasou? O que houve? Não se sente bem?

Percebi que deveria ter prestado atenção às tagarelices de Mina. Ela talvez tivesse inventado algo para livrar minha culpa. Consegui responder engasgando nas palavras, por estar nervosa:

– Detive-me na leitura até tarde, senhor professor. Não terá problema se protelarmos a aula.

Eu não indagara. Em meu pensamento ainda egoísta e mimado supunha que ele fosse um serviçal como tantos outros que ocupavam a área azul. Como meu pai o tinha contratado, ele deveria acatar-me, sendo barão ou não.

– Não posso concordar. Tomaremos a aula de hoje no sábado próximo no mesmo

horário e não fique mais acordada para ler, pode fazer mal aos seus olhos. Leituras somente enquanto há luz do sol.

Fiquei encabuladíssima, pálida e sem ação. Mina chegou a rir, ou eu supus algum sorriso em seus lábios arroxeados, o que me indignou por dentro. Minhas ordens não eram contrariadas assim por aquele... professor! Reclamaria a meu pai. No sábado, tinha combinado com minhas irmãs de passearmos pela propriedade a cavalo... Engoli a raiva, o sorriso de Mina, o olhar altivo e sereno de Augustus. Reompus minha aparente calma para jurar a mim mesma que um dia eu o veria desesperado, descomposto, enraivecido por alguma razão, assim como tiraria aquele sorriso de “eu avisei” do rosto de Mina.

Enquanto eu confabulava comigo mesma minhas revoltas internas, ele voltou a falar:

– Já que a senhorita perdeu a noite, vamos pensar que não foi em vão. O que lia?

– Castro Alves, como recomendado, senhor.

Respondi entre os dentes, ele sorriu e andou até o canto da sala como se pensasse. Apoiou as mãos no espaldar da janela e, por alguns momentos, admirou a paisagem que nos circundava ou esta foi a minha impressão. Havia negros no pátio e no paiol para preparar o local do armazenamento da colheita, outros cuidavam do jardim. Negras corriam apressadas pela sala. Ao longe, nas plantações de café, muitos outros escravos, todos trabalhavam duro, enfrentando o sol, para que pudéssemos desfrutar da sala fresca, enquanto estudávamos Castro Alves.

– Como ainda temos tempo, vamos aproveitar a sua leitura. Certamente, entre os poemas havia um intitulado “O navio negreiro”?

Como ele tinha se interessado pelo que li, me empolguei. Afirmei que sim, que era perfeito em métrica e rima, que passava até mesmo o ritmo com o qual eu tinha imaginado as ondas batendo no casco do navio, sibilando: ‘Stamos em pleno mar. Quando criança, tinha viajado com meus pais de navio e me lembrava exatamente do barulho do mar. Ele ignorou a análise superficial que fiz e passou a discorrer sobre justiça e liberdade. Não estávamos no horário da aula, ele deixou bem clara sua posição. Apenas ali, conversávamos como amigos.

Ele falava cheio de idealismo em nome dos seres humanos que eram explorados

pelos senhores de terra, exatamente, como nos outros países onde estivera. Esta era a principal queixa de Castro Alves. O professor falou com voz impostada:

– Os escravos em breve serão extintos no Brasil. O que vivemos aqui, a estabilidade, tudo em que se apoiam as atividades financeiras desta fazenda está fadado à mudança muito em breve. Outro braço de trabalho deverá ser contratado por um salário justo, já que nenhum senhor se sente confortável em pagar às mesmas pessoas pelo trabalho que obtinha de graça. Tempo é chegado de pensarmos como será. A libertação é uma realidade iminente em outros países.

Argumentei, timidamente, em contrário. Pensava, como a maioria das pessoas de minha época, na crença absurda difundida entre os brancos: que negro não tinha alma, por isso poderia ser explorado. Apenas me revoltava a crueldade com que eram tratados e a forma como eram arrebanhados em suas tribos de origem na África, depois vendidos por aqui como mercadoria simples. Meu pensamento limitado refletiu o preconceito e imaturidade:

– Como ficaremos, professor? Sem ter quem trabalhe?

– Daremos outro jeito, trabalharemos por nós mesmos. Somos criados por Deus nas mesmas condições, senhorita Milena, apenas o que nos difere é a cor da pele. Entendo que os negros tenham tudo que temos: inteligência e alma, não pode o Criador ter feito dois tipos de homens. O fator principal para acirrar a diferença é o dinheiro. Neste sistema de escravos em que vivemos, quem tem dinheiro cada vez tem mais, e quem não tem, morre à miséria. Já viajei o mundo, conheci homens negros e brancos, amarelos e vermelhos... todos com as mesmas mazelas e dores e constatei que diferem apenas nos potenciais de cada um.

Minhas limitações provindas da falta de vivência se tornavam evidentes, não conseguia imaginar outra situação em que homens negros não fossem escravos:

– Por que temos essa diferença, então, senão foi Deus quem os criou para serem escravos?

– Deus criou os homens, senhorita, os homens fizeram escravos...

Ele disse essa frase algo triste, impondo, após suas palavras, o silêncio reflexivo. Pensei por longos minutos na situação como um todo e em mim mesma. De que me adiantava minha liberdade de branca, se ninguém a respeitaria? Estaria

sempre subordinada à vontade de um homem. Isso me colocava na mesma condição dos escravos, menos os trabalhos forçados, mas seria forçada a parir filhos, mesmo se não quisesse. Não poderia escolher meu casamento, não poderia nunca ter liberdade... Senti imensa solidariedade com os negros e concluí:

– É maldade o que fazemos com eles.

– Crueldade! Com famílias inteiras, por gerações... – foi o que ele disse, algo indignado, flexionando as palavras com emoção.

– Mas Deus é justo? – contrapus, ainda sem entender a parte de Deus, que toma conta de tudo.

– Soberanamente justo – o professor usava de extrema paciência comigo.

– Como fica isso? Não entendo.

Minha pergunta ficou no ar por um tempo longo, como se Augustus decidisse se valia a pena enveredar por um caminho mais complexo ou não. Como se ele pensasse se poderia revelar um segredo. Finalmente, respondeu, encerrando nossa conversa:

– Vou deixar que a senhorita pense um pouco sobre isso, sobre essa pergunta que me fez. Quem sabe uma das escravas não possa dar um parecer. Vi que a senhorita considera os conselhos de Mina. Pergunte a ela sobre Deus e justiça.

Não tive outro jeito senão procurar por Mina em um horário em que pudesse conversar com ela, em que estivéssemos a sós. Engoli a raiva que sentia de ver aquele rosto negro com cara de superioridade por ter me avisado para descer no horário da aula. Nada tinha aprendido com a reflexão que o professor propunha.

Encontrei a oportunidade ideal no dia seguinte, quando ela entrou no meu quarto com a bandeja do lanche, fui abordando abertamente, pois sabia que ela seria sincera comigo:

– O que acha da sua própria situação, Mina? Digo por você ser uma escrava.

Ela respondeu primeiro com um muxoxo e deu de ombros, depois abriu um sorriso.

– Sou grata aos seus pais, nunca me bateram e gosto das sinhazinhas, da senhorita, principalmente, a quem amamentei.

– Mas não acha injustiça? Ficar sem sua liberdade? Trabalhar forçado?

Retirando lições de sua sabedoria de vida, do sofrimento e das restrições a que estava resignada, falou:

– Deus sabe o que faz.

Ela entrou exatamente na questão que me martirizava a alma. Se Deus é justo como permite uma injustiça dessas? Não poderia fazer essa pergunta de cunho filosófico, mas entendia que Mina possuía sabedoria de seu povo, resolvi apertar um pouco mais, para ver se as respostas dela chegariam ao que o professor havia sugerido que eu soubesse, ou pensasse, ou refletisse sobre.

Lembrei-me das cenas marcantes de minha infância, quando percebera que meu irmão colaço, Teco, filho dela, tinha morrido sob a sanha assassina dos capatazes de minha fazenda. Indaguei a Mina.

– Mesmo pensando em Teco... meu irmão colaço. O que sente sobre isso, Mina?

– Minha filha, esquece isso. Ele já renasceu, está entre os brancos numa vida melhor. É livre...

– Ah? Renasceu? Como você sabe disso? – levei um choque com essa revelação. Fiquei estarecida com a notícia de renascimento. Nunca tinha estudado sobre a reencarnação. Para mim existia apenas o paraíso eterno ou as penas eternas. Conceitos como inferno e céu, apregoados pela igreja católica que minha mãe frequentava. Em princípio, fiquei curiosa, depois pensei que aquilo era uma enorme blasfêmia, uma invenção dos negros para consolar o coração partido de uma mãe que perdera um filho. Só podia ser fruto de muita ignorância. Ela arrematou:

– Religião dos antigos, do meu povo. Não posso falar com a sinhazinha, seu pai não ia gostar.

No mesmo impulso de curiosidade, saí do quarto e descí. Fui ao gabinete de estudos onde o professor Augustus costumava ficar. Bati ligeiramente à porta, ele disse que estava aberta e entrei. Quando me viu, ele se pôs de pé e veio em

minha direção. Nem esperei que ele me mandasse sentar. Enchi-o de perguntas:

– O que é religião dos antigos? Por que Mina pensa que o filho dela, que morreu há uns anos, já renasceu e agora é homem branco e livre? Por que ela não pode falar sobre isso comigo?

Ele suspirou longamente, olhou com brandura para o meu rosto aflito e entendeu que talvez fosse a hora de avançar um pouco mais no assunto reencarnação. Tomando a decisão, chamou-me pelo nome. Não era comum que ele me tratasse assim, devido à deferência entre homem e mulher, professor e aluna, ou ainda por ele saber como uma senhora de escravos deveria ser tratada. Ele disse, para a minha surpresa, como se fôssemos velhos conhecidos:

– Milena, venha comigo.

Fomos à biblioteca particular dele, na ala azul. Nada como a da casa grande, mas onde ele tinha ajeitado os livros das grandes arcas que trouxera. Passou os dedos pelas capas, procurando um especificamente. Quando achou, retirou-o da ordem em que estava e disse:

– Leia este, depois conversamos.

Estranhei a capa escura e lisa, em comparação às brochuras às quais estava acostumada e li o título: *Le livre des Esprit*. Confesso que fiquei com medo, mas minha curiosidade era muito maior. Sabia que deveria escondê-lo, que o professor estava arriscando o emprego dele ao me emprestar aquele livro.

Se Mina era proibida de falar, muito menos ele poderia estar discutindo comigo tais questões, sugerindo livros que abordassem o assunto que revolucionaria todo o sistema cultural vigente: reencarnação. Se homens renasciam em condições diversas, o preconceito, as deferências, os privilégios, tudo isso a que a sociedade dava valor, era mera formalidade.

Apesar do medo a respeito do sobrenatural, a curiosidade foi muito maior e corri até o meu quarto para folheá-lo com cuidado. Era um questionário detalhado sobre as mais profundas questões do mundo. Deus, o homem, a vida na Terra e a vida após a morte – é claro – a reencarnação. Estava em francês, mas o que eu sabia daquela língua dava para acompanhar. Já tinha estudado com outra tutora, um pouco daquele idioma, quando criança.

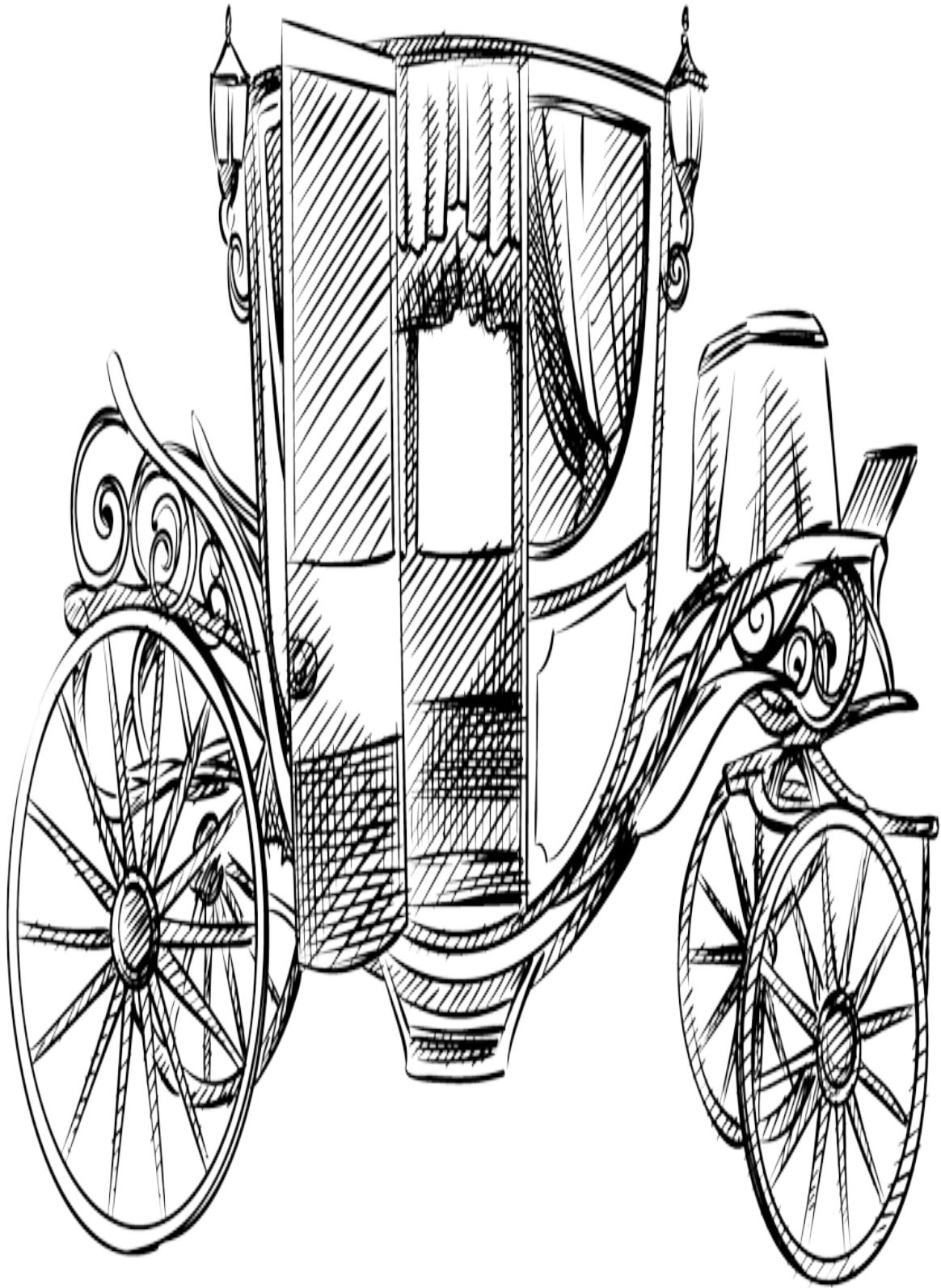
Pensava em quem seria aquele autor e porque ele se dispusera a interrogar os “espíritos” sobre aquela quantidade de perguntas. Li a introdução e os prolegômenos.

Na introdução, o autor Allan Kardec dizia que não tinha termos para definir algo tão novo, por isso sugeria uma nomenclatura. Li sobre o que era o espiritismo e sobre a questão dos fluidos. Entendi como ocorriam os fenômenos das mesas girantes e o mecanismo das evocações usado pelos médiuns para entrarem em contato com o além. Seguiram-se, então, máximas expressas como num resumo.

Fiquei refletindo um pouco sobre o pensamento do nobre escritor e acabei por chegar à intrigante advertência do mestre Jesus séculos antes sobre aqueles que ainda não estão despertos: “Vendo não enxergam, ouvindo não entendem”. (Mateus 13:13)

Pensei se aquilo poderia ser verdade, se havia Deus naquelas práticas e vi que ao final dos Prolegômenos vários santos católicos assinavam. Então os mortos, os fantasmas tinham voltado para falar? Falavam sabiamente sobre qualquer assunto perguntado a eles? Diziam que um dia voltaríamos à Terra em outro corpo?

Muitas perguntas parecidas com aquelas que queria mesmo saber e não precisaria mais fazer a Augustus. Não consegui chegar a nenhuma conclusão, nem se acreditava naquilo tudo. Aquele livro mexia com as minhas convicções, clareava uma perspectiva nunca antes pensada por mim. Então, poderíamos renascer como homens ou como mulheres, como negros ou como brancos... De que adiantava todo aquele preconceito, toda limitação em que vivíamos, por que motivo sofríamos tanto com questões que na soma das horas sumiriam todas? Eu não poderia ainda adivinhar o cálice amargo que teria de provar, mas, enquanto via apenas flores, não tinha medo da Justiça Divina... Refleti por longas horas...



### 03. Amendoim

*...quando Jesus disse: “Não separeis o que Deus uniu”, essas palavras se devem entender com referência à união segundo a lei imutável de Deus e não segundo a lei mutável dos homens.*

*O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XXII, item 3.*

A semana passou voando porque tinha sempre algo para ler ou discutir e porque a companhia do professor me inspirava cada vez mais. Com certeza, queixei-me a minha mãe a respeito do mal-entendido sobre a aula e o que ele queria propor. Ela se retirou a um nicho de orações bem fechado e pouco conhecido dos estranhos como o professor e pensei que receberia sua aprovação, mas o que se seguiu foi a mais longa advertência que ela já tinha me dado.

Tentei ouvir o canto dos pássaros mais uma vez como fazia com Mina, mas mamãe me puxava pelo braço e me encarava para que eu prestasse atenção. Seguiu dizendo mais ou menos isso: primeiro que o professor era autoridade como ela mesma ou papai – eu deveria obedecer. Fiquei furiosa com isso. Depois que eu não poderia atrasar para a aula nem mais um dia, porque papai o pagava por aula e ele receberia em dobro se eu cancelasse por qualquer motivo. Mordi a língua para não responder a ela de forma malcriada e inadvertidamente que tinha ficado impressionada com a figura masculina dele... Ela não poderia saber disso.

Naquela semana, passei a frequentar diariamente a biblioteca na esperança de ver Augustus, o que, geralmente, dava certo. Ele me cumprimentava muito sério. Eu queria pretextar alguma dúvida, pedir sugestões de leituras, puxar mesmo qualquer assunto, mas ficava encabuladíssima diante dele. Não sabia nem falar do tempo. Com isso, minha intenção de conquistá-lo, tê-lo a meus pés e me vingar ia por água abaixo – eu é que me submetia e me apaixonava cada vez mais. Ele, por sua vez, mantinha a postura de autoridade que mamãe falara e eu começava a perceber que, para ele, eu era apenas mais uma criança da casa a quem ele tinha o dever de ensinar. O tratamento educado era dispensado a todos,

inclusive às escravas, a quem ele pedia “por favor” e agradecia sempre que servido. Eu achava isso muito estranho, mas começava a entender porque ele agia assim: justiça, liberdade, reencarnação.

Num desses dias, ele me chamou:

– Quero saber se a senhorita está lendo o livro que lhe emprestei.

Claro que eu sabia a qual livro ele se referia. Engoli em seco, por mais que tivesse curiosidade, tinha medo. O livro era assaz complexo, com perguntas altamente filosóficas. Depois da introdução e dos Prolegômenos, começava com uma pergunta que nunca pensei que pudesse entender: “O que é Deus?” e nessa, já parei para refletir. Será que Deus, o Criador do Universo, seria uma coisa? Para não deixar o meu professor sem resposta, fiz que sim com a cabeça.

– Continue lendo, depois comentaremos – foi a resposta dele.

O sábado chegou e desci pontualmente para a aula, mas descobri que meu pai mesmo a tinha cancelado. Eu já estava perguntando a todos os criados onde o professor estaria, ou papai, ou mamãe, quando ouvi barulho vindo do escritório de papai, que tem uma porta larga que se abre para o alpendre. Corri sorrateiramente para lá e vi que havia uma visita. Espreitando pelas frestas eu o vi: o homem mais feio e asqueroso que ousara imaginar nas minhas ideias mais terríveis. Uma barriga redonda balançava quando ele ria, tinha barbas e bigodes grandes, olhos pequenos, dedos curtinhos e cutucava a orelha com a ponta da unha do mindinho, enquanto falava.

Agucei o ouvido para entender o que se passava. Mamãe mandara servir bolo e café que as escravas tinham preparado, e o visitante insistia em interrogá-las sobre os ingredientes. Queria saber se havia amendoim em alguma das receitas. As negras balançavam a cabeça, negativamente. Então ele comeu e, mesmo com a boca cheia, dizia coisas que não se entendia. Papai tentava temporizar:

– Tenho certeza, senhor barão de Castelnuovo, de que Milena gostará muito de morar em suas terras. Ouvi dizer que são muito extensas, que se levam dois dias para atravessá-las.

O homenzinho estranho retrucou com voz desafinada:

– Claro que sim, talvez até mais. Como eu disse antes, meu pai não me quer

deixar desamparado e só. Ele teme morrer sem me ver casado.

Gelei com aquelas palavras. Então, queriam casar-me sem que eu soubesse? De tão nervosa, acabei perdendo o equilíbrio que mantinha para ouvir a conversa – escondida atrás da porta – caindo para frente e denunciei minha posição. Todos olharam para o estrondo de meu corpo caindo no assoalho. Papai me viu e me chamou para meu constrangimento.

– Milena, isto não é postura de uma moça. Levante-se e venha conhecer seu noivo e nosso vizinho, o senhor José Maria Castelnuovo, famoso na nossa região como um dos mais ricos barões do café.

O homenzinho se colocou de pé para me cumprimentar, mas ainda assim não chegava à minha altura. Os olhinhos dele, muito juntos, me miraram rebrilhantes de espanto e fingida admiração. Ele segurou uma de minhas mãos e a beijou. Um arrepio percorreu a minha espinha. Ele disse:

– Queridinha, não tenha medo de mim, sou um homem muito rico. Posso comprar o que quiser, inclusive uma noiva.

Ele riu uma gargalhada estridente e histérica que perdurou por alguns minutos, arrepiando os cabelos de minha nuca. Olhei espantada para papai que sorria como se estivesse vendendo um de seus cavalos.

Sem conseguir conter meu pranto, saí correndo pelo alpendre e ainda ouvi papai justificando a meu noivo que desculpasse, pois eu era apenas uma criança ainda sem modos. Que ele havia contratado um professor para me ensinar boas maneiras havia seis meses e que eu estava me saindo bem.

Corri ainda mais, secando os olhos com as costas das mãos e cheguei à cozinha pelo lado de fora. O professor estava sentado diante de Mina provando um dos bolos, enquanto ela contava a ele que o barão Castelnuovo perguntou se tinha amendoim nas receitas. Elas, de brincadeira, o apelidaram de barão Amendoim.

O professor riu gostosamente como nunca o vira rir antes. Os dentes brancos ficaram à mostra, seu rosto se contraiu apertando os lindos olhos. O cabelo negro caiu pelo seu rosto dando um ar de desalinho muito charmoso.

Eu olhava pela janela, mais uma vez sem vontade de entrar. Quando terminaram de rir, o professor falou:

– Milena é muito nova para se casar, Mina. Estranho que esse seja o desejo do senhor barão e pai dela. É quase uma criança ainda. Não tem maturidade para o casamento. Eu ainda tenho muito a ensinar a ela. Sinto que é curiosa e inteligente, apesar do gênio infantil ainda indomado. Eu gostaria muito de vê-la desabrochada em mulher... Seria intrigante ver essa personalidade firme, ir cedendo à moral e bons costumes que eu poderia mostrar-lhe. Seriam três anos trabalhosos, mas iriam compensar... Três anos, mas temo que o senhor barão queira casá-la em um ano apenas.

Afundi-me atrás da janela. Então, era isso que ele pensava de mim e confiava com as escravas? Uma criança indomada. Eu que nutria por ele o mais puro dos sentimentos, que um dia poderia sentir por alguém e que, ainda bem, ele desconhecia... Deveria mesmo sufocar esse sentimento, esquecê-lo e me preocupar em adiar esse louco casamento que me sugeriam. Pensei em me recusar, reclamar, chorar, fugir, só não pensei em ceder.

Vaguei pelo pomar por uma hora enquanto esperava que o indesejável visitante fosse embora. Quando me senti mais segura e parei de chorar, voltei à cozinha. Mina e outras escravas preparavam o almoço quando entrei. O professor tinha sumido. Ela exclamou algo como “até que enfim” quando me viu.

Corri para ela e a abracei como nunca tinha feito antes. Queria me esconder, queria fugir e como não conhecia mais ninguém com quem segredar meu íntimo em ebulição, escolhi a velha escrava que, de todos na casa, era pessoa boa e sempre fora atenciosa comigo. Os meus olhos estavam inchados e vermelhos denunciando como tinha sido difícil a minha manhã.

Ela me encaminhou à despensa, dizendo com um modo todo seu:

– O que a minha menina tem? Esteve chorando!!! Ela tem que ser forte, ficar bem bonita para almoçar com o noivo.

Quando ouvi essa palavra, mais chorei. O professor tinha razão, eu era uma criança perdida. Precisaria de mais três anos de educação, talvez cinco, para aceitar aquele noivo. Mina passava as mãos pelo meu cabelo, tão aconchegante que me deixei ficar, fui parando de soluçar aos poucos e resolvi abrir meu coração para aquela negra velha.

Contei a ela que tinha descoberto que amava o professor... Contei a ela que odiava meu noivo, não queria casar e passaria a odiar meu pai e minha mãe se

eles insistissem com aquela história. Pensava mesmo em me matar se não houvesse outra solução. Abri meu coração infantil que exagerava e confundia os sentimentos ainda. Ouvindo essas minhas confidências e problemas, Mina teve de ter muita paciência comigo.

Ela ouviu tudo sem opinar, depois foi falando com seu jeito simples de ser, que eu deveria acatar meus pais, mas precisava revelar meu íntimo dizendo ao professor o que sentia por ele. Isso iria me ajudar a entender melhor o meu próprio coração.

Em sua pouca instrução, mas cheia de sabedoria e de vivência, Mina me aconselhou que se o professor soubesse do meu sentimento por ele, talvez pudesse fazer algo para impedir o casamento. Era a minha única esperança, porque em seu ver, pai não se poderia contrariar... Parei de chorar e acredito mesmo que tenha enxugado os olhos nos aventais dela.

Tive de almoçar com meu noivo, cumprir as etiquetas e formalidades que minha mãe tanto prezava. Fomos juntos à mesa do salão de refeições, comemos elegantemente, depois tomamos a sobremesa (melhor parte) e o café. O barão Castelnuovo se sentou ao meu lado durante o café, que foi servido na sala de leitura. Ele se empolgou e pegou a minha mão ao que correspondi com uma indisfarçável cara de nojo – não consegui conter minhas emoções, creio que nem tentei, com rapidez puxei a mão de volta e ele exclamou:

– Senhorita, seu pai me concedeu sua mão em casamento, somos noivos, lembra-se? Agora você me deve respeito, em pouco tempo, obediência.

Indignada com a postura de meu pai de não consultar meus sentimentos, preferências e gostos antes de conceder-me o noivado, falei malcriada:

– Não devo nada ao senhor, pois muito tempo ainda me separa do compromisso firmado por meu pai. Nem tenho condições ainda de entender o que seja. Eu estudo, porém, não completei minha educação. Sei que preciso ler muito e aprender antes de deixar a casa de meu pai seja por qualquer motivo. Tenha paciência.

Ele respondeu também mal-humorado:

– Por que outro motivo, senão o casamento, sairia uma donzela da casa do pai? Responda? De quantos livros você precisará para me conceder um filho? Eu os

compraria se fosse preciso, mas entendo que não precisas ler nenhum.

Ele, que era muito esperto e vivido, logo identificou na minha fala o motivo de minha revolta e saiu de perto de mim. Levantou-se e foi até meu pai, ainda falando em voz alta:

– Quero conhecer o preceptor da senhorita Milena, caro barão.

Meu pai acatou o pedido, enquanto movia o sino que chamava os escravos. Quando um deles apareceu, mandou chamar o professor, só depois respondeu, esclarecendo para o meu espanto:

– Não é um preceptor, é um professor, formado na Sorbonne.

Logo depois, Augustus entrou no recinto, apresentando a si mesmo pelo título de barão de Calligari, seguido dos outros títulos que eu nem conhecia. Era formado e ouvi sem entender a importância: l'Université Sourbonne. Mais tarde, saindo de Paris, ele lecionara na Índia e estudara algo também na Inglaterra.

Olhei para o meu professor com curiosidade e admiração adolescente. O que meu noivo queria com ele? Meu pai o apresentara como renomado profissional, com todas as honrarias que seus títulos lhe proporcionavam, mas eu via o homem firme no propósito de me resgatar de um sistema falido dando-me liberdade... Perguntava-me qual seria a diferença entre um preceptor e um professor, formado em Paris ou de qualquer outro lugar... Talvez José Maria soubesse a diferença, pelo que tinha estudado e viajado, mas pelo que me pareceu não tinha aprendido nada, porque se achava com direitos sobre mim ou que poderia comprar o mundo. Eu não sabia se meu noivo tinha recebido formação na Europa e nem me importava com isso – com ou sem títulos, continuaria sendo o baixinho asqueroso que me queria por esposa.

Antes que José Maria quebrasse a leveza do momento, Augustus tomou a minha mão, como gentleman que era, cumprimentando-me em particular com aceno simpático de cabeça e olhar encantador que adentrava minha alma. Meu coração disparou e, com certeza, corei, evidenciando o descompasso interno.

– Senhorita baronesa de S...

O barão de Castelnuovo, que nos assistia sem poder intervir, remexeu-se na cadeira, fazendo expressão de enfado e amarrotando o nariz em desaprovação.

Interrompendo-nos nos cumprimentos demorados, meu noivo não se conteve:

– Senhor professor, quero saber: o que o senhor leciona a minha noiva? – perguntou o petulante noivo, com desdém pelo conhecimento e soberba pelo dinheiro que possuía.

– Muito prazer em conhecê-lo, senhor barão de Castelnuovo – começou Augustus demonstrando sua educação. – A senhorita estuda comigo educação literária, conhecimentos filosóficos, matemática, ciência, noções de organização social, civismo, moral – Augustus falou, exibindo um pouco o que sabia.

Fiquei pensando o que seria civismo – se ele me ensinou não me disse o nome.

José Maria voltou a contrapor:

– Ora, fico me perguntando por que uma mulher precisaria aprender ciência, ou matemática? O senhor professor exagera em seus planos de aula, não pretende dar-lhe asas demais? Como futuro marido, decido que não precisará de nada disso. Ficarei contente se souber que ela aprende noções de etiqueta, para as rodas sociais e hierarquia familiar para respeitar a subserviência ao marido. Não vai precisar de mais nada para me dar um filho.

Desta vez, Augustus parecia contrariado e argumentou com inteligência. Eu estava começando a gostar da disputa entre o dinheiro e o conhecimento:

– Temo discordar, senhor barão, seu filho não pode nascer de um ventre ignorante, senão qualquer mulher serviria ao seu intento. Quer o nome de família porque encontra respaldo no bom sangue e segurança na educação familiar. Destarte, o conteúdo de minhas aulas não está aberto a sugestões.

Meu pai interveio oportunamente percebendo o clima tenso entre os dois homens e o ciúme ainda que velado da minha companhia:

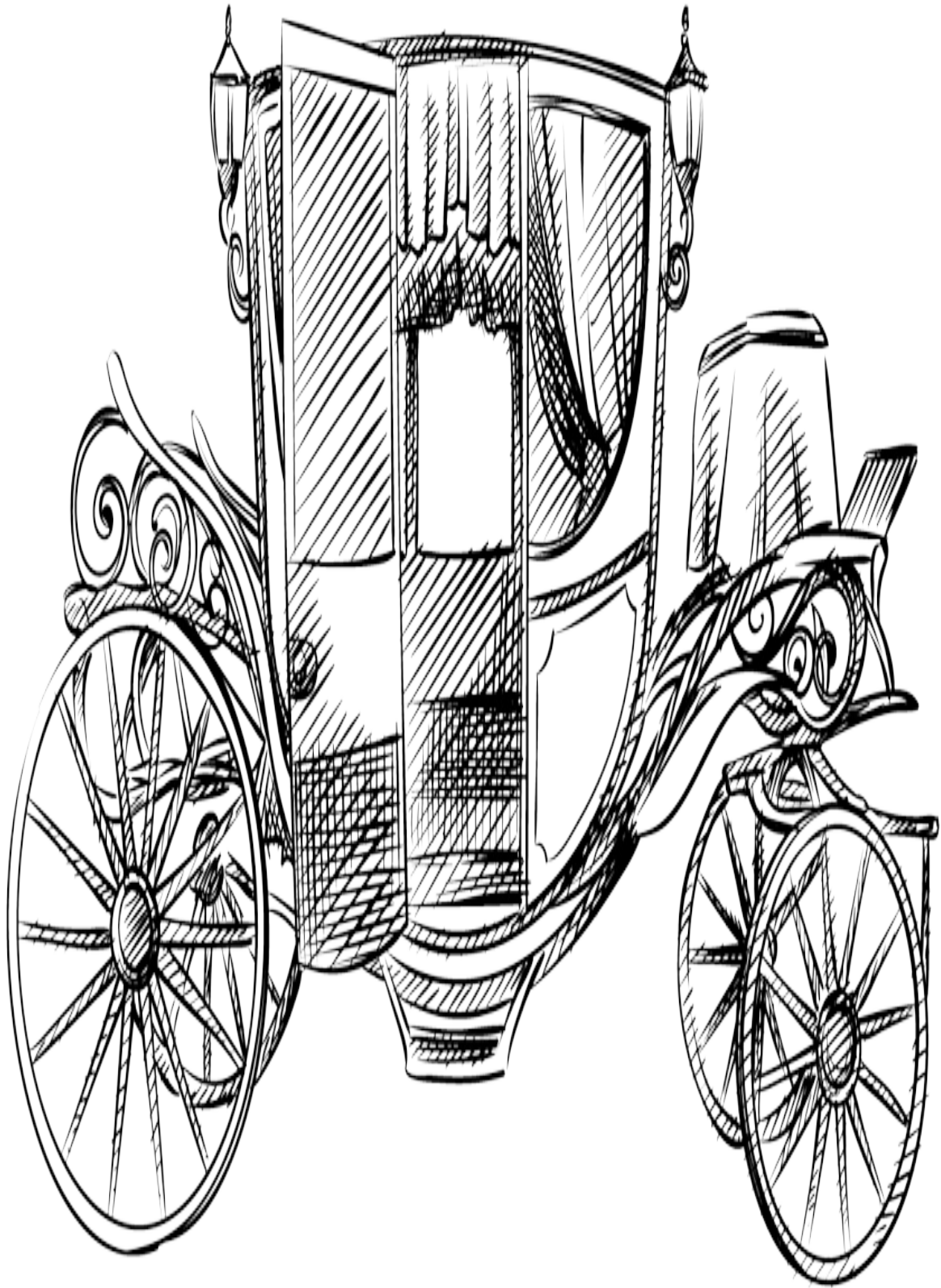
– Senhores, por favor, creio que ambos querem o bem de Milena, mas pensam em perspectivas distintas. Ela é só uma criança ainda, precisa estudar muito, e todo conhecimento a habilita a crescer como ser humano, a torna mais distinta, compreendendo melhor seu papel na sociedade, como mãe e esposa. O professor Augustus tem tido bons resultados com todas as minhas filhas, confiemos em seu trabalho renomado.

A discussão se encerrou porque meu pai chamou o barão de Castelnuovo para conversarem sobre negócios e dispensou o professor. Olhei para ele, enquanto saía da sala, com pensamentos controversos e rosto cerrado. Teria lutado por cumprir seu trabalho – dar-me uma chance de aprender a pensar – ou estaria ciente do que se passava no fundo do meu coração?

Depois que os homens concluíram sobre minha educação, meu futuro e minha felicidade, não poderia encontrar mais a paz infantil de quem confia na família. O que Augustus tentava me mostrar era um pouco de senso crítico sobre a realidade ao redor. Eu pensava: como me colocar sem que isso pudesse parecer uma revolta surda, de uma criança mimada? Por dentro, as dúvidas só aumentavam.

Durante alguns dias passei a ficar mais no quarto meditando sobre o que fazer. Entendi que ela tinha razão, a solução teria de vir do professor, mas como atribuir a ele a responsabilidade sobre meus problemas? Talvez o desespero ou a dor tenham me impelido a pensar assim. Quem sabe não foi o medo do desconhecido ou uma sensação de impotência? Eu era uma mulher numa sociedade machista e patriarcal. O que eu poderia fazer a não ser pedir ajuda? Nesse impasse, comecei a pensar em outras possibilidades.

Sem nenhuma orientação que me acalentasse, entrei no nicho de oração de mamãe e principiei a recitar as ladainhas que conhecia, enquanto minha mente fervilhava de planos de ação: uma fuga espetacular para a casa de minhas tias na capital – não, não poderia ser, logo me descobririam e me fariam voltar. Se eu juntasse valores como joias e outras dádivas que meus pais me deram? Como negociaria minha fuga? Eu não conhecia ninguém fora daquela fazenda... Tudo que pensava me parecia difícil ou nublado como num sonho.



## 04. Confissão

*O amor resume toda a doutrina de Jesus, porque é o sentimento por excelência, e os sentimentos são os instintos elevados à altura do progresso realizado. No seu ponto de partida, o homem só tem instintos; mais avançado e corrompido, só tem sensações; mais instruído e purificado, tem sentimentos; e o amor é o requinte do sentimento.*

*O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XI, item 8.*

Aquele dia passou e outro veio ainda naquela balbúrdia mental em que me encontrava. Então me casaria? Não tinha escolha, saída, alternativa. Tentava conversar com minha mãe, mas ela parecia iludida por uma névoa de otimismo que nem de longe me contagiava. Ninguém se importava com meus sentimentos, minha aversão pelo meu noivo era recebida como um detalhe ao qual eu me acostumaria com o tempo.

Num desses dias, em que fui me queixar a ela, fui levada para dentro da sala de orações e me deixei influenciar pelo que ela falava. Ela pensava que Deus tinha ouvido suas orações somente por me ver no oratório e ficou mais entusiasmada com minha suposta devoção. Onde eu via desespero apenas, ela via esperanças e consolos. Falava de filhos corados correndo pela casa, de valores como a família e tradição. Nada que eu pudesse entender na época, nem mesmo conseguia concordar que houvesse algo de bom em um casamento forçado com um sujeito que eu achava arrogante.

Foi por desespero apenas que consenti na visita do padre que tinha batizado toda a minha família. Era o único da região, morava em um convento que prestava serviços rurais e abrigava outros noviços, não muito longe da nossa fazenda. Dom Ignácio conversava animadamente com minha mãe, enquanto acertavam os donativos e prendas. Fui chamada para me sentar na sala de visitas como qualquer jovem da época após receber um pedido de casamento, ou seja, que não era mais considerada uma criança e poderia ouvir calada e com atenção a tudo que falavam.

Sem perceber que o assunto mudava, ouvi quando minha mãe expunha minhas incertezas na maior tranquilidade. Ela dizia que eu era filha insubmissa e que questionava a autoridade de meu pai ao escolher um marido para mim. Senti-me ultrajada com aquela exposição, meus sentimentos tão intimamente guardados eram assim revelados inadvertidamente, como se eu não me importasse de dizê-los a uma pessoa estranha que, para mim, era aquele padre. Ele assumiu a postura de conselheiro e de protetor dos ditos valores morais tão prezados por minha mãe, os quais eu ainda não conhecia.

Calei-me, como era esperado que fizesse. Aquiescia com a cabeça para parecer que obedecia e acatava, mas dentro do meu ser se formava um bolo difícil de engolir chamado revolta, indignação, raiva. Ninguém me perguntava o motivo de minha “insubmissão”, ninguém perguntava o que eu achava do meu noivo. Era ouvir, ouvir apenas, reprimendas e recomendações. Faça isso, comporte-se dessa maneira e será uma moça de respeito, direita, digna. Eu queria saber porque, mas não tinha coragem de perguntar. Queria saber o que aconteceria se eu me negasse a me casar? Se eu fugisse? Se namorasse outro homem?

As palavras dele pareciam sussurros, eram conselhos mansos e suaves que me hipnotizavam. Em nome de Deus, num apelo surdo, via-me diante de uma situação impossível de ser questionada, pressionada ao máximo para ser encaixada dentro de minha cabeça, um padrão de comportamento que não cabia em mim.

– A senhorita sabe que os desígnios de Deus são maiores e em nome d’Ele preza-se a família. Respeitam-se aos pais, acatam-se as ordens. Em nome de Deus...

Não resisti e o interrompi no auge de minha revolta interna, surda e em vão:

– O senhor sabe me explicar o que é Deus?

Ele não esperava pela pergunta. Se todos os seus argumentos se baseavam na vontade de um Deus como ele entendia que fosse, ele que me definisse Deus. Embora depois de minha explosão, tenha tentado explicar Deus como um pai amoroso, em minha mente eu me recusava a ouvir, e o que voltava era a resposta de meu livro proibido: “Deus é a inteligência suprema e causa primária de todas as coisas”<sup>2</sup>.

Repeti a frase centenas de vezes, como se me desse força para ouvir sem

questionar, obedecer sem pensar, agir acatando ordens. “Inteligência suprema, inteligência suprema, causa primária, causa primária.” Para não gritar, preenchi minha mente com as afirmativas que tinha lido no compêndio de Allan Kardec, O Livro dos Espíritos. Sentia-me como uma das escravas, sem liberdade, como se não pudesse pensar, nem questionar, como se pudesse apenas obedecer. Sabia que os homens também acreditavam que nós mulheres fôssemos seres inferiores. Com inteligência limitada... mas minha mente fervilhava, parecia que eu teria um colapso. Explodi de novo, de uma forma mais cordata possível, em respeito a minha mãe:

– Se eu não quiser me casar agora? Não conheço o barão Castelnuovo, meu prometido. Preciso pelo menos de alguns anos para conhecê-lo melhor...

Minha mãe interveio novamente, dizendo que os prazos para casamentos, geralmente, não levavam mais do que um ano. Tudo acertado entre o pai da noiva e o noivo ou pai do noivo. Entendimentos financeiros que nem ela tomava parte, coisas de homens. Que eu esperasse porque poderia conhecê-lo muito bem após o casamento.

Desanimei, não podia dizer o que pensava e nem questionar aquelas regras absurdas porque as razões reais do meu casamento – e de toda moça, como entendi – eram financeiras e não afetivas... e meus argumentos eram todos afetivos e não financeiros.

Quando voltei a prestar atenção, minha mãe discutia com o padre o que seria preciso para que o casamento se realizasse conforme os ditames da igreja. Meu noivo não era católico, mas ela insistia que se fizesse “tudo direitinho” – palavras dela.

A cansativa reunião se findou, mas antes de sair, o padre deu um jeito de me falar sorratamente, sem que minha mãe, a sinhá Francisca, ouvisse:

– Sei de onde a senhorita tirou aquela pergunta! Se for preciso falarei ao seu pai.

Refletindo sobre a gravidade das palavras dele, só entendi o que fizera, depois, quando eu o observava adentrando a carruagem. Não poderia comprometer Augustus e aquele livro proibido só poderia ter vindo dele. Não poderia comentar com ninguém mais, calei-me.

Naquela noite foi difícil de dormir, minha mãe me procurou para conversar e

continuou com os argumentos de sempre, sobre família, crianças, recato e obediência. Ela insistia que deveria ser um assunto resolvido entre nós duas e ela não queria levar ao meu pai, porque seria muito pior. Sorri para encerrar o assunto, fingindo que estava tudo bem. Ela me presenteou com um lindo camafeu que tinha sido de minha avó. Falou que eu me preparasse bem para o meu noivo, quando ele viesse me visitar. Que usasse o camafeu para me lembrar do que deveria fazer e não do que eu queria fazer.

Era bonito e passei a usá-lo, mas atribuí significado reformulado. Para representar o que eu precisaria fazer e que era contrário a minha vontade.

No dia seguinte, fui para aula ainda sonolenta e não pude prestar atenção ao assunto que o professor queria discutir. Foi uma pena! Perdi a aula evadindo-me em possibilidades de escapar do casamento. Ele não mudara em nada sua estratégia de trabalho, nem o conteúdo, continuava com as mesmas lições sobre livros que lera, locais que visitara, culturas que conhecera.

Mil perguntas eu tinha a fazer, sobre o que ele pensava sobre mim, o que via em meu futuro e como poderia me ajudar a escapar do casamento. Nada dentro do assunto que ele lecionava, mas problemas que muito me afligiam e que eu não tinha com quem conversar. Não sabia como perguntar isso tudo, nem poderia interrompê-lo. Fui deixando que ele me conduzisse ao mundo da literatura e da ciência – outro mundo – onde os personagens chegam a um final feliz, e problemas têm uma solução lógica.

Talvez ele tivesse notado minha falta de entusiasmo, ou minha “ausência” mental naquele dia, a falta de esperança em meu olhar e o lamento surdo de ter deixado-o por um casamento arranjado. Quando a aula acabou, ele elogiou meu camafeu.

– Olha só que bom gosto temos aqui, senhorita, não é um camafeu? Uma peça elegante e que combina com a cor de sua pele muito alva. Foi presente de seu noivo?

Meu sorriso tímido se fechou, quando respondi:

– Não, claro que não, foi presente de minha mãe. Esse ornamento era de minha avó – pensei em dizer que jogaria pela janela qualquer presente de José Maria, mesmo que fosse joia ou ouro, mas fiquei calada.

Aquele elogio me renovou as forças e, após o almoço, pensei numa estratégia que poderia dar certo. Eu sabia que, àquela hora da tarde, papai e mamãe costumavam se retirar para um descanso rápido. Eu sabia que meus irmãos estavam no lago, brincando, seguidos de pajens. Vira o professor sair para o alpendre e depois descer para o jardim, onde ele costumava admirar as rosas e ficar sentado observando pássaros e insetos que vinham beijar as flores. Era um jardim lindo e decorado que havia em Paraíso, criado por meus avós e mantido por meu pai.

Enchi o peito de coragem, inventei uma desculpa qualquer para mim mesma, do tipo “era agora ou nunca” e fui atrás dele. Ele estava sentado ao lado da cerca viva de hibiscos, com um livro entre as mãos, coisa mais comum de se ver. Sentei-me ao seu lado e só então ele me notou. Eu estava encabulada, não sabia como começar a conversar com ele, não sabia o que dizer. Limitei-me a cumprimentá-lo, ao que ele educadamente respondeu. Corajosamente, comentei sobre um pássaro que vira a caminho dali e pensei que talvez uma metáfora fosse a melhor saída para o meu caso.

Ele, a custo, desviou o olhar do livro e me encarou esperando pelo resto da notícia sobre o pássaro que, desarticuladamente, eu transformava numa história.

Ao vê-lo atento, hesitei, mas era minha chance de abrir meu coração, então falei:

– Era um beija-flor infantil de gênio indomado (tentava aqui copiar as mesmas palavras dele) que seguia ligeiramente um bem-te-vi. Acho que o bem-te-vi tentava ensiná-lo boas maneiras, mas ele impaciente continuava voando livre. Um sabiá demonstrou todo o seu tamanho e autoridade, cantando para o beija-flor, ordenando que ele seguisse com uma coruja baixinha e estranha... O beija-flor chorava sem querer aceitar e acabou por entender que amava o bem-te-vi, que sempre tinha sido honesto e altivo, educado e reservado... Se tivesse que seguir alguém, comportar-se e aprender, queria dizer ao sabiá, que fosse aquele que tinha tocado com delicadeza os refolhos de seu coração...

Levantei os olhos para encará-lo, levemente ruborizada. Ele entendeu minha fábula, largou, finalmente, o livro pela gravidade do fato e observou, como se comentasse José de Alencar:

– A senhorita está se lembrando do romance Senhora, que lemos? Então, cara Aurélia Camargo, não tenho o dote exigido pelo seu amor. Sou o pobre Seixas,

lembra?

– Não – respondi de pronto. Pareceu-me covardia, pareceu-me uma desculpa a falta de dinheiro. Em meu mundo adolescente e mimado só conseguia compreender o amor romântico, nada de finanças, dotes, necessidades ou mesmo trabalho. Não compreendia nem mesmo a dignidade que ele queria preservar sendo meu professor e a delicadeza em não querer ferir meus sentimentos dando-me uma advertência como fariam mamãe e papai. Ele viu meu constrangimento e percebi que essa não era sua intenção – me constranger – quando ele disse:

– Milena, amar você seria muito fácil para mim porque seu coração é puro. Você é uma jovem bonita, com personalidade forte, determinada, mora em uma linda fazenda, seus pais a sustentam. Seria tudo que eu mais poderia almejar na vida. Estabelecido com seu pai, ajudaria a administrar, faria investimentos e manteria o seu padrão de vida com todo gosto...

Eu interrompi aquele sonho de mundo perfeito que ele fazia apenas na suposição. O futuro do pretérito que ele usava me irritou profundamente. Seria melhor que eu tivesse ficado na dúvida se ele um dia poderia me amar. A certeza doía muito. Fui indelicada ao dizer:

– Qual é o problema, então? Se tudo parece perfeito... – eu disse desafiando suas convicções e ele se defendeu:

– Não sou aproveitador. Não sou mau-caráter. Não quero sentir culpa quando você desabrochar em uma linda mulher e descobrir que manipulei sua admiração adolescente para tirar vantagens de noivo. Além de já ter falado a verdade: não tenho nem a metade de seu dote. Gastamos toda a fortuna da família com a doença de minha mãe, preciso trabalhar aqui como seu professor para custear o final do tratamento dela. Não posso desampará-la, nem mesmo decepcioná-la... Sobretudo, seu pai já acertou o casamento. Que mais eu posso fazer?

– Então, é isso que pensa que sinto. Admiração adolescente!!! O senhor duvida de meus sentimentos... Assim como não acredita neles, também não acredito na sua história de sentir culpa depois... Acho que o senhor tem medo de enfrentar o meu pai e a sociedade por mim. E isso é o bastante para macular a imagem que tenho do senhor. Ademais, quero que saiba o que penso, meu noivo me causa asco.

Falei tudo que parecia entalado na minha garganta. Como era muito jovem, não

premeditava, não julgava muito o que dizia, nem media as consequências. Falei e queria me retirar. Levantei-me, mas ele segurou o meu braço, ficando também de pé e me olhando dentro dos olhos.

– Você não pode entender ainda, eu sou tudo o que resta à minha mãe. O título que tínhamos, as terras de meu pai, a fazenda, as joias, baixelas... Tudo foi levado em nome de dívidas, o que restou foi tomado ou vendido, porque não tínhamos para onde levar. Ela mora com alguns parentes e ajudo com a hospedagem. Agora sou apenas o que sei, o conhecimento que conquistei, e não me queixo, pelo contrário, foi exatamente isso que eu quis e meus pais me ajudaram a conquistar – a cultura, as ciências que estudei. Pensa que viagens às Índias, ao Tibete e à China são custeados com pouco? Meu pai faleceu e ela continuou me dando tudo o que tinha e, quando percebi que os recursos tinham se esgotado, já era tarde. Ela adoeceu por não poder mais custear meus estudos. Até mesmo o prestígio perdemos. Seu pai, Milena, foi a única saída que encontrei para ajudar minha mãe, não posso desampará-la.

Fez uma pausa, enquanto continuava me encarando com olhar severo e, depois, continuou:

– Agora você não pode entender. Todo o seu mundo é uma doce ilusão, você constrói castelos para os seus sonhos que não correspondem à realidade. Quer um herói que a salve da situação que seus pais impõem. A minha recusa vai fazer com que você acorde. Se for verdadeiro seu amor se fortalecerá, se for passageiro, me agradecerá. Você não me conhece, como pode me amar?

Ele disse a última parte num sussurro. Mesmo que alguém estivesse passando pela alameda não ouviria. Ele estava tão próximo que tocou meu coração, sentia o calor de sua mão sobre o meu braço, sentia o olhar dentro do meu querendo devorar minha alma. Senti, naquele momento, que ele me amava intensamente e que, não só era correspondida, como ele se importava e muito com a minha felicidade. Um homem de verdade, não um egoísta que só pensa em si mesmo. Ele não pensava em nós dois, mas em todos e, ao que parecia, ele tinha razão, eu precisaria mesmo de tempo para aprender, ainda que fosse a amar.

Tentei engolir aqueles sentimentos contraditórios e tentei responder, mas não consegui achar palavras para ser fiel ao que pensava...

– Tenho certeza de que o conheço mais do que o senhor supõe, pois entendo o

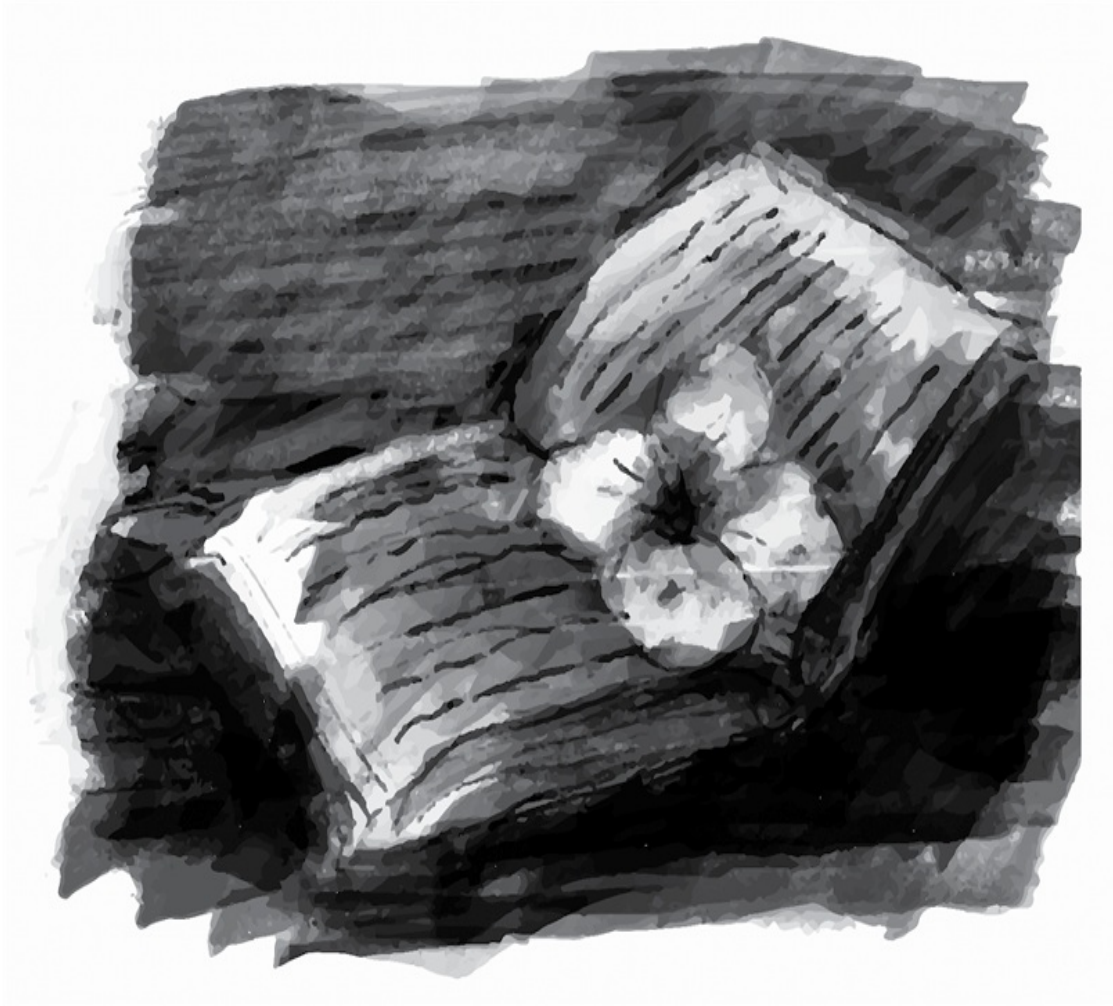
seu olhar, sua responsabilidade, sua postura.

Minhas palavras soaram ameaçadoras, como se eu tivesse algum poder sobre ele. Como se tivesse dizendo uma profecia ou pudesse ler sua retina. Não era isso que estava querendo dizer. Estava querendo dizer que tinha entendido a preocupação dele e, também, o olhar que denunciava seu amor, mas parece que, no final daquela luta por significados, ele me compreendeu.

Soltou meu braço e pegou uma flor que pendia em um ramo para fora do muro. Era uma flor comum e branca, onde ele depositou um beijo e inseriu numa das páginas do livro que lia. Depois de fechado, ele o deu para mim.

---

[2 O Livro dos Espíritos, questão 1](#)



—

Eu abri o livro, retirei a flor amassada e a beijei também numa concordância tácita.

Ele disse:

– Milena, só o tempo dirá. A flor ficará como a prova para que se lembre. Daqui a três anos... estarei dispensado do meu dever... você será mais velha... poderei juntar umas economias...

Aquiesci.

Ele disse ainda que iria falar com meu pai, mas não sobre o que descobrimos naquela tarde. Ele iria pedir para me preparar por três anos, antes que eu me casasse. Talvez, após esse tempo tudo fosse diferente...

Agarrei-me a essa esperança como a uma tábua de salvação no meio de uma enchente. Algo tinha mudado dentro de mim: eu tinha certeza de que era amada. Mina tinha razão ao dizer que eu precisava contar meus sentimentos, que talvez ele pudesse ajudar.

Depois daquele encontro, encarei mais seriamente tudo o que ele me propunha por estudo. Além dos livros regulares de gramática, matemática e ciências, resolvi que deveria estudar também as razões que me levavam a um destino tão aquém de minha vontade. Por que a vida não poderia ser do jeito que eu queria? Eu não era uma escrava. Por que nasci mulher? Por que ele ficou pobre? Onde estaria a parcela da mão de Deus em tudo isso? Por acaso estaria contemplando lá do Paraíso nossas dores e dúvidas numa imparcialidade pouco condizente com a ideia que todos faziam d'Ele? Não poderia fazer algo por quem pedia ajuda? Essas inquietações no meu coração me faziam lembrar do livro que o professor Augustus me oferecera como resposta a outras perguntas que fizera a ele.

Inquieta, abri ao acaso o livro proibido, na primeira oportunidade que tive de retirá-lo às escondidas de onde estava bem embrulhado, sobre o armário do meu quarto. Achei estranho que ele tenha respondido exatamente o que eu queria

saber. Falava sobre o livre-arbítrio do qual eu não desfrutava – questão 843<sup>3</sup>. Entendi que estava presa a alguma rede de determinismo contra o qual não poderia lutar – a época em que vivia, a condição de mulher, a situação econômica de meus pais.

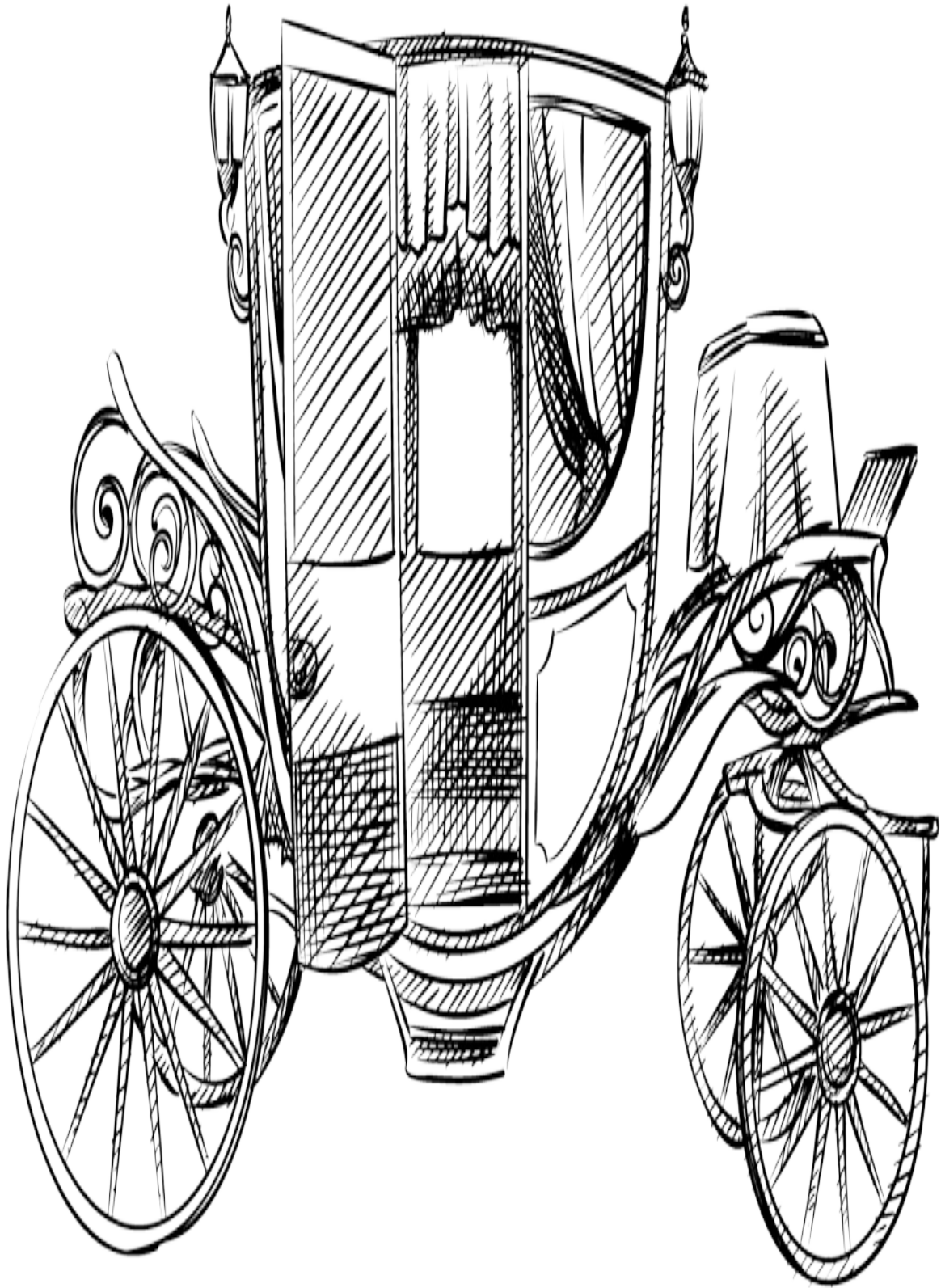
Era quase a liberdade de um peixe no aquário, que dá voltas atrás da própria cauda. Li o livro todo, em especial o capítulo X, da Terceira Parte e anotei algumas perguntas. Era, afinal, interessantíssimo, do ponto de vista filosófico e, ao mesmo tempo, consolador saber aquilo tudo.

Não poderia perder mais tempo, porque em breve estaria longe dali, quem sabe quais seriam as condições? Li até anoitecer.

---

### [3 O homem tem livre-arbítrio nos seus atos?](#)

– Pois que tem a liberdade de pensar, tem a de agir. Sem o livre-arbítrio o homem seria uma máquina. (O Livro dos Espíritos, questão 843)



## 05. Tempo

*A doutrina da reencarnação, isto é, a que consiste em admitir para o espírito muitas existências sucessivas, é a única que corresponde à ideia que formamos da justiça de Deus para com os homens que se acham em condição moral inferior; a única que pode explicar o futuro e firmar as nossas esperanças, pois que nos oferece os meios de resgatarmos os nossos erros por novas provações. A razão no-la indica e os espíritos a ensinam.*

*O Livro dos Espíritos, Allan Kardec, cap. IV.*

O tempo foi passando enquanto a felicidade preenchia minhas manhãs de brilho apaixonado e adolescente. Nada tinha mudado, mas resolvi aproveitar bem a oportunidade que estava tendo de desfrutar da cultura enquanto podia, porque meu destino era incerto. A única certeza que eu tinha era a de que o amava cada vez mais. Além das aulas e dos suspiros, trocávamos olhares e, claro, ele conseguia de mim o que queria. Foram uns meses mágicos em que nos entendíamos pelo olhar e eu aprendia tudo como num doce suspiro de amor: literatura, cultura geral, etiqueta, moral, bons costumes... e, principalmente, espiritualismo no seu aspecto filosófico que caberia dentro de quaisquer dessas disciplinas.

Sinhá Francisca chegou mesmo a comentar que estava satisfeitíssima com o nosso desempenho, meu e de minhas irmãs, naquele ano. Aprendíamos cada vez mais e amadurecíamos também, em especial destacava minha própria abertura mental. Todo o conhecimento que adquiria rapidamente, inclusive sobre o espiritismo, me parecia uma lembrança. Algo que já vivia dentro de mim em latência à espera de um cenário propício para despertar.

No fundo, eu ainda me sentia triste, cumpria minhas obrigações, ia para onde precisava estar, mas nada podia me distrair de meu destino selado num acordo financeiro entre meu pai e meu noivo. Isto me fazia refletir sobre a liberdade, sobre as convenções sociais, sobre Deus. Estaria tudo errado? Ou somente eu assim pensava, pois as leis e regras que me diziam respeito eram, extremamente,

injustas. Quem tinha dado aos homens o direito de decidir o futuro, o casamento e os deveres das mulheres?

Numa manhã ensolarada e fria, ousei perguntar ao professor Augustus se ele havia conversado com meu pai. Ele sorriu em primeiro lugar, depois foi até a porta que dava para o corredor e a fechou. Ficamos sozinhos... e ele esticou uma folha para que eu fingisse que fazia alguma avaliação, abaixando o olhar para o papel. O que ele pretendia com aquilo? Não ter de me encarar?

Ele começou em voz baixa enquanto eu rabiscava um desenho esquemático de uma fadinha.

– Se alguém passar pelo alpendre pensará que fechei a porta para isolar o barulho e não atrapalhar a sua avaliação ou ditado. Não pare de escrever...

Ele fez uma pausa insuportável, enquanto eu passava a rabiscar meu nome no canto superior.

– Falei com seu pai e ele foi irredutível, o casamento precisa sair antes do desenlace carnal do velho barão de Castelnuovo e ele está ficando pior. Os médicos que o examinaram não foram muito otimistas, talvez viva mais seis meses. O barão João Carlos me confidenciou ainda que muitas transações comerciais dependem dessa aliança com seu noivo. Ele tem comprador para toda a colheita deste ano, tem aliança com o governo, sabe vender ao exterior porque viaja muito... Seu pai, como já tem certa idade, não pretende mais viajar.

Quebrei a ponta da pena apertando-a com força sobre a mesa, minhas mãos estavam trêmulas e meu rosto ficou pálido como o luar... O professor se preocupou.

– A senhorita se sente bem? Desculpe se falei de uma vez, é que temos pouco tempo. Acho que precisa tomar um pouco de ar...

Ele se levantou e foi até a janela para abri-la. Em meu peito, retornava aquela velha sensação de que ele, simplesmente, não lutava por mim, não sentia nada... Duas lágrimas vieram a meus olhos. Ele era a minha única esperança. A voz de Mina voltou a soar na minha mente dizendo que eu não poderia contrariar o meu pai. Outra vez, o fantasma de um casamento forçado vinha habitar meus pesadelos, ou nem mesmo tinha ido embora. Eu era livre, não queria me casar ou me casaria com quem bem entendesse.

O professor veio se sentar do outro lado da mesa e, para a minha surpresa segurou minhas mãos trêmulas entre as dele. Meu olhar para ele foi de desespero e no dele consegui distinguir uma profunda tristeza que me consolou um pouco, embora não me bastasse. Eu queria que ele fizesse uma revolução por mim, queria que pusesse fogo, tocasse os animais, derrubasse árvores em meu nome... Queria que ele fosse impetuoso, ousado, quem sabe irresponsável? Mas ele agia com a maior cautela, o que dava a ele um enorme charme – um calmo e adulto charme – que não era o que eu precisava no momento. Ele disse:

– Sei que parece difícil agora, mas não podemos contrariar o sistema. Muitas pessoas precisam desta estabilidade que o casamento proporciona. Há tradições, costumes, preconceitos... Aliás, minha posição aqui é de representante dessa cultura, por mais errada que me pareça, por mais que eu não concorde, é o que está em vigor em nosso tempo. Além disso, gostaria que você soubesse que tenho certeza de que já estivemos juntos em outra vida, sei que nossa impressão de familiaridade se deve, em parte, à essa lembrança de nossa alma. Com certeza, os sentimentos que nutrimos não são de agora, são profundos demais.

Ele olhou expressivamente para o meu rosto, como se estivesse se certificando de que eu também estivesse comovida. Depois de pensar um pouco, ele continuou:

– Podemos nos corresponder. Podemos continuar nossas discussões sobre as leituras, creio que seu marido não fará oposição a isso.

Eu me levantei ignorando o calor das mãos dele. Então, era tudo que ele poderia propor? Mesmo após revelar que éramos espíritos afins, que tínhamos nos encontrado antes? Ele queria continuar me educando à distância... Em cartas mensais talvez... Sufocar o amor? Aceitar a infelicidade? Fingir que não sentia nada por ele? Tendo de conviver com outro? Ele não tinha ideia de como eu o amava. Era um sentimento profundo e ao mesmo tempo aterrador, vê-lo tão perto e não poder fazer nada. Doía-me o coração. Foi quando disse a mim mesma, usando toda a emoção que poderia me arrebatrar: eu o quero e o terei.

Tirando-me de meus pensamentos, continuou o discurso sem entusiasmo que defendia:

– A fazenda de seu noivo não é muito longe, embora seja tão grande a propriedade que eu poderia me perder... Talvez essa seja uma solução, o que

acha? Podemos ser amigos? Sei que não é ideal, não é o que você queria, mas é o que podemos fazer, Milena. Não podemos contrariar as ordens de seu pai.

Refutei os argumentos dele e sorri de volta, um sorriso de desespero. Ele estava tão empolgado por tão pouco. Não era ele que teria de se retirar para uma fazenda afastada com um homem estranho como marido... Para uma vida medíocre, obscura! Quem sabe mesmo o barão Amendoim não fosse um louco? Quantos filhos eu teria de ter? Filhos que não viria a amar, pois se pareceriam com o pai.

– Augustus isso é muito pouco... Não posso me contentar em viver separada de você. Meu noivo não permitirá que troquemos correspondência. Viu como ele implicou com minha educação, com seu trabalho? – esqueci-me da deferência e dos títulos que possuía e do que representava naquele momento – o lente. Diante de mim, tinha agora um homem que eu amava.

– Milena, é o que podemos fazer, por enquanto.

Ele retrucou se calando em seguida, o que não era sua característica. Aquelas palavras cortaram meu coração como uma lâmina afiada. Fiquei me agarrando a aquele “por enquanto”, que rolava na mente, por enquanto até quando seria? Eu não conseguia entender. Não havia esperanças para depois. As conjecturas cessaram e pude voltar a perguntar.

– Então, minha vida vai ser isso? Receber educação para morar numa fazenda obscura com um sujeito por quem tenho entojos? Não sabe como me controlo, para não sair correndo, quando ele, simplesmente, segura a minha mão? Não o conheço, nem quero conhecer, Augustus, por favor, entenda...

Ele escolheu um tom de voz que denotava tanta delicadeza que me sentia reconfortada. Foi a primeira vez que ele usou um apelido carinhoso comigo, sua voz era um sussurro quando disse:

– Minha amiga, é o desejo de seu pai... Não há nada que possamos fazer... Não há escolha. É um determinismo de nossa época, seu pai jamais entenderia as suas razões. Eu entendo porque me coloco no seu lugar, porque a amo. Em nome desse amor, peço que lembre que você é um espírito imortal. Sei que você não precisa de mim, pois a Milena que conheço salva-se a si mesma.

Ele se levantou, passou as mãos pelos cabelos e parou longos minutos olhando

para a janela.

– O senhor é um homem! Um homem que me ama. Poderia fazer alguma coisa por mim!

– Já falei com seu pai que está irredutível. Resta-nos aceitar. Espero que o livro que emprestei possa consolar o seu coração. Estude a Justiça Divina, reflita sobre nossa condição e conclua comigo se não há a mão de Deus ordenando os fatos? Releia com cuidado a quarta parte, capítulo dois, 984 é o número da questão<sup>4</sup> a que me refiro.

Eu me esquivei dos argumentos espiritistas e das palavras melífluas com que ele tentava me convencer de que estava tudo bem, como quem corta a ternura com uma navalha. Nem percebi direito a gravidade do que ele falara, a seriedade de seu amor. Somente cobrei uma postura, uma solução, da maneira mais insensível que se pode reagir diante de uma declaração de amor. Como se ele tivesse alguma obrigação de resolver um problema que era meu e de meu pai.

Fugi pela porta espelhando a criança que ainda era. Atravessei correndo a sala e o corredor que levava à cozinha e abracei Mina com toda força que fui capaz de apertar.

Ela me acolheu mais uma vez como uma mãe e uma avó, ou a mistura das duas coisas. Conversamos, e ela me acalmou com suas palavras sábias, fruto de sua vivência. Ela me tirou toda a aflição, quando disse:

– A sinhazinha sabe que ele tem a mãe doente e precisa trabalhar aqui. Não poderia deixá-la para trás, nem o trabalho, não poderia ir contra seu pai...

Ela tinha razão, novamente. Nunca pensei que pudesse ter sido tão egoísta com ele, exigindo que me tirasse de uma situação pela qual, na verdade, meu pai era o responsável. Talvez eu estivesse mesmo confundindo essa admiração pela figura impressionante e pensando numa salvação para o meu problema... Tudo isso antes dos sentimentos por ele... Eu, eu, eu... era só o que eu pensava.

Recompus meu rosto choroso. Recompus meus sentimentos confusos e retornei ao gabinete de estudos. Ele ainda estava lá, com a porta aberta. Pedi licença e em seguida pedi desculpas pelo meu comportamento. Não podia imputar a ele a responsabilidade pelas minhas infelicidades. Ele era um professor, pago por meu pai para ensinar “os bons costumes”, não um revolucionário que incentivaria

ideias rebeldes na cabeça de sua aluna. Ele não poderia nem mesmo ter me emprestado o livro proibido das perguntas (O Livro dos Espíritos). Aliás, precisava devolver, se alguém soubesse que li, desconfiaria que minhas atitudes eram rebeldes por aquela razão, quando, na verdade, era bem ao contrário, aquela lógica me dava muita paz. Eu não poderia esperar que ele tomasse uma atitude, eu mesma teria de procurar o meu pai ou minha mãe e expor minha vontade.

Nós nos olhamos com uma cumplicidade interminável, e, como havia tempo, continuamos nossas leituras. Ele me chamou de volta à realidade, tínhamos que seguir, deixar de lado as palavras carinhosas. Ainda estudávamos Castro Alves, em seu aspecto mais romântico e menos crítico.

Distraídos, não vimos o tempo escorrer, entretidos um no outro, na comunhão dos sentidos chamada poesia. Ele recitava, explicava, dava referência e eu embevecida, apenas esquecia meu triste destino, enquanto podia. Aprendi que saber uma poesia de cor, é saber de coração.

Aquela manhã não foi mesmo comum. Mais alguns minutos de uma charmosa leitura e fomos interrompidos. Alguém bateu à porta, era Bento, o olhar preocupado do escravo nos alarmou. Algo não ia bem com a mãe dele. Era preciso conferir.

Foi tudo muito confuso e muito rápido depois disso. Nem me lembro direito. Tinha tanto a dizer a ele, a pedir, tanto a aprender, tanto a agradecer, mas aquela foi oficialmente nossa última aula. Eu não sabia que não o veria por um bom tempo. Quando ele saiu do gabinete de estudos, apressado e com o rosto lívido, senti meu coração acelerar vertiginosamente, sem saber o porquê.

Depois, vi por entre as cortinas da sala de estar, ainda naquela manhã, que ele partiu numa carruagem de meu pai. Havia chegado uma carta da casa de seus primos, avisando que sua mãe estava passando mal e ele deveria ir para lá ou à procura do médico mais próximo, o que não era perto. Ele não olhou para trás, estava muito preocupado e, não pude distinguir, se havia medo nos olhos dele.

Meus sonhos desfeitos, minhas esperanças mortas, meu coração partido. Tudo isso antes de ser adulta... Aliás, pouco depois do incidente recebi a visita de meu noivo querendo mesmo uma antecipação do casamento. O velho barão de Castelnuovo também tinha sofrido um colapso ... não poderia esperar mais.

Uma semana se passou e fiquei sem notícias dos Calligari. Procurei meu pai, expus minha situação com coragem e com palavras claras como tinha aprendido a me expressar. Nem mesmo meus sentimentos foram levados em consideração. Simplesmente, meu pai explicou que suas outras filhas eram muito novas para esse casamento, que só tinha mesmo eu que ele pudesse ceder a mão.

Chorei sozinha no meu quarto por algum tempo. Mesmo sabendo claramente de meus sentimentos, o barão de S... concedia visitas a meu noivo. Foi assim que, naquela mesma tarde, meu noivo veio ver-me. Meu pai tinha contado a ele sobre minha rebeldia e como se os dois estivessem de acordo para me transtornar mais, combinaram que seria melhor que José Maria estivesse sempre por perto.

Estávamos no salão principal e o barão de Castelnuovo foi anunciado com toda pompa comum para um noivo na casa de sua noiva. Eu e minha mãe tínhamos de oferecer a mão para ser beijada por ele, o que me causou um arrepio de repulsa, meu corpo todo tremia e o olhar dele era extremamente desconfortável. Meu pai e ele conversavam animadamente sobre detalhes da fazenda dele, que nem eu, nem minha mãe poderíamos entender. Falavam sobre alojamentos. Entendi nas conversas entrecortadas que falavam do final da escravidão, seria a falada abolição? Pouco depois falaram sobre vendas e política. Achei mais difícil de acompanhar, porque sobre fazendas eu ainda entendia algumas coisas, era a realidade que eu vivia, mas política...

Em dado momento, em uma pausa maior, meu noivo disse:

– O senhor agora entende a situação em que me encontro, resta pouco tempo a ele. Preciso me casar o quanto antes. Meu pai assim o exige para que eu me torne um homem estabelecido, casado com alguém à minha altura, como a senhorita Milena. Um homem deve morrer em paz, o senhor concorda? Deve estar em paz com sua consciência, pensando que fez tudo que deveria para o próprio filho.

Encerraram a conversa, era hora de ele partir.

Nesta altura do discurso, ele tomaria minha mão e iria beijá-la se eu não a retirasse a tempo, disfarçando a recusa na timidez que verdadeiramente sentia. Até quando poderia me esquivar?

Papai me olhava sério, como se pudesse me repreender forçando meus sentimentos, quando isso acontecia, logo em seguida, eu o via incentivando a

ideia do casamento com palavras gentis, concordando com tudo de forma educada. Eu, quando percebi o que realmente aquilo significava, chorei na frente de todos, mas eu sabia que era um choro inútil, o meu problema não tinha solução. Teria mesmo de me casar contra a vontade. Nem mesmo as minhas orações mais sinceras pareciam fazer efeito. Deus também não poderia me salvar, foi quando me rebelei contra Ele, chorei e blasfemei sem entender o que precisava passar.

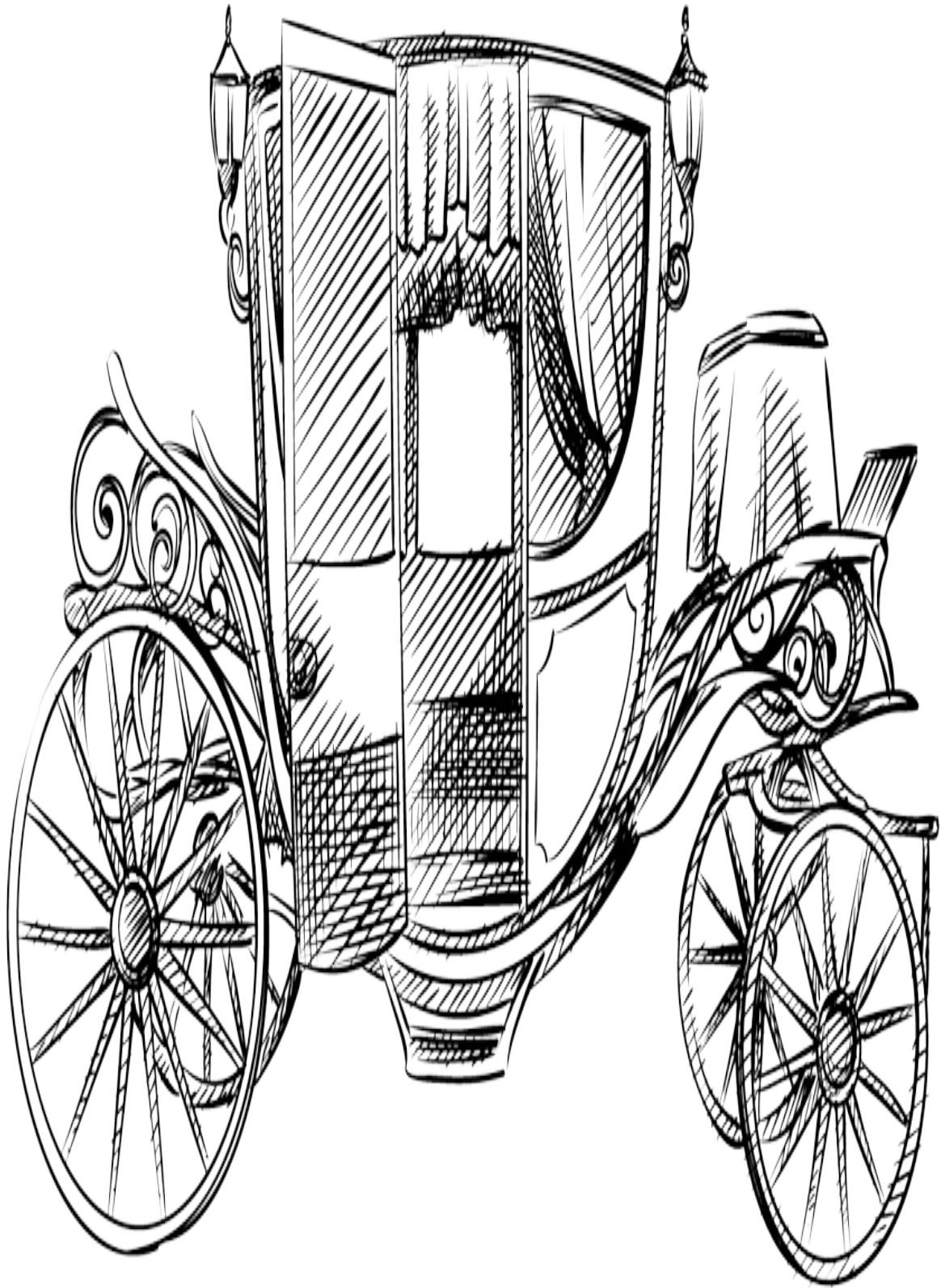
Recebemos, depois de algumas semanas, eu e mamãe, uma carta de Augustus dizendo que sua mãe recebia complicado tratamento e ele não poderia se ausentar da cidade.

Antes que ele voltasse, meu enxoval estava pronto, também a festa que meu noivo daria... Eu só o tinha visto algumas vezes na vida. Estava apavorada... mas me casei assim mesmo... não tinha como contrariar meu pai. Vesti branco, mas minha vontade era vestir luto. Não darei mais detalhes desses momentos de horror que vivi!

---

#### [4 984. As vicissitudes da vida são sempre a punição das faltas atuais?](#)

Não; já dissemos: são provas impostas por Deus, ou que vós mesmos escolhestes como espíritos, antes de encarnardes, para expiação das faltas cometidas em outra existência, porque jamais fica impune a infração das leis de Deus e, sobretudo, da lei de justiça. Se não for punida nesta existência, sê-lo-á necessariamente noutra. Eis porque um, que vos parece justo, muitas vezes sofre. É a punição do seu passado.



## 06. Por enquanto

*O verdadeiro homem de bem... Sabe que todas as vicissitudes da vida, todas as dores, todas as decepções são provas ou expiações e as aceita sem murmurar.*

*O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XVII, item 3.*

Na vida, às vezes, amadurecemos forçadamente. As circunstâncias nos impelem a crescer, no rosto continuamos imaturos, mas vamos criando uma casca – uma proteção que, se não nos torna amargos, torna-nos mais conscientes. Esta é uma das maneiras de crescermos como seres humanos; muitas vezes só crescemos porque sofremos. Se muitas vidas nos servem para aprender, com certeza, as dores nos servem para evoluir. O outro jeito de crescer é fazer uso da vontade. Podemos evoluir por vontade própria, buscando mais humanidade dentro do coração, não nos acovardando diante das próprias viciações, combatendo a inércia, a preguiça de evoluir. Estranhei muito ter de me fazer de forte quando...

...tudo mudou e eu não era mais a criança da casa, era uma mulher casada e desprezada pelo marido e não sabia bem como me comportar. Eu tinha um marido aos dezessete anos. Morava em outra fazenda, vivia entre soluços e uma estranha solidão que me fazia angustiada todas as noites. Meus parentes não me apoiaram muito em minha adolescência, mas havia os conselhos de Mina para me acalmar e o meu professor para inspirar minhas atitudes. Ali em Castelnuovo eu me sentia completamente sozinha. Eu agia como um fantoche de mim mesma, sem brilho, sem vontade, sem entusiasmo. Cumprindo ordens, fazendo o que meu pai queria, depois o que meu marido queria. Era estranho e não me lembro bem o que se passou, tudo nublado como num sonho, eu não conseguia pensar direito, nem mesmo me revoltar ou pensar em fugir. Ia vivendo sem vontade de viver, como uma boneca de pano, um enfeite, um objeto a mais para aquela fazenda, encostada a um cantinho, enchendo de poeira. Sem liberdade de ir e vir, receber amigos, cartas, estudar ou me tornar o que eu queria ser.

Não sei como se passaram seis meses depois do meu casamento em que eu vivia com medo de morrer pelas mãos do meu próprio marido. O medo era tanto que

eu tive uma certa “paralisia comportamental”, fiquei sem ação. Seis meses e eu no mesmo sonambulismo! Quem diria que eu poderia aguentar tanto tempo longe de minha família, longe de minha vida antiga, das pessoas que mais amava! Tinha poucas notícias de meus familiares, mas soube que o professor voltou à nossa fazenda pouco tempo depois. Sua mãe tinha se restabelecido e ele, contraíra novas dívidas para o tratamento. Indaguei à minha mãe e ela respondeu duas semanas depois (mas só recebi dois meses depois) dizendo que ele continuava lecionando para minhas irmãs, pois precisava custear agora, alguns remédios de sua mãe. Tudo na mesma na vida dos barões de S... a fazenda Paraíso, onde morava minha família e de onde, raramente, obtinha uma carta.

Minha vida, apesar de solitária, não era nada conforme eu esperava ou fazia ideia quando solteira. Pensava que conviver com meu marido seria impossível, mas tínhamos aversão recíproca que ficou evidente depois da noite de “núpcias” e ele não me importunava, mas proibia que eu visitasse minha mãe ou qualquer outra pessoa. Ele interceptava e lia todas as cartas que chegavam ou saíam... e eu vivia sozinha e isolada em meu quarto, naquela imensa fazenda. A solidão era o que eu estranhava mais. Eu era mais uma prisioneira do que uma esposa.

O tempo foi passando e fui descobrindo como estava triste, de uma melancolia que não me dava prazer nem de me levantar pela manhã. Eu me perguntava para que iria me levantar se não havia com quem conversar, se não poderia ler ou estudar? A parte mais difícil para mim era fechar a boca ou quem sabe também os olhos para tudo ao meu redor. Fazer papel de estátua de mármore ou gelo...

José Maria era grosso, mal-educado e violento com todos, menos comigo a quem ignorava por completo. Não me dirigia a palavra. Não queria nem me ver e deixava isso bem claro. Eu corria sérios riscos se saísse de minha zona de conforto: meu quarto. Ele não me importunava lá e como não tínhamos nada em comum, vivíamos isolados como dois desconhecidos. Eu agradecia a Deus por isso.

Nossa noite de núpcias foi dramática. Minha mãe tinha alertado sobre a entrevista particular que eu deveria conceder a ele. Fui para o quarto chorando, e armei-me de um pequeno punhal que era presente de meu pai. Pus sob o travesseiro e aguardei meu marido entrar nos reposteiros.

Para minha maior surpresa, ele entrou, ainda usando as roupas de costume, subiu

de botas no lençol, onde deveríamos dormir. Como já estava muito tensa, comecei a gritar que não queria vê-lo ali. Ele explicou em seu sorriso cínico:

– Grite bastante, Milena, não há ninguém para salvar-lhe. Estou na minha casa, na minha cama, faço o que quero... não devo satisfações de minhas atitudes.

Mentalmente, articulei um plano: se ele me tocasse eu o cortaria com a faca. Não queria matá-lo, porque sabia ser ato contrário às leis de Deus, mas não me submeteria sem esforço.

Ele se deitou, desfez a cama toda se esticando como um gato, depois se sentou sobre os joelhos numa das bordas, segurando suavemente o dossel e me olhou com a mesma expressão de empáfia com que sempre me olhava, como se eu fosse um objeto, um enfeite que combinasse com a decoração do quarto. Eu corri uma das mãos pelo travesseiro me certificando de minha defesa e ele falou:

– Está procurando por isso?

Vi meu punhal nas mãos dele, enquanto ele atirava longe com estrondo pelo quarto, dizendo com voz de ironia:

– Não vai precisar me matar hoje, minha queridinha. Não foi para isso que viemos aqui, não é mesmo?

– Para que viemos, José Maria?

Como ele vinha para cima de mim, desci pelo outro lado da cama e saí correndo pelo quarto, atrás de meu punhal, que estava a metros de distância. Pelo caminho, esbarrei com o braço em um jogo de jarra e bacia de louça, para lavar o rosto, que estava sobre uma cômoda e derrubei tudo ao chão. Os objetos finos se desmancharam em vários pedaços e não pude passar, senão me cortaria. Ele vinha logo atrás de mim, com suas botas fazendo estrondo pela tábua corrida, rindo e dizendo:

– Agora está ficando mais interessante, sim, vamos quebrar tudo, para que os escravos pensem que estamos loucos de amor!!!

Ele me segurou sem esforço, torceu meu braço para trás deixando marcas de suas unhas sujas nos meus pulsos, mas, para o meu alívio, ele começou a falar sobre estranhas regras de convivência.

Um dramático encontro de recomendações foi a nossa primeira noite juntos. Pelo que entendi, se tudo desse certo, dormiríamos juntos naquela noite, mas depois seria eu no meu quarto e ele no dele. Fingiríamos para o meu sogro. Eu não poderia comentar nada sobre isso com ninguém, ou ele me mataria.

Fiquei meio atônita com aquela declaração, não haveria contato físico como minha mãe tinha me explicado? Não viveríamos um casamento e sim uma farsa? Lembro-me de ter adorado aquela situação de imediato, depois fiquei pensando qual seria o meu papel naquele drama, se não seria o de esposa?

Ele soltou meu braço depois de falar, arregalando bem os olhos e explicitando a última parte, dizendo que não hesitaria em simular um acidente qualquer na fazenda, que tiraria a minha vida.

Depois que ele disse isso, respondi:

– Seria uma boa ideia perder a vida, se não tenho liberdade, não amo o senhor e não tenho perspectivas futuras...

– Queridinha, você só tem de me dar um herdeiro, depois pode mesmo morrer que não me importo.

Ele me agarrou pela cintura e tentou beijar-me, mas mordi com toda a força de meus dentes, aqueles lábios com cheiro de bebida. Caímos pelo chão, mesmo assim, ele não me largou, ao contrário, apertava meu corpo com violência, deixando marcas roxas por onde seus dedos nodosos passavam e ia comentando sua impressão de desagrado:

– Como você é magra e desajeitada! Que corpo pequeno e fraco, não poderá me dar um bom herdeiro. Terei de esperar que engorde um pouco.

Em pleno desespero, minhas mãos tatearam pelo chão ao redor e encontrei um pedaço da louça quebrada do jarro que acabara de derrubar. Num impulso, passei a lâmina no rosto de José Maria que gemeu de dor, largando-me em seguida.

Ele me xingou, chamou por um escravo para trazer ervas que parassem o sangramento, porque o corte tinha sido profundo. Descia um fio de sangue pela sua roupa elegante e amarrotada pela nossa luta. Enquanto eles não voltavam com o que pediu, ele me esbofeteou e chutou, depois disse com a mesma expressão de revolta, agora também de dor:

– Desgraçada, marcou meu rosto para sempre, nunca mais quero olhar para sua cara. Tenho nojo de mulheres! Se falar algo sobre o que houve aqui eu juro que a matarei.

Ele mandou que eu saísse de seu quarto, deixando explícita a parte sobre os comentários. Na verdade, não havia nem com quem conversar, porque não tinha conhecido ninguém, nem sabia o nome dos escravos ainda.

Algum tempo depois, entendi que ele fingia para o meu sogro que estávamos em lua de mel e que nos amávamos tentando providenciar o tal herdeiro. Isso apenas em alguns dias da semana em que o velho barão se dignava a fazer alguma refeição conosco na sala de jantar. Foram os meses mais difíceis. Quando ele morreu, José Maria me liberou da encenação e disse que eu poderia agir como bem entendesse desde que não deixasse a fazenda ou não comentasse nada de nossa vida íntima. Eu era apenas uma criança mal saída da casa dos pais, não podia bem entender o que seria a vida de um casal. Entendi que seria prisioneira do meu quarto. Engoliria as lágrimas, os gritos de revolta e o amor de Augustus que me sufocava o peito.

Eu ficava imaginando as exigências que o pai dele tinha feito para fazer com que ele se casasse. Certamente, ele tinha estabelecido em testamento a minha permanência na casa, caso contrário, eu já teria sido despejada – quem sabe ele não me devolveria para os meus pais?

Uma vez, escrevi uma carta a Augustus, mas a rasguei. Pensar que meu marido, o barão Castelnuovo ou Leôncio, o capataz da fazenda, poderiam lê-la me deixava enjoada. Cogitei em tramar um sistema de correio entre as criadas, mas nenhuma da fazenda de José Maria, até então, se mostrara simpática por medo de Leôncio e nem eu tinha notícia de Mina. Ela que prometera não me abandonar.

O pai de meu marido veio a falecer alguns meses depois de nosso casamento. Durante este difícil começo, onde eu estranhava tudo, vivenciei uma oportunidade que eu não consegui aproveitar ou que aproveitei muito pouco. O dia em que o meu sogro morreu, foi a chance que tive de ver meus familiares e Augustus e quando eu poderia ter revelado minha posição de esposa de mentira. Eu não entendia bem a condição de prisioneira que vivia, pensava que após a morte de meu sogro, tudo se resolveria de outra maneira. Pensava que nós cumpríamos apenas as aparências para o meu sogro e, com a morte dele, minhas

cartas e visitas seriam liberadas, mas me enganei. Também tinha muito medo de que ele pudesse mandar Leôncio me matar, se tentasse contrariá-lo. Sem saber como agir, eu fingia o que tinha combinado.

Meu marido organizou o funeral de seu pai. Seria velado na capela da fazenda e depois o esquife seguiria ao cemitério numa área afastada do terreno, onde havia um mausoléu da família Castelnovo. Ali estavam enterrados os avós e a mãe de José Maria, a baronesa Therezinha Maria, cujo retrato encimava a sepultura. Muitas pessoas viriam em solidariedade, principalmente, minha família – o que me valeu séria reprimenda. Não falar nada sobre nossa vida de casados.

Tive de ensaiar com ele o que iria falar. Fiquei irritada só por ter de passar algumas horas ao seu lado ensaiando. Ele me causava irritação na pele quando me tocava e era o que acontecia constantemente. As mãozinhas gordas e suadas me seguravam as articulações do cotovelo. Ele falava tão perto de mim que podia sentir seu cheiro insuportável, mistura de algum perfume com a forte bebida alcoólica.

Parecia que ele queria dar mostras de que éramos um feliz casal em lua de mel, pego de surpresa pela adversidade da morte. Sentamos na grande cama de casal do quarto dele, quando ele principiou:

– Para quem perguntar, minha querida, – ele, então, ria muito com ar de deboche, depois continuava – dormimos juntos neste quarto. Tomamos nossas refeições sempre às nove horas. Saio para percorrer a fazenda e regresso à hora do almoço. Diga que os encargos de cozinha e casa ficam a seu critério e não ao meu. Sobre a demora nas correspondências, diga que não tem muito tempo para respondê-las, porque está tecendo o enxoval de nosso filho.

Estranhei o que ele disse. Pensei que tivesse dito que nunca mais queria olhar na minha cara. Como queria um filho? Não pude contrapor e, quando fiz uma cara de desgosto, Leôncio entrou no quarto, sem bater à porta. José Maria sorriu, e, como se tivesse lembrado na última hora, recomendou:

– Não fale nada sobre Leôncio entrar e sair daqui da casa, nem sobre as refeições que ele faz comigo. E... ah!

Desta vez, ele olhou comprometedoramente para Leôncio, enquanto falava:

– Se algum dos seus parentes resolver ficar e tiver de passar a noite, teremos de

dormir realmente juntos, portanto, não convide ninguém. Não invente comidas, jogos ou passeios com eles. Você agora é minha esposa e não gosto que tenha outras companhias ou divertimentos sem me incluir. Lembre-se!

Engoli em seco. Esta era a senha, teria de mandar meus parentes embora logo após o enterro. Então, ele encerrou o assunto e recebi permissão para me retirar.

As visitas chegariam, pois tínhamos de velar o morto.

Para me lembrar dos tempos de solteira, coloquei o camafeu que minha mãe me tinha dado de presente, no ano anterior. Era uma peça bonita e eu me furtaria de justificativas sobre joias que meu marido não me dera pelo casamento. Era também a única que Augustus tinha reparado, quando usei em uma de suas aulas e ele tinha dito que ficava bem em mim, contrastando com minha pele branca.

As horas foram passando na morosidade de sempre e nada de meus parentes chegarem. Os escravos organizaram a pequena capela com os bancos nas laterais, de modo que o corpo ficou no centro, de frente para o altar. Entrei com algumas escravas que tinham ordens para me vigiar.

As santas do altar, que tinham um olhar sereno como se nada vissem, e aquela cruz no meio, com Jesus sofrendo me incomodavam muito. Eu ficava perguntando por que lembrar o seu sofrimento? Sentei próxima ao altar numa posição em que poderia ver a todos e os que quisessem me achariam facilmente para os cumprimentos.

Meus parentes chegaram e com eles, como era de se esperar, meu professor. Como foi bom revê-lo em carne, osso e charme. Bem ao alcance dos meus olhos. Quando não podemos ter, mas podemos pelo menos admirar, já é um fator de alegria.

Abracei a minha mãe com sentida saudade, cumprimentei meu pai com respeito, mas meu coração se descompassou e meu rosto se iluminou denunciando minha preferência – Augustus.

Depois de breves momentos com minha família, outras pessoas chegaram e os chamaram até que eles se dispersaram pela capela, olhando o morto e conversando com os serviçais. Meu marido ainda não estava ali, tinha ficado na casa grande.

Augustus viu a oportunidade de se aproximar, sorriu para mim de uma maneira charmosa que só ele sabia, tomou minha mão e a beijou demoradamente exclamando palavras de pesar e conforto. Depois, se sentou ao meu lado, puxando conversa. Eu sabia que nossos momentos eram breves, até que alguém se interpusesse em nosso assunto e procurei uma chance para reafirmar a ele que nada tinha mudado em meu coração. Não podia dar mais detalhes de minha vida, mas queria dar uma ideia de minha situação. Se pudéssemos ao menos nos corresponder...

– Senhora baronesa de Castelnuovo, quanta honra em revê-la. Sinto muito pela sua perda e de seu marido, mas tenho certeza de que o falecido está com Deus – ele começou respeitoso e respondi:

– Meu caro professor, soube de sua mãe e fiquei feliz que tenha se recuperado. Queria ir conversar com o senhor na propriedade de papai, mas os afazeres da administração daqui de casa me prendem.

Ele fez olhar incrédulo e surpreso, duvidando com a expressão do rosto, mas concordando com ligeiro gesto de cabeça. Não pude me furtar de sorrir e ele me segredou virando o rosto para mim e fingindo ajeitar as mangas do casaco.

– Estava esperando um sorriso seu, Milena, não consigo imaginá-la como uma senhora casada. Sorrindo assim, volta a parecer com a mocinha para quem dei aula. Passaram-se uns meses apenas, mas parece uma eternidade. Prefiro me lembrar de seus atrevimentos e desobediências a ter de pensar que você é submissa a um marido.

O comentário que ele fez denunciava que não tinha esquecido nossa intimidade. Gostei de ouvi-lo, mas ao mesmo tempo me lembrei de minha situação e do sigilo em torno do que não poderia deixar escapar. Não podia me revoltar ali, nem me atrever a nada, pois tinha certeza de que o barão não hesitaria em mandar me matar, eu o tinha enfrentado, mas sentia medo.

Talvez por pensar numa forma de revelar o que sentia discretamente, demorei a responder e isso deixou Augustus na dúvida quanto ao resgate de certa intimidade que desfrutávamos como amigos. Era eu quem tinha de dar abertura a ele, mas ao contrário disso, me fechei por me lembrar das recomendações de meu marido, que entrava na capela naquele momento. Ele me viu conversando com o professor.

Corei denunciando que fazia algo que ele condenaria, talvez por medo, e tudo se complicou. Augustus fez menção de se retirar encabulado diante do meu silêncio e José Maria me fulminou com o olhar reprovando minha atitude, mesmo de longe.

Segurei-o sutilmente pela manga do casaco, deixando o professor numa posição que se interpunha entre mim e meu marido. Se José Maria não podia ver meu rosto, não poderia me julgar e então exclamei ainda tímida, quase num sussurro.

– Ah, professor, só o senhor para me fazer sorrir assim espontaneamente, numa situação dessas. Lembrou-me o dia em que estávamos nos jardins da fazenda de papai e líamos José de Alencar, sob os ramos de alguns hibiscos brancos.

Ele fez uma expressão de contentamento, pois que se lembrou do dia e do assunto que tínhamos conversado. Nunca tinha pensado que poderia afetá-lo daquela maneira a referência que fiz, ainda que maquiada pelo discurso, da tarde em que trocamos confidências e ele me dera uma flor branca. Porém, logo ele se recompôs e respondeu:

– Senhora, nossa situação é totalmente diversa. Não sou mais seu professor, e a senhora, embora ainda jovem, não é mais a mocinha deslumbrada e adolescente.

José Maria se aproximava com o cenho franzido de raiva, mas as pessoas o retinham para cumprimentá-lo e isso nos deu um tempo extra. O murmurinho característico de rezas e conversas dava-nos também certa privacidade inesperada, à exceção de algumas escravas que estavam bem próximas, mas que não entenderiam as referências veladas que fazíamos.

– Não sou mais uma criança, se é o que quer dizer, senhor, fui forçada a amadurecer. Sou casada contra a minha vontade e meus sentimentos continuam os mesmos, e quanto à minha indignação diante do que não posso mudar, também continua a mesma, só trocou o agente. Antes meu pai, hoje meu marido.

A situação toda de minha prisão ali, da proibição de meu marido de ver mesmo que fosse minha mãe, me encheu de indignação. Rapidamente, meu estado de alma se reverteu passando do sorriso ao choro. Corri os dedos pelos olhos para refrear algumas lágrimas que insistiam em cair. Augustus me ofereceu um lenço e o toque dele, solícito, muito masculino, me fez estremecer. O olhar quente dele encheu minha alma de vida, dando-me ânimo e vontade de viver, de sair dali, de acompanhar meus familiares, de voltar ao mundo. Ele compreendeu minha dor,

minha distância de todos de maneira imposta e disse quase sussurrando:

– Milena, seu casamento não é tolerável?

As lágrimas desceram de forma abundante, como era de se esperar num velório, mas não diziam respeito ao morto, nem a meu marido absolutamente, só diziam respeito à contrariedade em que vivia. Respondi, também em sussurro:

– Que casamento, Augustus? Aqui sou só uma hóspede indesejada. Ele nem olha para mim, vivemos separados.

Não sei o que meu professor pôde entender de minha declaração velada, de meu pedido de socorro contido. Eu precisaria de mais tempo para explicar o que vivia ali, mas não tínhamos como conversar mais.

José Maria nos alcançou minutos depois. Não sei dizer o que ele ouviu. Só sei que colocou o braço sobre minha cintura apertando-me de encontro a ele de maneira que entendi que tinha percebido minha preferência por Augustus. Enquanto cumprimentava meu professor, dizendo não se lembrar de quem ele era, segurou-me pelo braço, com sua mão suada e roliça, causando-me arrepios de asco. Não entendia o que ele queria mostrar com aquilo. Ele não gostava de mim, não me queria como esposa. As aparências que tentava manter prescindiam de gestos como aqueles, em público, como se fôssemos apaixonados. Todos ali sabiam que não o éramos.

Augustus se continha visivelmente, observando a atenção descompensada de meu marido, em contraste com meu rosto enojado e meu corpo retraído de medo. As mãos nodosas e sujas dele seguravam as minhas, após ordenar que tirasse as luvas. Sob pretexto de ajeitar algumas madeixas de meus cabelos, ele “se deixava maravilhar por mim” passando os dedos em meu rosto para enxugar supostas lágrimas, dizendo para não chorar que poderia macular aquela bela expressão. Outra hora, olhava de forma provocante para mim. Minha mãe, que talvez fosse a mais moralista de todos os presentes, incomodou-se com a indiscrição de José Maria e veio em meu socorro dizendo que se eu estava chorando poderia tomar um pouco de ar do lado de fora.

Segui de braço dado com ela de bom grado, demos uma volta pela capela cumprimentando alguns vizinhos que vieram para as exéquias e parando para que eu recebesse as condolências. Duas escravas nos acompanhavam, na certa para escutarem o teor de nossa conversa. Sinhá Francisca tentou me consolar

dizendo que nos primeiros anos de casamento, os maridos ficam muito enciumados se a esposa conversa com outros homens. Que eu deveria evitar Augustus. Aquiesci para não contrariá-la. Ela não fazia ideia do que ia no meu íntimo, muito menos eu poderia lhe contar. Não havia tempo, ela não seria discreta e, provavelmente, daria razão ao meu algoz. Depois ela me perguntou sobre a cicatriz que marcava o rosto de José Maria. Eu disse que tinha sido um acidente e não dei muitos detalhes. A conversa se findou.

Quando voltamos à capela, ela se interpôs entre mim e meu marido, deixando-o meio sem graça em pedir para trocar de lugar. Com olhar de raiva, ele puxou outro assunto indiscreto e que não lhe dizia respeito, só para me contrariar:

– Caro sogro, vejo que o professor Augustus agora é parte da família. Toma confidências das suas filhas como se fosse um padre. Eu o vi conversando com Milena aqui na capela antes de entrar.

Todos riram do que pareceu ciúme ou despeito, menos Augustus que permaneceu altivo e sério. Tinha entendido que o barão não gostara de sua conversa comigo. Ele tentou dizer que apenas dava suas condolências, quando foi interrompido por meu marido mais uma vez. O clima entre os dois estava difícil, José Maria parecia ter perdido o equilíbrio quando o sobrepôs falando alto, pouco educado:

– Por que não casamos Augustus com alguma criada da fazenda? Sua governanta Clair me parece um bom partido para ele. Um homem assim solteiro não pode viver bem. É preciso casar para compreender, meu falecido pai tinha razão.

Repetiu a última frase por três vezes, como se estivesse muito bêbado ou se lamentasse da morte do pai.

O barão de S... olhou para Augustus, que pareceu engasgar levemente. Como poderia desprezar o conselho de seu genro, que parecia morrendo de ciúmes, querendo se vingar, querendo deixar o professor em uma situação difícil. Para contemporarizar, meu pai disse:

– Para mim, o professor é como um amigo da família, poderá permanecer conosco mesmo depois que minha última menina se casar. Ele educa minhas filhas com muita dedicação e, com certeza, como já viajou o mundo, deverá ter uma noiva em algum lugar. Se ele quisesse se casar com alguém da fazenda eu não me oporia, mas acho que esse tipo de pedido parte do noivo.

Todos olharam para Augustus, que também se desculpou:

– Estou apenas pagando minha dívida pela assistência à minha mãe. Depois pretendo retornar à capital, refazer minha vida... quanto à noiva, não a tenho em lugar nenhum.

O padre Ignácio entrou na capela e as pessoas, que não ouviam a conversa, puxaram uma ladainha que findou com qualquer murmúrio. Dom Ignácio principiou a falar e Leôncio entrou sorrateiramente pela portinha lateral, enquanto José Maria se levantava para cantar. Uma missa, cansativamente longa, foi rezada com o corpo presente. Depois, o esquife seguiria para o cemitério. Em pouco tempo, meus parentes teriam de ir embora. Eu estaria novamente só, dependendo do que ele tinha entendido que contei sobre nossa vida. Seria morta? Espancada em virtude de minha indiscrição com Augustus?

Por medo do que viria, sugeri um chá a minha família. Isso rendeu mais meia hora sob os olhares reprovativos de meu marido. Entramos na fazenda, tomamos o chá, mas todos perceberam que ele não estava gostando e logo pretextaram afazeres para se retirarem.

Tudo se seguiu rapidamente, mamãe subiu na carruagem, papai bateu no meu ombro, Augustus tomou minha mão com o máximo respeito e olhar contido. O que mais eu esperava que ele fizesse depois da demonstração de ciúme de meu marido? Ele disse entre os dentes:

– Você tem lido o livro que lhe dei?

Entre o pavor e a irritação, localizei em minha mente o livro proibido. Não o tinha trazido comigo. Talvez nunca mais pudesse ler um livro daqueles. Não deu tempo para responder nada, apenas acenei que não, com deferência.

\*\*\*

Naquele dia, depois que constatei que tinha perdido grande chance de falar ao meu pai, descobri que Leôncio agora viria morar no quarto de meu falecido sogro. Um serviçal dentro de casa? Mais indignada e surpresa eu fiquei quando

ouvi comentários entre os escravos e depois me certifiquei de que o capataz brutamontes teria regalias, seria servido por um escravo particular, coisa que eu não tinha. José Maria me chamou em seu quarto novamente e fiquei apreensiva, com medo de que ele viesse cobrar minhas palavras e atitudes daquela tarde. Com raiva daquela situação, ouvi o que ele disse:

– Queridinha! – ele disse debochando e rindo de mim, tocando meu braço novamente por saber que me contrariava e continuou – Leôncio vai morar conosco aqui no quarto que foi de papai. Uma palavra sobre isso a quem quer que seja e darei um jeito para que não fale mais.

Estremeci. Ele era bem capaz de querer cortar a minha língua ou algo parecido. Quando ia me retirar ele continuou:

– Vou me certificar para que seu professorzinho se case com a mais baixa das escravas... Não gostei nada do modo como ele olha para mim, como se me reprovasse. Ele não tem nada conosco, muito menos com você. Esqueça-o. Nada de cartas para ele, saberei interceptar. Aliás, o que vocês conversaram? Ele me pareceu tão patético incomodado com meu comportamento de marido ciumento... – ele riu, uma gargalhada desafinada e histérica.

O ódio encheu meu peito, as lágrimas voltaram a rolar em meu rosto. Não sei o que mais o felicitava – minha impotência ou a minha fragilidade. Puxei meu braço, oferecendo alguma resistência e exclamei:

– Não me quer como esposa... Por que não me liberta desta farsa? Por que não me deixa ao menos ver meus amigos, familiares... Não sou sua escrava, converso com quem bem entendo.

Ele respondeu com desprezo:

– Tenho planos para a senhora no futuro. Pode ir agora.

Chorei aquela noite toda e as demais durante uma semana, perdendo mesmo a vontade de viver. Ninguém deu mostras de estar tocado com meu choro. Então, acordei uma manhã e resolvi mudar. Eu não iria ficar chorando por meia dúzia de desaforos que tinha ouvido. Precisava pensar numa saída, deveria haver. Só então parei de chorar e comecei a articular um plano para minha vida. Nem que eu tivesse de fugir.

Depois daquela desagradável conversa com meu marido, quando vi que mesmo com meu sogro morto nada mudaria, me dei conta de que tinha perdido a oportunidade de revelar ao barão João Carlos, meu pai, sobre a situação de prisioneira em que eu vivia ali. Se falasse, será que meu pai tomaria alguma providência? Não sabia quando teria outra chance de vê-los ou desculpa para que viessem a minha casa. Fiquei ainda pensando quais seriam as ideias de meu marido que me incluíam em seu futuro? O que eu tinha ainda que aturar dele?

Minha vida voltou à monotonia solitária de sempre. Tudo o que eu fazia era esperar pela libertação sem esperança de mudar. O que eu poderia fazer? Como eu poderia encontrar uma saída para o problema? Se eu chorasse, se lamentasse, ninguém ficaria sabendo. A minha própria consciência aprisionada ali estava em silêncio, sem motivações para crescer, para descobrir, para ousar.

Perdia-me em orações, que se tornavam grandes lamentações e expressões de minha revolta e pouca aceitação. Raramente, conseguia agradecer por estar viva, por poder pensar, por ser perfeita... quando conseguia sair de meus problemas, sentia que tudo ao redor se modificava. Sentia-me amparada e protegida. Talvez, por ter essa percepção de que meu mundo mental mudava quando eu orava, consegui equilibrar melhor os meus dias preenchendo-os de orações que evoluíam para um estado de paz interior e de maior tranquilidade.

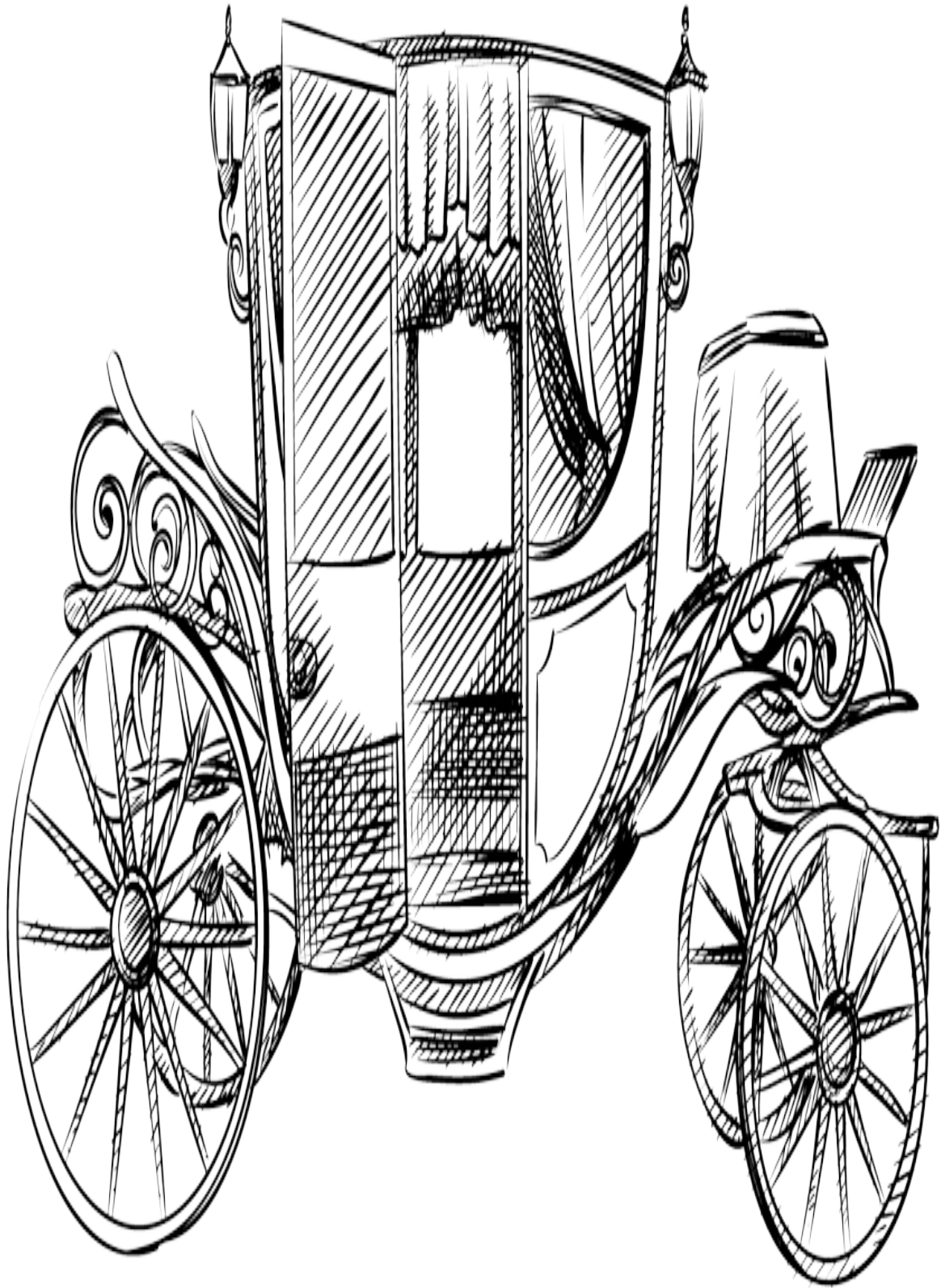
Quando cansei de chorar e de me revoltar, porque percebi que não adiantaria, resolvi cuidar de mim. Esse tempo de recolhimento foi bom para que eu crescesse. Eu era muito imatura, em parte pela própria idade, em parte pelas facilidades de minha vida de filha de família abastada. Fui aprendendo a me conhecer por dentro na reflexão que o silêncio proporcionava. Se não tinha os conselhos de Mina, nem a sensatez do professor Augustus, tinha minhas intuições e conclusões. Descobri que eu precisava abrir meu coração, sair de mim mesma e que precisava mudar aquela situação. Eu era inteligente e tinha estudado com um grande professor.

Livros... se não tinha aquele livro poderia pesquisar em outros. Sim, eram de grande valia. O professor tinha dado uma grande pista para preencher o meu tempo com algo útil. Nunca tinha visto livros na fazenda Castelnuovo, mas haveria de ter. Os antepassados de José Maria deveriam ler alguma coisa. Teria de descobrir.

Depois desse tempo de silêncio, resolvi que a cumplicidade e companhia de uma

escrava poderiam ser de grande utilidade. Eu precisava de alguém que fosse tão companheira como Mina. Poderia solicitar uma mucama que soubesse dos segredos daquela família, daquela casa. Assim fiz, calei meus sentimentos e a voz que gritava por liberdade e passei a prestar atenção àquelas criaturas de Deus que viviam e serviam ao meu redor sem serem notadas: as escravas – em pior situação do que a minha, porque eram obrigadas a trabalhar no serviço duro das fazendas. Observei Lenita e Joelma que trabalhavam dentro da casa grande. A primeira, tinha olhos amendoados e a pele num bonito tom de marrom. Trazia sempre um lenço branco na cabeça, exatamente como Mina costumava fazer. A segunda, era bem negra, tinha traços muito feios, mas era simpática e solícita ao extremo.

Por pura falta do que ler, passei a interessar-me por jornais que chegavam mensalmente e vi que a situação dos escravos no Brasil era mesmo uma questão de tempo. Já havia a Lei do Ventre Livre e a Lei do Sexagenário, eu esperava e torcia para que os outros também tivessem, de uma hora para outra, garantida sua liberdade.



## 07. Planos

*Inspiração divina, a fé desperta todos os instintos nobres que encaminham o homem para o bem. É a base da regeneração.*

*O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XIX, item 11.*

Assim, o ano se passou naquele silêncio de todos ao meu redor. Tinha solicitado a mucama para serviços de quarto, mas não obtive resposta. Fui por mim mesma sondando se havia alguém disponível, aproximando-me aos poucos delas. Descobri que havia uma dezena de negras cuidando dos afazeres da cozinha e da casa – estranho que não tivesse uma que pudesse ser minha escrava de quarto. A que eu mais me simpatizava era mesmo a Lenita, era esperta e falava pouco, mas prestava muita atenção. Como tinha todos os meus desejos desprezados por meu marido, comecei a pensar que nunca sairia daquela situação. Eu constatei a urgência de um plano de ação, algo que eu não estava enxergando e que tinha certeza de estar em algum lugar. Tinha de haver uma solução e viria dos escravos.

Se eu conquistasse a confiança de Lenita e se ela concordasse em se arriscar por mim, poderia tentar algum contato com Augustus, sem que minhas cartas fossem lidas. Comecei a conversar mais com ela, sempre que possível. Chamava-a sem que fosse preciso, perguntava sobre coisas antigas, pessoas que haviam morado ali, locais ainda não explorados. A primeira coisa de que me lembro ter perguntado foi se ali não havia mesmo uma biblioteca. Ela não soube responder, somente que nunca tinha entrado em uma para limpar. Fiquei triste ao saber disso. Havia mais de um ano que nem ler eu podia!

Percebi que alguma coisa começou a mudar, quando, numa tarde, escutei uma conversa de vozes alteradas. Eu estava tomando a refeição na sala de estar. Eu usaria a biblioteca para ficar perto de algum conhecimento e longe de José Maria, mas a fazenda não possuía mesmo uma. Ele mesmo me tinha dito isso no dia anterior. Eu estava limitada a alguns dos meus próprios livros que trouxera no dia das núpcias sem saber que não poderia buscar mais nenhum. Como não

podia sair nem para fazer compras, porque ele cortara também as possibilidades de comprar tecidos para roupas e apetrechos femininos, nem roupa nova eu tinha, muito menos comprar livros. Cada vez mais eu me sentia numa prisão. Resolvi espionar e foi assim que me aventurei pelo corredor como bisbilhoteira naquele dia e fui até o gabinete dele para ouvir um pouco o que se passava.

Era mesmo uma discussão. Leôncio estava no que me pareceu uma crise particular, sofrendo, porque meu marido partiria em viagem por três meses para ultimar alguns negócios. Ele queria ir junto, mas o “fardo” precisava ser dividido pelos dois. Levei um tempo para concluir que o fardo era eu. Depois ouvi outras palavras incompreendidas no contexto, com “herdeiro” e “cumprir o dever”, mas não consegui formar conceito sobre o que estavam falando.

Muito estranho ouvir aquele homem enorme chorando como um bebê porque teria de ficar longe de “Zezinho” – era como ele chamava o barão. Na época, eu não tinha experiência suficiente para compreender bem a cena. Percebi que havia algo muito sutil que eu não seria de fato capaz de entender.

Todos morriam de medo de Leôncio, inclusive eu, e corri para a sala de estar antes que ele abrisse a porta e desse comigo ouvindo o que não deveria. No meu caminho apressado, encontrei Lenita que vinha na direção oposta com uma carta na mão. Embora tivesse ordens para levar toda a correspondência para o escritório, ela me entregou aquela carta. Talvez porque percebeu meu estado meio depressivo ou talvez por odiar Leôncio que batia nelas. O fato é que ela tinha percebido como eu vivia e quis ajudar.

Sorri para ela, confirmando minhas suspeitas; bem poderia encontrar ali a amizade esperada.

Enfiei o envelope pelo decote até que ficou amassado entre as dobras e rendas das roupas íntimas e corri para o meu quarto. Não queria mesmo ver a cara de desprezo de meu marido, ou a carranca de carrasco de Leôncio. Certamente, ele mataria Lenita de pancada se descobrisse uma traição daquelas. Com certeza, era uma carta de Augustus, embora polida e deferente por saber que eu não tinha autonomia ali, poderia conter alguma esperança.

Passei a chave na porta e depois de me sentir segura no meu espaço, abri o envelope, desamassei com as mãos o papel e li a letra caprichada de Augustus:

*Prezada senhora baronesa de Castelnuovo,*

*Espero que a senhora esteja bem de saúde, assim como seu marido.*

*Mais uma vez tento me comunicar com a senhora, mas temo que nossa correspondência esteja sendo extraviada, pois sua mãe consegue sua resposta, embora muito tempo depois, mas eu não consigo.*

*Após aquele dia no funeral de seu sogro, seu pai propôs oficialmente que eu aceitasse Clair como esposa, assim garantindo minha permanência na fazenda, mesmo depois que suas irmãs partissem em destinos como o seu. Tenho ainda muitas dívidas a quitar com seu pai, que me adiantou o dinheiro do tratamento de minha mãe, e, posteriormente, pagou também um enterro digno. Sinto informar que minha mãe veio a falecer logo após o enterro de seu sogro. Tenho agora, então, a oportunidade de quitar minhas dívidas, conforme propôs o seu pai, dando-me de presente de casamento, parte do dinheiro que me adiantou.*

*Como me habituei às nossas conversas e a ponderar suas ideias, assim como ponderou, com cuidado, as minhas, em relação ao seu casamento, gostaria de saber o que a senhora pensa disso, antes de dizer que concordo com o desejo de seu pai, pessoa a quem estimo e não gostaria de contrariar.*

*Sem mais para o momento, despeço-me, cordialmente,*

*Augustus Cezar Andrade Ribas*

*Barão de Calligari*

Li e reli a letra certinha de meu professor, e como eu tinha saudade dele! A data era atrasada. Não era possível que de um lugar tão próximo como a fazenda de meu pai uma carta demorasse tanto a chegar. Tenho certeza de que alguém da fazenda Paraíso tinha conseguido trazer até os pórticos de meu marido. Isso demoraria no máximo algumas horas, mas dali da porteira, Leôncio poderia ter escondido em algum lugar, liberando uma semana, um mês depois, ou mesmo somente depois de lida por José Maria. Tinha que descobrir o que acontecia com as outras cartas. Aquelas que nunca chegavam.

Esperei alguns dias para o meu marido viajar a negócios e comecei a exercer

meu plano de expandir os horizontes, passei a fazer passeios. Eu não podia sair da propriedade, que não compreendia apenas a casa, pois o terreno era enorme. Escolhi Lenita como acompanhante, já que não poderia ir sozinha. Ela conhecia melhor os caminhos e tinha se mostrado amiga, se arriscando por mim. Seria uma boa oportunidade de conversar muito com ela.

Se não poderia ter uma mucama, poderia ter uma escrava de confiança.

Descobri o que acontecia realmente com as cartas. Lenita me contou que algumas que chegavam por mensageiros eram destruídas na porteira mesmo. Outras eram trazidas e avaliadas pelo meu marido. Algumas, de minha mãe, conseguiam passar pela censura. Havia uma gaveta no armário do gabinete cheia de cartas para mim e outras minhas que não foram enviadas. Ela tinha interceptado aquela, que caíra do meio das outras num canto da escrivaninha.

Lenita estava cansada de apanhar de Leôncio e pedia que eu a enviasse a fazenda de meus pais para algum mandado e ela não pretendia voltar... Pedi que ela não me deixasse. Com seu jeito manso, reclamou:

– Sinhá Milena, não suporto esse homem, o seu Leôncio. Parece até que já o conhecia antes, aquela cara de cavalo e a mão peluda que me bate, parece que já me bateu muito antes, que já me acariciou também. Isso me dá arrepios.

– Eu também não, Lenita. Tenho-lhe verdadeiro horror. Acho-o bruto, mal-educado e com índole má. Parecendo sempre querer se aproveitar do próprio tamanho para nos assustar. Olha para mim com expressão de nojo. Quem ele pensa que é?

Nossas conversas não iam muito além dos lamentos aos planos de fuga que articulávamos em conjunto.

Quando Lenita me falava de como era antes de minha chegada eu pensava que estava mais presa do que supunha. Certamente, ajudaria Lenita a fugir na primeira oportunidade. Tinha de ser algo muito bem planejado e não poderia envolver muito as pessoas amadas para que não as comprometesse. Pensava no que tinha acontecido a Augustus – forçado a casar contra a vontade, em represália a simples ciúmes de meu marido. Eu teria de fazer muito melhor do que simplesmente reclamar. Tinha de pensar num plano de fuga que não envolvesse a parte mais importante para José Maria – seus negócios, seus lucros, seu investimento. Teria de ser algo discreto ou ele me perseguiria e me mataria.

A ideia ia tomando forma.

Andando pela propriedade Castelnuovo, eu tentava conhecer a região, procurava um caminho para encontrar alguns dos meus parentes ou escravos...

Numa dessas tardes, chovia. Não pude sair e fiquei presa à fazenda, passei a explorar alguns cômodos onde ninguém entrava. Havia uma sala que sempre estava fechada, tentei sondar, mas ninguém sabia nada sobre aquela sala. Sorrateiramente, chamei Lenita e me esgueirei pelo lado da sala proibida. Forcei a porta que não estava fechada. Ela rangeu um pouco, mas abriu e para minha surpresa era uma sala aconchegante e visivelmente feminina. Logo me deparei com meu paraíso particular, um oásis no deserto em que eu vivia.

A sala era ao estilo florentino, muito bem decorada, com bom gosto e requinte. As cortinas em péssimo estado deixavam entrever o alpendre, por uma porta lateral envidraçada e suja.

Era um cômodo muito bem organizado, aproveitando a mobília antiga, pena estar tão empoeirado. Havia uma mesinha redonda com duas cadeiras estofadas em veludo vermelho, um canapé ao contrário da luz natural, para recostar e ler. Uma das paredes era composta por uma estante, para a minha felicidade, repleta de livros. Imediatamente, conferi os títulos, certificando-me de que estavam em bom estado. O que faziam ali? Abri uma das obras que tomei ao acaso e li um nome que me pareceu ser da mãe de meu marido. Baronesa Therezinha Maria de Fialho Castelnuovo. Na gaveta de um criado mudo havia também uma foto dela, era parecida com José Maria.

Para minha sorte ou para provar que ninguém está desamparado quando tem uma fé, eu orava todos os dias, alguns dos livros eram filosófico-religiosos dentro da doutrina que meu professor tinha tentado me instruir. Autores de quem eu nunca ouvira falar, mas fui percebendo o valor de suas obras quando fui lendo. Camille Flammarion, Arthur Conan Doyle...

Meu coração mostrou que eu estava viva quando procurei pelo livro proibido que eu sabia que poderia estar entre aqueles. Corri os dedos pelas lombadas e fiquei na ponta dos pés para ler os que estavam mais altos, conferindo meu tesouro, desci aos livros que estavam embaixo na prateleira cheia de portinhas. Ansiosa por reconhecer aquele livro em especial e lá estava: a capa verde, as letras douradas...

...um exemplar em francês de O Livro dos Espíritos, que pude ler com facilidade, pois tivera aulas sobre aquele idioma, e lembrar a primeira leitura que eu fizera quando na casa de meu pai. Certamente, que lera com a visão da adolescente, da menina instável que eu era, sem aproveitar os ensinamentos do professor Rivail. Lera tendo o medo por companheiro, por saber que era um livro proibido. Agora tinha outra oportunidade para compreender, lentamente, os ensinamentos ali contidos, outra visão um pouco mais amadurecida.

Lenita limpou a sala às escondidas e passamos a usá-la. As outras escravas não quiseram entrar ali porque afirmaram ser um lugar assombrado. Ri da ignorância delas, mas aquela suspeita ficava ecoando em minha mente, enquanto eu lia os difíceis textos em francês.

Certo dia, Lenita se sentou no batente da porta, tipo balcão, que dava para o alpendre lateral da fazenda, sem se atrever a sentar ao meu lado mesmo que eu insistisse, dizendo que não era postura de um escravo. Eu lia os textos e tentava traduzi-los para ela e para mim, enquanto me acostumava à língua e aos conceitos. O fenômeno da mediunidade aconteceu diante dos meus olhos assustados. Lenita, num impulso, se levantou e assumiu ares de senhora, olhar distinto, porte ereto e vocabulário erudito. Sentou-se do outro lado da mesa e disse enquanto seus olhos estavam indistintamente abertos:

– Chamo-me Therezinha, aqui onde estou não costumamos usar títulos de nobreza, mas fui baronesa nesta fazenda. Não me importo que a senhora leia meus livros, confesso que há muito esperava que meu filho desse um destino útil a eles. Vejo que foi a senhora que se interessou, por favor, aceite-os de presente. Comprei-os em uma viagem que fiz à França, quando estavam sendo lançados pelo professor de Lion. Frequentei a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas em razão da perda de um filho, assim trouxe a novidade para o Brasil e para esta fazenda.

Lenita continuava com ares distintos... Imediatamente, reconheci na fala do espírito, a entidade que teria sido mãe de José Maria e respondi com dificuldade, as palavras tremiam em minha boca. Eu falava com um espírito, mas tentei parecer natural.

– Sou Milena, senhora baronesa Castelnuovo, e confesso que estou encantada com a nova filosofia de seus livros, os quais já tinha lido, mas não tinha dado a devida atenção.

– Eu sei, pois vejo o que acontece nesta fazenda e estou aqui para ajudar com permissão do alto, e se puder ser por meio do conhecimento espírita, melhor. Sei todos esses livros de cor e ainda estudei outros mais completos aqui onde estou. Estou ciente de sua situação, minha filha, e não pense que suas orações não são ouvidas. Pois a sua voz se junta à minha que pede todos os dias pelo abrandamento das intenções de meu filho, que só pensa em vantagens materiais. Entristeço-me e não acho acesso ao coração dele.

Ela fez uma pausa e depois continuou:

– Antes disso, fomos mãe e filha, em tempos difíceis do passado. Fomos incompreendidas em nossa época, que não convém a você se lembrar. Resta o amor que nos uniu na adversidade, num tempo em que as mulheres eram mais respeitadas do que agora. Nesta encarnação aprendi muito e gosto sempre de relembrá-la. Saiba que sempre poderei vir buscar você em sonho para que se lembre de como fomos felizes juntas.

Eu não tinha entendido nem a metade do que ela falava. Também não tive dúvidas de que minhas orações estavam sendo atendidas e quase chorei agradecida, mas não me sentia à vontade diante da baronesa, porque aquele era um fenômeno muito estranho. A voz de Lenita não tinha a característica da escrava que eu conhecia, com os erros e sotaques característicos da pessoa que não fora alfabetizada e sim assumia um teor refinado e culto. Impossível de se duvidar.

A voz da escrava recitou o trecho que eu acabara de ler em francês. Lenita sequer falava bem o português. Como poderia estar pronunciando palavras em língua estrangeira daquela maneira? Era mesmo uma morta que falava? Resolvi que precisava de algumas explicações e que aquela era uma chance de perguntar.

– Oh! Cara baronesa, minha sogra, por favor, comece por explicar como acontece isso de uma escrava falar pela senhora?

Arrisquei-me a perguntar, porque nunca tinha lido nada sobre o processo que presenciava. Talvez ela pudesse orientar meus estudos, se minhas pernas parassem de tremer dentro das saias.

Em princípio, ela hesitou um pouco e depois respondeu tão simples que pude entender.

– Minha proximidade faz com que ela durma e me aproveito desse momento para falar pela boca que não está sendo usada.<sup>5</sup>

Fiz que sim com a cabeça, pensando ainda em como poderia ser isso. Talvez depois que estudasse muito poderia entender. Continuei perguntando:

– A senhora baronesa me desculpe a falta de entendimento, mas preciso perguntar como a senhora pode falar estando morta?

A resposta veio, imediatamente.

– Abra, por obséquio, o livro sobre a mesa e procure a questão 134.

Folheei O Livro dos Espíritos, com dedos trêmulos e li em francês:

“134. O que é a alma?

– Um espírito encarnado.

134. – a) O que era a alma, antes de unir-se ao corpo?

– Espírito.”

A voz de Lenita concluiu com maestria, respondendo ao que eu tinha perguntado:

– Ou se vive como alma ou como espírito. A morte não existe.

Pensei por longos minutos sobre a resposta e nem percebi que a baronesa tinha ido embora. Quando voltei a olhar para a cadeira a minha frente e tirei os olhos do livro, percebi que Lenita estava adormecida debruçada sobre a mesa. Temi acordá-la e esperei um bom tempo, ainda com o que tinha acontecido em mente.

Nem é preciso dizer que passei a frequentar a salinha de minha sogra todos os dias e entre os livros escolhia um para levar para o meu quarto e ler à noite até pegar no sono. Quando terminava minhas excursões pelos recantos da fazenda e ninguém estava por perto, voltava para lá, o meu local predileto.

Eu passeava com Lenita toda tarde, assim que conseguia despistar Leôncio e algumas escravas ciumentas e bisbilhoteiras, voltava para estudar. Muitas vezes,

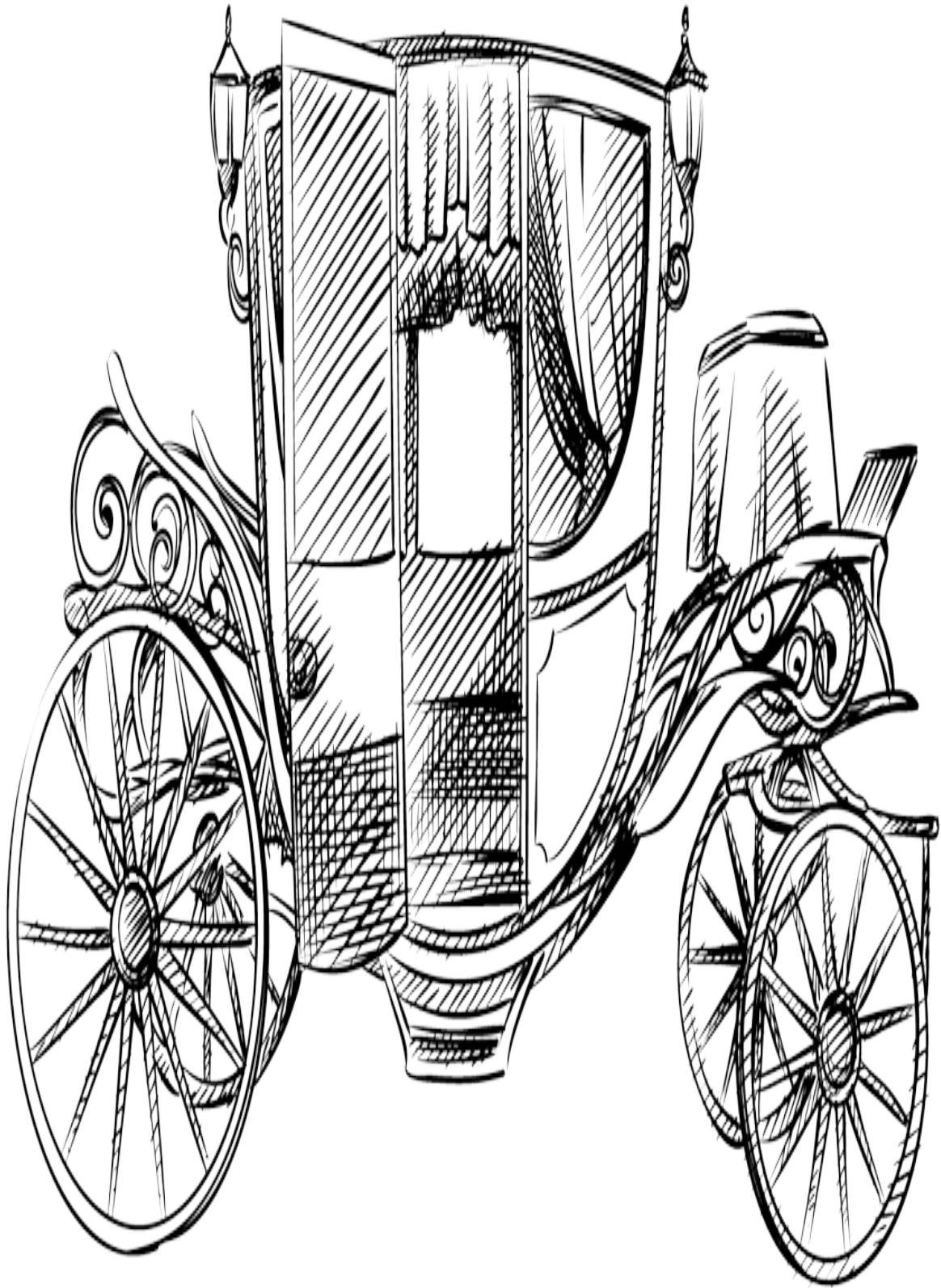
o fenômeno mediúnico acontecia e eu orava agradecida.

Em uma tarde de passeios eu vi, ao longe, o rio que banhava a fazenda Castelnuovo e era o mesmo que chegava até a fazenda de meu pai. Talvez, descendo pela lateral, eu conseguisse chegar às minhas terras de família e conseguisse contar a alguém sobre o meu problema.

Teria de tentar numa manhã bem ensolarada em que ninguém desconfiasse mais dos meus passeios. Mostrei a direção a Lenita e contei a ela os meus planos. Fugiríamos juntas quando houvesse oportunidade. Talvez enquanto José Maria se distraísse com as vendas ou quando Leôncio estivesse ocupado com a colheita e tirasse a atenção de nós. Ficaríamos atentas, ela na cozinha, com ouvidos acurados e eu dentro da casa, escutando atrás das portas.

---

[5 Na verdade, o processo se dá entre o perispírito da médium e do espírito comunicante, mas essas informações não poderiam ser compreendidas ainda pela jovem estudante do espiritismo, então a ideia foi passada de forma mais fácil de ser entendida.](#)



## 08. Descobertas

*Os laços de sangue não estabelecem necessariamente os laços espirituais. O corpo procede do corpo, mas o espírito não procede do espírito, porque este existia antes da formação do corpo.*

*O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XIV, item 8.*

Era madrugada. Um galo começava a cantar e eu despertei em meu leito macio com uma certeza de que havia algo que eu precisava saber. Confesso que não tinha planejado sair do meu quarto no meio da noite para mexer na gaveta do gabinete de meu marido aproveitando sua ausência, mas depois que o fiz, a ideia me pareceu genial.

Caminhei pelo corredor iluminado pela vela do castiçal que carregava. Procurava não esbarrar em nada. Esgueirei-me pela porta do gabinete e pus a vela sobre a escrivaninha. Sentei-me na cadeira e comecei a abrir as gavetas e examinar o conteúdo. Papéis, livros de contabilidade da fazenda, documentos de escravos, notas de vendas. Abria e fechava calmamente, como se estivesse em meus próprios aposentos.

Entre a papelada encontrei um envelope com o testamento do barão Castelnuovo, que falecera. Ele era bem explícito quanto ao casamento do filho antes que ele falecesse. Queria um neto que seria o seu verdadeiro herdeiro... Caso contrário, o filho dele, a quem julgava “muito imaturo” receberia apenas uma parte que circundava a casa grande – eu li as especificações do pequeno terreno – e a outra parte da fazenda seria doada para a igreja na figura de dom Ignácio, da congregação franciscana que edificara um templo não longe de nós.



—

Dobrei, rapidamente, o documento e coloquei de novo dentro da gaveta pensando: “descobri a trama de José Maria”. Essa era a parte do papel que eu ainda teria naquela farsa que vivíamos. Deveria gerar um herdeiro... ter um filho dele que fosse o legítimo herdeiro. Quando ele me quisesse por esposa.

Vi sobre o balcão um jornal dobrado que me chamou a atenção, falava que a princesa Isabel tinha assinado uma lei que libertava os escravos no último dia 13 de maio. A Lei Áurea. Fiquei pensando na gravidade do que acabara de ler. Se era assim, José Maria iria precisar dar essa notícia aos escravos. Seria um rebuliço geral. Como os outros fazendeiros estariam fazendo isso? Problemas do mundo masculino de que agora eu queria fazer parte. Como? Fiquei pensando que essa informação me poderia ser útil, mas não ali, no meio da noite. Com os negros livres, tudo, provavelmente, mudaria. Meu primeiro pensamento foi contar tudo aos escravos, mas contive-me. Se todos se fossem, meu marido me mataria.

Decidi apressar minhas buscas pelas cartas e as encontrei em outro envelope maior. Muitas cartas que nunca tinha visto, endereçadas à baronesa de Castelnuovo. Eram todas minhas que ficaram “esquecidas” em um envelope branco dentro da gaveta. Lenita tinha razão. Como ela descobriu não sei, já que era analfabeta. Talvez tivesse ouvido conversas.

Sobracei minhas correspondências sem esperar que o dia amanhecesse e voltei ao meu quarto para lê-las, chorando pela minha condição.

Havia cartas de minha mãe desde a primeira semana do meu casamento. Assuntos banais, corriqueiros, como doces feitos por Mina de meus frutos preferidos, mas havia também doenças das crianças, meus irmãos, perda de animais preferidos e muitas perspectivas de visitas que, simplesmente, pareceram ignoradas por mim. Chorei muito ao lê-las. Parecia que eu assistia a cenas de minha vida que eu deveria ter vivido.

Não li nenhuma carta de Augustus, com certeza, foram destruídas ainda na porteira. Talvez Lenita soubesse de mais alguma, mas na gaveta havia apenas as

de minha mãe.

Tomei minhas cartas que não foram enviadas e as queimei. Imediatamente, escrevi um pedido de socorro a Augustus ou a quem quer que a lesse e guardei para oportunamente enviar à fazenda Paraíso de alguma forma. Só me esqueci de opinar sobre o casamento dele com Clair – uma ideia absurda. Aliás, a essa época eu tinha mesmo me esquecido disso.

Enxuguei algumas lágrimas de revolta que insistiam em brotar e não consegui dormir mais naquela noite. Minha cabeça ficava rodando diante das conclusões a que cheguei e das graves implicações de tudo que descobri.

Logo que amanheceu ouvi barulhos pela casa e resolvi esconder no grande baú a carta que escrevi a Augustus e ainda não tinha pensado em como poderia enviar. Pedi para me servirem o café da manhã no quarto e quando Lenita veio trazê-lo, disse a ela que iria até as fronteiras das terras do meu pai, em um passeio a cavalo. Poderíamos levar algum lanche e tentar ver minha família. Combinamos que nossa saída seria às nove horas.

Retirei do baú a carta que escrevi a Augustus, agora devidamente lacrada dentro de um envelope, e pedi que ela escondesse em suas vestes. Ela me mostrou um fundo falso no avesso de sua saia. Parecia uma bainha feita com poucos recursos, em sua vestimenta de algodão cru, mas que servia para esconder papéis.

Eu estava até animada com a excursão e fiquei mesmo feliz com a possibilidade de cavalgar, mas não me lembrei de meu carcereiro. Leôncio ouviu rumores de nosso passeio e veio bater à porta do meu quarto. Levei um susto ao vê-lo, pois esperava Lenita. Dei dois passos para trás para que ele entrasse no quarto, pois o vão da porta era do tamanho dele. Acho que ele nunca tinha entrado ali, não comigo ocupando o quarto. Minha mente rápida já inventava uma desculpa, caso ele perguntasse o que eu estivera fazendo no meio da noite, bisbilhotando nos documentos da fazenda, mas não foi por isso que ele entrou em meu quarto. Ele foi dizendo o assunto que o trazia:

– Não é permitido à senhora sair da propriedade. Pode caminhar pela fazenda, mas não use nenhum cavalo ou charrete e não se demore muito.

O olhar dele percorria as minhas coisas sobre o toucador. Ele olhava minhas roupas sobre a cama, ainda desfeita, minha camisola e os restos de meu café da

manhã. Parecia certificar-se de que eu não preparava uma fuga.

Ainda encarando de cima, como se fosse o meu dono, como se tivesse nojo de mim, completou:

– Você não pode levar farnel de merenda ou retirar qualquer objeto da fazenda.

Sobre o criado mudo, ele viu o exemplar de O Livro dos Espíritos e imediatamente tomou-o entre as mãos. Pensei que o perderia, que me seria tomado como tudo mais, mas não. Ele leu a contracapa, com a letra tremida da baronesa mãe de José Maria e como se as palavras da falecida tivessem queimado sua mão, ele deixou que o livro caísse.

– Lendo livros proibidos da falecida baronesa? O patrão não vai gostar... Dizem que aquela sala é assombrada, cuidado.

Ele falou com ironia e continuou me medindo de cima, antes de sair, com ares de senhor da casa, de dono do mundo. Apanhei o livro com cuidado, vendo que a brochura não tinha sido danificada.

Quando saí para o passeio estava com os olhos vermelhos de chorar. Lenita perguntou o que era e eu disse que queria ver a minha mãe. Que tinha lido as cartas e ficado com muita saudade. O que não era de todo mentira, mas minha tristeza era por muito mais do que aquilo, por perceber que minha condição só se agravaria mais com um filho e, depois dele, quem sabe não seria morta? Ou talvez o filho me libertasse.

– Meu coração está apertado, Lenita. Não consigo pensar mais numa saída daqui, numa fuga, numa solução. Parece que estou cumprindo alguma pena – falei enquanto colhia uma flor e reparava que os olhos amendoados dela eram particularmente belos.

Sentamos sob uma frondosa árvore e talvez o frescor do vento tenha amainado a minha indignação, ou a vontade constante por uma liberdade que eu não tinha, tenha tomado conta de meu ser. Olhei a vegetação que crescia inocente nas campinas por onde caminhávamos. Ali naquela terra havia tanta vida livre. Pássaros, insetos e as forças da natureza que se alternavam para garantir o equilíbrio. Chuva e sol, vento e o brilho das estrelas. Aquela era uma época especial, em que o povo negro que habitava o Brasil estava sendo liberto do cativeiro, mas quantos anos ainda viveriam as mulheres prisioneiras?

Encorajei Lenita a me contar a sua história. Tínhamos tempo, Leôncio estava vistoriando a despensa e não sairia de casa naquela tarde. Talvez nem conseguíssemos naquele dia buscar nossa sala-refúgio. Lembrei-me de que ele agora sabia, pelo livro que encontrara no meu quarto e eu não me importava mais que ele pensasse que havia fantasmas ali. Havia sim, meus amigos, que forneciam valiosas informações sobre o plano espiritual.

Voltando o meu olhar para minha nova amiga diante de mim, a escrava que não sabia ainda que era liberta, lembrei-me também de que ela já tinha me confidenciado sobre seus dois filhos que tinham fugido da antiga fazenda. Pretendia encontrá-los algum dia, por isso queria tanto fugir. Pedi que ela falasse deles e ela, suavemente, fechou os olhos, como se estivesse em outro mundo.

– Foi há muito tempo, sinhá, não gosto nem de me lembrar dessa época muito difícil de minha vida – disse, num suspiro de dor.

– Oh! Lenita, se vai trazer lembranças ruins, então esqueça que pedi.

– A sinhá quer saber? Vou contar. Foi há tanto tempo, nem me lembro do rosto deles direito, talvez nem os reconheça hoje, eram tão jovens e já trabalhavam muito pesado. Éramos, de certa forma, felizes porque estávamos juntos. Bom, conheci meu companheiro Anthero na Fazenda Sonho de Esperança, onde nasci e cresci. Pertencíamos aos barões de Boaventura. Com este escravo tive dois filhos grandes e fortes que ainda criança faziam pequenos serviços.

Ela fez uma pausa no que contava, sorriu contraindo levemente o rosto, como se evocasse poucos momentos felizes de seu coração e isso a encorajou a seguir.

– Quando ainda nova, fui trabalhar na casa como mucama da senhora e tinha certas regalias junto aos senhores. Aprendi a costurar e isso mais tarde foi bem útil para minha permanência na fazenda. Eu notava os olhares de seu Romão para as outras escravas da casa, mas a mim, que vivia bem íntima da esposa dele, fazendo a higiene, cuidando das roupas deles, ele respeitava porque tinha medo que eu falasse alguma coisa. A baronesa Boaventura me dava presentes, me ajudava. Éramos amigas, e nos tornamos como irmãs nas dificuldades que ela teve de enfrentar, dentro do possível num mundo onde havia uma escrava e sua senhora.

“Isso foi assim por mais de quinze anos, meus filhos crescidos e com saúde, foram trabalhar. Certa noite, a sinhá Marina teve uma discussão séria com o

marido, ouvíamos os gritos dos dois que se levantaram da mesa de jantar muito exaltados. Ele a chamava de ventre seco e ela chorava ainda mais. Foram para o quarto e nada pudemos fazer. Depois que ele saiu de lá, levei algumas ervas, panos e água morna para limpar as cicatrizes dos maus-tratos. Ela estava machucada e me apiedeí dela e de todas nós mulheres.”

Lenita interrompeu a narrativa novamente, tomando forças para relatar o pior que ainda estava por vir. Eu conhecia bem a sensação de impotência da mulher que se vê agredida dessa forma, mas apenas suspeitava o que seriam os maus-tratos que sinhá Marina recebera. Pensava que seria bom que ela desabafasse. Encorajei-a a continuar. Com ar pensativo, disse:

– Sinhá Marina ficou tão triste dali para diante que contraiu doença ruim dos pulmões e todos diziam que ela não iria sobreviver. Eu sabia que sem ela minha vida ali seria muito mais difícil. Fiquei ao lado dela em seu leito de morte e cuidei com desvelo, mas nada do que fazia tinha valor para o meu patrão que era homem muito ruim. Ele não falava mais com a baronesa, nem entrava no quarto para saber como estava. A coitadinha dependia de nós escravas que a banhávamos, alimentávamos e limpávamos. Quando a sinhá morreu, pedi para ficar com o grupo que tecia o algodão, era um serviço menos cansativo que a lavoura. Meu pedido foi aceito e fiquei feliz por poder desfrutar ainda da casa.

“Seu Romão, o senhor da fazenda, ficou muito estranho depois que a esposa dele morreu. Deu para beber e bater em todos pelo motivo mais corriqueiro. Num dia desses, fui forçada a me deitar com ele. Isso se repetiu muitas vezes, se me negasse, apanhava. Chorei muito antes de contar a Anthero, mesmo sabendo que ele não poderia fazer muito. Tive que contar porque engravidei de um bastardozinho e já não me deitava mais com meu próprio homem, mas só com o seu Romão. Anthero ficou como louco, mas não podia fazer nada. Uma vez, o patrão estava do lado de fora da fazenda, esperando o cavalo para sair, quando os homens voltavam da lavoura com os cestos da colheita. Meu Anthero o olhou com tanto ódio, ficou encarando com expressão tão severa que ele percebeu e mandou açoítá-lo até a morte. Chamei meus dois filhos e, na primeira oportunidade que tive, fugi loucamente da fazenda, como se eles não pudessem me achar. Acharam-nos três dias depois, mortos de fome e escondidos no mato. Tinha perdido a criança que carregava no ventre, com o esforço. Fomos surrados e logo depois vendidos, vim para cá e, quanto a meus filhos, não sei o destino deles.”

Lenita terminou entre soluços a sua triste e resumida história, que fez com que as lágrimas descessem dos meus olhos. Não consegui conter a minha insatisfação diante de tudo que éramos obrigadas a passar por sermos mulheres. Ela, muito mais do que eu, sofria humilhações e apanhava. Num impulso de revolta, resgatando meus conceitos sobre justiça e lembrando intimamente das lições que recebi de meu professor sobre o sistema em que vivíamos e sobre a falência decretada havia alguns anos, contei a ela sobre a Lei Áurea. Falei que a princesa Isabel havia assinado papéis da libertação e com isso todos os negros estavam livres da escravidão, não mais podiam viver presos nem sofrer maus-tratos. Eu tinha lido no jornal naquela madrugada e que as providências para a efetiva mudança de todas as fazendas já deveriam estar sendo implantadas no Brasil.

Ela arregalou os olhos negros que ficaram ainda mais arredondados. Sua boca congelou um grito ou uma expressão estranha, antes um espanto. Ajoelhou aos meus pés agradecendo e eu disse a ela para rezar pela princesa Isabel que era a pessoa que os tinha libertado. Eu só estava dando a notícia.

Não pensei nas proporções de minhas palavras, apenas senti que precisava contar a verdade. Nenhum escravo das redondezas tinha sido avisado sobre a Lei Áurea. Eu não sabia se havia algum tempo para que os fazendeiros fizessem isso ou se haveria algum tipo de fiscalização sobre o assunto. Havia notícias sobre fazendeiros que já estavam contratando outra mão de obra para o trabalho. Isso eu lia nos jornais que José Maria encomendava e que chegavam regularmente, mas não era permitido às mulheres se envolverem nos negócios, então, eu lia para me atualizar apenas.

Certamente, Lenita não iria ficar de boca fechada. Queria ir embora, queria encontrar os filhos e estava muito chateada com os maus-tratos. Assim também eu me sentia e aquela “notícia” iria abalar as estruturas do sistema em que vivíamos. Por isso eu torcia. Sem escravos, sem colheita ou plantio, sem dinheiro, nada de barão...

– Lenita, não sei como essa lei entrará em vigor, nem se será feita alguma coisa para garantir a liberdade dos homens negros. A verdade é que se você sair agora daqui justificando que é livre, os homens de José Maria a matarão e não chegará nem na porteira. Espero que aguarde um pouco mais. Se é um decreto imperial, será cumprido em breve.

Ainda pensando no destino dos negros que sairiam das fazendas, livres, fui com

minha única amiga e confidente até a sala proibida da baronesa Castelnuovo, que era como nós duas a chamávamos. Não vimos Leôncio em lugar nenhum e ficamos mais à vontade. Aquela sala possuía um magnetismo particular e nos atraía sempre. Havia espíritos querendo se comunicar conosco, havia estudos a fazer e agora, melhor refeita, eu voltava a confiar na Providência Divina.

Ela empurrou a porta, um pouco emperrada pelo desuso, ali dentro estava fresco e agradável porque ficava do lado contrário ao sol forte. Sentei-me à mesa e Lenita foi abrir uma janela para clarear. A luz refletiu flocos de poeira e por um momento pensei na felicidade de estar ali e de ter encontrado os livros que eram o refrigerio para minha alma. Poderia orar e me acalmar por alguns momentos. Fui à estante e tomei O Evangelho segundo o Espiritismo, abri aleatoriamente e li todo o capítulo seis, mas destaco o item dois:

*Todos os sofrimentos: misérias, decepções, dores físicas, perdas de seres queridos, encontram sua consolação na fé no futuro, e na confiança na justiça de Deus, que o Cristo veio ensinar aos homens. Sobre aquele que, pelo contrário, nada espera após esta vida, ou que simplesmente duvida, as aflições pesam com todo o seu peso, e nenhuma esperança vem abrandar sua amargura. Eis o que levou Jesus a dizer: “Vinde a mim, vós todos que estais fatigados, e eu vos aliviarei.”<sup>6</sup>*

Li e reli, tentando traduzir da melhor forma para que Lenita também pudesse acompanhar. Choramos juntas, abraçadas e nosso coração se enterneceu com aquela mensagem que o Espírito de Verdade assinava. Estudamos aquele capítulo especial, meditando sobre a mensagem tão profunda que era a mesma do Cristo.

Apesar de estudarmos aquelas mensagens de luz sempre que podíamos, eu sentia necessidade de me aprofundar em alguns conceitos, discutindo com alguém que tivesse mais leituras que Lenita. Pensei na minha sogra e queria conversar com ela, mas tinha medo do fenômeno da mediunidade, que voltou a acontecer algumas vezes. Ela, como tinha lido sobre reencarnação, sobre mediunidade, sobre tanta coisa que eu desconhecia, podia dar outras explicações sempre proveitosas. Como não era sempre que podia me aprofundar filosoficamente, e

não entendia nada sobre o processo mediúnico, passei a estudar também O Livro dos Médiuns, em conjunto com O Evangelho segundo o Espiritismo – o meu alento naqueles dias difíceis.

Lia Fenélon, Delphine de Girardin, São Luís, Vianey e pensava com quem, além de Augustus, poderia eu discutir aqueles conceitos? Talvez, naquelas terras longínquas, somente Mina também compreendesse a profundidade da reencarnação, ou a lógica daquelas leis tão sábias de Deus. Eu me esquecia que Mina tinha mencionado a tal da religião dos antigos. O que seria isso? Haveria entre os negros alguma crença na sobrevida da alma, na comunicabilidade com os espíritos, assim como descrevia Allan Kardec?

Compreendi, então, a partir da lógica espírita, que algo eu havia feito para me encontrar naquela situação. Talvez eu estivesse de alguma forma aprendendo esses conceitos para entender que Deus está sempre nos amparando. Certamente, algum resgate do passado se passava sob o teto de Castelnuovo. Só me restava entender até quando ainda precisaria vivenciar aquela solidão.

Naquele dia, conversei com a sinhá Marina, a baronesa Boaventura, que era um espírito delicado e bondoso, mas que não sabia nada sobre o espiritismo quando desencarnou. Ao ser lembrada com tanto sentimento, tinha sido atraída para lá pelo relato emocionado de Lenita. Eu começava a me familiarizar com a mediunidade e até tinha notado quando poderia acontecer. O clima da sala mudava, eu sentia arrepios e ouvia alguns sussurros. Seria eu também médium?

Alguns minutos depois que acabamos de ler o Evangelho, Lenita sentiu muito sono e repousou a cabeça sobre os joelhos, ainda sentada no chão, por breves minutos, até que se levantou, como da outra vez trazia no olhar brilho suave e distinto:

– Que os Anjos do Senhor Jesus estejam nesta casa. Chamo-me Marina. Sim, fui senhora de fazenda e venho para dizer que tudo que Lenita contou é verdade. Agora, que vivo em outra dimensão da vida, apelo a Deus por vocês que ainda sofrem as mesmas dores que senti.

– Oh! Senhora, Lenita falou muito bem do período que viveu sob sua proteção. Benditas sejam suas mãos que a ampararam. Agradeço em nome dela. Terá o seu nome envolvido em minhas orações – falei, tentando saudar a entidade que se apresentava.

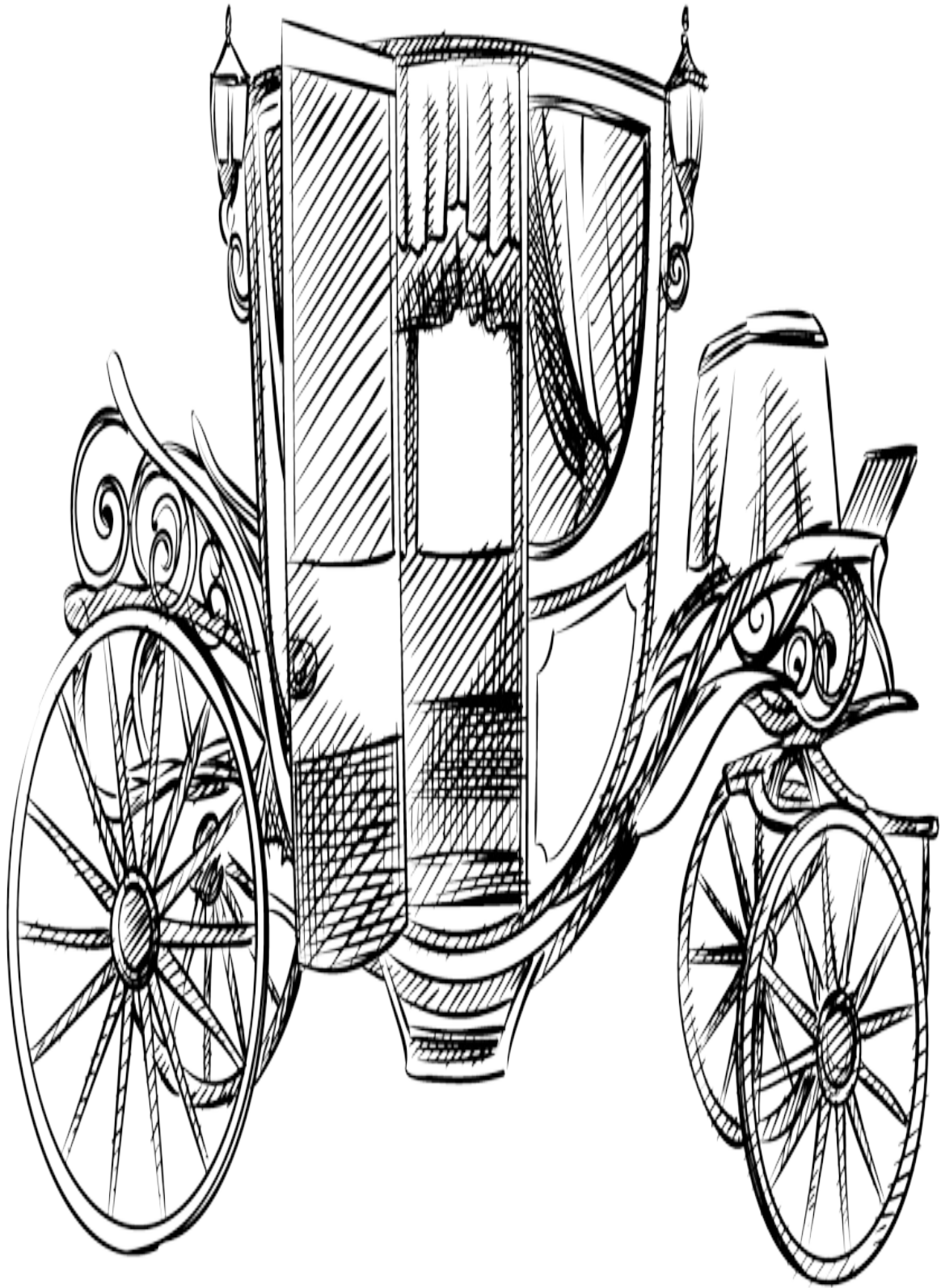
– Benditas sejam as mãos que velaram meu leito de morte. Por isso venho aqui, para falar da minha experiência além da vida. Venho dizer que há ainda muita ignorância e iniquidade, mas que vamos aos poucos compreendendo que não sofremos em vão. Muitas das asperezas da vida, devem-se aos homens que não entendem o verdadeiro aprendizado do que é estar encarnado. Lembre-se, Milena, de quem é você como espírito imortal. Em outra vida, o que você fez? O que semeou? Estude, estude muito para compreender a verdade e tenha fé. Somente assim conseguirá forças para continuar na jornada. Voltarei quando for permitido.

Lenita tombou o corpo sobre a mesa e desmaiou. Não conseguiu receber esse espírito da mesma forma que tinha recebido minha sogra. De alguma forma, talvez por ela ter afinidades, o processo mediúnico a exauriu. Tentei reanimá-la e quando acordou, contei a ela sobre a visita de sua amiga do passado.

Juntas oramos uma prece sentida em favor daquele coração sincero que nos vinha trazer alento. Convidamos mentalmente para que ela viesse sempre durante os estudos, assim como tínhamos convidado a baronesa Therezinha.

---

[6 O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. VI, item 2.](#)



## 09. Vilezas

*Todos nós temos um bom espírito, ligado a nós desde o nascimento, que nos tomou sob a sua proteção. Cumpre junto a nós a missão de um pai junto ao filho: a de nos conduzir no caminho do bem e do progresso, através das provas da vida.*

*O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XXVIII, item 11.*

Uma semana de estudo junto às minhas duas protetoras se passou, quando aprendi sobre moral espírita, justiça divina e mediunidade. Eu estava na expectativa de que José Maria regressasse movido pela urgência da libertação dos escravos. Até queria que ele voltasse, porque pensava na situação dos negros. Quanto à minha própria situação, parecia mais conformada, por causa dos estudos espíritas que me ensinavam a indulgência e o perdão. Eu sabia agora que todo efeito tem uma causa e que, às vezes, a causa não está nesta vida. As ideias de fuga foram se tornando cada vez mais distantes de minha mente. Tinha medo de desrespeitar a meu pai e não queria de forma alguma voltar a viver sob seu jugo. Algumas vezes eu ainda pensava, se tivesse liberdade, para onde eu iria? Senti-me por algumas vezes até feliz por poder sair todas as tardes para estudar e ler o que agora era o meu assunto favorito. Enquanto ninguém me importunava, esquecia-me de que era prisioneira naquela que deveria ser a minha própria casa.

Até que certa noite, da qual nunca me esquecerei, fui acordada por um barulho, ouvi passos pelo corredor. A chuva castigava as vidraças e raios cortavam o céu enquanto o vento sussurrava maldições e agouros na ladainha de vogais posteriores e assobios. Eram tantos barulhos, que deixei de ouvir os passos. Encolhi o corpo embaixo do lençol e esperei aguçando mais o ouvido. Trovões e clarões cortavam o céu, poderia ser que meus ouvidos estivessem enganados com a confusão de sons. Alguns minutos de mais chuva e, então, a maçaneta do meu quarto girou, fazendo o seu rangido enferrujado. Isso fez com que meus cabelos se arrepiassem de medo. No meio de uma tempestade assim, poderia ser a alma do falecido barão, agora que eu estudava os mortos sabia que isso era

possível. Afastei os pensamentos de medo, pois que já tinha conversado com outros mortos e nunca vieram me assombrar.

Pensando assim, sentei-me na cama e acendi uma vela para ver melhor. Somente penumbra e vento. Se fosse uma alma perdida não precisaria abrir a porta, pensei, não precisaria girar a maçaneta. Então, a primeira coisa de que me certifiquei foi que a trava de madeira estava impedindo a entrada. Suspirei aliviada e até criei coragem:

– Quem está aí? É Lenita?

A voz trovejante que respondeu não deixou dúvidas. Era Leôncio. Ele esmurrou a porta, depois de gritar para que eu abrisse. Respondi o mais calmo que pude:

– O que quer aqui a essa hora da madrugada?

– Quero me certificar de que esteja tudo bem com a senhora, está chovendo muito, pode ser que tenha muitas goteiras por aí.

Eu olhei para o chão, iluminando com a vela e não vi nenhum brilho que indicasse poça de água. Nada de diferente além do barulho da chuva. Corajosamente, respondi:

– Estou dizendo, está tudo bem. Não há nada para se certificar, deixe-me dormir em paz.

Ouvi o silêncio, depois os mesmos passos se distanciaram pelo corredor. Suspirei aliviada. O que um homem daquele queria no meu quarto? Logo em seguida os passos voltaram com maior efusão. À primeira batida do metal na porta, pensei que um raio tinha caído sobre a fazenda. Instantes depois, ouvi nova batida e compreendi que Leôncio estava disposto a arrebentar a porta com um machado ou qualquer outro instrumento desses. Rapidamente pulei da cama e resolvi que o melhor a fazer era impedi-lo de concluir seu intento.

– Vou abrir, não precisa quebrar tudo.

A última coisa que eu queria era ter de dormir num quarto sem privacidade. A essa altura o barulho que ele fazia era tanto, mesmo com a tempestade, que a maioria dos escravos da casa já deveriam ter levantado para ver o que se passava.

Abri a porta.

À luz bruxuleante da vela, Leôncio estava ridiculamente vestido com um camisolão de dormir, segurando um machado nas mãos. Lenita e Joelma olhavam para ele com olhos arregalados de espanto.

A vela tremia em minhas mãos medrosas, quando ouvi que ele gritava:

– Negras enxeridas voltem à cozinha. Não se pode ter privacidade? Quem as chamou aqui? Não fui eu, nem a senhora baronesa! Então, sumam daqui.

Tive de interceder, senão ficaria sozinha:

– Senhor Leôncio, eu tinha pedido que Lenita viesse sempre que possível, ou que ela constataste movimento diferente na casa.

Lenita hesitou, Joelma sumiu num piscar de olhos e eu emendei aproveitando para fechar a porta.

– Já viu que está tudo bem? Então, boa noite.

A mão enorme e peluda segurou o batente a tempo de eu sentir que espremia algo ao fechar. Lembrei-me da oração e neste instante pedi que me valesse meu anjo guardião. Eu não tinha forças para conter aquele homem que entrava no meu quarto. A voz gutural, desta vez tentando sussurrar, exclamou ao entrar:

– Tenho ordens do patrão.

Não consegui entender o que era aquilo. O que ele queria comigo no meio da noite? Por mais que ele tentasse explicar em seu linguajar truncado e preconceituoso eu jamais conseguiria entender. Percebi que ele estava muito bêbado e com os reflexos lentos. Até que uma palavra chamou a minha atenção em meio ao emaranhado de outras, que ele tentava dizer: herdeiro.

A mesma palavra que estava no testamento do velho Castelnuovo, mas o que ele teria com isso? O filho deveria ser de José Maria, não dele. Minha jovem experiência não pôde alcançar as sutilezas da vida.

O castiçal que eu tinha acendido se apagou com o vento, ficando apenas uma pequena vela na minha cabeceira.

À medida que a massa descomunal de homem se empenhava em me agarrar, eu, tão insignificante e pequena, conseguia me esquivar por entre as pernas dele, por entre as mãos enormes, por entre as frestas para me esconder embaixo da cama.

Vi quando Lenita entrou no quarto e rolou por baixo do gigante, fiquei encolhida ouvindo a luta dos dois, presa entre as frestas da cabeceira da cama, sem poder ajudar minha amiga. Ele a subjugava sob seu corpo enorme, depois de alguns momentos, estiquei as mãos Tateando no escuro, senti os braços dele, a cabeça tombada para baixo, estiquei bem os dedos e alcancei os olhos dele com furor. O gigante sentiu e se esquivou, virando de lado, xingando. Lenita aproveitou e pulou com agilidade para um canto e escutei um estrondo de algo quebrando sobre ele. Talvez Lenita tenha batido na cabeça dele com algo grande, uma cadeira, ou algo ainda maior. Enquanto parecia desmaiado no chão – a luz tênue da vela não me permitia ver muito – senti que Lenita me puxava pelas mãos para sairmos dali.

Corremos para os aposentos de José Maria e nos trancamos lá dentro. A cama enorme me trazia recordações ruins, de quando tínhamos brigado na noite de núpcias ou de quando ele conversava comigo, tentando me explicar nosso “relacionamento”. Nós nos abraçamos e choramos juntas, com medo de que Leôncio desse a volta pela casa e entrasse pela janela. Logo a tempestade cedeu lugar a uma linda lua cheia que clareava tudo do lado de fora como se fosse dia. Se nós queríamos fugir, aquela era a hora.

O luar iluminou o quarto enquanto orávamos em voz alta agradecendo às nossas protetoras por estarmos vivas. Por que Leôncio tinha me atacado? Por que tinha tentado me matar no meio da noite? Não sei se entrei em pânico por alguns instantes, mas, quando fechei os olhos, vi a baronesa Marina que me acenava e dizia suavemente: “irmã, tenha calma, suas orações foram ouvidas”. Fiquei uns instantes sem ação, quando dei por mim e voltei a olhar para a janela, o luar continuava tímido após a chuva e a mensagem se perdeu. Não consegui orar mais porque minhas mãos ainda tremiam. Meu corpo todo parecia esquivar-se ainda das mãos enormes que me agarravam resvalando pelas minhas pernas, lançadas em minha direção.

– Você está bem, Lenita? – consegui perguntar com voz trêmula ainda de susto e ela respondeu mais calma que eu:

– Nada que não tenha experimentado na vida. Vai passar!

Duas lágrimas rolaram de seus olhos negros amendoados e senti que ela era mais forte do que eu pensava. Quando olhei para ela compreendi o sacrifício que ela fizera por mim, sujeitando-se ao gigante no meu lugar. Agora tinha entendido o que ele queria.

As roupas de Lenita estavam sujas de sangue, mas ela era durona. Procurei algo para que pudesse vestir, mas só encontrei roupas masculinas ali naquele quarto de meu marido. Teriam de servir.

Lenita, corajosamente, abriu a janela para espiar pelos alpendres se havia alguém escondido nas folhagens, quando ela voltou, relatei com cuidado o rosto que vira. Era de nossa protetora a baronesa Marina Boaventura, um espírito amigo. Lá fora, não havia ninguém. O vento ainda soprava úmido.

Eu me dei conta de que talvez o gigante Leôncio estivesse morto, não queríamos isso, mas Lenita teve de revidar para que ele nos deixasse em paz. Se ele se levantasse, eu não mais poderia ficar na mesma casa que ele. Nem poderia fugir. Certamente seria encontrada e trazida de volta a mando de Leôncio, antes do começo da manhã. Talvez Lenita sozinha tivesse melhor sorte e pudesse pedir ajuda. Naquele momento éramos iguais, nem senhora, nem escrava, éramos duas mulheres unidas pela mesma desonra, pela mesma violência, pela mesma dor.

Para Lenita, fugir seria uma solução, fugir não, ir embora, já que em tese não havia mais escravos. Não se pagaria mais pelos escravos fugidos, nem se poderia reclamar que algum capitão do mato os buscasse. Para mim sim, seria uma fuga e uma desonra total. Eu não queria voltar à casa de meus pais, queria seguir meu destino sozinha, mas que destino teria uma mulher separada em nossa sociedade, sem herança e sem posses? Eu tinha de dar um jeito de sumir dali, mas tinha de pensar bem antes. Armar uma situação de escape que me propiciasse algumas vantagens.

Primeiro, eu precisaria de dinheiro e segundo, de uma boa desculpa. Ninguém acreditaria que o capataz da fazenda, a mando do patrão, que era meu marido, teria tentado me agarrar no meio da noite. Com certeza, ele rebateria essa história e afirmaria ter sido um mal-entendido. Contaria outra coisa, diria que estava bêbado ou coisa parecida e, simplesmente, eu pareceria a louca.

Bem cedo descobriríamos as proporções do que tínhamos feito. Talvez Leôncio matasse Lenita. Aconselhei a ela que encontrasse e descesse o rio até chegar às

terras de meu pai. Uma vez lá, procurasse por Augustus para expor o caso. Deveria afirmar que era pessoa livre e que deixara a fazenda Castelnuovo por vontade própria. Dei a ela um casaco e uma bota de José Maria, que era homem pequeno, e recomendei que ela se disfarçasse de homem até chegar a minha fazenda. Pedi que procurasse Augustus.

Lembrei-me da carta que eu já tinha escrito e esperava uma oportunidade para mandar. Agora era mais do que necessário entregá-la. Se ela achasse o professor, pediria a ele para vir me ver assim que possível. Lenita, com certeza, ainda tinha a carta escondida, só precisaria perguntar a ela se lembrava-se de onde estava.

Eu tinha medo da carta cair em mãos erradas, comprometendo-me ou comprometendo Lenita, por isso tinha pensado, na época que escrevi, em não contar nenhum detalhe. Pensei que talvez se eu dissesse que estava com problemas, não fosse específica em minhas palavras, Augustus pudesse entender que eu sofria censuras por parte de José Maria e que eu tinha escrito com reservas. Mas agora, tendo uma portadora da mesma forma que eu, aflita pelo problema que enfrentávamos, com certeza, pelo relato de Lenita, ele saberia de fato o que houvera conosco e, certamente, viria me ver. Recomendei que Lenita só falasse com meu pai caso não encontrasse Augustus. Pedi que ela resgatasse a carta e a levasse consigo, bem dobrada dentro de um lenço.

Quando perguntei onde tinha colocado a missiva que eu dera a ela para esconder havia um tempo, Lenita se lembrou e disse que trazia sempre consigo. Ela rasgou o fundo falso do vestido, o único que tinha e usava, retirou de lá o papel dobrado.

Retirei do pescoço o camafeu que sempre trazia comigo, coloquei-o sobre minha mão e disse, como se fizesse algum tipo de amuleto:

– Minha nobre joia, que sempre me foi fiel, estando em meu pescoço e presenciando minhas dores morais, quero que agora represente minha palavra junto ao meu amado.

Dei a Lenita o meu camafeu que tinha sido de minha avó, para provar a Augustus que a carta era autêntica, comprovando minhas palavras. Ele reconheceria aquele camafeu, porque o tinha elogiado, sabia que combinava com minha pele.

Como ela era pessoa caprichosa, dobrou muito bem o papel junto com o camafeu

que eu tinha tirado do pescoço e escondeu tudo dentro do cano de uma das botas de José Maria, que agora calçava, disfarçada de homem.

Havia escrito aquelas palavras, quando pensava em fugir. Dizia eu no meu apelo ao professor:

*“Augustus,*

*Foi com pesar e por acaso que descobri que nem todas as cartas que você e mamãe me enviaram, chegaram as minhas mãos. Não foi por descaso, não foi por ingratidão, não foi por orgulho. Simplesmente, sofri uma espécie de censura. Minha situação pode ser comparada a dos escravos, menos a parte dos trabalhos forçados. Sinto-me só e triste, distante de todos, sem motivo para viver aqui no meu isolamento.*

*Não posso entrar em maiores detalhes porque sou proibida de falar. O senhor, professor, lembra quando estudamos a Revolução Francesa? Somente uma revolução em toda nossa sociedade seria capaz de me resgatar dessa situação.*

*Por favor, venha me ver,*

*Milena”*

Antes de Lenita ir, criamos coragem para ver onde estaria Leôncio. Por que ele não tinha vindo ainda atrás de nós? Voltamos, lentamente, ao quarto onde eu dormia e vimos que ele ressonava, metade do corpo caído sobre a cama e as pernas no chão, exatamente no mesmo local que o havíamos deixado, fugimos dali apavoradas. Talvez estivesse mesmo desmaiado ou estivesse morrendo.

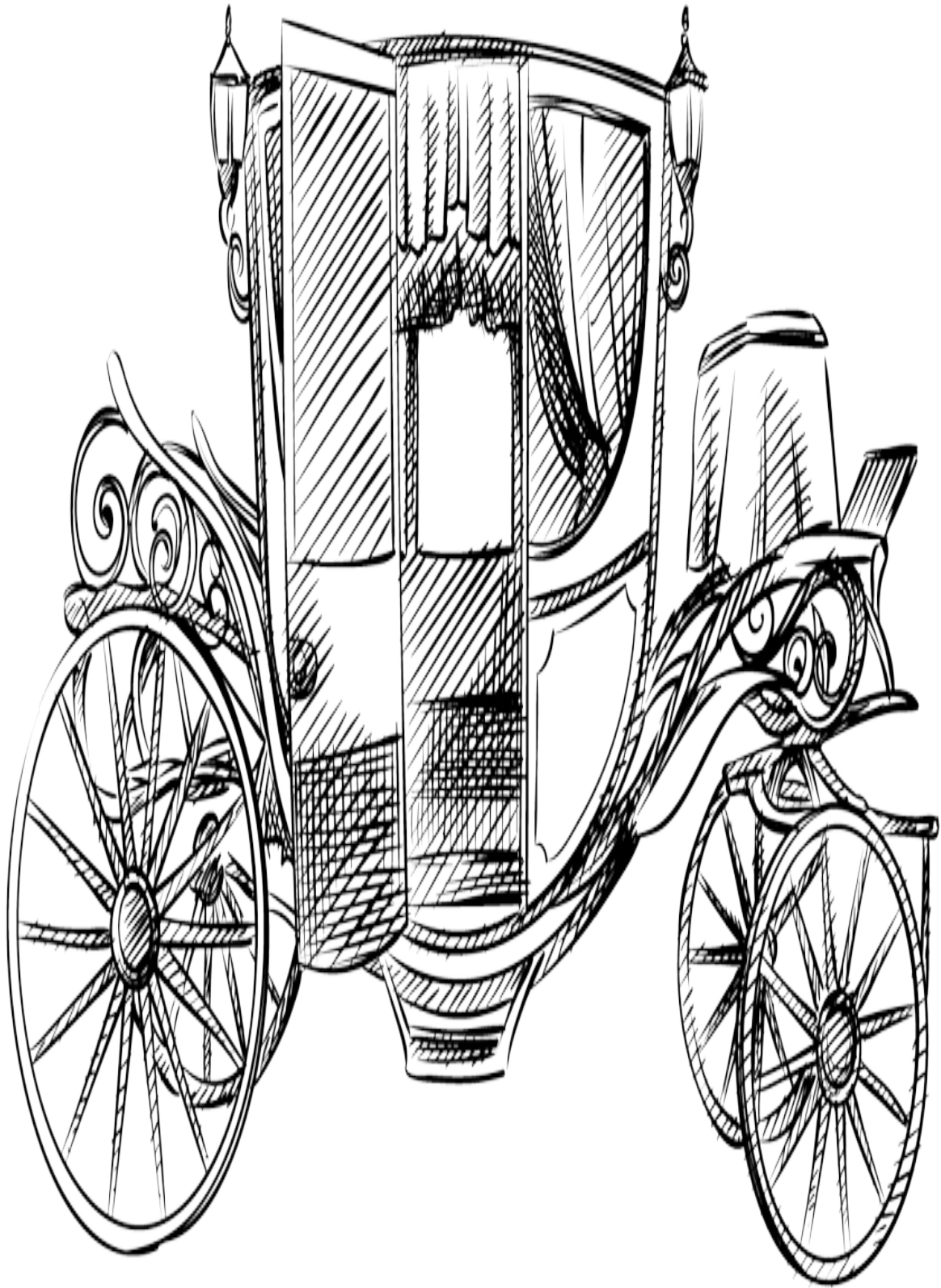
Conversamos em sussurros e descobrimos que precisávamos nos certificar de que Leôncio estava vivo. Lenita criou coragem e o cutucou com a ponta da bota que agora calçava. Ele não se mexeu. Ela me ajudou muito naquele momento de desespero. Eu não podia ir atrás de Augustus, meus pais me veriam e não

entenderiam meus problemas, nem poderia voltar ao meu quarto que estava ocupado. Não poderia no dia seguinte ficar trancada no quarto de José Maria com medo de que Leôncio acordasse. Se eu chamasse outros escravos seria perigoso, eu não tinha ainda inventado uma boa desculpa. Então, resolvemos colocá-lo na cama. Lenita me ajudou e pegamos as pernas dele com esforço. Foi muito difícil, eu contava com a força dela, porque as minhas mãos pareciam impotentes. Eu sentia tremores ao tocá-lo, tinha sido traumático para mim. A própria cena que agora visualizávamos ainda era chocante, vê-lo com a cabeça ensanguentada, a mesa em pedaços pelo chão, partida ao meio pelo impacto. Uma das pernas do gigante exibia à altura do joelho uma ponta de madeira para fora, horrível de ver. Empurramos sem sucesso por muito tempo, até que achamos que não cairia mais no chão. Ele não estava morto, respirava com esforço fazendo barulho. Descobrimos que só acordaria mesmo no dia seguinte, o efeito do álcool ou a pancada da mesa tinham feito estrago.

Lenita partiu antes que amanhecesse e me vi sozinha como nunca me sentira. Se ela fosse sozinha, teria alguma chance, se eu fosse com ela, na certa haveria uma busca em meu nome. Se Leôncio estivesse de pé pela manhã, certamente, ele nos procuraria com todos os homens de José Maria para contradizer qualquer história que disséssemos.

Se eu tinha uma amiga no mundo, essa amiga era ela. Chorei por algumas horas, lembrando minha condição e a dela. Lembrando que nós duas juntas tínhamos enfrentado um gigante naquele dia e de certa forma nós o tínhamos derrubado. Duas mulheres, desconsideradas pela sociedade, sem direito de escolha. Era preciso mudar isso. Em algum lugar dentro de mim eu sentia essa ânsia pela liberdade, essa vontade de sair pela porta e me esconder em alguma cabana no meio do mato. Vivendo de meus pobres recursos, vivendo em contato com a natureza e com os animais.

Aquelas reflexões ficaram ecoando em minha cabeça durante aquela tumultuada madrugada: o ataque de Leôncio, a história do herdeiro, o direito à liberdade. Por mais estranho que pudesse parecer, depois daquelas reflexões sobre liberdade, eu tinha perdido, completamente, o medo do dia seguinte, de quando o gigante despertasse. Comecei a orar com mais fervor, lembrava as orações que tinha lido nos livros espíritas, já que meu coração não conseguiria elevar-se sem ajuda. No fundo, eu sabia que tudo iria se resolver segundo os desígnios de Deus e confiava nessa minha intuição.



## 10. Gravidez

*– Depende do que sentes por ele, Leila. É mesmo amor? Como podes ter certeza em tão pouco tempo? – redarguiu o pai chegando ao cerne do assunto que queria abordar.*

*– Tenho certeza no fundo de meu coração, papai. Ao amor dele me sinto ligada da mesma forma que tenho necessidade de viver perto de ti.*

*Leila, a filha de Charles, diálogo entre Charles de Guzman e Leila, sobre o amor.*

As horas foram passando e minhas convicções cedendo aos raciocínios de minha mente irrequieta. Ninguém viria para me ajudar. Eu teria de resolver por mim mesma. Teria de me levantar em poucas horas e justificar por que Leôncio estava desmaiado no meu quarto. Não me ocorria nenhuma ideia que justificasse isso. Meus pais viriam ver-me, me levariam para Paraíso mais uma vez. Nunca mais permitiriam que eu saísse, com vergonha de mim, uma filha separada, rejeitada pelo marido.

A intuição que tive antes, a certeza e a segurança foram abaladas por uma série de dúvidas de meu coração e cogitações sobre o futuro. Se não houvesse solução? Se eu fosse muito devedora, merecendo aquele castigo, se eu tivesse matado e perseguido em outra encarnação e agora estivesse sendo punida? Esse tempo todo orando e pedindo ajuda dos espíritos... haveria mesmo ajuda para os réprobos da lei de Deus? Com certeza os homens de minha época me acusariam de loucura por conversar com seres invisíveis que falavam pela boca de outra pessoa. Meu pai não compreenderia, muito menos minha mãe, e o que eu tinha ali, naquela madrugada, senão o resgate de alguma falta grave? A ideia de não ter ninguém para ouvir meus apelos me paralisava por isso, trêmula de pavor, afastei-a. Haveria, sim, uma saída. Deus estava no comando do emaranhado de vidas que vivemos. Há um propósito superior que não conseguimos ainda alcançar.

Voltei a orar porque não conseguia dormir. Andava pelo quarto de um lado ao outro, não conseguia pensar com discernimento. A lua clareava a varanda entre nuvens e os barulhos da noite imprimiam um ritmo calmo como música de fundo para minhas orações. Esperaria o dia amanhecer dentro da oração, mas não sabia o que poderia ser no dia seguinte. Em nome de Lenita e em nome de mim mesma ali sozinha, pedi que Deus me desse uma prova, no auge de meu egoísmo e desesperança.

Foram algumas horas apenas que fiquei ali, longe de tudo, buscando harmonizar-me em silêncio. Os grilos cantavam alheios aos problemas dos homens e eu conversava com as estrelas. Pensei muito aquela noite e cheguei à conclusão de que precisava engravidar. Se José Maria não era homem para fazê-lo e enviara Leôncio com essa incumbência sem sucesso, restava-me providenciar o herdeiro, depois eu estaria livre. Com certeza, os dois não me importunariam enquanto a criança precisasse de uma mãe. Não podia voltar para a fazenda Paraíso, não queria mais viver sob o jugo de meu pai e pensava em como poderia sair dali sem conhecer nada nem ninguém.

Pensei também sobre o que dizer sobre o fato de Leôncio estar em meu quarto. Poderia falar que ele estava bêbado, como ficava às vezes, e poderia, também, inventar que chamou por mim porque sentiu dor ao cair e bater a cabeça. Quando Lenita o ajudou a se deitar em minha cama, poderia dizer que ele apagou e não acordou mais. Essa parte final era verdade.

Despertei de minhas justificativas quando ouvi um barulho entre as folhagens, pensei que minha amiga tinha voltado. Quem sabe se perdeu na escuridão da noite e não achou a ponte ou o caminho da fazenda de meu pai? Ou seriam os seguranças fazendo ronda pela noite adentro. Firmei o olhar e, de trás de uma árvore, que ornamentava o jardim lateral, surgiu Augustus com olhar preocupado. Apertei os olhos para ter certeza de que não sonhava, de que era mesmo, o meu professor. Então, Deus existia e me dera uma prova de Seu amor. O plano de busca tinha funcionado perfeitamente.

– Augustus... – eu disse, entre aliviada e constrangida por recebê-lo em situação tão deprimente, usando vestes noturnas, com os cabelos soltos, depois de fugir de um homem que cheirava a álcool e tabaco. Cobri meu corpo com uma manta que encontrei sobre a cama de José Maria e saí para a varanda. Num momento, várias emoções me assaltaram, alternando-se: saudade, alívio, cansaço. Lágrimas desceram pelo meu rosto. Lembrei-me de Lenita, pelo menos tinha conseguido

encontrá-lo, pediu ajuda.

Ele saltou as treliças de madeira que nos impediam o contato e veio em minha direção como o amigo dedicado que era. Ao se aproximar, vendo meu estado trêmula de choque, abraçou-me e só então percebi como o amava. Eu, então, aconcheguei-me em seus braços, não me lembro se apertei sua cintura ou, simplesmente, encostei o rosto em seu peito. O calor que vinha dele me aquecia a alma. Ele alisou meus cabelos soltos, como nunca tinha visto, desceu as mãos e tocou meus ombros. Vendo que eu chorava, ele segurou meu rosto para secar as lágrimas que corriam e, inevitavelmente, nossos lábios se tocaram num impulso. Eu não conseguiria dizer que tipo de magnetismo nos prendia um ou outro, não fosse apenas amor. Tudo o que me havia acontecido no início da noite, não tinha mais importância. Eu queria aquele beijo que me lembrava de que havia uma razão pela qual continuar viva.

– O que houve, minha querida? Você está bem? Algum lugar machucado?

Ele me apertava com mãos carinhosas, delicadamente, certificando-se de minha integridade física, e eu o apertava contra mim, querendo ter certeza de que não sonhava. Beijou-me uma das mãos, enquanto dizia:

– Vim para levar você comigo, Milena. Temos de fugir da loucura que chamam casamento arranjado. Já basta de sofrimento...

Mesmo dizendo que viera para me levar dali, não afastava o corpo do meu e fomos cedendo ao contato e à proximidade um do outro. Eu não conseguia responder, nem negar, nem me afastar dele, nem ele de mim. Nossos corpos se recusavam a se separar um do outro. Há muito tempo queríamos nos abraçar assim, sentíamos que aquele abraço era um reencontro. Eu, desde que era uma adolescente pensava nele, e ele, creio que desde que eu me declarara apaixonada. Certamente, em outras vidas já estivéramos juntos. Aquele corpo junto ao meu trazia-me reminiscências de que já estivera, exatamente, naqueles braços, segura, feliz.

Ele relutou antes de entrar no quarto, queria que eu sáísse com ele, mas eu não podia ir sem antes vivenciar aquele amor. Eu o puxei para sentarmos juntos em uma espreguiçadeira que ficava próxima à grande porta lateral que saía para o alpendre e o luar serviu-nos de abajur. Abri a manta que me cobria e abracei-o com as vestes compridas de seda com que costumava dormir, rasgadas pelo

ataque que sofrera. Apenas nós dois, sem julgamentos, sem repreensões, sem proibições. O suficiente para revelar a beleza de nosso amor e ocultar a infração à lei dos homens. Sem receios, somente entregas há muito sonhadas por nós dois. Não era mais o Augustus que eu conhecera antes, cheio de deferências e receios, mas um novo homem, livre das amarras sociais que o tolhiam, inteiramente meu.

Os primeiros tons de rosa coloriram o horizonte e nos despertaram de nosso sonho de amor.

Enquanto nos recompúnhamos, ele disse com suavidade para que eu me apressasse, vestisse algo apropriado, pegasse alguns pertences, porque precisávamos fugir dali. Só então pude pensar com mais calma e lucidez. Eu era agora uma mulher, talvez ficasse mesmo grávida... Não havia premeditado isso, nem mesmo como vingança a meu marido. Não! Acontecera de maneira pura, como acontece a duas pessoas que se amam. Não precisaria fugir como uma criminosa. Respondi imitando a mesma suavidade dele, que estava longe de igualar:

– Meu amor, não posso fugir... entenda. Desgraçaria o nome de meu pai e o seu. Haveria represálias por parte de meu marido. Leôncio viria atrás de nós, talvez houvesse duelo, vingança, acerto de contas, não quero isso. Contento-me se você puder esconder Lenita e a amparar. Preciso pensar melhor no que fazer. Tenho tentado pensar em algum meio de sair dessa situação como esposa desse desgraçado, mas não consigo. Não tenho muitas joias ou dinheiro, não sei para onde ir. José Maria está viajando e não creio que Leôncio se levante esta manhã. Temos algum tempo ainda.

Augustus passou as mãos pelo meu cabelo, carinhosamente, como se buscasse minha aprovação por meio da carícia ou se quisesse contrapor sem me magoar.

– Não posso concordar, Milena! Vim até aqui para buscar você. Contamos tudo a seu pai, ele há de entender. Você sofreu um ataque, Lenita tomou o seu lugar, percebe isso? Foi violento, agressivo, covarde... ele usou a força... minha querida. É perigoso demais, não posso deixar você aqui com esse louco. Já aceitei perder demais. A resolução foi de seu pai em casar a filha... tive de me calar e, depois, diante dos direitos de seu marido. Mas, acredito que mesmo ele, quando souber, punirá ou denunciará esse capataz. Se ele não fizer, eu o farei.

Senti que a voz dele tremeu pela urgência da situação. Constatei que ele não tinha compreendido a maneira como eu vivia. Tentara insinuar uma vez, quando o pai de José Maria faleceu, tentei dizer que nunca conhecera o amor ou o sexo, mas não pude ser clara na época. Naquele momento, não poderia sentir pudor de revelar o que me acontecia. Tentei explicar com cuidado:

– Augustus, ouça-me primeiro. José Maria dorme todas as noites aqui neste quarto e, muitas vezes, convida Leôncio. Agora compreendo o que Lenita, uma vez, tentou me explicar, meu marido não gosta de mulher. Ele precisa de um herdeiro e mandou o companheiro providenciar. O barão de Castelnuovo deixou isso bem claro em nossa lua de mel, quando eu o agredi fisicamente. Ele jurou que nunca mais iria me tocar, pelo que entendi, nunca quis. Lembra a cicatriz no rosto dele, por ocasião do enterro de meu sogro? Fui eu que fiz com uma lasca de louça quebrada na única noite em que tentou me tocar... –com esforço, expliquei a ele tentando falar lentamente. Não me senti constrangida, pois estava diante do homem o qual tinha acabado de conhecer intimamente. Depois concluí –Lenita salvou-me, deixe que Leôncio pense que foi comigo, posso fingir que estou grávida se ele se levantar...

Meu amado levou a mão à testa, com evidente preocupação, como se não acreditasse no que ouvia, percebendo diante daquela constatação que o problema era maior do que supunha, havia outros matizes e implicação. Conseguiu num minuto enxergar as dimensões da trama a qual meu pai me metera, muito maior do que ele esperava.

– Milena, está me dizendo que você não... que você nunca... quero dizer, que não conhecia o amor? Eu poderia ter pedido a anulação do seu casamento... mas agora é tarde. Acabo de complicar ainda mais a sua situação, minha querida. Sinto muito!

Ele disse, consternado, percebendo sua própria responsabilidade no que acabamos de fazer. Pela primeira vez, percebi que ele se engasgou com as palavras... não esperava que eu fosse virgem. Senti-me, pela primeira vez na vida, dona de minha vontade e de meu corpo.

– Não, meu querido, não se lamente, você me deu exatamente o que eu queria. Não me desrespeitou, nem enganou, apenas cedeu à minha vontade. Deixou-me o poder de decidir sobre quem quero no meu leito e, eu sempre quis o que acabou de acontecer.

Ele me olhou de volta com certo brilho no olhar de pura admiração, eu era mulher e poderia escolher o que queria. Logo, retomou a voz varonil, firme e possante e falou:

– Vou levar você comigo ou fico aqui, escolha. Busco um médico de confiança para me certificar de que esse capataz seja atendido! Depois, pensamos em como ficamos. Eu a amo demais para deixar você sozinha à mercê de um...

Nós nos beijamos com paixão uma última vez, naquela manhã, não tínhamos tempo para mais. Meio atônita ainda, com o dia que clareava, com a iminência de Leôncio ou alguém se levantar, retomei a palavra, explicando mais um pouco do que se passava em meu coração:

– Entenda, não posso regressar à fazenda Paraíso, fugir para lá, ficar morando lá. Não posso me subjugar aos caprichos de minha família nunca mais. Por favor, não conte nada do que houve aqui a meu pai. Ele não compreenderá. Deixe que me entendo com meu marido. Ele nunca me encostará um dedo, tenho certeza, é um fraco, covarde e mesquinho. Eu tinha medo de Leôncio, mas agora... venha comigo, meu amor, venha ver como ele está. Creio que ainda esteja desmaiado.

Os escravos começavam a transitar pela casa para os afazeres domésticos daquele dia, seria difícil explicar a presença de meu professor, sem explicar o que havia acontecido com Leôncio, mas teria de tentar. Eu não lhes devia esclarecimentos sobre meus atos, mas como falavam os escravos...! Contariam ao meu marido na primeira oportunidade. Fomos ao interior da casa, ao lugar que tinha sido o meu quarto. Enquanto Augustus examinava o gigante caído, aproveitei para vestir um vestido, um xale e calçar as botas. Não queria chamar nenhuma escrava, para não parecer que tinha recebido um homem no meio da noite com roupas de dormir, embora tivesse. Augustus constatou que Leôncio não acordaria, tinha sérias escoriações na cabeça e uma das pernas estava quebrada. Apanhei alguns sinais de nossa luta, pedaços de mesa, castiçal caído, objetos espalhados, que ainda estavam pelo chão e coloquei tudo no lugar. Depois as escravas arrumariam melhor, só queria desfazer a impressão de que ali fora o cenário da luta que travamos.

Quando terminei, já tinha amanhecido por completo. Augustus colocou a mesa partida no corredor de acesso ao alpendre. Resolvemos juntos uma versão do que tinha acontecido. Eu afirmaria ao médico – era inevitável que viesse o doutor Freitas para ver o meu algoz – que acordei no meio da noite com os gemidos de

Leôncio. Ele estava bêbado e tinha caído na escada do alpendre lateral da fazenda para onde o corredor abria uma porta mais próxima ao meu quarto. Lenita o tinha ajudado a entrar e mandei que ele se deitasse na minha cama porque era a mais próxima do acidente. Quando ele se deitou, desmaiou e não acordou mais.

– Augustus, vou pedir que os escravos preparem ervas sedativas e mantemos Leôncio adormecido. Assim, ele não sentirá dor e não acordará. O médico poderá atestar e servir de testemunha de que ele não acordou. Não sabemos do que Leôncio se lembrará a respeito de ontem. Ele estava muito bêbado, tinha desmaiado, talvez essa seja a parte mais dolorida e marcante que se fixará na sua mente, mas e se ele lembrar de Lenita? Precisamos conceder-lhe as ervas para que não se recorde...

Ele me olhou com curiosidade, saímos do quarto e passamos à saleta de piano, onde ficaríamos mais à vontade para conversar, sem sermos importunados. Eu tinha chamado Joelma para limpar o doente e deixamos que ela se ocupasse do que tinha de fazer.

Augustus se sentou, ajeitando o colete elegante e tentou delicadamente, contrariar minhas ideias, como gentleman que era, falou com delicadeza:

– Senhora baronesa, temos de atender a esse pobre filho de Deus com dignidade. Já que a senhora não quer ir à casa de seu pai, vou buscar o médico, mas deixe que ele examine e tire suas conclusões, não conte nada se ele não perguntar. Se perguntar, foi uma queda como tantas outras de pessoas bêbadas. Antes eu estava apreensivo quanto a senhora ficar aqui com o algoz, mas agora percebo o quanto ele está fraco e necessita de nossa ajuda, senão, poderá morrer. Não saberia conviver com a minha consciência se não o ajudar.

– Vá, mas volte para mim, preciso da sua orientação, fiquei muito sensibilizada com o que houve. Ele queria me atacar, lembra?

Eu disse firmemente, olhando em seus olhos. A luz clara da manhã entrava pela janela modificando as sombras em recantos alegres, iluminando a mobília, clareando o cenário. Fui até a vidraça, os raios de sol faziam matizes surpreendentes entre as cortinas de renda. Meu professor se levantou e tocou meus ombros mais uma vez, virando-me para encará-lo. Senti que a preocupação com o doente era maior que o amor que ele sentia por mim e não podia deixar

que nada se sobrepusesse ao nosso amor. Eu experimentava o ciúme...

– Milena, deixe-me ir...

Não esperei que ele continuasse a falar, seria impossível resistir a um apelo vindo dele, feito de maneira tão convincente e tão próxima. Falei quase em um lamento, cortando o pensamento e argumento:

– Se ele acordar e puder falar, ordenará o que quiser, você terá de partir, nunca ficaremos juntos...

– Milena, você me ama?

Ele perguntou interrompendo meu raciocínio, entendi onde queria chegar e não poderia me deixar manipular em nome do nosso amor. Respirei fundo, podia sentir o coração dele batendo junto ao meu:

– Você sabe que eu o amo, você sempre foi a razão da minha vida, Augustus, estava tão difícil sem o seu amor... mas amo mais minha liberdade e vou conquistá-la por completo. Não quero mais me submeter a homem nenhum. Não precisa ir, fique comigo. Mando um capataz, mando um escravo.

Dizendo isso, eu me desvencilhei das mãos queridas que me prendiam no abraço, ainda revelando minha pouca experiência de vida, embora naquele momento eu me sentisse muito madura e racional. Ele voltou a falar, agora no tom já conhecido, sério e reservado que usava em suas aulas:

– Sei onde encontrar o médico e explicarei com cuidado o assunto. Agora, dê-me licença, há um homem precisando de cuidados médicos, vou agora, senhora baronesa, mas voltarei, só a deixarei sozinha depois, se a senhora não quiser minha companhia. Se ele acordar e se lembrar, pensamos em outro jeito... confessamos nossa aventura... fugimos... com certeza encontraremos uma forma de ficarmos juntos, isso eu asseguro que farei. Minha mãe faleceu, não tenho mais compromissos nessas terras.

Eu me volvei novamente para ele, já ia saindo pela porta, com pressa de salvar o mundo e me deixar. Segurei as mangas do casaco e disse contendo as lágrimas:

– Aventura? Chama nosso amor de aventura? Eu estava acreditando num mundo de sonhos... pensando que poderíamos continuar nos vendo enquanto Leôncio

estiver desmaiado e José Maria viajando...

Ele foi enrijecendo as palavras, como se agora surgisse diante de mim o homem tolhido pela sociedade novamente:

– Não posso concordar com isso. Você tem sua liberdade e eu tenho a minha. Seria loucura, Milena, o que fizemos hoje pela manhã foi por um impulso irresistível que nos impelia. Eu não sabia, queria confortá-la, ampará-la e aconteceu... Não podemos mais, é perigoso. Senhora de Castelnuovo, preciso partir agora.

– Fugir é igualmente perigoso... – retruquei, parecendo cansada de argumentar, e completei – você não entende, ele nos procuraria até no inferno. A posse da fazenda dele depende de um herdeiro. Passará do pai dele para o filho... essa é minha garantia.

Não sei se ele ouviu o que disse, pois já saía da sala.

\*\*\*

O sol ia alto entre as montanhas, colorindo a silhueta de meu amado que se tornava cada vez mais distante. Enquanto ele cavalgava para longe, eu pensava e pensava. Conhecera o inferno e o céu em seguida e, agora que sabia o que era o amor, não desistiria de ter uma vida honesta e verdadeira, dentro do que eu esperava. Ele tinha razão, precisávamos salvar Leôncio. Se ele morresse assim sem explicação, meu marido buscaria informações sobre o que aconteceu e descobriria que Lenita estivera no meu quarto.

Enquanto Augustus não retornasse iria tomando minhas providências, poderia ser que o médico levasse algumas horas ou até mesmo dias para vir, não poderia arriscar ali sozinha. Eu me lembrei, sem esforço, de um negrinho que corria as imediações em busca de remédios naturais que as negras usavam em curativos. Pediria que ele buscasse algumas ervas para mim. Eu também as conhecia, porque sempre que Mina ia providenciar esse tipo de remédio eu fugia para ficar junto dela, observando como ela os preparava. Assim fiz, logo o moleque me presenteou com os tais sedativos, remédios para dormir, para aliviar a dor e

diversas folhagens das redondezas. Pedi que Joelma preparasse, mas Leôncio não acordava nem para tomar...

Mandei os escravos da casa providenciarem minha mudança de quarto. Leôncio estava no meu, não podia usá-lo. Rapidamente, moveram meu baú, livros e roupas para um dos quartos de hóspedes, mais arejado e com porta lateral para o alpendre. Lembrei-me da roupa de Lenita que ficara caída e que eu tinha escondido. Joguei tudo no fogo, antes que alguém perguntasse de quem seriam aquelas roupas.

Augustus não demorou, tinha encontrado o médico e o trouxera antes do entardecer. Ele estava mesmo preocupado com a inconsciência de nosso capataz, com a possibilidade de morte. Ele dissera ao médico que eu, estando sozinha, tinha buscado ajuda na fazenda de meu pai e que ele tinha se prontificado a ajudar. O médico não quis saber muito.

Encontrei-os na sala de estar, os outros homens de Castelnuovo deixaram que entrassem e mostrei o caminho de meu antigo quarto. Fomos entrando e encontramos Leôncio ainda desmaiado, mas com rosto limpo, e o corpo coberto com um cobertor. Os escravos o tinham limpo e recostado, confortavelmente, sobre as almofadas. Ele tremia de frio ou febre.

– Sinhá, ele está com um ferimento na perna – disse Joelma, a outra escrava que tinha visto Leôncio no meu quarto e que agora eu tinha certeza que ela me ajudaria, sem dizer nada sobre o ataque a quem quer que fosse.

Olhei para Augustus, como se criasse coragem e Joelma levantou as cobertas para que o médico examinasse. Havia, visivelmente, um hematoma enorme e um ferimento de uns dez centímetros causado por alguma lasca de madeira da mesa que Lenita quebrou sobre ele. Perguntei algo para desviar meus pensamentos da imagem forte que via ali:

– Joelma, ele já acordou?

– Não senhora, está desmaiado ainda, atrás da cabeça há outro ferimento, mas botei algumas ervas para parar o sangramento.

Ela disse em seu jeito simples e eu completei com a fala, que embora não fosse verdade, revelava o que deveria fazer, ou o que era esperado que uma esposa fizesse:

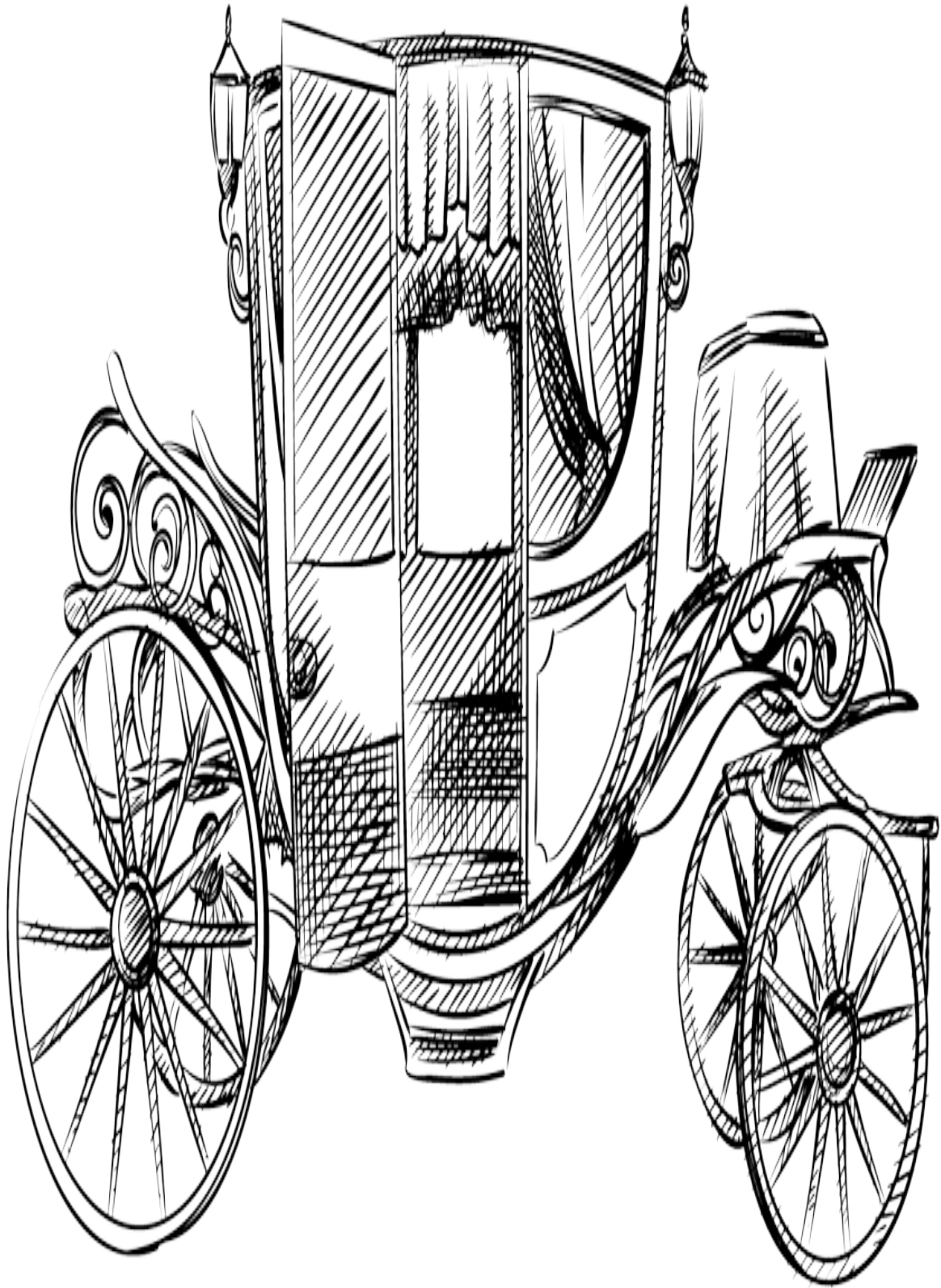
– Vou escrever a José Maria.

Eu disse isso, mais para que soubessem que eu deveria avisar, mas por dentro não tinha vontade nenhuma de resolver daquela maneira a situação.

O médico, que entrava conosco, efetivamente, examinou Leôncio e elogiou o trabalho de Joelma ao estancar o sangue. Fez rapidamente alguns testes, olhou dentro dos olhos, checkou a respiração e o coração e disse que o caso estava além de suas possibilidades, que ele não poderia fazer nada enquanto Leôncio não despertasse. Deveríamos esperar. O trauma na cabeça era bem grave e não sabia se teria volta ou se ele recobriria a consciência em seu juízo perfeito. Imobilizou a perna do doente, após retirar o pedaço de madeira e recomendou que se ele acordasse não poderia sair da cama.

Acertados os sedativos, todos os cuidados ficaram por conta de Joelma e de um escravo que já o servia desde a morte do velho barão. Ele era bem responsável e poderia dar conta do ocorrido a José Maria quando fosse oportuno. Escolhi-os para cuidar do capataz de propósito porque os dois eram bem discretos.

Em seguida, Augustus se foi sem que tivéssemos a chance de conversar em particular. Eu não sabia se ele voltaria ou se meu pai ficaria sabendo do acontecido, já que esse tipo de notícia corria rapidamente pelas redondezas.



## 11. Ventura

*Aquilo em que consiste a felicidade terrena é de tal maneira efêmera para quem não se guiar pela sabedoria, que por um ano, um mês, uma semana de completa satisfação, todo o resto da existência se passa numa sequência de amarguras e decepções.*

*O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. V, item 20.*

Nesses dias que se seguiram, assumi plenamente o comando da casa, inclusive dos homens e da colheita de café, não que eu entendesse muito, mas fui me acostumando com a rotina diária. Gostei muito de fazer isso. Deliberei as ordens, decidindo o que cabia a uma dona de fazenda fazer. Fiquei orgulhosa de mim no final do dia, da mulher que havia me tornado, responsável e independente – até quando meu marido regressasse.

Por uma semana, tive também de supervisionar a assistência dada a Leôncio, por mais aversão que me causasse a pessoa dele; lembrei-me da caridade pedida por Augustus e pelos espíritos dos livros que lia, forcei-me à impessoalidade, se não conseguia sentir o amor necessário para, pelo menos, orar por ele. Eu ainda não conseguia fazer isso, então, recomendava aos escravos que fossem atenciosos e não esquecessem os curativos.

Parecia que nunca mais eu voltaria a me submeter ao meu marido, tão feliz me encontrava. Augustus ia ver-me sempre que possível, com a desculpa de me ajudar. Parecia uma trégua para minhas dores morais, mas eu sabia que aquela situação não poderia se prolongar por muito mais tempo. Teria, cedo ou tarde, de escrever mesmo a José Maria para chamá-lo de volta, se é que ele já não estava a caminho por conta do decreto de liberdade.

Meu pai quis vir ver-me assim que soube da situação de Leôncio e Augustus não sabia se poderia ou não explicar detalhes do caso sem comprometer os reais motivos da “queda” dele. Por que vivíamos em um sistema patriarcal, meus familiares queriam intervir na administração da fazenda sob meu comando,

propor pessoas de sua confiança, enfim, tomar a frente de Castelnuovo – o que eu não poderia permitir. Se eu acreditava na imortalidade sabia também que havia em mim posturas e habilidades eternas que estavam apenas adormecidas. A mulher forte, livre e independente que eu havia sido em outros tempos despertava.

Alguns dias depois, meus pais vieram visitar-me ou socorrer-me, em meu ver, atrapalhar minha autonomia. Meu pai já trouxera uma pessoa capaz de administrar a fazenda na falta de um “homem”, mas dispensei-o na entrada. Era inadmissível que ele pudesse resolver assuntos meus sem que eu pedisse. Se cedesse agora, teria de ceder sempre à sua influência autoritária e não queria nunca mais me submeter a ele. Assim que percebi a pessoa estranha, perguntei:

– Senhor meu pai, de quem se trata? – inquiri erguendo o nariz, como se algo no ar me incomodasse.

– É Juliano Ferraz, trabalhou no tempo de seu avô por essas terras, conhece muito de uma fazenda, pode nos ajudar – disse meu pai quando saltou o último degrau do alpendre.

A tarde quente fazia com que os homens reclamassem água ou suco. Nuvens pesadas se formavam mais uma vez na direção do rio. Com certeza, choveria ao final da tarde. Pensei no esforço do senhor Juliano de ter vindo até ali, mas não poderia permitir nem que ele entrasse.

– Sinto muito, não aceitar sua ajuda, senhor barão de S... e meu pai, mas no momento não tenho condições de contratar ninguém. aguardo a chegada de meu marido, enquanto ele não vem, nada será decidido. Já escrevi para ele – menti gravemente naquele momento – esperamos seu retorno em breve.

Assim que os “convidados” entraram na sala, chamei uma escrava para servir água ou suco aos que chegavam, incluí o senhor Juliano, mas me volvei para ele e pedi que se servisse na área da cozinha.

Meus parentes não demoraram, pois sabiam que poderia chover a qualquer momento e a estrada ficava em péssimas condições. Reunimo-nos na sala de estar e resumi sem detalhes a partida de José Maria há três semanas e o tombo de Leôncio, nas escadas do alpendre lateral. De passagem, como quem se esquece de um detalhe menos importante, mencionei a escrava que havia fugido, como se uma coisa não tivesse, efetivamente, nada a ver com outra. Nem disse o nome

dela, para não demonstrar intimidade.

Como Leôncio não era oficialmente um membro da casa e sim um empregado, meu pai nem quis vê-lo. Minha mãe mudou de assunto repentinamente e falou algo sobre vestidos e costuras, referindo-se ao modelo que eu vestia, ainda vindo do tempo de solteira, ou seja, queria dizer que meu marido não me presenteara com nenhum tecido que me propiciasse ir buscar a costureira de confiança dela. Sugeriu ainda que eu fosse à cidade, comprasse o que bem entendesse e colocasse na conta do barão Castelnovo. Seria uma boa ideia essa, se eu não estivesse preocupada com a possibilidade de ter ficado grávida e não queria me sacudir numa estrada instável, arriscando a perder a criança.

Sorri sem saber o que responder, mas por dentro estava articulando mil respostas com todo cuidado que não evidenciasse minha condição de esposa sem o ser. Não poderia deixar transparecer nenhuma queixa, nenhuma pista de que eu não era de fato casada e sim vivia uma farsa doméstica. Eles não conseguiriam entender para onde tinham me mandado viver, mas se ali era ruim, pior seria retornar à casa de meus pais como “mulher separada” – um título abjeto na sociedade em que vivia. Senti dentro de mim certo orgulho e preconceito que ainda não tinha notado que existia. Eu prezava tanto o que pensavam de mim a ponto de me importar?

Perdi-me em pensamentos e ficamos sem assunto, rapidamente. Augustus, que estivera calado observando-me com sua grande perspicácia, salvou-me do embaraço quando afirmou, tranquilamente, como se comentasse sobre o calor:

– Pude constatar que a senhora Castelnovo tem se mostrado muito interessada nas tarefas rotineiras da fazenda, providenciando, ela mesma, tudo que deve ser conferido para o bom andamento dos trabalhos. Tenho vindo ajudá-la, algumas raras vezes, mas nem foi preciso que eu interviesse. Ela tem bom entrosamento com os outros empregados e, também os escravos a respeitam.

Disse o professor fazendo charme e evidenciando minhas competências para que meus pais não se preocupassem comigo ou com a colheita. Minha mãe respondeu mostrando sua verve preconceituosa e fútil:

– Sim, caro professor, nossa filha é inteligente e dedicada, mas sabemos que uma mulher sozinha não tem condições de gerenciar um negócio dessas proporções. Falta-lhe tamanho, falta-lhe força, falta-lhe virilidade. Em suma, uma mulher

não é criada para esse tipo de trabalho, junto a homens sujos, junto a animais e a escravos. Ainda mais uma mulher jovem, como ela é, estaria sujeita a todo tipo de desrespeito.

Sem conseguir conter-me, retruquei:

– Minha mãe, já tenho dezoito anos, sei que muitas vezes, o desrespeito está dentro de casa – eu não me referia a José Maria, que nem estava ali e não poderia se defender. Referia-me ao modo como me arranjaram esse casamento-prisão.

Meu amado, mais uma vez, contemporizou:

– Pois estou dizendo, cara baronesa de S..., porque presenciei o respeito como ela é tratada. Ela consegue o que quer comandar, de forma natural, com os capatazes e homens do campo. É um dom natural que tem, que já traz em sua personalidade.

A chuva me ajudou e mostrou sua força em relâmpagos e trovões ao longe. Os animais estavam assustados e ouvindo também os estrondos para o lado do rio. Meus pais se levantaram para regressar. Augustus, infelizmente, teve de segui-los naquele dia e fiquei só.

Tirando aquela visita “investigativa”, como foram bons esses dias de profunda paz!

Aproveitando o barulho do vento e as pancadas refrescantes de chuva que caía no telhado, recolhi-me na sala secreta para estudar mais um pouco os livros interessantes que tanto me consolavam. Já que era dona da casa, levei-os para o meu quarto, o quarto que não era mais de hóspedes, com vista lateral para o alpendre, para a chuva, para os pássaros, para a vida. Organizei-os na cabeceira e olhava-os com respeito e gratidão.

Uns dias se passaram e o sol novamente brilhava como era costume naquelas terras. Acordei alegre e disposta e fiquei ainda melhor quando me dei conta de que minhas regras estavam atrasadas. Mais surpresas naquele dia, vi quem vinha tomar o desjejum comigo: meu amado amigo. Como seria bom ter uma pessoa para partilhar a vida, compartilhar o amor, a família, alguém junto de quem eu pudesse construir a felicidade.

Terminamos a refeição trocando olhares confidentes e ele dizia não querer perder um minuto ao meu lado, já que a cada hora estava mais perto o dia em que nossa alegria pudesse se findar. Sem pensar que o paraíso teria fim, puxei meu professor pelas mãos e mostrei a ele, meu “esconderijo secreto”, a sala da antiga baronesa.

– Venha amigo, conhecer meu único refúgio nessa farsa em que vivo.

Mostrei o caminho por entre os corredores externos do alpendre e acrescentei:

– Ninguém entra neste recinto. Todos têm medo de aparições de fantasmas, porque era a sala da falecida baronesa. Dizem que é uma sala assombrada e realmente acontecem fenômenos estranhos. Lenita, certas vezes, falava em português perfeito, como se fosse a antiga dona da casa.

Ele correu o olhar pelas lombadas dos livros, exatamente como fizera quando nos conhecemos na biblioteca de meu pai. O olhar fascinado, parecendo um garoto diante de um pote de doces. Era lindo vê-lo interessado pelos livros, uma paixão que aprendi a compartilhar com ele. Lentamente, retirou alguns títulos que eu não me atrevera a ler, por serem clássicos antigos. Eu me adiantei:

– Temos O Livro dos Espíritos, está no meu quarto... – ele sorriu encantadoramente, quando disse lembrando-se, certamente, do passado.

– Espero que agora o tenha lido com seriedade.

– Estou estudando.

Subitamente, ele mudou o ar curioso e descontráido para um olhar severo. O mesmo de quando me repreendia por algo em suas aulas.

– Ontem saímos daqui conversando, eu e seu pai, falávamos sobre Leôncio. Ele não se interessou, por saber se tratar do capataz da fazenda. Nós que sabemos quem ele de fato é, precisamos chamar seu marido de volta. Sinto dizer isso, minha querida, mas olhando para esses livros, constatei que não é certo o que fazemos aqui.

Fiquei indignada com o que ouvi, ainda não era capaz de trazer os ensinamentos espíritas para a minha vida, como meu professor fazia. Respondi, com voz cansada e árida:

– Quem ele é, Augustus? Meu algoz, esquece? Quem sou eu nessa confusão que é minha vida? Sou vítima ou devedora da lei de Deus?

Ele segurou a minha mão, correndo os dedos por sobre os pequenos anéis de ouro que eu usava e disse entre sussurros:

– Acreditamos que a alma não tenha sexo, que volta várias vezes em corpos diferentes. Quem somos nós para sabermos quem foram José Maria e Leôncio em outra encarnação? Quem sabe não estiveram juntos como esposos e agora relembram a velha atração? Se eles se amam, estão como nós, separados pelos preconceitos do mundo. Não sei quem fomos, sei que Deus é justo e nos permite o reencontro.

– Sinto que você os está defendendo !

Puxei minha mão para longe da dele, mas meu esforço não surtiu efeito, ele não me deixou ir.

– Claro que não, a violência, o artilho do que Leôncio fez, a mando de José Maria, não se justificam, mas compreendo o sentimento que os dois nutrem mesmo sendo do mesmo sexo. Deve ser um sentimento antigo, algo de seus espíritos comprometidos com as leis de Deus.

– Não entendo, meu amor, não entendo. Talvez um dia, compreenda melhor a doutrina espírita. Há tantos detalhes nas vidas das pessoas... qual seria a minha parte nesse romance dos dois? O que eu teria com isso? Já odiava José Maria sem nem mesmo conhecê-lo direito nessa vida. Será alguma capacidade minha ou sensibilidade?

Ficamos assim conversando sobre os princípios espíritas e Augustus foi me convencendo de que seria melhor que José Maria soubesse de tudo pela minha pena. Um mês após o ataque que eu e Lenita sofremos, muito contrariada, escrevi a José Maria pedindo que ele antecipasse sua vinda. Última coisa que eu queria era que meu marido regressasse, mas não tinha escolha. Precisava relatar-lhe o acidente, o estado de Leôncio, o curso que estava dando aos assuntos da fazenda que, na verdade, era dele.

Soube por Augustus que Lenita continuava escondida, nos arredores de Paraíso, em uma cabana. Quando as carroças com o carregamento de café saíssem, seria a oportunidade perfeita para que ela se escondesse em uma delas e fosse para a

cidade. Eu aguardava que ela conseguisse.

O mês passou e com ele os meus sonhos de amor terminariam, meu marido regressava. Dali por diante, voltaria às mesmas condições ou teria de pensar na fuga que Augustus me propunha. Muitas dúvidas me assaltavam a mente. Se eu estivesse grávida e José Maria mandasse meu filho ser educado longe de nós? Se ele, tendo concluído seus objetivos comigo, mandasse me matar? Comecei a ficar muito preocupada com o desfecho de meu próprio destino. Talvez desconsiderar a opinião de Augustus, que era pessoa sensata, tenha sido um erro. Poderíamos ter fugido com tranquilidade para um lugar bem distante...

Achei melhor que, antes que José Maria regressasse, Augustus parasse de me visitar. Pedi que ele deixasse de vir ver-me, poderia parecer uma afronta se meu marido chegasse de surpresa e encontrasse o professor comigo. Na verdade, poderia complicar nosso argumento de que ele tinha vindo apenas me auxiliar algumas vezes. Eu pressentia que nosso encontro romântico tinha cumprido seu propósito, em meu ventre, algo havia se modificado. Uma alma estava ali presa e cativa do novo corpo regressando à Terra. Eu seria mãe! José Maria teria o herdeiro, já que ele não era homem para providenciar um, e Leôncio não se lembraria de nada – assim eu esperava.

Em nossa última conversa, Augustus concordou comigo em ficar distante e, depois, se alegrou com minhas suspeitas de gravidez, conversamos mais uma vez sobre a fuga. Seria desonesto levar algo da fazenda de meu marido, mas eu possuía algumas poucas joias e animais de montaria, com que meu pai me presenteara por conta do casamento. Augustus tinha herdado da família algumas casinhas modestas que lhe rendiam aluguel, não me recordo onde. Ele insistia que fôssemos começar a viver uma vida livre em nome do amor e do nosso filho. Prometi considerar sua proposta, embora soubesse dentro do meu coração que isso não iria acontecer. Meu pai e meu marido eram pessoas influentes, não nos deixariam em paz se fugíssemos. Viriam atrás querendo vingança, querendo duelos e mais violência. Eu amava muito Augustus e sabia que ele não teria chances em lutas corporais. E tinha a questão do herdeiro que eu carregava no ventre.

Ainda em nosso último encontro, combinamos que ele remanejaria Lenita à cidade e de lá a algum lugar onde pudesse buscar notícias de seus filhos. Viajaria se preciso com ela até que se arranjasse um local seguro para alojá-la. Seria melhor que ela fosse logo, já tínhamos esperado tempo suficiente para não

levantar suspeita.

Lenita havia contado a ele que sabia que era pessoa livre e que em nosso país não “existiam” mais escravos. Confirmei que tinha fornecido essa informação a ela e que achava uma injustiça que todos os escravos vivessem ainda sem saber disso. Havia tempo que tínhamos recebido o comunicado oficial do fim da escravidão, mesmo assim, os fazendeiros não tinham ainda organizado um plano de ação sem os escravos. Quem sabe por isso José Maria estivesse demorando, talvez estivesse decidindo o que fazer.

Eu pensava que tudo o que nos acontecera naqueles dias de felicidade tinha sido muito profundo, talvez uma ligação de almas. Eu e Augustus nos reconhecíamos como almas afins, combinávamos nos pequenos detalhes, nos completávamos e eu me sentia importante para ele. Porém, conhecendo-o, pensava que ele retornaria a sua simples conformidade com as forças da vida contrárias aos nossos desejos. Que mais uma vez ele se submeteria à autoridade de meu pai, à empáfia de meu marido, às pressões da sociedade. Com certeza, ele consideraria as limitações da época em que vivíamos antes de tomar qualquer atitude, mesmo a nossa fuga. Descobri mais tarde que, na verdade, ele era capaz de muito mais em nome do meu amor, do nosso filho e de uma sociedade mais justa. Nem me lembrava de que tinha pedido a ele uma revolução. Só constatei isso depois.

Meu marido regressou logo depois que recebeu minha carta comunicando a minha suspeita de gravidez e o acidente de Leôncio. Ele chegou muito rápido, foi o que pensei, acho mesmo que já estivesse a caminho. Foi para mim uma tristeza saber que ele estava de volta. Como tudo na vida passa e acaba, também meu sonho de liberdade terminava e com ele, minhas esperanças... A dura realidade era que José Maria não tinha a menor consideração por mim, não queria nem mesmo conversar civilizadamente. Estranho lembrar mais uma vez esse posicionamento dele, depois de conviver com a gentileza em pessoa, que era Augustus. Eu teria de viver sempre isolada em meu quarto?

Leôncio despertava, pela primeira vez depois do acidente, mas não pude saber do que se lembrou. Eu estava sob tutela de meu marido que retomava a fazenda e se dava conta de tudo que tinha acontecido em sua ausência. Depois que José Maria retornou, tudo passou a acontecer de forma estranha demais, ou a minha percepção novamente se embotou.

Por três dias estive fechada em meu quarto aguardando que ele me procurasse

para saber como eu tinha passado ou como tinha conduzido as coisas por ali. Naqueles dias, não pude usar as outras partes da casa, nem sair do quarto, nem ler, nem mais nada... Eu tinha escondido alguns livros na minha cômoda de roupas e foi a minha sorte, porque pude relê-los em segurança angariando forças, quando não estava em prece. Passei praticamente os três dias orando e apreensiva quanto ao momento que teria de rever meu marido. Estava mesmo disposta a confessar meu erro e partir, mas não tive chance de conversar com ele. Ele não queria me ouvir.

Quando veio ver-me, ele tinha sido informado de tudo que os escravos sabiam, ou seja, a fuga de Lenita, a queda de Leôncio e do trabalho que nos deu ficando inconsciente por semanas seguidas... não sei o que lhe contaram sobre a visitas de meu professor e de meus familiares – o que era verdade.

Ele entrou no meu novo quarto pela manhã, alguns dias depois que chegou, sem a preocupação de me cumprimentar ou perguntar o que quer que fosse. Eu ainda dormia. Ele me mostrou ao médico, que eu já conhecia, doutor Freitas e disse que esperaria pela constatação da gravidez. Foi repleta de indiferença a forma como ele me tratou. Eu era parte da decoração da casa, era mais uma boneca de luxo sobre a cama. Nem mesmo me cumprimentou, depois de tanto tempo fora. Sua empáfia tinha aumentado, seu olhar estava triste, ele sofria.

– Milena, este é doutor Freitas, acho que já se conhecem. Ele está aqui para examiná-la. Preciso que ele confirme sua gravidez – disse após abrir a porta com estrondo.

– Bom dia, fez boa viagem de regresso, senhor meu marido? – disse com ironia na voz.

Doutor Freitas era um homem sensato, mas não poderia confiar nele plenamente, então me calei, seguindo os sábios conselhos de Augustus, para que respondesse apenas ao que ele queria saber. Todas as perguntas sobre sintomas da gravidez foram afirmativas e ele, satisfeito, ia se retirar, quando resolvi puxar outro assunto para retê-lo. Já que estava ali, poderia servir-me de repórter:

– O senhor tem ouvido algo sobre minha mucama que fugiu? Fui eu mesma a causa dessa fuga, ou melhor sem pensar nas consequências do que fazia eu a libertei, sinto muito. Inadvertidamente, comentei a ela sobre o decreto da princesa Isabel, a Lei Áurea. O senhor tem ouvido sobre a liberdade? Como os

outros fazendeiros estão agindo?

O médico passou a falar em voz baixa, com ares muito sérios que me fizeram desconfiar de que fosse uma mentira. Ele disse que a informação sobre Lenita ter fugido coincidia com o que ele sabia. Havia dois dias que ele tinha constatado, como médico, a morte de uma negra que foi encontrada nos limites da fazenda de meu pai. Quando ele disse que ela morreria, nem pensei mais que fosse mentira. Meu coração ficou apertado de interrogações. Alguém a teria denunciado? Não teria dado tempo para ela fugir? Augustus estaria em perigo? José Maria teria algo a ver com isso? Porém, não pude externar minhas suspeitas.

Meu rosto se contraiu em choque e chorei por pensar que Lenita havia morrido. Eu a tinha mandado para a morte... Não! Eu a tinha mandado para a vida e ela salvou-me por duas vezes, entrando em meu lugar diante do monstro e buscando meu professor naquela noite. Estaria sempre em dívida com ela. Orei silenciosamente.

Doutor Freitas quis me acalmar com palavras duras ditas num quase sussurro de sua voz roufenha. Disse que cada um escolhe o seu destino e ninguém morre de véspera. Achei muito mau gosto que ele tivesse dito aquilo, sabia que a morte de uma escrava não teria a menor importância para ele, mas para mim, aquela era uma amiga.

Ele me estendeu um lenço e voltou a me examinar pedindo compostura. Disse que a gravidez era evidente e que poderia mesmo trazer mudanças no humor, como choros repentinos. Que era o curso natural da vida, sendo eu uma jovem e estando casada há pouco tempo era de se esperar que uma criança viesse. Ele disse também que os sintomas eram bem característicos, e que diria ao meu marido que sou muito magra e que seria bom fazer repouso e comer comidas especiais. Em sua avaliação recomendou que uma mulher de minha família viesse ficar comigo ou que eu fosse ficar com elas. Minha mãe, por exemplo, ou uma de minhas irmãs. Disse que me achou muito solitária. Aconselhou passeios ao ar livre. Como se eu pudesse sair.

Não gostei nem um pouco da primeira ideia dele, o que eu menos precisava era de minha mãe dando palpites nas minhas refeições, mas pensando melhor poderia ser uma solução, pelo menos por aqueles dias. Engolindo a dor interna pela perda de Lenita, resolvi perguntar também pelo capataz. Eu não poderia

demonstrar que gostava dela como uma amiga ou que ela era minha confidente e que foi solidária naquela condição de abuso em que eu vivia:

– O senhor viu Leôncio hoje? Como ele está?

Ele respondeu:

– Ah! Desde a última vez que o vi está melhor um pouco, os ferimentos se fecharam e ele despertou, mas está muito fraco ainda para falar. Disse apenas alguns sussurros a José Maria, pareceram-me palavras de agradecimento. Não é qualquer patrão que cuida tão bem de um empregado assim, em um quarto de hóspedes. Na verdade, a senhora está de parabéns pelo acolhimento, já que seu marido estava fora...

As palavras do médico foram maliciosas. Se ele sabia a situação que José Maria tinha com seu capataz não revelou. Eu me fiz, então, de desentendida.

– Foi uma emergência, os homens não conseguiam carregá-lo, pedi que colocassem na cama mais próxima. Mas ele vai voltar a andar e falar? – perguntei apreensiva.

– Não sei se voltará a falar normalmente, mas com certeza ficará com deficiência na perna. Se conseguir andar, coxeará visivelmente.

Quando ele saiu do quarto me apressei em vestir algo e tomar, rapidamente, um suco que me aguardava sobre a mesinha. Depois saí do quarto, pé ante pé, para espionar mais uma vez, no final do corredor. O que seria dito a meu respeito? O que seria decidido para a minha gravidez, para a minha vida? Se Leôncio tinha acordado, teria se lembrado da noite do ataque? Sobre Lenita, será que falaria alguma coisa?

Peguei alguns trechos da conversa, que não me pareceu nada boa. Falavam sobre minha gravidez e condições físicas. Fiquei ouvindo mais um pouco enquanto o doutor tentava explicar que eu era muito magrinha e que talvez precisasse de uma superalimentação. Falou ainda o médico que atestava minha gravidez pelos sintomas, eu estava com enjoos.

Depois de uma longa pausa ou sussurros que não entendi bem, o médico começou a falar o que eu dissera a respeito de ter contado a Lenita sobre a Lei Áurea e perguntou em seguida ao meu marido se eu estava em meu juízo

perfeito, porque ninguém havia ainda contado essa notícia aos escravos por ali. Claro, que isso seria feito, muito lentamente, à medida que outras soluções fossem propostas para resolver o problema da mão de obra. Era uma ordem Imperial, não poderia ser contrariada.

José Maria ponderou que eu não agia em juízo perfeito desde quando nos casamos. Sempre imaginando uma conspiração, imaginando que era vigiada e que estaria presa. Ele nunca me proibiu nada, eu é que me isolava daquele jeito. Ele é que tinha sido enganado, casando com uma moça com sério problema de comportamento, ou pior, doente, estranha, calada. Sem atentar para isso antes, aceitou-me por esposa e agora havia o herdeiro. Ele esperava que seu filho não herdasse essa característica da mãe. Conforme meu marido distorcia os acontecimentos, uma raiva que eu nunca sentira ia tomando conta de mim, um calor me subia aquecendo até os meus ouvidos, como se eles fossem estourar com aquelas mentiras.

Era demais para mim. Agora, ele me achava uma louca? Sorri por dentro articulando uma vingança. Já que ele me queria louca, eu teria mesmo um ataque. Qualquer hospital para loucos seria melhor do que aquela fazenda! Pensei mais uma vez no vexame que meu pai passaria ao saber disso. Quem sabe José Maria não exigisse mesmo um ressarcimento nos negócios se o casamento fosse anulado. Acalmei meus ânimos quando falaram o nome Lenita. Acurei os ouvidos.

O médico dizia agora que José Maria deveria mandar alguns homens procurar a escrava de nome Lenita. Constatei que o doutor mentira sobre a morte de minha amiga. Ela estava viva!!! Com certeza Augustus tivera tempo para encaminhá-la a um lugar seguro. Se Lenita tinha conseguido chegar a um local bem longe, talvez Augustus pudesse lutar por mim. Eu pensava o que ele poderia fazer... contar a meu pai? Desafiar José Maria a um duelo? Adiantaria? Ele não era estúpido, confiava em sua inteligência.

Agucei mais um pouco a audição chegando próxima à porta para saber que os homens agora conversavam sobre uma rebelião. Escravos roubaram a fazenda e fugiram deixando um rastro de destruição por onde passaram.

Acho que devaneei na parte mais importante dos acontecimentos. Que era quando falavam o nome da fazenda. Tentei ouvir mais, mas as vozes agora ficaram veladas, como se o que falassem fosse alguma doença contagiosa.

O médico alterou um pouco a voz e perguntou:

– O professor que vivia com eles?

Professor? Epa! Nesse momento percebi que só podia ser da fazenda de meu pai que falavam. Rebelião? Será que Lenita deixou escapar a notícia de que todos os escravos eram livres? Só poderia ser isso. Será que Augustus e meus familiares estavam vivos?

Esse pensamento, ainda que rápido, me fez perder a resposta que embora sibilada, se eu me esforçasse, poderia ter ouvido. Silenciei meus pensamentos enquanto ouvia mais sussurros, pedaços entrecortados de notícias, como as expressões: “negros rebeldes”, “ficaram sem trabalhadores”, “colheitas estragando no pé”, “casa grande saqueada”, “negócios arruinados”.

Num átimo de segundo, sem nem pensar muito sobre o assunto, se era verdade que falavam da fazenda de meu pai ou não, entrei pela porta do gabinete, revelei minha posição de bisbilhoteira e comecei a falar aos homens na sala tudo o que queria e o que não deveria. A revolta tomou-me o coração, não enxergava mais nada. Se Augustus tivesse morrido? Eu viveria como prisioneira, novamente?

Desconheci-me naquele momento. Eu era a personificação da raiva e da indignação. Nem mesmo os escravos rebeldes tinham tanta emoção contida. Foi como o estouro de uma boiada. Meus olhos insones e a minha figura descontrolada tinham desfigurado as características de mulher equilibrada que eu tentava cultivar. Aquela não era eu, era um ser desesperado em busca de uma luz. Revelar-me naquele momento, era como estar nua no meio de uma multidão. Assim me sentia, mas não pude parar, nada mais tinha sentido. Eu estava gelada, minhas mãos tremiam, mas dei dois passos para o meio deles e falei como uma louca ressurgida do meu próprio quarto e exílio.

– Enviei Lenita à fazenda de meus pais com a notícia de que todos os escravos já são livres. Pedi que ela contasse tudo a meu respeito também. Ela era testemunha de que vivo trancada como prisioneira em meu quarto, sem notícias de ninguém, sem poder sair. Aproveitei que meu marido tinha viajado a negócios e que Leôncio se acidentara. Pretendo informar também aos escravos daqui que já são livres, mas vivo numa clausura, digna de uma prisioneira, doutor. José Maria não me deixa sair do quarto! Por favor, acredite em mim, não estou louca, estou desesperada. Diga o que houve com minha família? Como estão meus pais,

meus irmãos? Não podem me deixar sem notícias dos meus. Isso é cruel. Exijo que me conte a verdade dos fatos. A fazenda de meu pai foi saqueada?

Por mais que perguntasse, não iria responder. Era como falar para uma sala vazia, minhas palavras voltavam com o eco vazio de minha mente. Quanto mais eu falava, mais parecia louca. José Maria só abanava a cabeça como se confirmasse suas suspeitas. Ele falou:

– A senhora baronesa, minha esposa, exagera, está visivelmente descontrolada, pelo que sei seus familiares vieram em visita na semana passada. Se vive em clausura, por que não se queixou a seu pai e ele não a levou de volta?

Respondi ainda nervosa:

– Por que não quero regressar para lá, quero minha liberdade e sei alguns segredos capazes de comprá-la.

Meu marido ficou pálido de raiva contida ou empáfia, sua especialidade. Já pensava no que ele ia dizer para me contrapor, mas apenas se levantou da cadeira que ocupava e gritou por um escravo. Quando Tonho chegou, disse a ele, apontando para mim:

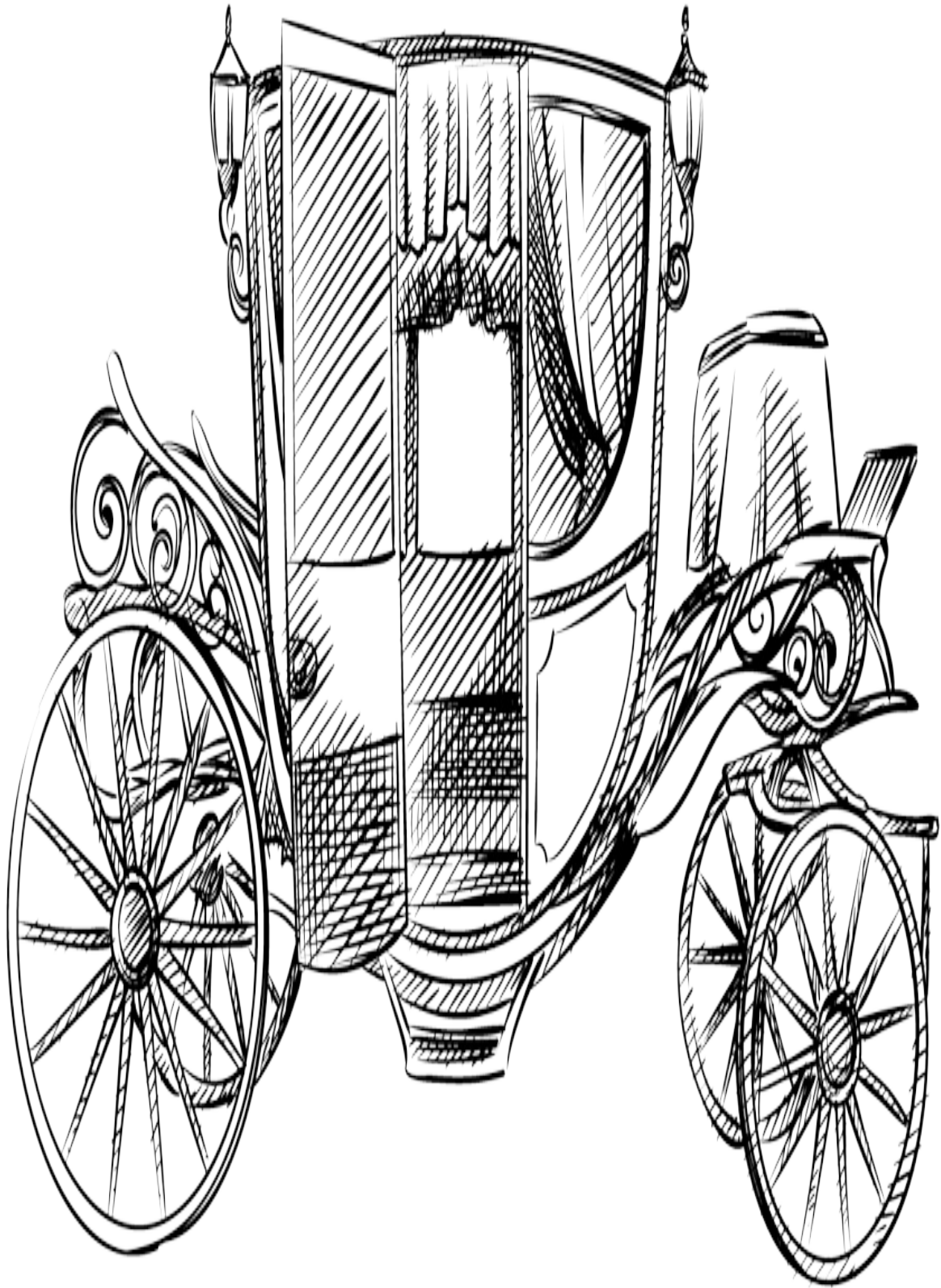
– Faça com que ela se cale.

Depois disso foi um rebuliço na sala. Eu corria do negro como uma criança que se esconde pelas frestas e embaixo dos móveis. O doutor queria me dar um sedativo, e José Maria, me matar.

Foi um verdadeiro pega-pega pela sala. Dois homens correndo atrás de mim, até que doutor Freitas conseguiu me agarrar. José Maria sorriu, remexeu as mãozinhas sobre a barriga arredondada e disse.

– Ela me deu uma boa ideia. Vamos mantê-la sedada. Esperamos o herdeiro nascer, depois veremos.

O doutor remexeu em sua valise, encontrou um líquido, que entornou numa gaze e encostou no meu nariz. Em poucos segundos, meu mundo colorido ficou preto e branco e depois se apagou.



## 12. Doença

*A calma e a resignação hauridas da maneira de encarar a vida terrestre e da fé no futuro dão ao espírito uma serenidade que é o melhor preservativo contra a loucura e o suicídio. Com efeito, é certo que a maioria dos casos de loucura se deve à comoção produzida pelas vicissitudes que o homem não tem a coragem de suportar.*

*O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. V, item 14.*

Quando acordei no meu quarto, estranhei o silêncio do lado de fora. Parecia que todos haviam saído ou que faziam silêncio de propósito. Tudo parecia diferente ou eu não era mais eu mesma? Não me sentia mais dona de mim, minhas certezas tinham se dissipado. O bem-estar das semanas anteriores, quando experimentei estar ao lado da pessoa que mais amava na vida tinha cedido lugar a um sentimento de inadequação, como se não conseguisse encontrar o meu eixo. Estranha sensação embotava meus pensamentos, como se não pudesse mais governá-los, como se aceitasse pacificamente uma triste e deprimente sugestão que surgia no fundo de minha alma. Vinha-me a ideia de que eu nunca sairia dali, que eu seria sempre infeliz, que eu seria morta após ter aquela criança.

Lembrava-me do momento do “surto”, do desespero, do cheiro de éter invadindo meu ser, apagando minha vitalidade. O que teria acontecido enquanto estive desmaiada? Quanto tempo ficara dormindo? Não sabia, não poderia saber. Ninguém velava minha cabeceira. Esperei sem ouvir nada e o nada me invadiu como se eu não fosse nada também. Uma mulher numa distante fazenda cercada por corações que a traíram por interesses, prisioneira da condição inerente a mim – ser mulher.

Onde estaria Augustus? O que de fato teria acontecido na fazenda de meu pai? Tentei me levantar, mas minha cabeça rodou. A voz dentro da minha mente afirmava que eu era a pior das pessoas, a mais inconsequente, que merecia estar passando por aquelas dores, que nunca poderia sair dali...

Uma confusão de pensamentos, de carência e falta preencheram minha mente. Via as consequências mais funestas desfilarem diante dos meus olhos. Se Augustus estivesse morto? E se meus pais soubessem da minha traição e ficassem a favor de José Maria? Se Leôncio levantasse e quisesse vingança? E se ele se lembrasse do que houve?

Um gosto amargo preencheu minha boca, como se o éter ainda estivesse sendo absorvido pelo meu corpo. Quantas conjecturas pessimistas, quantas incertezas brincavam diante dos meus olhos. Eu não estava assim, não me sentia tão mal havia tempo. Lembrei-me dos livros de oração, mas estavam distantes, escondidos nas gavetas e eu não conseguia me levantar para conferir em O Livro dos Médiuns, se o que eu sentia poderia ser algum fantasma ligado a mim por meu estado emocional desequilibrado. Pelo que me lembrava, poderia ter deixado que a raiva me dominasse e com isso, poderia ter dado abertura a algum obsessor.

Aos poucos, consegui erguer o corpo, recostei na cama e comecei a pensar com um pouco mais de clareza. Tentei controlar minha mente que estava ainda em redemoinhos, voltando ao passado e aos sentimentos depressivos, mas começava a me dar conta do que estava acontecendo. Eu recebia alguma influência espiritual, só poderia ser mais uma vez o fenômeno da espiritualidade começando a desarticular minhas certezas. Eu não estava sentindo aquilo antes de o médico ter entrado em meu quarto. Estava bem confiante de que José Maria poderia se tornar mais compreensivo comigo depois que soubesse da gravidez. Que fosse me ouvir, que pudesse receber Augustus... que engano!

Talvez, o pano embebecido que respirei tenha me tirado a lucidez, talvez tenha aberto alguns canais mediúnicos. Não sabia dizer o que seria, mas dentro da minha mente sentia que havia sugestões derrotistas que faziam eco com meus medos. Não sei por que acabei por me lembrar do barão Castelnuovo que, recentemente, desencarnara. Nas minhas aventuras no mundo invisível, Lenita comunicava-se como a baronesa falecida muitos anos atrás, mas nunca tinha pensado no barão. Onde estaria ele? Certamente, por ali, sua fazenda, seus negócios, seu filho. Vendo tudo que se passara na fazenda no último mês, com certeza, sendo como os homens de sua época, viria ali para cobrar minhas atitudes.

Mentalmente, comecei a orar, já que minhas pernas não obedeciam para ir apanhar o livro. Pensei com carinho nas minhas amigas desencarnadas e em

como poderiam me ajudar naquele momento, mas principalmente, pensei na aflição de um pai falecido, vendo seu filho insensível e cruel com a esposa e querendo que ele pudesse adquirir alguns valores, como a bondade e a fé – eu tirava isso por mim, que queria que meu filho, ainda não nascido, fosse tudo isso. Sem poder falar com ele, sem poder expressar sua ideia, vendo o que tinha acontecido naquele último mês, em pensamento, orei:

“Meu Deus, em Sua soberana justiça, olha por nós ainda tateando no escuro da ignorância de Suas leis. Aqui estou, Senhor, como sua filha diante das injustiças da Terra, mas tenho certeza de que me destes tudo que preciso para aprender. Venho pedir em minhas preces pelo espírito do barão de Castelnuovo, desencarnado aqui mesmo nesta fazenda. Que seus anjos de luz o estejam conduzindo à lucidez e ao aprendizado que deve encontrar além da vida. Se ele ainda está por aqui, se me sugere ideias, como li que é possível que um espírito faça, foi porque deixei-me conduzir pela falta de esperança e fé. Peço perdão a ele, se de alguma forma o ofendi com minhas atitudes, pensamentos ou palavras. Reafirmo minha fé no bem, na verdade e no amor. Assim seja!”

Depois da oração, experimentei harmonia e paz mental. Tão grande foi meu conforto, após aqueles momentos de falta de esperança, que senti sono novamente.

Até aquela hora, ninguém tinha aparecido ou requisitado a minha presença, pelo que parecia já era o meio da manhã. Por mim mesma, eu não tinha forças para chamar as mucamas, nem para me levantar. Ajeitei-me entre os travesseiros, quem sabe não era apenas fraqueza pela ansiedade do momento que estava passando? Ou pela gravidez, não sei. Meus olhos se fecharam suavemente, piscando, piscando...

O sono me veio como se um véu diáfano cobrisse meu olhar. Sonhei. Estávamos na fazenda Paraíso no meu tempo de infância. Na varanda meus pais conversavam distraídos numa cadeira que tínhamos do lado de fora do alpendre. Os escravos passavam cumprindo suas obrigações e a baronesa Therezinha estava ao meu lado, tocando meu braço, chamando meu nome e dizendo uma reza baixinho. Sorri. Junto dela havia uma senhora de cabelos brancos que descobri que se tratava da baronesa Marina Boaventura, com quem tinha conversado certa vez, pela mediunidade de Lenita, mas que nunca tinha visto, nem em fotos, como vi a mãe de José Maria. Também estavam no local meus avós paternos, que ali tinham morado quando vivos, mas ficaram distantes como

os outros parentes.

Nunca tinha visto as duas amigas, mas, no sonho, eu as conhecia de longa data. Estranhos esses mecanismos do inconsciente, percebemos mais do que sabemos.

A baronesa Marina orava baixinho e dona Therezinha dizia que eu estava sofrendo influências de tristeza por causa de minha aflição daqueles dias. Ela estava tentando convencer José Antônio, seu marido e barão Castelnuovo, que estava próximo a mim. Ela me pediu para que eu não mais agasalhasse esse sentimento dentro do peito, porque me fazia muito mal. Tinha que mudar meus pensamentos, focar meus objetivos em sair dali, em vencer aquele tempo sem me deixar abater. Ela dizia, como uma mãe preocupada:

– Minha filha, acalme seu coração. Esqueceu-se dos livros que leu? As orações no final do Evangelho? Tenha o livro em sua cabeceira, nessas horas mais difíceis precisará lê-lo com atenção e orar muito, com devoção. Sabemos que suas provas são difíceis, mas não pense que por não ter um parente encarnado por perto, está sozinha. Não está, estamos com você, velando seu sono, como amigos do espaço. Não será sempre assim. A vida tem altos e baixos, reviravoltas surpreendentes que nos beneficiam inesperadamente. Veja essa porta que se abre.

Vi que se abria diante dos meus olhos os pórticos da fazenda Castelnuovo. Dois pilares construídos imponentemente na estrada que levava à casa grande bem na entrada das terras de José Maria, encimados pelo brasão dos Castelnuovo. Depois que se abriram os pórticos, vi-me dentro do salão principal, onde havia uma criança correndo e um homem gentil e protetor a amparava nos braços. Respondi entre soluços, levando as mãos ao rosto para enxugar as lágrimas de alegria que me invadiam o coração:

– Vejo, é aqui mesmo. O que é isso? Quem são essas pessoas que não distingo o rosto?

Therezinha falou-me, calmamente:

– São o seu futuro, não o desmanche por atos impensados, por desespero, por imprudência. Uma criança está no seu ventre, seja forte para abrigá-la bem. Já seu destino a leva próximo a essa porta. Espere. Ore.

Lembro-me de ter pensado na razão pela qual tudo aquilo estava acontecendo

comigo, toda dor não acontece sem propósito. Ainda envolvida pela psicofera onírica, indaguei a minhas amigas do invisível:

– Por que estou passando por tudo isso? Por que não consigo viver minha vida ao lado da pessoa que amo?

Foi a vez da baronesa Boaventura falar. Ela pediu que eu me lembrasse e realmente vieram algumas cenas na minha mente. Uma mata fechada, uma cabana na floresta, Lenita vestida como uma verdadeira rainha, com outro rosto, muito empoado. Vi-me preparando ervas, elixires e unguentos. Fazendo amuletos de proteção e poções para o amor, assim interferindo no livre-arbítrio das pessoas. Marina disse:

– Veja os compromissos que gerou para a sua vida com essas atitudes.

Mostrou pessoas com às quais eu tinha de me harmonizar, hoje com outro rosto, postas em meu caminho para que eu as ajudasse. Meu compromisso mais sério era com Lenita. A baronesa disse que o meu problema com ela se explicava porque antes fomos responsáveis por levar uma pessoa ao suicídio, o que tinha nos deixado um débito muito grande perante a lei de Deus. Que eu orasse muito a Deus pedindo que pudesse me ajustar perante minha própria consciência.

Disse, em sua voz doce, que o suicídio não é solução para os problemas, é antes um agravamento para o espírito que contraria as leis da vida e de Deus ficando preso ao ato horrível de sua morte pelo tempo que ainda precisaria cumprir na Terra. Os suicidas muito sofrem, até que entendem que o nada e o fim que procuravam não existem porque somos imortais. Muitos deles se julgam vivos ainda, frustrados em seu intento de morte, presos aos despojos carnis, mas já libertos no mundo espiritual, numa confusão mental que pode durar séculos sem explicação. Ela ainda acrescentou:

– Minha filha, ore ao Pai para sair das influências dos espíritos ignorantes da lei de Deus! Peça socorro a Deus.

Perguntei sobre o barão Castelnuovo. Seria ele um desses ignorantes? E ela retomou a explicação:

– Sim, o pai de José Maria não quer deixar seu antigo quarto. Muitos anos sofreu estando acamado e agora acredita-se ainda doente. Ore muito por ele, precisa de nossa ajuda. De alguma forma ele prejudica a todos por seu apego à

materialidade.

Depois, ela falou que eu esperasse e orasse diariamente pela minha libertação porque aqueles dias de aflições estavam se findando. Disse que ela faria tudo que estivesse ao seu alcance para me ver feliz e bem, porque havia um espírito muito querido dela retornando ao plano físico, como meu filho.

O sonho foi ficando confuso, como todo sonho desvaneceu-se em pensamentos sobre encontros e desencontros na Terra. Eu questionava, mentalmente, se seria verdade. Estivera me encontrando com as duas amigas do invisível? Como elas poderiam estar sabendo de tanta coisa? Racionalizando os conselhos que acabava de ouvir, fui retomando a consciência de minha situação, paulatinamente.

Quando consegui despertar por completo, estava suando, minhas bochechas deviam estar muito vermelhas e o meu coração acelerado. Continuei vendo um vulto em meu quarto, mesmo com a luminosidade da alta manhã. A silhueta amiga me sorria, enquanto se desvanecia no fundo do quarto. Minhas amigas me diziam adeus, ou assim pensei que fosse. Tinha sonhado com elas vivamente, como poderia ser aquilo, uma identidade de almas, uma força divina, uma ajuda espiritual. Eu estava agora confiante de que muita coisa ainda aconteceria e mudaria em minha vida. Eu acreditava mais em mim mesma.

Nem percebi que meu corpo não estava mais pesado, voltei a me sentar na cama sem esforço. Parecia que eu tinha tomado um influxo novo de energia e consegui me levantar, sorrindo para o dia que já ia alto. Com o olhar, conferi em um giro pelo quarto. Tudo normal, aparentemente, os vultos tinham sumido.

Com certeza, eu me livraria daqueles problemas, e quem sabe, até no futuro viesse a rir deles.

Analisando os conselhos que tinha recebido durante aquele sonho, me fez pensar que estivera afastada das orações e enfraquecida interiormente quando me senti influenciada pelo barão Castelnovo. Eu mesma permiti aquela aproximação, até mesmo convidei. Quanta imprevidência de minha parte, depois de tudo que tinha estudado! O que seriam aqueles pensamentos? Eu estava confusa, decepcionada com José Maria e sem notícias de meus parentes e de meu amor. Constatei que Deus não me desampararia, só precisava ter calma e, pensando bem, poderia agradecer a oportunidade de me levantar da cama naquela manhã.

Chamei as escravas para me ajudarem, mas ninguém apareceu, então vesti sozinha o vestido comprido, costume da época, que escondia meu corpo. Tinha deixado algumas partes dos espartilhos sem apertar porque não consegui sozinha, mas no resto, estava confortável. Resolvi sair do quarto, pedir comida e chamar por meu algoz para saber o que tinham decidido para mim naquela manhã. De forma completamente nova para mim, o sonho com minhas amigas do mundo espiritual tinha renovado minhas forças e esperanças. Tinha renovado e reafirmado meu amor e minha vontade de lutar e de viver.

Doutor Freitas estava ainda de plantão pela casa, esperando que eu acordasse. Mais remédios seriam ministrados nos horários e eu tinha de me submeter, me acostumar e não reclamar ou protestar. Tomei-os contrariada, pois eu sabia que me tiravam a lucidez, mexiam com meu estado emocional, davam sono. O gosto era horrível e sempre fazia careta e tinha enjoos quando tomava. Descobri, no meio daquela tarde, que, daquela hora em diante, seria tratada como grávida e louca... Seriam aqueles remédios uma vingança pelos que eu tinha dado a Leôncio? Mistérios que nunca saberia.

Meu marido com certeza tinha conseguido convencer o doutor a dar esse diagnóstico por causa de minha “revelação” da tarde do dia anterior. Com certeza, estaria pagando ao médico para me vigiar, para ficar em silêncio, para atestar minha loucura. Fiquei pensando sobre isso. Por que José Maria não destruía, simplesmente, o documento e desfrutava da herança natural? Certamente, o testamento tinha estado nas mãos de um advogado antes de ir parar na gaveta do escritório dele. Esses foram meus pensamentos lúcidos daquela manhã, depois fui ficando com sono novamente, tudo confuso em meu peito. Insegurança e sensibilidade excessiva me faziam chorar por qualquer motivo. Não sabia se ainda seria influência espiritual ou não. Se seriam apenas os remédios mesmo.

Enquanto não sabia bem o que estava acontecendo comigo, doutor Freitas me avisou que meus parentes estavam vivos e bem. Queria perguntar por Augustus, por Lenita, mas não tinha forças. Meus olhos não paravam abertos, meus braços pareciam pesados, minha cabeça pendia para o lado e uma escrava ajeitou-me umas almofadas sob as costas. Novamente adormeci.

Fui comunicada mais tarde sobre nossa ida, no dia seguinte, até a fazenda de meu pai, pois meu marido precisava avaliar o prejuízo. Não sei por que eu iria junto, talvez fosse recomendação médica ou comprovação de minha insanidade.

Talvez ele quisesse me devolver e pedir o dote de volta, ou poderia dizer ao meu pai que insufleu a rebelião ou, simplesmente, me deixar aos cuidados de minha mãe enquanto estivesse grávida como sugeriu o doutor. Com certeza José Maria pensava que com a fuga dos escravos e roubo ao patrimônio de meu pai, o caso se tornara bem sério. Precisava ser estudado de perto. Para isso ele era rápido e eficiente. Sem os escravos, nada de colheita. Sem a colheita, adeus aos rendimentos. De que adiantava a fazenda se não dava lucros? Uma atitude deveria ser tomada e bem rápido, talvez por isso ele tenha se demorado em viagem, talvez trouxesse alguma solução para a situação dos escravos como pessoas livres. Não poderia contrariar uma ordem Imperial por muito tempo.

Essas conclusões eram conjecturas minhas, não ousei perguntar nada a ninguém, com medo de que cancelassem minha ida. Tomaria os remédios, para que pudessem fingir que eu era louca, tudo bem! Meus familiares me conheciam o suficiente para não acreditarem naquela farsa. Quando chegasse lá, lutaria contra os sedativos para manter os olhos abertos, lutaria para controlar os pensamentos com todas as forças do meu ser.

À noite, perdi o sono. Era uma fresca madrugada em que o luar invadia meu quarto, mas não tinha forças para ir até a varanda admirar a luz azulada e amiga. Fiquei lembrando do meu amor, da noite em que estivemos juntos, das semanas que se seguiram. Por que não aceitei a sugestão dele e fugi? Por que permanecer naquela situação dando asas à loucura de meu marido? Por que arriscar que meu filho fosse criado perto de um monstro sem escrúpulos? No fundo eu tinha um pressentimento de que algo ruim aconteceria em breve. Não sabia o que seria.

A lua tão linda me fez lembrar da fala de meu professor, que sempre foi tão sensato, enxergando onde eu não conseguia ainda ver. Havia poucas semanas, ele me tinha dito:

– Não posso permitir que fique nessas condições. Isolada no quarto? Sem poder nem mesmo usar a biblioteca? Sem o alimento necessário? Na casa de seu pai eu sei, será muito duro regressar como uma mulher separada, mas não lhe faltará a liberdade pela casa, as roupas sempre novas, a comida farta. Você será uma senhora separada com uma vida digna, Milena. Permita-me ajudar...

Respondi com a minha impertinência que ele já conhecia:

– Não posso, meu querido, viver com meus pais novamente. Não conseguiria

encará-los. Eles me fariam sentir vergonha do sentimento puro que tenho nutrido por você. Não conseguiria conviver com eles e com você na mesma casa sem poder tê-lo como marido, Augustus, quero minha liberdade. Aceitar as opiniões de minha mãe e as ordens de meu pai novamente... não dá mais. Eles não permitiriam que nos encontrássemos...

– Milena, pensa junto comigo, nós decidimos ficar juntos, não foi? Resolvemos contrariar as pressões sociais a que tivemos de ceder antes de nosso filho acontecer. Então, não há lugar mais para a baronesa Castelnuovo, título que você nunca quis. É preciso abrir mão de algo para seguir adiante, deixe para trás a senhora de escravos, mesmo porque não há mais escravos. Sinto que você não se aceita, senão como baronesa. Este título, em breve, também perderá o valor. É inevitável que todo o sistema econômico venha a mudar, não podemos mais ficar aqui. Tenho, como disse antes, umas casinhas pequenas. Posso dar aulas, nós nos estabeleceríamos longe dos olhares de todos. Seria uma vida modesta, mas nosso filho poderia crescer junto conosco, cercado de carinho – disse, com voz lamentosa, pois sabia de minhas negativas.

– Não posso, Augustus, nosso filho seria um bastardo. Sofreríamos perseguições e vinganças em nome de minha reputação de baronesa. Ninguém nos respeitaria. Quem tomaria lições com um professor que vive em situação que contrarie as leis da sociedade? Pense no destino que estamos selando para o pequeno. Não ter nada nessa vida: reputação ou nome. Além de que, tenho um pressentimento, uma intuição, de que tenho compromisso com essas pessoas daqui. O sofrimento que passei aqui não foi em vão, foi um resgate.

Ele contemporizou, como sempre, clareando minha visão um pouco exagerada da realidade:

– Se foi resgate já passou, podemos seguir livres, por favor, Milena, reconsidere sua escolha.

As palavras dele foram sumindo em minha memória e as lágrimas escorreram por meus olhos. Apesar de firme em suas propostas e ideias, ele sempre considerava meu ponto de vista e acatava minha escolha. Agora, pensando nisso, voltei a me questionar: Por que não o ouvi? Por que seguir com essa farsa que José Maria inventara? Por que não o desmascarava e denunciava Leôncio como o monstro que era? Pensei profundamente no que tinha movido aquela minha decisão de ficar: teimosia, vergonha de expor minha condição e orgulho por não

querer perder o status de baronesa, de mulher casada. Com muita raiva de mim mesma, voltei a adormecer e acho que nem sonhei nada. Parecia que tinha apenas piscado os olhos, mas quando os abri, o sol já ia alto no céu. Fiquei ainda na cama, se me levantasse tomava novamente os remédios. Senti forte enjoo e não tive como ficar mais na cama. Tudo começou de novo, doses e mais doses, colheres e mais colheres de sedativos.

Eu ainda não sabia que o médico aumentaria, gradativamente, a frequência das doses dos tais sedativos e que isso me deixaria realmente fora do ar, apagada, com olhar esgazeado. Começou a se multiplicar a ação do remédio uma hora antes da nossa partida para Paraíso. Acho que, assim, José Maria pretendia provar sua tese de que eu estava louca. As colheradas me deixavam enjoada e tonta, mas não tinha jeito, Freitas ficava ao lado da cama para se certificar de que eu tomasse tudo a cada hora. Ele queria saber o que eu estava sentindo, quando dizia enjoo, ele parava por um tempo. Usei isso a meu favor.

Então, a comitiva partiu para a fazenda de meu pai: a louca, o médico e o marido. Nenhum escravo ou criado nos acompanhou, eu nem sabia mais como chamá-los. Não sei como José Maria tinha conseguido que doutor Freitas nos acompanhasse. Será que estaria pagando até que ele provasse que eu estava louca?

Descobri pelo que falavam os homens dentro da carruagem, que Leôncio se levantara, mas estava lento ao caminhar e isso o tinha deixado muito triste. Sua perna ficaria, irremediavelmente, coxa e ele também apresentava problemas na fala, mas estava vivo e se levantara naquela manhã, chamando para si a responsabilidade de cuidar de tudo em Castelnuovo, mesmo sem conseguir sair do quarto. Pelo que entendi, não se lembrara do dia do “tombo”.

O médico passou a falar da abolição e soube que muitas fazendas estavam contratando pessoas, até mesmo crianças, outros estavam arrendando a terra. Meu marido pretendia esconder a informação o quanto pudesse. Até que toda a colheita estivesse a caminho do comprador.

Por enquanto, ninguém por lá ficaria sabendo sobre a liberdade, nem das ideias revolucionárias de Lenita, nem mesmo Joelma sabia que era livre. Em Castelnuovo nada mudara, os escravos continuavam escravos e o marido continuava o senhor do destino de todos. Até quando conseguiriam protelar as ordens Imperiais? À medida que a charrete se afastava dos portões imponentes,

eu pensava que na fazenda Paraíso tudo estaria diferente, como estariam todos?

No embalo dos animais, onde tudo sacudia, eu pensava no bebê e tentava, desesperadamente, me manter acordada por mais alguns metros, mas o balanço foi dando um sono irresistível, nem a possibilidade de rever Augustus me fazia abrir os olhos. Por um lado foi bom. Dormindo, as novas doses de remédios tiveram de esperar que eu acordasse para abrir a boca. Percebi isso e me deixei ficar debruçada nos ombros de Freitas. De modo que quando chegasse à fazenda de meu pai – finalmente – estaria apenas com cara de sono, mas não de todo fora do ar.

Tinha percebido também que quando os enjoos persistiam – ou eu os exagerava fazendo vômito – o doutor suspendia as doses argumentando que poderia ser ruim para o bebê. Fui fazendo então as duas estratégias, dormia e enjoava exageradamente...

Meu marido, que sempre se mantinha calado ao meu lado, sem assunto comigo ou com quem quer que fosse a meu respeito, daquela vez resolveu aproveitar para se gabar, afirmando que desde as núpcias esperava ansioso por essa notícia da gravidez. Tagarelava inventando as mais asquerosas mentiras, sobre como antes daquele meu surto, nós nos dávamos bem, mas que eu tinha ficado mais arredia nos últimos meses, quando ele começou a me cobrar um filho e herdeiro.

O que ele nem suspeitava era que eu tinha enganado Leôncio naquela noite com a ajuda de Lenita. Leôncio não se lembrava do que houve realmente, do que bateu em sua cabeça, mas poderia ter se lembrado de quando tinha bebido e me procurado em meu quarto. Informação suficientemente boa para justificar a gravidez. Ao que parecia, meu marido estava bem com a notícia, nenhuma suspeita sobre Augustus, embora, com certeza, os escravos deveriam estar comentando que mandei chamá-lo várias vezes. Pensei por alguns instantes se seria justo enganar, daquela forma a todos, com uma criança que não era legítima, nem herdeira... meus pensamentos desse tipo sumiram quando cochilei.

Chegamos. Minha mãe veio nos receber, o que era bem incomum. Geralmente, não saía do salão, mas naquela situação sem escravos, ela mesma veio ver-nos do lado de fora da casa. Depois, duas de minhas irmãs que eu não via há tempos, vieram me abraçar, estavam crescidas, com ar de mocinha. Eram bem mais novas que eu, mas também já tinham o futuro selado. Casar-se-iam com outros fazendeiros ou herdeiros de títulos de nobreza. Senti um suave conforto em meu

coração ao ver mesmo o rosto carrancudo de meu pai. Meus olhos, ainda que obnubilados pelos medicamentos, adquiriram um brilho característico de felicidade. Era um alívio estar ali, meu professor tinha razão, entre eles eu me sentia protegida.

– Vejam, vejam quem veio, por fim, nos visitar! É Milena – disse minha mãe, com sincera felicidade. Eles não sabiam que eu tivera de vir junto com meu marido, para comprovar minha insanidade.

O médico me seguia de perto, mas não podia, diante da minha família, continuar ministrando tantas doses de remédio. Eu teria de ser uma grávida enjoada mesmo e não a louca, como eles queriam.

Assim que pisei na fazenda de meu pai, percebi as mudanças. A senzala estava no chão, destruída. No lugar dela começavam a limpar o terreno para construir algumas casinhas de madeira. Busquei Mina e Lenita com o olhar, mas não vi nenhum negro do lado de fora. Como eles estariam se virando sem os escravos?

Entendi a gravidade do que tinha feito, mas não sentia remorsos por isso, a verdade era que a princesa já tinha assinado o papel havia alguns meses e aquilo que vivíamos era uma sociedade falida, fadada a terminar. Só ultimei as coisas...

Entre em casa e corri os olhos pelo salão, pelos bibelôs e tentei conferir a prataria... Estava tudo diferente. Parecia que um furacão tinha passado por lá e levado tudo de valor. O quadro de meu pai era a única coisa que permanecia no lugar. Os móveis também estavam intactos, mas me pareceram empoeirados, como nunca havia visto antes. Sem o braço negro para limpá-los, estavam longe do glamour de outros tempos. Era tudo tão limpo e arrumado, nada fora do lugar, prataria polida, chão brilhante, móveis impecáveis. Éramos nós que destoávamos com nossa algazarra infantil.

Mina veio correndo da cozinha, a pretexto de trazer a limonada que minha mãe tinha pedido para os que chegavam da estrada empoeirada. Estava um dia muito seco, comum no outono. Experimentei grande felicidade ao vê-la e lágrimas vieram-me aos olhos. Atirei-me em seus braços, sabendo que ao menos ela não tinha deixado a minha família. Também, para onde ela iria sendo já idosa? Na verdade, ela já era livre desde a lei do sexagenário. Ninguém disse nada sobre eu abraçar uma negra no meio da sala, nem podia, a saudade era maior que o recato. Todos sabíamos que ela não era mais escrava, mas o preconceito ainda era o

mesmo, não tinha sumido por causa de uma lei assinada.

Esta questão, o preconceito, eu pressentia que demoraria muito ainda para sumir de todo. A cor da pele seria ainda muito discriminada, mesmo que eles fossem homens livres. Eu me lembrei das aulas de Augustus e de como tinha sido difícil para eu entender que todo negro era, exatamente, como o branco, carne, osso e alma. Depois que estudei a reencarnação, pude entender mais profundamente ainda, que um dia já podemos ter estado em qualquer cor de pele.

Minha mãe me ajudou sem querer, fazendo mil perguntas ao doutor Freitas e deixando-o ocupado. Se eu estava doente, o que eu tinha? Por que ele tinha vindo junto? Perguntava todos os detalhes da minha “doença”. Enquanto os dois conversavam, eu pude falar baixinho com minha mãe do coração.

– O que houve aqui, mãezinha?

Indaguei a Mina, pessoa em quem eu mais confiava. Saber dela seria ter certeza de receber somente os fatos, sem manipulações e interesse. Eu tinha descoberto essa característica das pessoas ao meu redor. Distorcer informações para tirar vantagens.

– Os negros se rebelaram dizendo que eram livres. Foram embora. Não tem ninguém para cuidar da casa. Mina ficou para fazer a comida, assim a sinhá sua mãe não passa fome.

Depois de um breve silêncio, ouvi quando ela disse:

– A menina tá doente? Tá com o “olhá” triste.

Abracei a minha negra com força. Se ela soubesse da metade do que eu havia passado, o quanto havia sofrido nas mãos do tirano do meu marido. Se ela soubesse que tinha mandado Lenita buscar o professor... onde ele estaria? Meu coração estava sangrando por não encontrá-lo de pronto à minha espera. Não podia perguntar por ele sem uma justificativa para minha curiosidade.

– Estou bem, Mina, só me forcem a tomar remédios de que não preciso.

Exclamei com esforço e emendei em sussurros:

– Onde está Lenita? Eu a mandei para cá com a notícia da liberdade... E

Augustus? Onde ele está?

Virei o corpo, hipnotizada pela possibilidade de vê-lo e foi exatamente isso que aconteceu. Se havia algum resquício de remédio em meu corpo atrapalhando meus pensamentos, naquele momento tudo se desfez pelos suores de minhas mãos, pelas lágrimas de meus olhos, pelo meu corpo todo trêmulo de esperança – ele entrava pela porta que vinha da biblioteca. Esqueci minha condição de esposa daquele desgraçado e corri para Augustus. Se eu estava desequilibrada, não poderiam me cobrar nenhuma coerência. Descobri que eu tinha perdido o juízo por não querer fugir com ele, por ficar longe de seu olhar, por não acatar seus conselhos ou qualquer coisa que viesse dele... Havia algumas semanas apenas que não nos víamos, mas retornar à condição de prisioneira me fez sentir a diferença como era tratada por ele.

– Augustus...

Falei ao cumprimentá-lo aproximando-me. Os olhares dos presentes não nos acompanharam, mesmo assim o professor foi o mais comedido possível diante de meu choro em excesso, efeitos dos remédios ou da emotividade exagerada pela gravidez. Mesmo ele estando contido, tremeu ao tomar minhas mãos para beijar. Tentando disfarçar a emoção, exclamou alto:

– Estou feliz em saber que nada aconteceu em sua fazenda e que a senhora está bem, baronesa! – e sussurrou ao beijar minhas mãos, algo que só eu pude ouvir estando ele bem perto de mim – diga-me que está tudo bem com você e com o pequeno...

Disse que sim com a cabeça e nossos olhos nos traíram, pois nos encaramos com ternura. Para mim seria fácil justificar as lágrimas pela teoria da loucura que meu marido tentava me imputar, mas ele disfarçava como podia.

Ninguém prestava atenção às nossas ternuras, exceto talvez, José Maria que olhava em nossa direção, enquanto conversava baixo com meu pai. Curtos foram os minutos que trocamos olhares carinhosos que nos denunciavam. Meu pai cortou a beleza do momento, falando alto e me assustei, talvez as medicações estivessem abalando também meus nervos. Não podia conviver com os gritos de meu pai, eram traumatizantes.

Foi como um estrondo em minha cabeça que ouvi a voz de meu pai, estremeci e levei a mão ao coração, mas não desmaiei. Andava com medo e sensibilidade à

flor da pele, e sua voz ecoou pela sala. Na verdade, não era nada comigo diretamente, ele não me repreendia, pelo contrário. João Carlos, o barão de S... falou bravejando:

– Minha filha não era louca quando saiu da minha casa. Era saudável e bem inteligente para uma mulher. O professor Augustus pode comprovar, pois lecionou para ela – disse meu pai.

Augustus se recompôs em segundos enquanto atravessava a sala para dar seu testemunho. Aprumou o corpo, caminhou decidido, com toda graça que lhe era característica. Finalmente ele tinha oportunidade de me defender. Ri por dentro, enquanto a teoria de meu marido, finalmente, iria por água abaixo. Augustus me apoiaria, tinha certeza.

Ele foi categórico, brilhante como sempre e me defendeu com todas as forças de suas palavras. Eu era inteligente, sensível e dedicada aos estudos, me saindo muito bem nas provas. Disse ainda que se entristeceu por não continuar a minha educação, porque via em mim grande potencial para que eu me tornasse uma mulher de grande cultura.

Sem querer denunciar que meu coração parava a cada elogio dele, fui me sentar na poltrona mais próxima às mulheres, mas ainda pude ouvir o que os homens conversavam. Eu estava ligeiramente tonta com os reencontros daquela manhã.

José Maria se engasgava com suas palavras. Pela primeira vez, ninguém o escutava. Meu pai, que parecia preocupadíssimo comigo e com toda a situação, tentava, agora mais calmo, explicar que já vira mulheres em meu estado parecerem diferentes, mesmo depois que tinham o filho, demoravam muito para voltarem ao normal. Ele disse que enquanto a criança necessitasse de cuidados, seria bom que ele se acostumassem com a minha distância.

Alguém argumentou que eu tinha acabado de conduzir a fazenda Castelnuovo sem ajuda de ninguém, durante o tempo em que ele estivera viajando e Leôncio inconsciente.

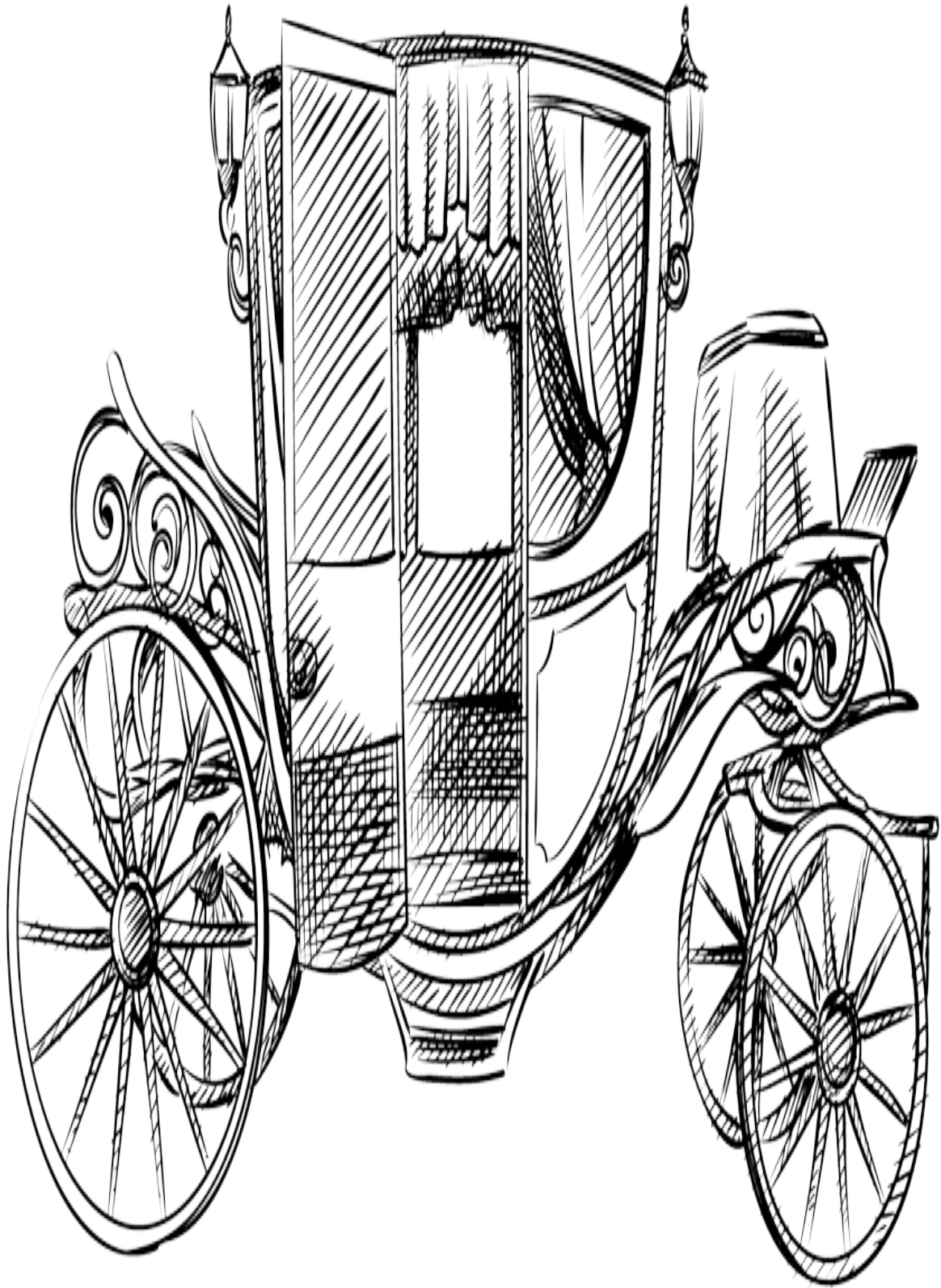
Percebi pelo teor da conversa que não poderia falar nada em minha defesa, ninguém queria saber a minha opinião ou testemunho. Ali era o que menos teria importância. Só tinha valor a opinião de um homem.

Pensei sobre a situação de minha família agora que os escravos se foram. Meu

pai, mãe e irmãos permaneceram ali naquela fazenda desfeita e saqueada, demoraria tempo para repor o que tinham perdido. Constatei que por mais que me amassem não poderiam fazer nada sem o apoio de José Maria. Minha família deveria estar contando, de alguma forma, com a boa vontade de meu marido agora. Eu sabia que meu pai me defendera porque sabia que eu não era louca, mas nunca admitiria receber de volta uma filha separada, eu tinha certeza disso.

Todos ficaram mudos e constrangidos por alguns momentos, esperando meu pai também atestar a minha sanidade e gravidez. Ele o fez eloquentemente não dando chances para mais ninguém falar. Quando acabou e antes que José Maria retrucasse, minha mãe me chamou e a minhas irmãs para irmos ao oratório e nos segredou pelo caminho que aquela não era conversa para mulheres participarem.

Assim, não me foi permitido ouvir o resto da discussão sobre meu destino, minha sanidade mental, nem sobre a análise que faziam do meu comportamento. Não gostava daquele oratório, mas não tinha escolha. Era o lugar onde tínhamos que ficar de castigo quando éramos crianças e não me trazia boas lembranças. Foi com olhar significativo que me separei de meu professor.



## 13. Chuva

*– É crime, aos olhos de Deus, o assassinato?*

*Grande crime, pois que aquele que tira a vida de seu semelhante, corta o fio de uma existência de expiação ou de missão. Aí está o mal.*

*O Livro dos Espíritos, questão 746.*

Difícil a vida de aparências que experimentávamos naqueles dias. Meu pai e minha mãe nunca entenderiam minha situação e a de Augustus; eu teria de ser muito sutil em tudo que fizesse, para não levantar suspeitas. Eles tinham de acreditar que eu me submetia a meu marido como era de se esperar de uma boa esposa, casada segundo as leis da igreja. Isso tudo era muito cansativo para mim. Fingir uma vida boa, fingir que não via as grosserias que meu marido falava ou fazia. Encenar uma vida que não levava.

Tivemos de permanecer na fazenda de meu pai por aqueles dias por conta da chuva torrencial que não parava. A força das águas arrancara a pequena ponte que dava acesso a Castelnuovo. Eu agradecia mentalmente a Deus por isso. Não sabia a nossa previsão de volta, nem se ele havia permanecido ali por alguma outra razão que não explicou. Após a discussão que tiveram na hora em que chegamos, já dava algumas ideias de que José Maria não estava satisfeito com o meu comportamento e, de alguma forma, estava cobrando de meu pai. Por sua vez, meu pai se indignara com a história da minha suposta loucura. Por incrível que pareça ninguém veio me perguntar o que eu achava ou o que eu sentia.

Restavam, na casa, poucos escravos para o serviço e Mina se desdobrava atendendo aos que lhe eram cobrados. Reparei que os mais velhos e mais chegados a nós tinham permanecido, talvez fossem mesmo contratados por salários hipotéticos de onde lhes seriam cobradas hospedagem e alimentação. Não eram detalhes que caberiam a uma mulher saber.

Minha mãe queria que eu estivesse dormindo junto ao pai do bebê, mas só de

pensar nisso me dava asco. Adorei saber que José Maria requisitou um quarto de solteiro, o que significava que eu iria para o meu antigo quarto. Seria bom ter privacidade, queria conversar com Mina, saber de Lenita, e no meu quarto seria ideal. Logo descobri que Mina não tinha mais tempo para conversar, muito trabalho, ocupava-se com a comida da casa... não conseguia saber nada sobre Lenita.

Acho que a história de os escravos terem deixado a colheita do ano por fazer, tinha afetado também outros negócios em comum com meu pai e isso estava pesando nas reclamações do barão de Castelnuovo. Lucro, investimento e negócios, era tudo o que ele pensava... O que eu teria com isso? Estaria ele me devolvendo a meu pai enquanto eu estivesse grávida? Ou estava pensando em devolver-me após o nascimento do herdeiro? Senti um frio no estômago, aquele bebê era meu e de Augustus, mas eu tinha escolhido que ele fosse herdeiro de um homem que me prendia, que tinha ameaçado me matar. Como poderia ficar tranquila ali, naquele clima tenso de mudanças radicais na fazenda de meu pai?

Quando contei a Lenita sobre a notícia da liberdade, não pensei na fazenda de meu pai, pensei apenas em Castelnuovo e em José Maria. Em todo caso, isso era uma consequência do que a princesa tinha feito, não poderiam me culpar. Eles já deveriam estar preparados para que tudo ruísse de uma hora para outra. Meu marido agora tinha uma esposa que representava uma aliança com o prejuízo e teria de ajudar meu pai.

Em meio às conjecturas sobre motivos e razões daqueles que me cercavam, lembrei-me de Augustus... ou me dei conta da presença dele na mesma casa que eu, ali ao lado, na outra sala. A melhor coisa que me aconteceu nesse último mês foi a constatação de que ele me amava com carinho e determinação que lhe eram característicos.

As semanas em que estivemos juntos passaram com extrema rapidez, com tanta tranquilidade e apoio mútuo, como nunca havia antes vivenciado. Uma verdadeira entrega. Tinha me esquecido da carta que ele me enviara muito antes dessa questão com Leôncio surgir. As pressões de meu pai e de meu marido para casá-lo com a nossa governanta. Não me lembrei de perguntar se Clair havia se tornado sua esposa. Quando constatei essa possibilidade, a dor do ciúme foi pungente, cortando meu coração. Estaria ele casado?

De alguma maneira teria de descobrir se era verdade que ele não era livre e,

assim como eu, vivenciava uma prisão matrimonial. Andei pela casa tentando encontrá-lo e fui constatando que algumas salas tinham sido definitivamente fechadas. Talvez não estivessem sendo limpas ou tivessem sido saqueadas por completo. Voltei para o meu quarto quando ouvi as vozes de meu marido e de meu pai. Todos presos dentro de casa pela chuva, até mesmo o médico tinha ficado conosco.

As ordens do doutor prevaleciam, era para eu descansar e me alimentar bem, sem passeios ou desgaste excessivo pela casa, ou seja, desde que eu não incomodasse ninguém poderia ficar sozinha e esquecida. Meu pai usara de sua energia e autoridade para questionar os remédios que eu estava tomando, mas José Maria exigiu por sua vez que o médico permanecesse até que pudesse atestar que eu estava suficientemente forte e que minha gravidez seguia tranquila. Eu estava mais uma vez condenada à solidão de quatro paredes.

As horas passando, minhas suspeitas sem comprovação, ninguém vinha ver-me e eu não podia sair.... Dormia e acordava, tinha delírios, meio dormindo, meio acordada, o que eu pensava ser ainda efeito dos remédios, que diminuíram, mas não cessaram. Via vultos que falavam de mais tragédia e morte. Carantonhas que me surgiam assim que acordava e diziam que não terminou, que ainda haveria sangue. Pessoas corriam perigo. Senti que enlouqueceria ali, longe de meus livros que me consolavam. Não tinha trazido bagagem porque não pensei que ficaria presa na fazenda de meus pais. A chuva nos pegou de surpresa. Novamente, eu estava na situação de isolamento e tristeza. De uma forma um pouco melhor, pelo menos não tinha medo de que Leôncio entrasse no quarto de uma hora para outra me cobrando um herdeiro. Por outro lado, agora eu tinha o doutor Freitas de plantão – a mando de meu marido – verificando, a todo o momento, minha saúde.

Na tarde do dia seguinte, vi surgir no quarto, a cara alegre de Mina, que vinha me cercar de cuidados. Naqueles dias que ficamos presos pela chuva e pela lama que impossibilitava que os animais cruzassem a estrada, minha cozinheira preferida trazia para mim as guloseimas que ela sabia que eu gostava. Ela era uma pessoa com sentimento sincero que não exigia de mim nada em troca.

Graças a ela, voltei a comer bem, pelo menos naqueles dias de chuvas intermitentes e abundantes. Ela assumia o papel de enfermeira e babá, fazendo com que doutor Freitas se afastasse e isso me dava uma chance para conversar sem me preocupar que alguém estivesse ouvindo.

Na primeira oportunidade, perguntei a Mina sobre Lenita, sobre como tinha sido a fuga dos escravos. Ela não soube explicar muito. Disse que meu pai e Augustus tinham ido à cidade para negócios naquele dia e que ela não vira Lenita – aliás ela nem sabia quem era. Contou que houve uma grande confusão e que todos corriam pela casa grande, Augustus apareceu pedindo que não agredissem ninguém e graças a Deus foi respeitado, mas os objetos não foram preservados. A maioria dos escravos pegava valores pela sala de jantar e pelos cômodos que estavam abertos. Levaram o que puderam e sumiram pela estrada. Assim que os seguranças soaram o alarme, minha mãe e meus irmãos menores já estavam bem trancados no quarto com as joias e o cofre da fazenda. Horas depois meu pai apareceu e ficou triste e acabrunhado com o que constatava.

Se eles não voltaram juntos da cidade, meu pai e Augustus, então poderia ser que o professor estivesse no comando da rebelião. Que a revolta tivesse sido articulada por ele. Então, ele fizera de propósito, para atingir José Maria, para atraí-lo, para me salvar... Sorri por dentro. Com certeza Lenita não poderia fazer uma rebelião sozinha. Poderia ter falado a alguém e Augustus poderia ter aproveitado essas informações fornecidas sem critério para esclarecer que sim, a princesa Isabel tinha mesmo assinado a Lei Áurea. Seria tão bom se eu tivesse alguns minutos para conversar com meu professor, mas só pude vê-lo de longe, depois que declaramos nossa saudade no momento em que cheguei...

Uma vez sozinha com Mina, eu também relatei à minha confidente as agruras que tinha passado. Contei minha vida durante esses anos de reclusão, contei sobre o testamento que li, da necessidade de José Maria ter um herdeiro. Chorando expliquei sobre o ataque de Leôncio e de como Lenita tinha se colocado no meu lugar e, depois, ela o havia abatido com a mesa. Contei até mesmo que não estava grávida do meu marido, apesar de ser casada.

Mina estranhou essa parte. Duvidou de mim, mas afirmei que nunca tinha dormido no mesmo quarto que José Maria, o que eu achava ótimo. Que Augustus era o pai do bebê, porque estivemos juntos como homem e mulher. Confessei que o amava profundamente. Mina chorou comovida com o meu destino e disse que cuidaria de mim. Que ela também nunca tinha simpatizado com o barão “Amendoim”, mas nunca pensou que ele me desprezasse como esposa. Tinha até me esquecido desse detalhe, de que as escravas o chamavam barão “Amendoim”.

O que mais a apavorou foi a história do herdeiro que Leôncio ficara incumbido

de providenciar. Ela que era negra velha e vivida, sabia exatamente a gravidade do assunto. Para mim, os dois estavam juntos por alguma ligação de outras vidas, mas para ela isso era inadmissível – que dois homens se amassem. Ela disse que acreditava nas polaridades masculina e feminina, mas não entendi bem o que seria isso. Pensava Mina que os dois viviam juntos por débitos e que poderia haver mais espíritos envolvidos naquela trama. Fiquei com medo de saber e pedi que ela deixasse esse assunto de lado.

Aproveitando que meus parentes nos deram certa privacidade, conversamos, eu e Mina, por bastante tempo e ela me esclarecia algumas dúvidas que tinha no sentido da comunicabilidade com os espíritos. Falei dos livros que li, do sonho com as duas mortas com quem tinha conversado: uma da família Castelnovo e outra que era amiga de Lenita. A baronesa de Castelnovo e a baronesa Marina Boaventura, que se desvelaram em cuidar de mim quando mais precisei. Mina sacudiu a cabeça, depois sorria dizendo que a ajuda sempre esteve por perto.

– Não sabia, Mina – falei naquela tarde com ela sobre o assunto proibido revelando minhas dúvidas – que os espíritos poderiam falar por meio da boca de um vivo. Isso aconteceu, eu vi. Lenita não poderia falar com trejeitos de uma dama refinada, não poderia ter aquele conhecimento que a baronesa Castelnovo possuía, nem saber dos livros que eu lia, como ela me falou.

Mina sorriu do alto de sua bondosa compreensão e disse:

– Quando contei a sinhazinha do meu menino que morreu e nasceu de novo como branco, sabia que a sinhá só entenderia mais tarde, quando fosse o momento apropriado. Mais certo que a vida, é a volta depois da morte. Uma roda de dor e sofrimento que vai dando lição – Mina disse, em sua profunda sabedoria de negra velha.

– Só Mina mesmo para me entender, minha amiga, senti muito a sua falta. Lenita ficou no seu lugar, mas ela não tem o seu carinho de mãe comigo. Fiquei completamente sem amigos, isolada de todos... Não quero viver assim nunca mais. Como vou sair dessa confusão, mãe preta?

Ela, em sua vivência percebeu logo a minha dor. Fiquei pensando nas palavras que dissera – amigos – que amigos eu tinha? Somente Augustus, Lenita e Mina. Eu tinha me esquecido dos amigos do plano espiritual...

– A sinhazinha ficou sem escrever ao professor esse tempo todo? – ela fez uma

expressão de lábios que só ela mesma poderia fazer e deu um muxoxo.

– Sim, Mina, só trocamos duas cartas desde então. As outras foram interceptadas na porteira. Eu vivia de lembrar as palavras dele, os ensinamentos. Morrendo de saudade de meus parentes. Nem livros eu tinha para ler, somente depois de um ano mais ou menos que encontrei uma pequena biblioteca e passei a usar os livros da falecida baronesa Castelnuovo, mãe de José Maria. Por isso, eu os estudei como se fossem meu tesouro. Agora sinto falta deles, estudei tanto. A biblioteca da baronesa é pequena, mas possui clássicos que li e reli e livros filosófico-teóricos.

Mina passou as mãos pelos meus cabelos, fingindo penteá-los com os dedos, mas na verdade fazia um carinho. Sempre que ela não podia fazer nada por mim, ela me acariciava assim. Não tínhamos mais mucamas na casa de meu pai e meu cabelo estava um tanto descuidado por ficar deitada, conforme exigia o doutor. Ela foi acariciando e cuidando com as mãos. Uma energia tão boa vindo dela. Com habilidade ela os trançou, desembaraçando com paciência, reunindo os fios soltos pelos lados das orelhas. Não sabia fazer um penteado no meu cabelo liso e comprido, mas estava muito gostoso o carinho.

De súbito, sinhá Francisca, minha mãe, entrou no quarto e quebrou a magia do momento. Mina se afastou de mim, não queria problemas com a dona da fazenda que andava impaciente com todos, e, discretamente, como uma nuvem que some, ela se retirou do quarto. Todos os que trabalhavam na casa grande sabiam que a sinhá não autorizava intimidades com escravos – agora libertos, mas a ordem continuava valendo.

Sempre que minha mãe me vinha ver, dava outras pistas das queixas de José Maria a meu pai. Ela foi ríspida e direta como sempre, com sua característica marcante de me tirar a paz. Que diferença da cumplicidade que sentia com Mina. Sinhá Francisca começou a falar assim que entrou e continuou enquanto ia se estirando na espreguiçadeira ao lado da minha cama:

– Milena, você não está doente, pois está comendo bem... Nunca foi ruim da cabeça, pelo contrário, era esperta até demais. Não sei por que seu médico tem de ficar por perto. Gravidez não é doença, pare de chamegos e dengos. Nesse tempo todo, você não aprendeu nada com o seu casamento? Só cresceu e se tornou uma mulher por fora, mas por dentro continua a mesma criança. Por que não se mostrou uma boa esposa, paciente e cordata? Pensei que o professor tinha

ensinado isso. Eu mesma falei várias vezes que a mulher é submissa, tem de fazer as vontades do homem... você não me parece grávida, parece um bambu de tão alta e magra... Mulher serve para ter filhos e para isso tem de engordar um pouco, os quadris se alargam para parir... Veja como engordei e seu pai também engordou. Boa comida, boa vida. Isso é sinônimo de prosperidade, de felicidade. Você e seu marido parecem sempre irritados um com o outro e tenho certeza de que a culpa é toda sua e não dele. Ele pede e não é atendido, disso bem sei... como os homens são. A sociedade decidiu que, assim como a corda puxa a caçamba, os homens mandam, são a cabeça da família, mulher vai atrás.

Eu não podia acreditar que minha própria mãe estivesse fazendo aquele discurso machista e preconceituoso. Ela que era também uma mulher. Engoli meus sentimentos contraditórios a respeito do que ela falara. Engoli a raiva que sentia de não ter um marido e sim alguém que me odiava... Então, me mandavam a um casamento por interesses financeiros, eu vivia como uma prisioneira sem notícia da família, com um homem violento e ainda teria de estar de acordo com as loucuras dele sem reclamar? Não, não, não. Não poderia falar nada disso para minha mãe. Ela não entenderia. Acabara de constatar que José Maria me pintava para meus pais como uma criança revoltada e rebelde diante dos compromissos do matrimônio. Que “louca” deveria ser o adjetivo mais carinhoso com o qual ele me qualificava. Estaria meu marido fingindo ser o esposo preterido pela jovem esposa revoltada? Estaria ele se fazendo de vítima diante de meus pais ou cobrando direitos sobre mim? Comecei a pensar no que iria responder. Poderia contrapor, mas de que adiantaria? Se escapasse alguma reclamação e minha mãe levasse de volta a ele, poderia receber alguma punição física (além dos sedativos). Eu temia por meu filho.

Ela continuava falando a mesma coisa, perdi uma parte que não teve importância, então ela entrou numa implicância com Augustus:

– Não sei que boas maneiras o professor Augustus lhe ensinou. Bem que eu disse ao seu pai para não contratar nenhum nobre falido. Que seria melhor enviá-la a um convento. Por acaso estudaram a subserviência da mulher? Os direitos matrimoniais? Os sagrados deveres do casamento?

O sangue me subiu às faces. Ela não falaria mal de meu professor diante de mim, meu amigo, que tentara me ajudar com sinceridade. Meu amado, que defendera minha sanidade mental. Armada de raiva, respondi:

– Chega disso, minha mãe, a senhora se esquece de que sou pessoa livre, de que tenho vontade própria? A senhora não acha que as mulheres deveriam ter outros direitos mais importantes do que apenas casar e ter filhos? Não deveriam ter direito de, pelo menos, se comunicar com familiares por cartas? Augustus... digo, o professor Augustus me ensinou sobre liberdade, sobre direitos e valores morais, como homem digno que é. Ensinou-me a pensar por minha conta, decidir minhas escolhas que ele respeita e apoia, mesmo que não concorde.

– Eu sabia, sabia sim, que essa sua conduta só poderia ter partido de um homem liberal como ele. Odeio intelectuais que não entendem nada da vida prática. Então, ao repudiar José Maria, o que você ganha, minha filha, senão um homem infeliz ao seu lado? Isso para a vida toda... Por que não muda agora mesmo para o quarto que ele está ocupando aqui na nossa fazenda? Ele disse que você está doente e não o quer por perto. Pare logo de preteri-lo. Pense bem. Ele fornece alimento, abrigo, vestimenta, um nome, uma posição social de destaque. Você deve tudo a ele...

Olhei para o vestido já gasto que usava quando saía e que estava pendurado no armário. Meu marido nunca me dera nada, minhas roupas eram basicamente as mesmas que havia levado no dia do casamento, ajeitadas por Lenita quando se desgastavam. O abrigo era um quarto trancado e o alimento era entregue numa cesta: pães, frutas e vez por outra alguma sobra de carne amanhecida. O nome eu tinha o de meu pai que era a mesma coisa: um título de baronesa! A posição de esposa daquele asqueroso, eu não prezava e nunca quis. Como minha mãe podia estar tão cega, tão fechada a um sistema que aprisionava a ela e a suas filhas sem perceber?

Minha revolta se revelou numa estranha mudez, eu não conseguiria confessar as injustiças às quais era vítima perante minha mãe. Reconheci em mim mesma um grande orgulho por não confessar como era tratada, uma grande vergonha da humilhação que sofrera. Respirando fundo, disse simplesmente:

– O que a senhora esperava que fosse acontecer? Foi um casamento arranjado, não amo José Maria!

Ela debochou de mim, rindo com um sarcasmo que antes eu nunca tinha percebido em suas palavras:

– Amor?! Quanta ilusão infantil, você não pode ser mãe, ainda é muito criança...

Falarei com o professor Augustus ainda hoje, para perguntar quais valores ele passou a você sobre as posturas adequadas socialmente. Ele deveria ter formado este senso de responsabilidade, essa conduta feminina obediente.

Ela parecia obstinada a implicar com o professor, falei tentando agora apaziguar:

– Mamãe, não precisa conversar com ele, posso dizer que sim, que o professor me mostrou a realidade do mundo com sutileza. Deixou-me a noção clara da responsabilidade sobre meus atos, não se preocupe em cobrar dele. Minhas atitudes, minhas responsabilidades, eu assumo.

Nem fiquei sabendo se ela chegou a importunar Augustus naquela tarde, se foi, deve ter voltado com a mesma indignação de antes, porque eu sabia que ele não negociaria o conteúdo de suas aulas.

Fiquei enjoada com a conversa de minha mãe. Ela não queria a realidade, ela queria uma verdade fabricada que o verniz social exigia. Ela queria que eu estivesse bem depois que me mandou à uma vida medíocre e sem sentido... a dura verdade ficou entalada na minha garganta, não pude falar nada. Quanto mais falasse sobre Augustus ou minha condição, pior eu seria no conceito dela. Não havia desculpas ou argumentos, eu estava errada e acabou! Silenciei mais uma vez a minha revolta. Eu estava ficando boa nisso. Logo ela foi embora e me vi sozinha novamente. Nada do médico também. Paz!

Entediada, adormeci um pouco naquela tarde morna e cheia de contraste: primeiro carinho de mãe, depois agressividade de fera. A tempestade que começou havia poucos dias, como uma chuva forte de verão, continuava fina e inexorável sobre a vegetação. Estradas em condições muito duras de se passar, a ponte tinha caído e nosso retorno levaria horas até que se contornasse o rio em um trecho mais acessível. Teríamos de seguir em animais e minha gravidez não permitiria muitos solavancos. Impossível cruzar o rio em uma carruagem, sem usar a ponte. Ficaríamos ainda mais uma noite presos ali. O braço escravo fazia falta, teríamos de buscar a mão de obra em Castelnuovo, quando o tempo melhorasse.

Só quando o sol brilhasse soberano por, pelo menos umas quatro horas, poderíamos enviar alguém pelas poças d'água para consertar a ponte. Os relâmpagos estrondosos deram lugar às rajadas de vento. Tudo recomeçou, as goteiras como teclas de piano fazendo barulho no assoalho, compondo estranhas

melodias. Uma verdadeira e natural cantiga de ninar. Impossível não adormecer tendo comido bem e estando no quarto de minha infância. Acho que minha alma sorria, apesar de meus pais.

Quando acordei do cochilo todos gritavam que o barão estava passando mal.

– Acudam, acudam!!! É o barão de Castelnuovo! Ele está tendo um ataque...

Nem me levantei. O que eu poderia fazer? Tinha um médico na casa. Eles que o chamassem.

A correria foi geral. A gritaria me encheu de curiosidade, o que estaria acontecendo? Pessoas traziam água quente, outros traziam remédios – ervas e até unguentos. Fui até a cozinha atraída pela azáfama. No meio da confusão e gritaria, nem se lembraram de que eu tinha ordens para não sair do quarto. Os homens o tinham colocado sobre a mesa, à maneira de defunto e o médico ainda tentava cuidar dele.

A cena foi chocante, José Maria como asfixiado, parecendo ter algo entalado em sua garganta. Seus olhos saltavam das órbitas e sua pele já estava arroxeadada pela anóxia. O médico tentava de tudo. Não fiquei olhando muito, mas percebi que ele não tinha mais jeito, que as tentativas agora eram para ressuscitá-lo. Doutor Freitas dava-lhe algo para cheirar, auscultava o coração, enfiava o dedo pela garganta, mas ele não respirava, o peito quieto, sem vida.

Saí dali apavorada. Fui procurar Mina. Encontrei-a encostada no fundo do quartinho de despensa no extremo oposto da cozinha. Ela se voltou para mim com cara de desaprovação. Será que ela não queria que eu visse aquela cena? Era realmente um acontecimento muito duro e marcante para uma mulher grávida. Vi que Mina trazia os olhos inquietos, mas não estava em choque. Seria porque, mesmo ela com toda sua vivência, nunca tivesse visto um moribundo?

Indaguei a ela por que tinha se retirado, se escondido ali, e ela, na sua calma natural, revelou que não gostou que o doente estivesse sobre a mesa da cozinha... achei que aquela me pareceu a primeira desculpa que encontrou para seu estado perplexo diante dos acontecimentos. Eu, que era a esposa não estava chocada, e nem poderia estar – não amava José Maria, ao contrário, eu o odiava, nem por isso estava feliz. Se ele morresse, seria para mim um grande alívio, como se tirassem um peso de minhas costas. Não era nem um pouco espírita essa

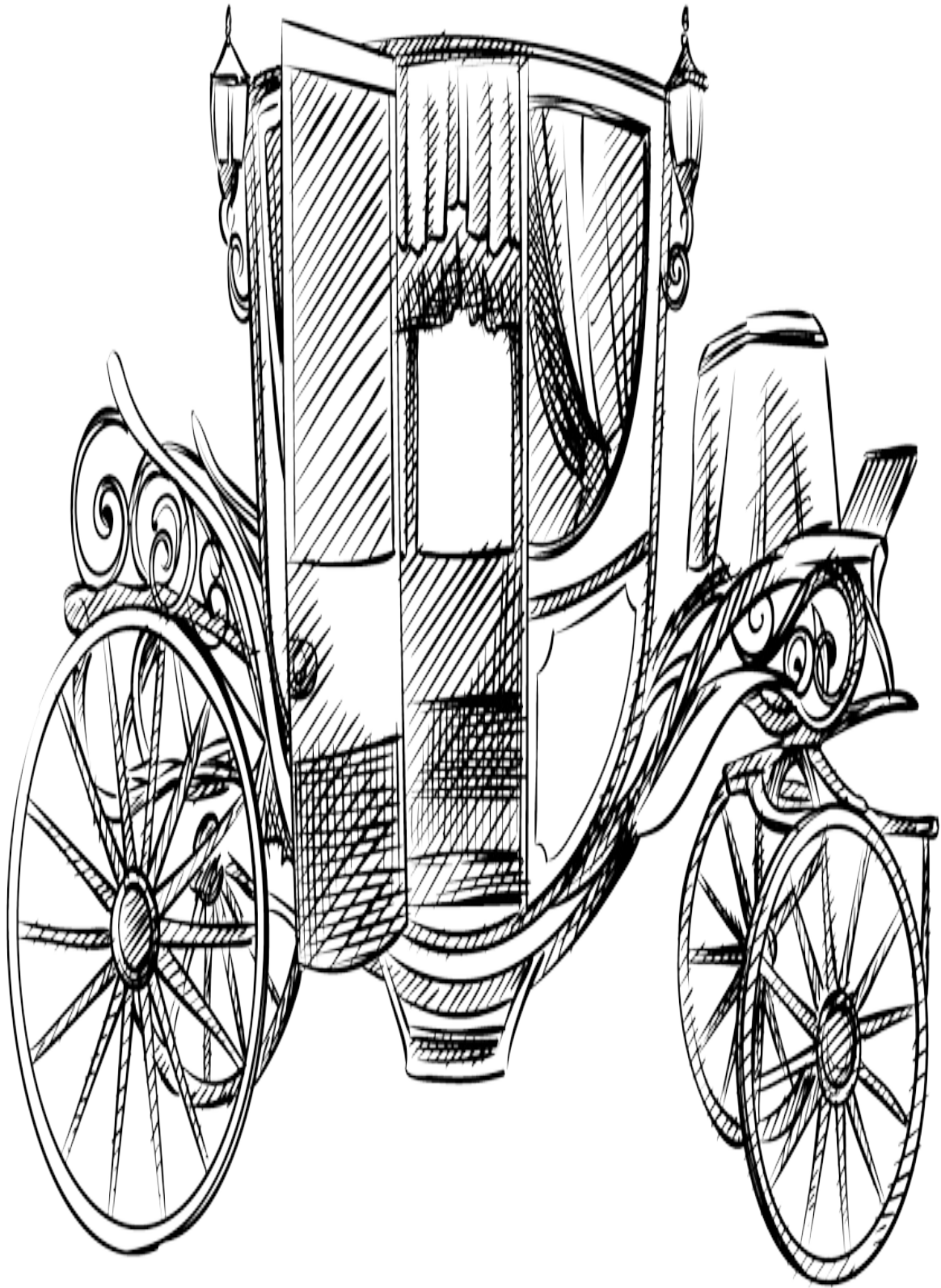
constatação, muito menos cristã, mas era exatamente assim que eu me sentia.

Fugimos dali, cada uma para um lado. Duas horas mais tarde recebi a notícia de que José Maria estava mesmo morto. Nem a presença do doutor foi suficiente para salvá-lo. Ele se engasgara com algo que comeu, o médico tentou de tudo sem sucesso.

Diante dessa novidade, que para mim era vantajosa, resolvi espiar pela casa e deixei, sem maiores problemas, meu quarto de infância e exílio forçado. Ninguém chorava, mas todos estavam apreensivos. Teria eu de fingir ser a viúva recolhida e lamentosa? De jeito nenhum, meu rosto era de grande surpresa, minha postura melhorara bastante e meu coração parecia muito aliviado. Soube que chamariam o delegado assim que a chuva estiasse.

Ficou um clima estranho, naquele dia. Nunca conseguiria descrever com exatidão o que me acontecia. Um misto de alívio e liberdade. Um sentimento totalmente diferente do que deveria sentir uma viúva em seus primeiros dias de viuvez. Ainda mais sendo um casamento tão recente com um bebê a caminho...

Todos me cumprimentavam com pesar, alguns fingiam mesmo chorar, mas eu não sentia nada, nem mesmo compreendia bem a minha condição de herdeira de uma fazenda, dona de mim mesma e livre, finalmente, das loucuras de José Maria. Como se o choque da morte me tomasse de surpresa, e eu me visse em pleno voo, como o pássaro que cai do ninho e abre as asas por instinto.



## 14. Vingança

*Vingar-se é ainda, vós o sabeis, de tal maneira contrário*

*a este preceito do Cristo: “Perdoai aos vossos inimigos”, que aquele que se recusa a perdoar, não somente não é espírita, como também não é cristão.*

*O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XII, item 9.*

Minha cabeça girava entre o errado e o certo, o alívio de uma vida de reclusão e revolta e a incerteza do futuro. Onde seria minha casa agora? Por onde minha liberdade me levaria? Meu pai ou um advogado tomariam conta do que era de meu marido. Como uma mulher poderia morar sozinha nos confins do mundo, administrar negócios de homens sem nenhum escravo? Ouvia pelos corredores pessoas que sussurravam essas verdades. Ainda me encontrava atônita, não sabia o que pensar, nem o que fazer. A morte e a conclusão de que eu era viúva deram um certo alívio momentâneo de nunca mais experienciar a vida antiga que levava, mas agora uma incerteza me invadia o peito. Onde estaria Augustus? Busquei-o com o olhar. Não podíamos nos aproximar, ele me deu os sentimentos, pegou minhas mãos entre as dele, num momento em que outras pessoas também me cumprimentavam. Não pude falar nada com ele.

José Maria estava morto, seu espírito liberto do corpo, talvez pudesse ouvir minhas preces. Orei como faria a qualquer defunto, de forma caridosa, respeitosa, mas impessoal. Afinal, nem o conhecia direito, não sentia nada por ele.

A chuva cessou, como se esperasse somente a tragédia para acalmar. Alguns homens foram a Castelnuovo providenciar nova ponte junto aos escravos de lá. Soube também que meu pai dispensou o médico. Fiquei fingindo um luto que não sentia, vesti um vestido preto emprestado de minha mãe, conforme recomendado por ela. Fazia isso por um homem que nunca fora meu marido. Perdia, a cada momento, o rumo das conversas e atribuía a efeitos ainda dos sedativos, que tinham cessado, graças a Deus. As pessoas me sufocavam, minha

própria mãe estava longe de entender meus dramas e se preocupava comigo, excessivamente. Eu não me sentia sem consolo na vida, não estava triste, o mundo não tinha acabado para mim – bem ao contrário me sentia.

Evadindo-me em pensamento, daquele cansativo clima de tristeza, tive tempo para pensar em Lenita. Teria José Maria perguntado por ela aqui na fazenda de meu pai? Teriam suspeitado que ela estivera escondida por aqui, por conta da rebelião? Se Mina não a tinha visto, minha família também não. Provavelmente, conversaram a respeito de como a notícia da liberdade tinha chegado à fazenda Paraíso. Os próprios escravos que se rebelaram contra os grilhões, poderiam confirmar, mas não estavam mais por perto. Havia entre eles alguns que eram alfabetizados, que serviam à casa grande, poderiam ter lido nos jornais... Augustus provavelmente teria participação nesse movimento, porque eles sozinhos não se organizariam, mas de alguma forma as coisas fugiram ao seu controle, porque, com certeza, não pensou que pudessem saquear a fazenda.

O dia passou no mesmo clima, a movimentação para desobstruir o caminho e tentar levar o corpo de José Maria para ser enterrado em terras de seus familiares. O sol, por fim, despontou forte e alguns homens foram à cidade buscar os policiais, os tão temidos policiais da delegacia. Eram brutos e carrancudos, usando armas que me arrepiavam só de olhar para elas, porque espelhavam a violência. Não quis ficar por perto para saber o que fariam.

Meu pai achou melhor que as autoridades viessem ver o morto, por se tratar de um homem muito rico e famoso pela região. Eles tinham o testemunho de doutor Freitas, que estava nos acompanhando e ficou também retido pela chuva. Ele poderia confirmar a morte, sem problemas.

Quando chegaram, foi um rebuliço com os homens dentro da fazenda, rondando e fazendo perguntas. Meu pai estava muito sério e se ocupava de apresentar, mostrar e esclarecer tudo que era perguntado. Nós, mulheres nem fomos consultadas sobre nada, em princípio não existíamos.

Não sei quem chamou também frei Ignácio que ficou na sala conversando com minha mãe. Logo, me entediei e inventei uma desculpa para sair dali, disse a minha mãe que precisava de um acessório, se poderia escolher no armário dela. Ela queria que eu conversasse mais com o padre, mas foi impossível. Aleguei mal-estar e fui ao quarto ajeitar sobre os cabelos um véu preto. Busquei este artefato no armário de sinhá Francisca, porque não havia nenhum dessa cor em

meus antigos baús de mocinha. Eu não imaginava ficar viúva tão cedo. Um véu seria bom para esconder meu rosto. Mina foi comigo, já que as escravas de quarto tinham deixado a fazenda. Não me incomodava com isso, poderia até mesmo me vestir sozinha, não fossem alguns botões minúsculos nas costas.

Quando retornei, percebi que minha mãe chorava. Sinhá Francisca me deu um lenço e disse entre os dentes:

– Quer esconder o rosto porque não está chorando, aprenda a fingir.

Ao invés de fingir, fugi mais uma vez para a sala de estudos e, renovada pelos sentimentos de caridade que aprendi que deveria ter por qualquer pessoa, ainda mais por um ex-marido, orei mais uma vez pelo morto. Depois desse momento de recolhimento, não consegui voltar ao salão, porém, estava atenta a tudo que se passava. Minha mãe continuava falando. Será que ela tinha percebido minha indiferença? Percebera meu alívio e minha fuga para ficar sozinha?

Para minha surpresa, um moleque da fazenda Castelnuovo apareceu trazendo a notícia de que Leôncio, melhor recuperado de seu acidente, estava vindo requisitar o corpo de José Maria para o velório que seria na capela de sua própria fazenda. Meu pai aproveitou para pedir a ajuda de frei Ignácio para a hora do enterro. Ninguém me consultou sobre nada, como se eu fosse mero acessório da sala de estar. Os homens resolviam, as mulheres oravam.

Logo em seguida, foi a vez do próprio Leôncio entrar na sala da fazenda de meu pai. Ele estava mudado, visivelmente magro e abatido. Caminhava com ajuda de um bastão, à maneira de uma bengala. A perna atingida por Lenita, nunca mais voltaria ao normal. Seus cabelos também estavam ralos na lateral, havia horrível cicatriz no lugar onde a mesa o atingira em cheio.

Quando o gigante passou perto de mim, pude ver seus olhos inchados de tanto chorar. Estava agitado, o corpo balançando para frente e para trás como um animal irritado. Gritava e gesticulava com força, querendo explicações sem conseguir com sua fala truncada. Reclamava a morte do querido amigo e patrão. Foi até os policiais e pediu que eles investigassem se José Maria poderia ter comido doce com amendoim.

Esta pergunta que ele fez alertou a polícia – ainda investigando por ali – que não sabia da alergia do barão a amendoim, nem poderia supor que haveria outra causa para a asfixia que não fosse engasgo. Eu não sabia muito do assunto, mas

entendi, pelo que o médico disse, que a reação alérgica pode ter fechado a garganta do morto. Outra série de perguntas rolou entre os homens e as mulheres arregalaram os olhos de espanto. Alguém disse que a responsável pelos empregados era a senhora Calligari, a esposa arranjada de Augustus, ou seja, Clair. Sim, ela era a governanta, teoricamente mandaria também na cozinha de Mina. Como se a negra velha deixasse.

Clair foi chamada na presença dos policiais. Se ela era responsável, deveria prestar esclarecimentos. Augustus ficou ao lado dela, mas não disse nada em defesa de sua mulher. Clair afirmou que nada sabia sobre alergias a alimentos, não fora informada sobre problemas de saúde do barão de Castelnuovo. Leôncio dava muxoxos e agressivamente expressava que, desde o noivado, José Maria sempre se preocupou em perguntar se havia amendoim nos alimentos preparados. Ele não podia comer, tinha ficado comprovado certa vez, quando comera em viagem à capital, tivera um espasmo e o médico o alertou.

Enquanto conversavam, o delicado compasso do meu coração saiu do normal, meu corpo todo estremeceu. Conjecturas: se os policiais descobrissem o testamento? E se descobrissem minha ligação com Augustus... Poderiam pensar que arquitetamos um crime.

Eu estava em meu quarto na hora da morte de José Maria, dormindo tranquilamente, ninguém sabia que eu era prisioneira e que tinha um motivo claro para querer que ele morresse. Augustus sim, poderia ter falado com Clair, mas eu não conseguia imaginá-lo como assassino tendo perpetrado um crime. Já era demais pensar que ele tinha incitado os escravos para a fuga, gerando a confusão que me libertara também.

Deixei o problema se resolvendo na sala. Não poderia presenciar a defesa que Augustus faria da esposa. Certamente, seria brilhante, e ela, talvez merecesse, fosse mesmo inocente ou estivesse defendendo interesse dele, no caso, em meu benefício. Fiquei confusa em meus sentimentos por ela – ódio, pena, ciúme, de qualquer maneira preferia não ouvir.

Como sempre fazia quando estava insegura, fui procurar Mina para expor minhas dúvidas e minhas dores que ela tão bem entendia. Não a encontrei na cozinha, nem no quartinho de despensa. As outras criadas disseram que ela tinha descido até o rio. Resolvi ir atrás dela, mas pelo caminho desisti. Era um aglomerado de barro e mato alto que minhas pernas não estavam mais

acostumadas... Quando criança, corria tranquilamente por entre a vegetação, mas agora havia rendas demais nas minhas roupas, ou melhor, no vestido de minha mãe. A trilha, lavada de barro pela chuva, começava a secar naquele dia que tinha sido de sol.

Havia pássaros cantando hinos de louvor a Deus, nesse mundo maravilhoso que era o paraíso que desfrutavam, agora que havia água em abundância por milhões de pequenas poças. Os pequenos seres da criação festejavam uma maravilhosa e deslumbrante visão da natureza em festa. Os seres humanos preocupados com suas dores, não podiam compreender a magia do momento, onde o sol, mesmo atrás das nuvens cor-de-rosa, enviava seu calor e seus raios, como mensagens de vida a cada ser vivo. Eu recebia a minha parcela de plenitude sem saber se esta constatação se devia ao meu estado de liberdade interior.

Ouvi um bem-te-vi que fazia dueto com seu par e outros trinados de pássaros distantes, na mesma hora me lembrei de minha metáfora, dita ao professor sob as ramagens do jardim, no dia em que abri meu coração. A vida era cheia de reviravoltas, agora eu me sentia livre e rica, mas ele não estava mais...

Não poderia me ausentar por muito tempo da sala de visitas, então voltei perfazendo um contorno por outro caminho mais seco. Na volta, eu encontrei Mina soluçando atrás de um barracão onde seria construída uma das casas dos colonos. Ombros estremecendo, um lenço nas mãos, as costas apoiadas numa trave de madeira.

– Mina?

Eu disse ao vê-la e ela levantou os olhos assustada.

– A “puliça” já foi?

Abanei a cabeça negativamente e fiquei pensativa sobre a intensidade do choro de Mina. Teria ela alguma culpa naquela confusão? Estaria tentando defender-me? Talvez Leôncio tivesse razão em pensar em assassinato. José Maria era alérgico a amendoim e as escravas sabiam disso. Preferi não pensar no assunto daquela maneira. Mina seria capaz de me defender colocando amendoim em algo que José Maria fosse comer, mas pensar que a boa Mina fosse capaz de matar era contrário a tudo que eu esperava dela. Afastei o pensamento, era melhor ficar sem saber.

Quando pensei em voltar, vi sobre a trave do teto a corda esticada e concluí rapidamente que minha amiga pensava em fazer outra loucura. Voltei a olhar para Mina com aflição. Ela estaria pensando em matar-se? Eu não poderia permitir que isso acontecesse. Tomei-a pelo braço, com certeza, não estava em paz mental. Orei com sentida comoção para que a espiritualidade me amparasse naquele momento. Eu precisaria ter muita determinação e força. Se era errado matar, ainda pior seria tirar a própria vida por remorsos.

– Vamos voltar agora para a casa grande. Se você infringiu a lei de Deus em nome do amor que sente por mim, não irá infringi-la de novo por remorsos. O que está feito está feito, seja responsável agora e aceite a Justiça Divina para os seus atos no futuro – falei com autoridade que me era própria, mas nem eu mesma sabia de onde vinha tanta certeza.

Voltamos em silêncio para a cozinha. Ela, contendo os soluços, e eu sem coragem de deixá-la. Já era demais ter de vê-la chorando e pensar que fizera aquilo em virtude de minhas reclamações. Não precisei constatar sobre as cogitações a respeito da alergia a amendoim, fato que eu tinha certeza de que ela conhecia. Não poderia julgar os atos de Mina, não me cabia mais essa postura, sabia, porém, de minha parcela de responsabilidade. Eu tinha reclamado a ela, mas agora não podia entregá-la às autoridades... escravos não tinham direitos, eram sempre condenados a castigos e à morte. Como se uma morte compensasse a outra, como se a vingança fosse um ato compreensível, cristão. Eu temia por ela, temia mais violência, intolerância e dor. Fui acalmando meu coração para conversar com ela. Falei, com cuidado, sobre o ato que cometeria se eu não chegasse a tempo. Era preciso esquecer aquilo, eu a amava e compreendia, nunca poderia julgá-la pelo que fez. Parece que compreendeu e se acalmou. Eu disse que seria o nosso segredo. Foi depois disso que chorei.

Deixei-a no quartinho que ocupava, na ala azul, então tornei a me sentar na sala de estar onde terminavam as perguntas, usando, finalmente, o lenço, por razões muito diversas das esperadas por todos, mas usei. Não pude explicar os porquês de meu choro à única pessoa a quem eu prezava naquela sala. Não poderia, na verdade, explicar nada a ninguém ou eu comprometeria uma pessoa muito amada de meu coração que agira para defender-me. Calei-me. O que eu tinha feito com minhas reclamações?

Augustus percebeu minhas lágrimas quando cruzou o olhar com o meu, ao se retirar da sala com Clair. Não pôde entender, e eu, em meus ciúmes, não fiz

questão de retribuir com carinho ao olhar dele. Fiz-me de fria. Eu ainda era muito imatura e caprichosa.

A fazenda continuou em confusão, meus pais me exigiam decoro e recolhimento. Tentei ter alguma iniciativa, mas logo descobri que eu não poderia tomar nenhuma providência para o enterro. Esperei que meu pai tomasse a frente de tudo, aproveitando a disponibilidade de Leôncio, que ficou mais calmo depois de saber que os policiais investigaram as condições da morte e que concluíram por asfixia. O médico de nossa família estava presente e pôde atestar o que viu e confirmou o engasgo. Todos aceitaram isso como verdade, menos eu que sabia o que tinha acontecido e a minha parcela de responsabilidade. Passei a orar pedindo perdão a Deus. Ainda que estivesse mais calmo, Leôncio ficou indignado e inconsolável.

No final da tarde, tudo foi se contornando, voltaríamos à fazenda Castelnuovo, pois que o morto seria enterrado junto aos pais, que lá estavam num mausoléu muito bonito e luxuoso no cemitério da fazenda. Enquanto eu reviveria a mesma cena da missa na capela, só que, desta vez meu marido é quem estava morto, também seriam os mesmos convidados bajuladores que me viriam cumprimentar em fingido sentimento. Teria eu nova chance de conversar com Augustus? Lembrei-me de nosso difícil diálogo ocorrido no passado. Se tivesse essa chance, contaria a ele sobre minhas constatações? Não, claro que não, aquele era um segredo meu e de Mina. Às vezes, as adversidades nos unem, como me uniram a Lenita. Outras vezes, revelam os amigos leais que se complicam para ajudar, mesmo infringindo uma lei soberana de Deus. Pobre Mina, tinha-me como uma filha, mas até mesmo a um filho não podemos dar tudo.

A ponte tinha ficado pronta a tempo, os escravos se desdobraram para ajeitar as toras de madeira, de modo que a carruagem pôde passar. Voltei para Castelnuovo, mas onde seria realmente a minha casa? Enquanto Leôncio estivesse por ali, não poderia permanecer sozinha. Não sabia do que ele se lembrara, do que era capaz.

Voltamos à pequena igreja, que servia de capela, após a missa de corpo presente as cenas se repetiram como esperado, e eu vivia os momentos em sequência, como quem lê um livro muito monótono. Leôncio chorava copiosamente a um canto da capela, as pessoas notaram.

– Meus sentimentos, senhora Castelnuovo. Penalizo-me de sua condição com um

filho que nascerá sem pai.

Disse-me alguém. Eu me limitava a concordar. Seria muito difícil explicar. Nesta altura dos acontecimentos, todos já sabiam sobre o herdeiro. Mantive a seriedade, a discrição, a postura de baronesa – não precisava me esforçar muito para isso, mas para ser educada com todos e devia isso a Augustus. Educação! Embora por dentro me sentisse igual a qualquer outra mulher, perdida, sem saber como ser livre num mundo essencialmente masculino.

Após o enterro, quando tive de representar meu último papel junto a José Maria, comuniquei a Leôncio que, por hora, voltaria para a fazenda de meus pais. Esclareci que, em nome do herdeiro, eu era responsável pela fazenda Castelnuovo e tomaria as providências cabíveis junto às autoridades locais para garantir os direitos de meu filho. Agora como tutora dele e legítima esposa do falecido. Não me senti mal por isso. Eu merecia a liberdade e aquela era a oportunidade.

Ele me olhou com um rosto amarrotado e sofrido como se nunca me tivesse visto antes. Seu olhar ganhou um brilho sinistro e ruim que eu não quis encarar. Puro ressentimento de viúvo não reconhecido pela sociedade, como quem perdeu tudo em uma única virada da vida. Eu disse a ele:

– Leôncio, não há mais razão para revelarmos à minha família o que se passou aqui. Os segredos do passado ficam no passado. Siga seu caminho, que seguirei o meu.

– Isso é o que veremos, – ele respondeu entre os dentes, depois apontou para minha barriga e completou – o passado, às vezes, determina o futuro e o futuro de Castelnuovo é meu também.

Respondeu isso, mas sabia que não tinha mais nenhuma autoridade sobre mim, não poderia ter, seu patrão não era mais vivo. Se ele revelasse que pensava que o filho era dele, a criança não seria mais herdeira de nada, então, definitivamente, ele estava fora do futuro de Castelnuovo. Ficamos em silêncio, em um verdadeiro duelo de olhares, mas o embate não foi percebido por ninguém que nos rodeasse. Eu o encarava da superioridade que descobrira dentro de mim, da revolta de ser a senhora sem o ser e de saber que os dois se amavam e queriam de mim apenas a criança que nenhum dos dois podia gerar. Ele sempre fora o verdadeiro companheiro, e eu, o acessório. Com a morte de meu marido, no

mundo limitado em que vivíamos, tudo se invertia. Agora, ele não era nada, e eu supostamente carregava o herdeiro. Revoltado, ele passou por mim coxeando, quase me derrubou no chão de tanta pressa. Pegou o cavalo preferido de José Maria e saiu em disparada, nem disse para onde iria. Agora, ele me devia satisfações, era meu empregado. Vi o cavalo sumir trotando sobre o barro da fazenda, rumo à porteira. Eu não sabia se respeitaria minha autoridade ali ou se teria coragem de fazer algo contra mim...

Poderia perdoá-lo naquele momento em que eu não precisaria mais me submeter a ele. Poderia perdoá-lo pelo modo arrogante, agressivo e preconceituoso como ele me tratou durante aquele período. Eu sabia que isso era o que eu deveria fazer, pois tinha aprendido com a doutrina espírita, mas meu coração indisciplinado ainda estava muito longe do perdão. Minhas leituras precárias não me garantiam a efetiva mudança interior tão necessária ao despertar das forças espirituais da alma. Pensava que precisaria ter cuidado, porque ele sabia de toda a rotina da casa, sabia também que meu filho não era de José Maria e, com isso, poderia me impedir de assumir a fazenda. Talvez por essa razão, muito mais do que a consciência de que eu deveria perdoá-lo, tolerei a presença de Leôncio naquela casa, ainda naquele dia.

Enquanto esperava a finalização do acontecimento fúnebre, dei algumas ordens sobre a casa para os serviçais – ainda escravos. Vi que meus pais assumiam meu papel de anfitriões junto aos vizinhos durante o chá, aproveitei para me retirar por alguns momentos dando alguma desculpa. Eu precisava resolver a situação daquelas criaturas que me serviam, eu os avisaria, não esperaria uma revolução, mas não poderia fazer isso naquela hora, já estava vivendo muitas emoções conturbadas. Teriam de esperar mais uns dias sem saber da liberdade.

Reuni Joelma, Castilho e alguns outros escravos de confiança que sempre me foram muito gentis. Chamei também Gregório, o segundo homem depois de Leôncio, que comandava os seguranças e supervisionava a ida dos escravos aos canaviais e cafezais. A sala não poderia ser outra, era a mesma que me servia de estudos. Não pude chamar Augustus para participar, porque não tinha uma boa desculpa para que ele viesse para o interior da casa e que justificasse a presença dele comigo. Falei apressada aos meus subordinados:

– Chamei-os aqui para explicar que, com a morte de meu marido, e estando eu grávida do herdeiro da fazenda Castelnuovo, zelarei pela condução das decisões relativas aos serviços gerais, até que meu filho possa assumir sua herança. Hoje,

vou voltar à fazenda de meu pai para ultimar algumas providências junto ao advogado e retorno depois de acertar os documentos.

– Sim, senhora, avisaremos aos outros sobre as suas resoluções – exclamou meio surpreso, o segundo capataz Gregório.

– Quero também informar que todos os escravos são livres por ordens da princesa imperial Isabel Cristina, porém pretendo contratar a todos que se dispuserem a ficar aqui. A senzala será derrubada e pretendo construir pequenas casas para os colonos, como meu pai está fazendo em Paraíso. Um acordo de exploração da terra será firmado, mas quem quiser ir embora estará livre – disse ainda meio insegura do que estava propondo, mas em profunda paz com minha consciência.

Ainda foi Gregório que respondeu:

– Seria melhor a senhora mesma anunciar essa notícia. Pode haver uma retirada geral, como ficaremos sem mão de obra?

– Vou pensar num jeito. Porém, se a notícia da liberdade já chegou aqui, peça que me aguardem mais uns dias porque tenho uma proposta de trabalho para fazer. Os que quiserem partir, não há como impedir – disse isso sem muita expectativa de que fosse acontecer, pois a ponte quebrada tinha feito com que os homens de Castelnuovo se encontrassem com os homens da fazenda Paraíso.

Dispensei-os e voltei ao salão onde era servido o chá. Busquei meus pais com o olhar e encontrei-os ainda lamentando com os outros parentes e amigos. Alguém falou:

– Senhor barão João Carlos agora assumirá Castelnuovo? – e meu pai respondeu pomposo:

– Sim, claro, meu amigo Leocádio. Já tínhamos um bom entrosamento, eu e meu genro, de modo que resolvíamos alguns negócios em comum, como a venda da colheita. Agora, com a falta dele, assumirei o duplo trabalho.

Não poderia deixar que tal assunto viesse a comprometer minhas ideias de independência e resolvi cortar de imediato, enquanto estávamos sob meus domínios.

– Senhor barão de S..., meu pai, tenho certeza de que nossas relações de venda em comum com a fazenda Paraíso continuarão valendo como estipuladas nos contratos, mas dos processos internos de administração diária, eu me encarregarei sem delongas, tão logo acerte com meu advogado.

O velho Leocádio, barão de Santa-Fé, que também era fazendeiro e nosso vizinho, olhou-me com espanto enquanto as outras pessoas também me encaravam mudas. Meu pai ia responder, mas Augustus tomou a palavra, outra vez em minha defesa.

– Cara senhora baronesa, certamente os conselhos de seu pai serão convenientes nesse seu novo recomeço como mãe do herdeiro de Castelnuovo. Se a senhora precisar de ajuda, coloco-me, também, à disposição.

Muito louvável a intenção de meu amado professor, mas em público não poderia declarar minhas preferências ou comprometeria minhas futuras intenções – ou seja, mantê-lo por perto. Ainda era muito cedo para uma viúva pensar em companhia, ainda mais estando grávida. Mais uma vez, falei:

– Oh! Senhor barão de Calligari, muito agradeço suas considerações e conselhos, mas pretendo contratar novo administrador.

A conversa se encerrou aí, não era assunto público. Meus pais ficaram constrangidos após a minha fala e resolveram regressar a Paraíso. Eu avisei a eles que iria logo em seguida, usando a carruagem de Castelnuovo. As pessoas foram se retirando, lentamente, tomavam sua montaria ou seu transporte e seguiam pela estrada ainda maltratada pela chuva que caía.

Leôncio tinha sumido pela porteira e ninguém quis saber dele. Se tinha ido embora tanto melhor, esse seria mesmo seu destino, pois eu o demitiria assim que regressasse. Eu tinha de me preparar para quando isso acontecesse, não poderia estar sozinha, antes tinha de tomar certas providências. Homens de confiança, documentos que me assegurassem o direito de ficar naquelas terras. Naqueles dias seguintes, eu precisava organizar minha permanência ali sem medos. Acertei mais alguns detalhes com Joelma, que poderiam ser significativos. Meus aposentos seriam agora o antigo quarto de José Maria. Pedi que ela o preparasse com cuidado, retirando as coisas dele para guardar no porão. Não queria ver nenhuma roupa masculina na minha nova casa. Nada de retratos dos antepassados dele pendurados pela parede da sala. Tudo isso seria

guardado.

Quando me preparava para voltar a Paraíso, descobri que Augustus ainda estava me esperando e ele me fez companhia em minha nova carruagem particular até a fazenda de meu pai. Foi gostoso ficar sozinha com ele, mesmo que por dois quartos de hora. Era preciso conversar e ele escolheu a oportunidade perfeita. Longe dos olhares assustados e preocupados das outras pessoas. Meu pai e minha mãe já tinham seguido na frente, apressadamente, estranhando minhas palavras e, talvez, nem tivessem se lembrado de Augustus.

Eu voltaria sozinha com um escravo que serviria de cocheiro, mas foi bom que Augustus tivesse ido comigo. Ele subiu ao meu lado e disse quase num sussurro, que não poderia desperdiçar a oportunidade de estar comigo sozinho, ainda que por um curto espaço de tempo. Por fim, tínhamos uma chance de nos falar sem reservas, tantas pontas tinham ficado soltas entre nós – por exemplo – Clair. Eu não tinha me lembrado de que havia uma senhora Calligari. Esse assunto me dava enjoo, talvez, escolhêssemos conversar sobre o fato de ter sido ele a incitar os escravos à fuga. Logo que começamos a andar, ele também iniciou a falar perguntando educado e solícito, como sempre:

– Uma morte repentina é sempre difícil de entender, não é mesmo, Milena? Você está bem? Agora que tudo passou, confesso que fiquei preocupado com sua situação, agora que o capataz despertou. O que pretende fazer com sua liberdade?

Estranhei o ar sério que ele assumiu e a voz atenuada dele, disfarçando o timbre tão grave. Era uma pergunta com sentido profundo, meu professor sabia o que poderia falar para me fazer pensar.

– Estou bem, sim, meu amigo, obrigada. Como você tinha previsto, meu marido, quando retornou, em nada mudou seu comportamento, fiquei dias presa no quarto e fui ingênua ao acreditar que seria diferente – enfatizei a última fala.

Augustus se virou no assento ao meu lado, encontrando uma posição em que ficasse olhando para mim. Aqueles olhos ativos e penetrantes que tanto me atraíam voltaram a me encarar. Sabia que ele me amava, apesar de tudo que vivíamos por imposição social e familiar. Sabia que nossa ligação era profunda, éramos almas afins, talvez estivéssemos juntos há muitas encarnações. Ele continuou falando, com a maior calma do mundo, como se nós tivéssemos muito

tempo.

– José Maria, agora que faleceu, é um espírito igualmente como era em vida, ignorante das leis Divinas. Ele merece nossa oração porque acaba de desencarnar. Pode ser bem confusa uma morte assim, repentinamente, precisamos ser firmes em nossas preces.

Ele fez uma curta pausa, e eu pensei: “agora que tínhamos um tempo a sós ele desperdiçava comentando sobre meu falecido marido”. Com todo respeito que eu dedicava aos mortos, não poderíamos deixar para comentar isso depois? Acho que ele concluiu a mesma coisa e mudou de assunto:

– Quero que saiba Milena, que você não está sozinha, apoiarei as decisões sobre a fazenda e tudo mais. Conte comigo, mesmo que não possamos ficar juntos no futuro. Quero amparar suas decisões, aliás, como sempre fiz. Ponderando com cuidado, mas respeitando sempre.

Na verdade, era tanta coisa que queria falar com ele, que eu nem sabia o que começar a abordar. O percurso até a fazenda Paraíso não era longo, não daria tempo para esclarecer muito e entre nós agora havia o meu ressentimento por ter me dado conta de que ele era casado. Eu mesma sentia a frieza de minhas palavras, como se ele, que não queria se casar, não fosse também uma vítima de interesses como eu era.

Para resumir, pensei que havia de confirmar duas coisas: primeiro, se ele tinha liderado os escravos para fugirem e com isso pensava atrair José Maria e me ajudar e, segundo, se Lenita tinha conseguido escapar. Não podia me esquecer desses assuntos. Respondi, sem emoção:

– Sei que posso sempre contar com você, meu querido, mas sei também que, por ora temos de ser discretos, a polícia suspeitou de assassinato, pode achar que conspirávamos, o que não é verdade. Até que nosso filho venha a nascer, temos de manter distância. Conte-me o que houve com Lenita. Não teremos outra oportunidade para conversar sem reservas como agora.

Talvez, incentivado por minhas palavras, ele me abraçou e beijou com carinho a minha barriga. Assustei-me com as atitudes ousadas e repentinas dele, mas estávamos completamente sozinhos, as testemunhas eram árvores, vento e nuvens. O cocheiro não nos via ou ouvia. Não haveria problema se nos abraçássemos. Aproveitei para retribuir ao carinho.

Assim de perto eu o amava mais. Ele me olhou expressivamente, numa mistura de alívio e ternura, vi que ele estivera com medo de ser preterido, agora que eu tinha no ventre minha garantia de liberdade, mas essa nunca seria minha vontade. Ainda expressando seus sentimentos, ele agarrou uma de minhas mãos acariciando-a, depositou nela o camafeu que eu dera a Lenita, retomando nosso segredo:

– Minha amada, deixei Lenita numa de minhas modestas casinhas na cidade. Deixei-lhe algum dinheiro. Ela disse que tinha uma pista de onde um de seus filhos estava, em um quilombo e que procuraria por ele. Foi fácil tirá-la de Paraíso, escondendo-a numa das carroças de carregamentos de café que iam para a cidade. Depois, resgatei-a no endereço da entrega, combinamos que ela me esperaria naquele local. Ninguém na fazenda de seu pai a viu, exceto uma negra de nome Eufrásia que lhe levava alguma comida a meu pedido. Acontece que essa escrava conversava com Lenita e descobriu também que era livre, talvez a sua liberta tenha ficado grata a ela e lhe contou. Eu pensei que seria uma situação contornável, mas quando regressei, Eufrásia me pressionou, então, pensei que não era mesmo justo reter essa informação por mais tempo. Logo saberiam, as notícias andam depressa, ainda mais quando tem interesse econômico por trás. Então, fui até o pátio e conversei com alguns, reafirmando que contassem a todos, já eram livres por ordens da princesa Isabel. Pensei que se os escravos soubessem que eram livres, talvez a fazenda Paraíso pudesse solicitar ajuda em Castelnuovo e, de alguma forma, o novo quadro afetasse José Maria. Foi o que aconteceu. Nunca pensei que seu marido fosse morrer como consequência dessa vinda dele... juro que não! Só queria resgatar você da situação em que vivia e que sabia que estava sendo difícil, principalmente após experimentar a liberdade e o amor.

Parei de ouvir o que ele dizia. Primeiro meu coração se encheu de orgulho, por reconhecer que ele sabia exatamente como eu me sentia e que se preocupava comigo, que havia feito algo para me ajudar. Depois, meu rosto se iluminou num sorriso que denunciava que eu o amava do fundo de meu coração. Ele havia criado a revolução que eu queria, que eu sempre esperei que ele fizesse por mim. Num impulso, pensei em atirar-me mais uma vez nos seus braços e eu só conseguia imaginar os lábios dele me dizendo – eu amo você... mas no meu sonho acordada, o rosto de Clair me veio estragando tudo... Como se uma voz me dissesse, sim, ele é isso tudo o que esperava, mas não pode ser seu. Ao invés de agradecer e expressar minha alegria, resolvi cobrar. Eu ainda era muito orgulhosa. Contendo as lágrimas de indignação, indaguei:

– Admiro muito as atitudes que tomou por mim, meu amigo, mas agora que meu marido se foi e estou livre, me pergunto, por que você não rejeitou a proposta de casamento com Clair? Sei que a iniciativa não foi sua, nem era sua vontade, mas você poderia ter resistido. É um homem, a sociedade respeitaria sua negativa, quanto a mim, não tive escolha – exclamei colocando toda raiva na voz. Nessa hora, voltei à adolescência.

Num minuto o adorava e agradecia a ele mentalmente, no minuto seguinte me lembrava do grande empecilho. Meu pensamento, muito imaginativo, já estava lá na frente arquitetando infinitas possibilidades que não se concretizariam por um simples problema. Meu marido sugerira que ele se casasse e ele tinha cedido como um favor a meu pai, sem refletir.

Ele poderia ter mantido o silêncio, não precisava explicar o que eu já sabia, mas explicou mesmo assim:

– Meu casamento é como o seu, mera formalidade de papel. Moro ainda no mesmo quarto que ocupava antes de me casar e ela, no dela. Aliás, esta foi a condição que me pediu para ajeitarmos a conveniência ao pedido de seu pai, a mando de seu marido. Nem somos amigos, na verdade, nem a conheço. Precisei aceitá-lo para pagar parte de minhas dívidas, pois nem se lecionasse minha vida toda não poderia pagar a seu pai o que devia.

Fiz uma cara de contrariada, mas logo foi passando. Se ele permanecesse casado, que chances teríamos depois que o bebê nascesse de vivermos como uma família? Eu pretendia viajar com a criança e queria que ele fosse junto para que meu filho tivesse por perto a figura masculina. Aos poucos, fui recobrando a calma, não poderia perder a oportunidade de conversar com meu professor. Havia outro assunto urgente e a carruagem já cruzava o rio.

De súbito falei, quebrando o silêncio, que nos separava:

– Eu li o testamento do velho barão de Castelnuovo. Se José Maria não se casasse para arrumar um herdeiro, perderia a fazenda. O pai dele assim exigia, a herança é toda do menino, para quem ele administraria até que a criança pudesse, de fato, assumir. O senhor barão de Castelnuovo conhecia o filho que tinha. Seria tudo doado para a Igreja, se ele não se casasse...

Augustus abriu e fechou a boca parecendo que queria comentar algo, mas se arrependeu. Nunca soube o que pensou.

Diante do silêncio dele, continuei:

– Você disse que vai me apoiar qualquer que seja minha decisão, pois bem, quero assumir Castelnuovo até que meu filho cresça como herdeiro. Quero decidir sobre o futuro dos escravos libertos, sobre compras e vendas, sobre tudo como legítima herdeira. Quero Leôncio longe daqui e com isso terei de contratar outra pessoa para esse trabalho. Não sei como me certificarei de que não voltará, tenho muito medo dele. Ele sabe que o filho que carrego não é de José Maria, pensa que é dele próprio. Pode usar isso a seu favor. De qualquer maneira, conto com seu apoio, meu amado, junto a meu pai. Ele não poderá entender nunca minha posição. Será preciso muita firmeza, eu sei, mas não quero homem nenhum, Augustus. Se não pode ser quem quero, não quero ninguém mais. Meu pai há de querer me casar e como você está comprometido, não posso aceitar ninguém. Chega de maus-tratos, chega de homens mandando em mim e interferindo no meu destino. Quero minha liberdade!

Ele ficou olhando com o olhar parado, parecendo muito intrigado. Novamente pensei que iria perguntar algo, mas se calou. Conseguindo a atenção do meu olhar e o silêncio de meus lábios, Augustus tocou o meu rosto com as costas dos dedos, num carinho suave e exclamou:

– Milena, não sei o que dizer, sua história é comovente, triste demais. Como aguentou essas injustiças? Não tinha outro jeito, não é? Como me dói a posição tolhida das mulheres neste mundo masculino. Você amadureceu bastante, da pior forma, pela dor, mas vejo que seu olhar continua doce. Você não perdeu a fé e isso a compensou. Eu posso entender sua vontade, uma mulher na sua posição tem todo direito de querer ser livre. Não se esqueça de que há uma criança em seu ventre, meu filho também e que eu amo, como amo você.

Queria dizer que ainda o amava mais que tudo, mas só consegui corar. Trocamos outro beijo profundo e sincero, mas não havia mais tempo para nada. A carruagem adentrava os pórticos das terras de minha família.

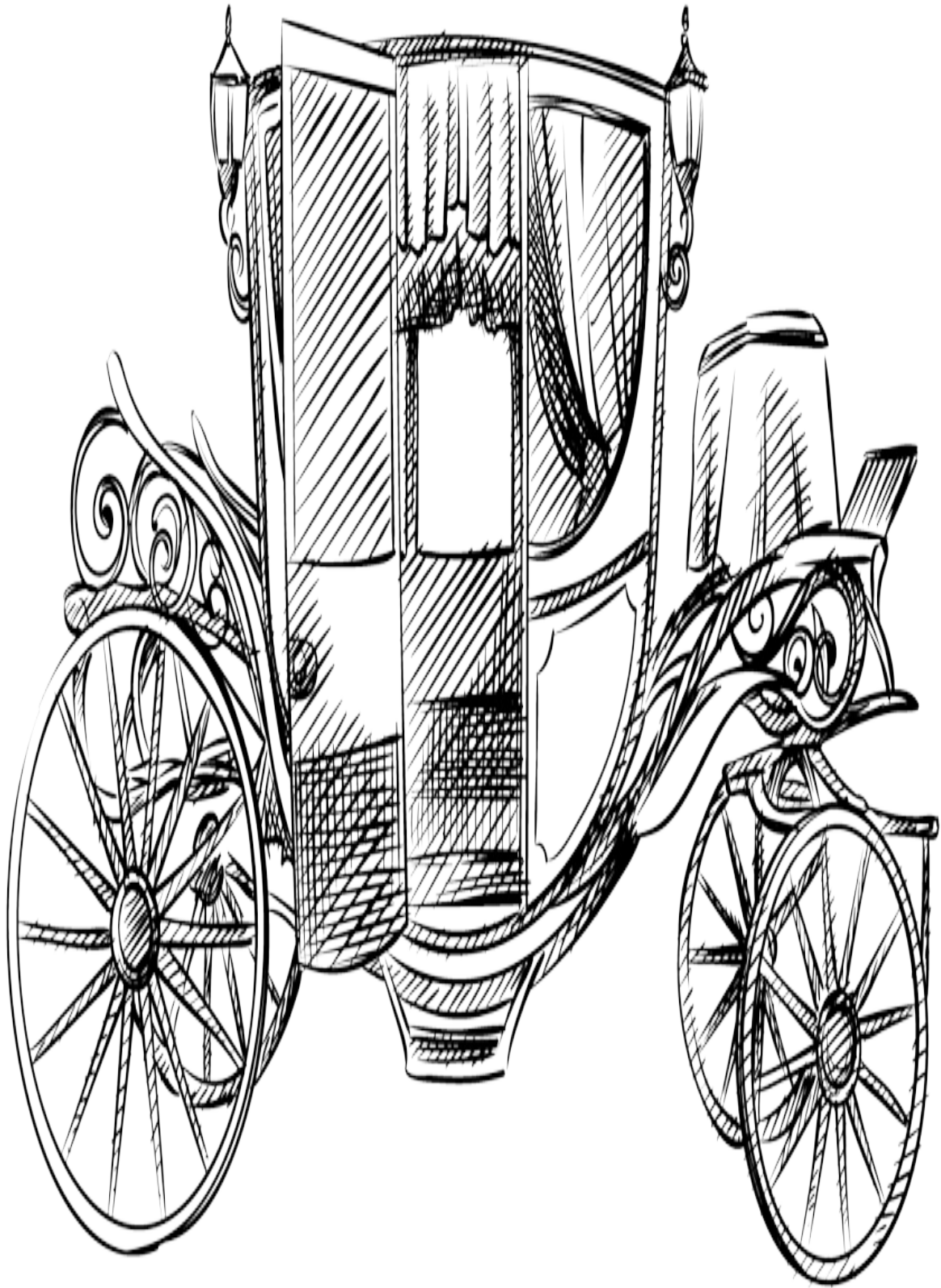
Nosso momento chegou ao fim rápido demais, pelo menos tinha expressado tudo que pensava, de maneira honesta. Até mesmo minha contrariedade com o casamento dele, meus ciúmes. Logo que paramos, descemos da carruagem, ele me deu a mão e pulei para o chão, discretamente, ele apoiou minha cintura, com deferência. Adentramos a sala da fazenda de meu pai ainda caminhando lado a lado e sorrindo um ao outro. Uma pena ter de encerrar nossa conversa agora que

sentia que Augustus abria-me o coração, rompendo a linha de recato que o separava de mim.

Parecia que vínhamos de outro mundo, um lugar de paz e entendimento perfeito, mas quando adentramos Paraíso, por mais contraditório que possa parecer, encontramos mais rupturas e vinganças. Como se a vida nos dissesse, bem-vindos ao mundo real.

A balbúrdia mais uma vez se instaurava em meu antigo lar e o barulho nos atraiu à cozinha. Meu pai, consternado, estava com olhar atônito e perdido. Quando entramos ali, nos deparamos com Mina que dizia que era vingança, maldição, que havia um demônio em algum lugar. Pressenti que eu deveria ter calma. Foi evocando muita força interior, que consegui orar, mas agarrei o braço de Augustus. Ele indagou o que se passara ali e descobrimos.

Desta vez, era Clair quem estava morta.



## 15. Clair

*Na letargia, pode o espírito separar-se inteiramente do corpo, de modo a imprimir-lhe todas as aparências da morte e voltar depois a habitá-lo?*

*Na letargia, o corpo não está morto, porquanto há funções que continuam a executar-se. Sua vitalidade se encontra em estado latente, como na crisálida, porém não aniquilada. Ora, enquanto o corpo vive, o espírito se lhe acha ligado.*

*O Livro dos Espíritos, questão 423.*

Só lembro de ter me afastado da cozinha onde estava o corpo de Clair. Augustus me conduzia. A imagem foi chocante, e depois, não vi mais nada no mundo consciente. Disseram-me que o professor me colocou no divã e buscava me reanimar, mas eu não estava completamente inconsciente, eu via tudo se desenrolando sem que pudesse reagir. Foi a coisa mais estranha que já me aconteceu e não sei explicar bem, então, vou contar apenas o que houve.

Fiquei perplexa ao descobrir que Clair havia morrido assassinada. De novo, dentro da fazenda Paraíso, outro crime, teria Mina enlouquecido? Estaria mais uma vez interferindo em meu favor? Agora não teria desculpas, alergias ou engasgos, era uma faca de cozinha. Nossa faca! Meu corpo desfaleceu diante da constatação de outro crime. Augustus me amparou e entrei em estranha letargia.

Tentava me mexer e não conseguia. Ele sustentou meu corpo inerte e me carregou no colo até a sala de estar, mas neste meio tempo em que constatava meu estranho sono, apareceu-me um espírito que vi na fazenda Castelnuovo. Não havia nenhum médium por perto para que ela pudesse falar, então, retirou-me do corpo para conversar ou eu assim o entendi. Era a baronesa Therezinha Maria que me ajudava naquele momento de profundo trauma, agindo como uma amiga, como se ela fosse viva. Lembrei-me, imediatamente, de perguntar se aquilo era um sonho, mas ela fez que não com a cabeça. Sorri por dentro, então, eu estaria mesmo louca? Ela me disse, com calma e com muito carinho:

– Minha filha, não se trata de loucura, o seu espírito delicado não suportou o impacto do que acaba de acontecer no lar de seus pais. Venha comigo, não tenha medo, vamos a um lugar onde sua sensibilidade pode ser mais útil enquanto poderá recompor suas energias.

Então aconteceu, comecei a crescer, expandir e saí do meu corpo, flutuando acima de mim mesma. Via o que estava acontecendo do alto, como quem visualiza uma cena de teatro. Augustus estava transtornado, querendo reanimar-me. Isso eu via como se voasse, a outra de mim que ele erguia como se fosse uma boneca de pano. O professor esfregava minhas mãos sem cor e, aflito, dava ordens, que eu não ouvia, às escravas. Meu pai estava muito pálido, olhava para o chão com as mãos segurando o queixo, sem ação, e minha mãe veio correndo ver o que havia comigo e nem se atreveu a falar nada. Ela somente acompanhava as atitudes do professor. Ele tomou o pano úmido das mãos da mucama e passou, suavemente, sobre o meu rosto, sobre meu colo e meus braços.

Enquanto isso acontecia no mundo físico, saí dali e deixei que as pessoas se preocupassem em reanimar o meu corpo. Levantei para o teto da sala, depois levantei voo sobre a fazenda, vi as montanhas que passavam rápido devido a minha velocidade. O céu estava lindo e branco pelas nuvens, com brilho indistinto no alto, compondo uma imagem digna de ser retratada num quadro. Vi novamente a baronesa me guiando e fomos, rapidamente, até onde Lenita estava. Era uma situação bem estranha aquela. Mal eu tinha me habituado à leveza de estar voando, “pousamos” e vi Lenita em uma situação difícil. Pensei que iria me refazer, me reanimar, receber ajuda e esclarecimento, mas parecia que só ficar no estado fora do corpo já tinha me ajudado, eu me sentia ótima, então, minha mentora aproveitava o passeio para me dar pistas da escrava, agora liberta.

Acompanhei o drama da minha mucama e amiga, ainda de um plano mais alto, como se permanecesse flutuando. Havia um homem branco, com roupas simples, não parecendo muito rico. Ele conduzia Lenita por um corredor mal iluminado, onde, supostamente, ela encontraria um de seus filhos. Não sei como eu sabia disso tudo só por olhar a cena, mas a minha condição me dava a ciência de tudo ao mesmo tempo.

Sabia que aquela era uma cilada qualquer, que o homem não era confiável e que Lenita não veria o seu filho ali. O homem falava palavras doces e a iludia com mentiras. Ela estava curiosa e aflita para ver o filho, seu coração queria a surpresa do reencontro, o final da saudade. Como ela estava iludida.

Tentei me comunicar com ela e a chamei pelo nome, mas percebi que seria inútil. Mentalmente, conversei com a baronesa Castelnuovo, perguntando se poderíamos ajudar, mas também não consegui que ela fizesse nada. Ao retornar, vi claramente uma placa de madeira pendendo na entrada do local que me pareceu um sítio meio afastado de tudo. A entrada era camuflada por vegetação alta.

Aquela situação estava me parecendo algo muito ruim. Lenita corria perigo, não estava com jeito de ser boa coisa. A cena sumiu e a senhora Castelnuovo começou a me consolar. Disse para eu ser forte e corajosa, para eu pensar no meu futuro, no que queria para mim e para meu filho. Que eu precisava decidir o que fazer. Assumir as responsabilidades de meus atos, de minha vida, tomar conta do meu destino. Que estava chegando a oportunidade de crescer espiritualmente. Que eu não me preocupasse com os mortos, somente orasse por eles com respeito, mas que os deixasse seguir seu caminho. Os espíritos familiares e aqueles que trabalhavam desatando os laços da morte, estariam cuidando de tudo.

A amiga Therezinha me disse para ser fiel ao meu coração, disse que não desistisse de procurar por Lenita, porque eu iria precisar muito dela e que eu tinha compromisso com ela firmado anteriormente, antes da nossa reencarnação.

A voz dela foi sumindo e a lógica foi-me voltando paulatinamente e pensei que aquele “sonho” estranho não poderia ter vindo em pior hora. Tentei indagar por Clair, por José Maria, por tudo aquilo que se passava na fazenda de meu pai – eu me lembrava das mortes, os assassinatos e, também falava sobre a revolta dos escravos. Ali no meio daquela confusão toda eu parecia tão frágil, era a hora de perguntar, de buscar respostas junto aos espíritos que me ajudavam. O que precisaria ainda aprender? Ninguém respondeu as minhas indagações, mas fui me dando conta da brutalidade da situação ao meu redor, dos espíritos vulgares que andavam com José Maria, dos obsessores vingativos que influenciaram Leôncio. Da vingança que ele efetuara... passei por uma névoa escura ao retornar, cheia de ambição e de desejos materiais.

Na retomada da consciência à realidade ao meu redor, ouvi uma voz que me chamava. Já não flutuava no espaço, nem voava, estava de volta à sala de meus pais, cedia ao estranho sentimento de injustiça e indignação que me fizeram desmaiar. Augustus segurava minha cabeça em seus braços e, junto a mim, dizia, em sussurros, palavras de carinho, que ninguém mais poderia ouvir:

– Milena, minha amada, abra os olhos e devolva as cores para o meu mundo.

Despertei da letargia e voltei a assumir o comando do corpo na sala de estar. Tomei ar com uma respiração profunda e sentida. Augustus exclamou algo dando graças a Deus e conteve o impulso de me beijar o rosto, pelo que me pareceu. Fiquei inconsciente por alguns minutos, mas para ele foi uma eternidade. O rosto de Augustus bem próximo ao meu, fazia entender que eu voltara e que meu coração estava aquecido. Sorri um sorriso pálido e o dele era de alívio. Como estava abatida, parecendo cansada, deram-me chá quente para reanimar e não tocaram mais no assunto da morte de Clair perto de mim.

Meu amado recomendou que eu me recolhesse, que me preservasse. Naturalmente pensava no bebê, mas eu não me contentaria em ficar deitada, distante do que acontecia. Mina revelou-se boa companhia, falava com cuidado o que acontecia. Soube que os homens saíram e trariam a polícia. O caso estava cada vez mais estranho.

Mina vira Leôncio, então, saíram para procurá-lo, sem sucesso.

Lá do quarto não vi mais nada, só sabia o que minha amiga me contava. Fiquei apenas orando com minha mãe que insistia para que eu segurasse o terço. Foi fácil ceder ao que ela pedia naquele momento em que eu podia refletir sobre os fragmentos dos conselhos recebidos pela amiga espiritual.

O pesadelo não acabaria com aquelas orações, para mim, sem sentido, então inventava outras que me consolavam mais. A confusão continuou, gente que entrava e saía, preparativos para o enterro. Interrogatórios e visitas de curiosos. Minha mãe queria me preservar, sugeriu de forma sensata que eu tomasse umas colheres dos sedativos que ainda estavam no armário do meu quarto de criança. Mina buscou uma colher e dormi profundamente como se estivesse exausta, não sei se por efeito do remédio, por tensão das últimas horas ou por expectativa do que viria. Os barulhos da casa foram cessando e me forneceram um repouso revigorante; no meio da madrugada, despertei. Talvez tivesse dormido direto por doze horas.

O carrilhão da sala de jantar ecoou quatro horas da manhã. Aquele dia tinha sido exaustivo para todos e ninguém estava de pé, nem mesmo os empregados que começavam as tarefas da casa bem cedo.

As conversas do dia anterior tinham voltado à minha mente, Clair não tinha

parentes vivos. Como o campo santo da fazenda seria preparado sem os escravos? Ela poderia ser enterrada no mausoléu da família? Ela, que nunca tinha feito mal a uma mosca, morreu sozinha, covardemente assassinada. Dentro de mim uma certeza – a morte não era o fim de tudo. A baronesa Therezinha tinha voltado para me dizer que estava bem e que tudo ficaria bem, mas quanto a Clair? O que eu poderia fazer por ela senão orar? Eu sabia que o casamento dela e de Augustus também era apenas de aparências e apesar de ter ficado chateada com o fato de eles se casarem, nunca a odiei por isso. Era uma vítima também, dos caprichos de José Maria.

Voltei a me lembrar daquele momento antes do meu desmaio. Quando vi a cena do assassinato, pensei em sair da cozinha o mais rápido possível, mas de relance vi a face da morte. Essa visão não me deixava dormir. Virava na cama de um lado ao outro, talvez por medo. Na verdade, já tinha dormido o suficiente, estava deitada desde o dia anterior. Seria efeito da letargia? Do chá? Dos remédios? Levantei-me e caminhei até a janela, observando a inocência da madrugada, seus grilos e a vida noturna. O frio e o orvalho... abri uma fresta para o vento despertar-me dos maus pensamentos.

Num impulso, me dei conta da sensação de alívio pela constatação de que nós dois, eu e Augustus, estávamos livres dos comprometimentos que nos foram impostos – o compromisso do casamento. Dois viúvos, eu e ele, cujos cônjuges morreram assassinados. Se ficássemos juntos, a polícia poderia pensar que tínhamos alguma coisa a ver com as mortes, mas éramos inocentes. Já nos amávamos antes, aquilo tudo era uma amarga trama que teve fim. Nosso único crime era o perjúrio às leis dos homens, a infidelidade ao casamento arranjado que nos fora imposto. A situação ilegal de nosso amor, de nosso filho.

\*\*\*

Aqueles dias transcorreram de forma muito difícil para todos nós, para uns foi uma mudança apenas, para outros, muitas transformações. Eu estava no segundo grupo. Tinha ficado muito cansada, triste, com medo e protelava minha volta a Castelnuovo.

Meu pai veio falar comigo alguns dias depois da morte de Clair, ele tinha um

plano de ação para a minha fazenda. Achei engraçado aquilo. Ele se propunha a administrá-la. Queria mais, como lá ainda havia escravos, ele queria trazê-los para Paraíso. Conversamos por alguns momentos e quanto mais eu via surgirem ideias absurdas, para conduzir os negros sem que soubessem da libertação, mais eu me indignava. Fui veementemente contra os argumentos dele. Assim que se cumprisse meu tempo de recuperação física daquilo tudo que houvera, eu iria dizer pessoalmente aos escravos que já eram homens livres.

O barão de S... deu um suspiro, disse que não poderia administrar duas fazendas falidas com o prejuízo que dariam. Acho que me tornei adulta naquele momento. Minhas terras, meus escravos libertos, minhas contas a acertar... Lembrei-me dos conselhos de Therezinha e constatei que não podia esperar que meu pai assumisse minhas responsabilidades. Com calma, tentei explicar a ele. Augustus foi chamado a meu pedido e passou a prestar maior atenção ao que eu dizia e eu senti que ele me aplaudia por dentro:

– Não, senhor barão, meu pai, não posso concordar com uma proposta dessas. Os escravos já são livres. Se o país é muito grande e não tem como fazer uma fiscalização, cabe a nós que somos conscientes fazermos o que é certo. Vou resolver isso amanhã mesmo, quando pretendo assumir tudo que José Maria deixou. Contratarei um contador, se for preciso. Se Leôncio não aparecer, contratarei outro capataz também – falei e mentalmente dei graças a Deus de não ter de justificar a demissão de Leôncio.

– Mas, Milena, o que uma mulher como você é, ainda quase uma criança, pode conseguir em uma fazenda estando sozinha? Não posso permitir isso. O capataz que contratará, quem é? É preciso conhecer essa pessoa, ser de confiança, entende? Não posso confiar nesta escolha, baseada em quais critérios? Você não entende nada de administração. Seu pai ainda é vivo e não permitirá que abra falência por causa de uma infantilidade dessas... arriscando o futuro de uma criança inocente que é meu neto. Quantos anos você tem? Não me lembro se são dezenove ou dezoito...

Ele estava exasperado, com os olhos arregalados de espanto. Nunca esperava que qualquer mulher se contrapusesse a suas ideias, ainda mais uma de suas filhas. No mundo em que vivíamos isso era inadmissível, inimaginável. Uma viúva deveria se submeter a algum homem da família ou aos filhos, se já fossem adultos.

Vi que Augustus esperava apenas uma oportunidade para me ajudar, então respondi:

– Sinto muito, papai, não sou mais uma criança, sou uma mulher, não importa quanto anos eu tenha. Tenho sofrido muito durante esse tempo de casamento e confesso que a morte de José Maria foi mesmo um alívio para mim, que mal o tolerava, mas agora que sou livre, não voltarei a viver sob o jugo do senhor ou de homem nenhum. Farei o que achar que devo! Minha fazenda e meus escravos, eu decido o que fazer. Não é possível para mim fazer as coisas à maneira masculina, nunca faria, pois sou uma mulher.

Meu pai se levantou com o rosto contraído de raiva e ia me esbofetear, não fosse por Augustus que, mesmo estando abalado por tudo que nos acontecia, era a pessoa mais sensata dali. Meu professor segurou a mão inclemente de meu pai no ar e falou com energia:

– Basta de violência nesta casa, senhor barão. A baronesa Castelnuovo tem o direito de conduzir a herança do filho como bem entenda. Ela é uma viúva agora e uma mulher inteligente e capaz. Vamos esperar que peça ajuda, se precisar.

Os dois se encararam por longos minutos, mas eu sabia que o barão de S... respeitava o conhecimento do professor. Eu podia sentir a ira de meu pai, sendo confrontado daquela maneira por Augustus dentro de seu próprio lar, mas o meu professor tinha tato e sabia colocar as ideias de maneira que meu pai não se sentisse mal. Ele não foi grosseiro e apelou para a fragilidade do momento em que vivíamos. Com serenidade, o professor continuou falando, apesar do olhar duro.

– Se a senhora baronesa vê a necessidade de entrar em acordo com os escravos, concordo com ela. O senhor viu o que aconteceu aqui, violência, desespero, medo. Ela, estando lá sozinha, não vai querer que isso aconteça, nem o senhor barão vai querer outro saque, outra revolta. Ela tem razão, o melhor é propor a eles um salário ou terras em acordo de arrendamento. Ela quer fazer diferente do que o senhor pensa, se fosse um homem, o senhor contestaria? Tudo está começando a mudar, senhor barão, a abolição da escravatura é apenas o começo. Concordo que é preciso deixar ir embora aqueles mais exaltados, aqueles inclementes. Ela poderá aproveitar a experiência dos que ficarem e que já conhece muito de lá.

E, virando-se para mim, continuou:

– Se quiser, senhora, disponho-me a ajudar também. Posso intermediar suas ordens para que não trate diretamente com homens rudes.

– Agradeço a sua disponibilidade, professor Augustus, com certeza eu o chamarei ou ao meu pai, na menor dificuldade. Tenho primeiro que convocar o tabelião ou o advogado e ver o testamento em nome de meu filho. Depois, resolverei a questão dos escravos e dos novos contratados.

Meu pai se calou em muda consternação. Ficou olhando para mim como se dissesse que eu iria me dar muito mal naquela minha teimosia e que a vida real não era brincadeira. Então, falou:

– Chega de loucuras, Milena. Foi você quem contou àquela negra fugida que ela já era livre. Daí a notícia chegar aqui, foi muito rápido. Percebe como uma mulher tem sensibilidade exagerada e confunde negócios com a vida particular? Seu marido tinha razão em queixar-se. Agora tenho que contratar novos homens! Amanhã mesmo irei a Castelnuovo, encontrarei Leôncio ou chamarei alguém de minha confiança e assumirei a fazenda.

Tenho certeza de que meu rosto ficou vermelho porque eu estava quente por dentro, teria de responder à altura. Respirando fundo tomei coragem e falei:

– A princesa Isabel assinou uma lei que libertou todos os escravos, senhor barão de S... Quem sabe ela também esteja confundindo as coisas?

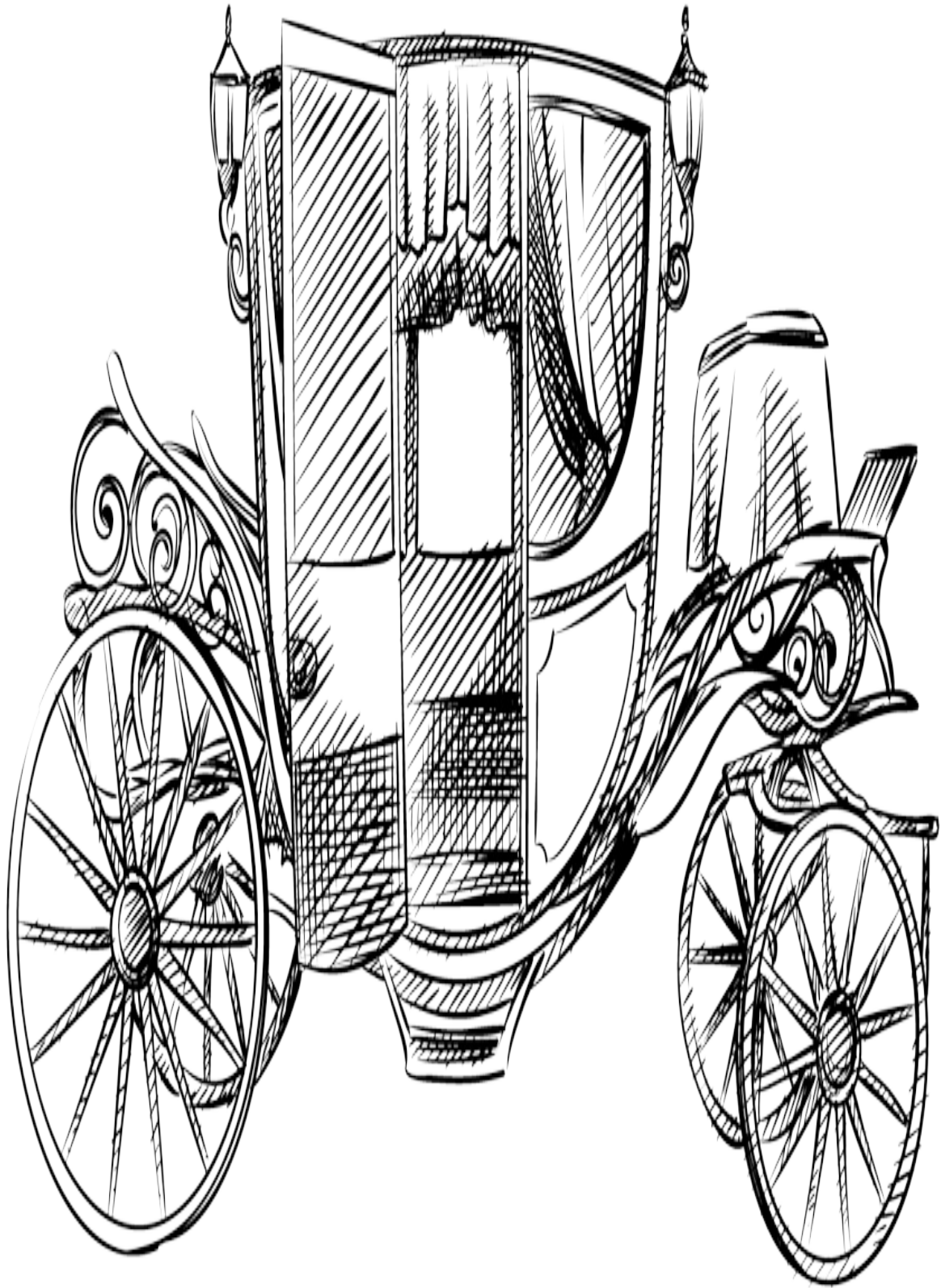
Meu pai deu dois passos e, mais uma vez tentou esbofetear-me no rosto. Augustus interveio de novo, entrando com os braços na minha frente. Meu pai me alcançou com o nó dos dedos, onde havia um anel que cortou meus lábios. Senti o gosto do sangue que escorreu pelas rendas da lapela branca.

Augustus me olhou em admiração silenciosa e meu pai com puro desdém. Os dois homens foram juntos para a outra sala. Meu professor não deixou que ele continuasse a me bater e foi segurando meu pai com força, conduzindo-o para longe de mim.

Não poderia permanecer ali nem mais um dia. Precisava ir embora o quanto antes, resolver mesmo a minha vida, contratar, vender, deliberar...

Fiquei pensativa com a cena que acabava de vivenciar. Meu pai me esbofeteou, me agrediu em nome de um preconceito que defendia com toda força. Se eu fosse um filho, ao invés de uma filha, com certeza estaria considerando minhas ideias. Aquilo representava uma ruptura definitiva. Eu precisaria de um advogado, de alguém que me representasse, que me defendesse e não poderia ser Augustus.

Naquela noite mesmo fiquei imaginando como poderia seguir meu caminho no dia posterior. Meu pai sairia cedo, como tinha avisado e eu teria tempo para me despedir de Augustus e tomar minha carruagem para regressar as minhas terras. Conversaria com minha mãe para levar Mina comigo, pelo menos devia isso a ela. Se minha mãe concordasse, eu poderia enviar alguma outra cozinheira, mais jovem e minha mãe preta iria comigo para Castelnuovo.



## 16. Libertação

*As almas, que de nós cuidam, servem-se do nosso sono para exercitarem-nos na vida fluídica e no desenvolvimento dos nossos sentidos. Efetua-se então um trabalho completo de iniciação para os homens ávidos de se elevarem.*

*O problema do ser, do destino e da dor, Léon Denis.*

O clima entre mim e meu pai não se amenizou, nem com a intervenção de Augustus. Fui dormir sem jantar e aproveitei o tempo para me preparar para partir. Minha mãe não quis nem ouvir minha proposta de levar Mina comigo, ela também ficou ressentida quando soube de minhas “insubordinações”. Eu não conseguia compreender nunca o posicionamento dela de sempre apoiar meu pai sem pensar, nem refletir.

No dia seguinte, foi publicada uma nota de esclarecimento no pequeno jornal da região. Muitas pessoas que passavam para ter notícias se contentaram em saber que havia investigações. Meus parentes e amigos da família acabaram por acalmar os corações, diante da constatação de que nada mais poderiam fazer a não ser orar pelos falecidos. Tinha sido horrível presenciar duas pessoas mortas de forma trágica em um curto espaço de tempo, mas precisávamos seguir adiante.

A nota dizia que o barão Castelnuovo tinha morrido engasgado na fazenda Paraíso, onde ficara retido durante os dias de chuva torrencial que caíra na região. Após seu enterro, um de seus homens de nome Leôncio, estivera na fazenda Paraíso, agredira e matara uma funcionária de nome Clair, responsável pela cozinha. Os dois teriam discutido, segundo o testemunho de uma serva, sobre um alimento com amendoim que poderia ter provocado alergia no barão morto.

Ao ler a nota, percebi que Leôncio estava, claramente, pensando que meu marido tinha sido envenenado e, com certeza, se vingara de Clair, a pessoa responsável pela cozinha. Teria ele pensado que eu teria algo a ver com isso? Se

estivesse pensando isso, poderia voltar. Estaria arquitetando outra vingança, agora contra mim? Ou ficara com medo da polícia? Ou ainda, estava preservando minha vida por pensar que o filho que carregava no ventre, era dele? Talvez quisesse garantir que a criança viesse a nascer e herdasse efetivamente a fazenda.

Com medo de represálias da parte dele, providenciaria seguranças para Castelnuovo, nisso também Augustus tinha prometido me ajudar. Nada entendia sobre plantações e colheitas, mas teria de aprender, rapidamente. Precisava voltar em nome daqueles que dependiam de mim. Tinha protelado minha ida para ficar mais tempo junto ao professor, mas depois da discussão com meu pai, não tinha mais como ficar.

Tentei me aproximar de Augustus para me despedir, procurava por uma oportunidade longe dos olhos curiosos de todos e tentei conversar com ele na biblioteca, que sempre foi nosso lugar preferido. No dia que eu deveria partir, eu esperava por ele na sala de leituras, fingindo ler e torcendo para que ele aparecesse.

Eu aproveitava a manhã, sabendo que meu pai tinha ido à cidade contratar trabalhadores para a colheita com urgência e isso me deu um tempo extra. Minha mãe e irmãs oravam na capela, hábito que tinham e que eu nunca consegui seguir. Tirei os olhos das letras quando percebi que ele entrou e perguntei, suavemente:

– Meu amigo, como está?

Estávamos a sós, mas senti que ele tinha receio de que alguém nos ouvisse. Olhando primeiro para os lados, sentou-se logo a minha frente e disse:

– Cara senhora baronesa, folgo em vê-la bem, depois da discussão de ontem. Perdoe-me não ter contido seu pai.

– O senhor foi ágil suficientemente para impedir que ele me espancasse. Agradeço muito – disse, pensando em como seria dali para frente, sem ele...

– Não sei como será minha vida aqui na fazenda de seu pai, ontem ele ficou muito exasperado comigo por contrariá-lo, por contê-lo. Acabou falando que não haverá recursos para me pagar, restam suas irmãs para educar, por talvez seis meses, e depois não terei mais justificativas para ficar. Embora não amasse Clair

e vivêssemos separados, enquanto ela trabalhasse aqui eu permaneceria, mas agora, talvez também eu tenha de ir. Pretendo dar algumas aulas de francês na cidade, não ficarei aqui o tempo todo. Tampouco poderei ficar indo a sua fazenda, pelo menos, pelo tempo de luto...

Ele olhou à volta como se as paredes tivessem ouvidos e sussurrou algo ininteligível, mas compreendi que seria um apelido carinhoso.

Essa surpresa fez meu coração se descompassar. Eu sabia que ele tinha razão em ter medo de sermos surpreendidos, mas ouvir o carinho com que me tratava, tinha me dado um suave conforto no coração. Será que algum dia eu poderia compensar aquela tristeza, aquele buraco que ficava no meu peito quando eu me lembrava de que tínhamos de ir cada um para um lado? Durante aqueles anos em que eu sofrera a impossibilidade e a solidão, ele também, de certa forma, vivenciara algo parecido. Então, eu disse:

– Quero pedir ao senhor duas coisas, antes de retornar. Que consiga homens capazes de fazerem uma equipe de segurança para Castelnuovo e, por favor, não se esqueça de Lenita. Venha sempre me trazer notícias dela. Não tive oportunidade de explicar ainda, mas tive um sonho estranho em que ela era levada a uma cilada e ficava presa em um sítio ou fazenda aqui por perto. Fiquei apreensiva com esse sonho.

Eu dizia ser um sonho para não parecer muito estranho, não queria que ele soubesse que ocorriam fenômenos mediúnicos comigo. Ele pensou um pouco antes de responder, depois tocou minhas mãos delicadamente quando disse:

– Sim, minha querida, conseguirei tais homens de confiança e, depois, preciso me certificar mesmo se Lenita ainda ocupa minha casa, se encontrou-se com o filho. Milena, não se esqueça, mesmo que o tempo passe, mesmo que as circunstâncias sejam outras, mesmo que o pior aconteça, ainda encontrará em mim o amigo de sempre, esperando o momento certo para me unir definitivamente a você. Estarei sempre pensando em nosso filho.

Eu sorri de volta, mas minha vontade era atirar-me em seu pescoço. Alguém chamou por mim e me levantei com o susto. Comecei a pensar numa forma de me despedir convenientemente dele.

Não consegui organizar todas as minhas coisas para levar e fiquei ainda mais uma noite em Paraíso. Queria levar livros, baús e roupas, mas não conseguia que

Mina viesse me ajudar a retirar e organizar tudo. Sem escravos, trabalho demorado... bom era que Mina me conseguia as refeições que eram entregues no meu quarto e eu me deixava ficar cercada de mimos. Não precisava descer para enfrentar meus pais...

Na última noite que passei na fazenda de meu pai, eu me levantei para andar pelo quarto de um lado ao outro enchendo a mente de novas suposições. Ainda continuava acordando às quatro da manhã, sem sono e me lembrando das cenas desagradáveis que vivenciara. Fui mais uma vez olhar a janela, vi o brilho das últimas estrelas que se retiravam com o avanço da madrugada e pensei que, talvez, Augustus estivesse também acordado. Talvez pensasse em mim, no nosso amor, no nosso filho, no nosso futuro. Ele estava do outro lado da fazenda, talvez dormisse enrolado em um cobertor aconchegante, talvez olhasse para a mesma estrela que eu. Precisava do abraço quente dele naquela noite. Precisava criar coragem para o que iria fazer, para o que precisava fazer, como mulher, como adulta, como dona de mim mesma. Pensei por um instante na diferença da menina inconsequente que dormira naquele quarto que eu agora ocupava. Como eu havia crescido! Os pesos das circunstâncias me obrigaram a assumir responsabilidades. Agora ele poderia me amar, agora eu estava à altura dele e poderia compreender sua negativa, na primeira vez em que revelei meu amor. Ele tinha razão, eu era mimada e infantil, como poderia amar alguém?

Acendi uma vela, busquei minhas roupas e as vesti sem ajuda, depois mandaria um escravo buscar o que ficaria para trás, assim poderia ir a cavalo e mandar a charrete com os livros. Calcei as botas e pensei em mandar preparar a montaria, mas me lembrei da criança que carregava no ventre, poderia ser arriscado sacudir em uma estrada incerta e não queria perder o bebê. Teria de ir de carruagem mesmo, o que demandaria um escravo ir comigo. Mais uma vez lembrei-me de Mina, minha mãe não tinha autorizado a saída dela da fazenda. Não poderia levá-la, embora ela fosse livre e quisesse ir comigo, seria como um roubo para minha mãe.

Num impulso, saí pela porta. Fui Tateando pela escuridão da noite, coisa que aprendi a fazer nos últimos anos. Eu conhecia todos os caminhos de minha casa de cor. Enveredei pela ala dos criados indo bater, suavemente, à porta que eu sabia ser dos antigos alojamentos do professor. Lá dentro, uma luz estava acesa. Parecia uma vela amarelada ou um candelabro tremeluzente, quando ele veio abrir para mim. Sorri, revelando o prazer infantil de acordá-lo no meio da noite e vê-lo vestindo pijamas.

Ele tinha o rosto contraído de sono. Não poderia esperar que eu o visitasse ali, àquelas horas da madrugada. Logo os afazeres da fazenda iriam requisitar a presença de pessoas e eu não poderia ser vista no quarto dele. Eu disse então, com inflexão dura na voz, porque não podia falar baixo nem suave na ala dos criados, nem parecer menos do que era naquele momento, a baronesa Castelnuovo:

– Estou de partida, senhor professor, encontre-me na biblioteca, quero me despedir.

A biblioteca era enorme e estava vazia àquela hora da manhã. Assim que entrou, puxei-o para um abraço, esquecendo a formalidade com que era forçada a tratá-lo naquela casa. Naquele momento, éramos almas afins, seres que se amavam e que se conheciam havia muitas encarnações. Estava cansada de fazer sempre o que os outros queriam que eu fizesse. Mais uma vez seríamos forçados a fingir que não nos amávamos, fingir uma indiferença que não sentíamos, viver uma distância que não queríamos.

Ficamos assim abraçados por longo minuto. Eu não disse nada porque não tinha nada a dizer, nem ele. Vez por outra meus discretos soluços cortavam o silêncio, soluços de indignação diante do que nos forçavam a fazer, soluços de revolta... Quando nos separamos, eu havia parado de chorar e o calor dos braços dele ainda formigava nas minhas costas. Eu disse então, em tom choroso:

– Venha comigo, Augustus, não posso sozinha...

Ele me respondeu com tanta gentileza, segurou meu rosto entre as mãos e disse com suavidade:

– Nossa vida como esposos depende de sua partida, se eu for agora, arriscamos a segurança de nosso filho, arriscamos nossa vida juntos. Antes, eu pensava na fuga, mas agora seremos suspeitos de crimes se fugirmos, mas também, se nos unirmos. Meu amor, querida Milena, não posso atender ao seu pedido, não posso ir com você. Sei que você é forte, corajosa, enfrentou seu pai com inteligência, argumentos claros, determinação. Você não precisa de um homem ao seu lado para lhe defender, você é livre, dona de si mesma... agora também é rica. Se eu for com você atrapalharei seus planos, complicarei sua vida.

Ele tentou fazer com que eu me recompusesse. Tentou dizer-me que nos arriscaríamos a perder tudo que tínhamos, só se esperássemos teríamos chances

de ficar juntos. Havia as mortes recentes de nossos cônjuges, mas eu não entendia seus argumentos, não aceitava. Aquelas eram desculpas... eu só conseguia entender que eram desculpas. Nós nos amávamos antes de tudo aquilo, antes de José Maria, antes de Clair, antes das mortes. Não éramos culpados, não tínhamos cometido crimes...

Em princípio, talvez eu o tivesse amado por egoísmo, talvez por minha própria proteção, mas agora mantinha aquele amor por minha liberdade, por ser dona de mim, por decidir o que queria e eu havia decidido que o queria. Eu o queria por companheiro, por amigo, por marido. Tinha experimentado quatro semanas maravilhosas, enquanto podia vê-lo e conversar com ele, a cada dois ou três dias e isso me bastou, mas agora queria-o todo, completo, inteiro.

Ele me olhou com enorme carinho. Tomou-me pela cintura e novamente me abraçou com suavidade, desta vez pude sentir seu corpo trêmulo, pois percebi que ele estava descomposto de emoção. Ele segurou meu rosto mais uma vez para depositar um beijo demorado em meus lábios.

– Não vá ainda, falta muito para amanhecer, fique comigo mais um pouco, porque sei que não nos veremos até que o bebê venha.

Cedi aos carinhos dele até que começou a clarear e tivemos de nos separar. Não tínhamos mais tempo, eu tinha de partir, já tinha protelado demais.

– Agradeço a sua lucidez, Augustus. Sempre sua perspectiva é melhor que a minha, mais madura e mais sensata, mas sempre discordo como uma criança mimada. Nós nos separamos agora, mas em breve voltaremos a ficar juntos, darei um jeito. Sei que é o que podemos fazer, por enquanto.

Respondi com a mesma expressão que ele me havia dito numa de nossas discussões sobre meu casamento. Aquela frase que ficara ecoando em minha mente: “é o que podemos fazer, por enquanto”. Agora era a minha vez e eu a devolvi.

Não vi o rosto dele porque não consegui olhar para trás, mas tenho certeza de que ele riu e se lembrou de que aquela era uma das falas dele que eu enviava de volta, apesar de tudo.

Minha mente irrequieta arquitetava um plano para o meu destino. Sim, eu me sentia dona de mim mesma e me permitia lutar pela minha felicidade. Ele viria

ver-me, encontraria uma maneira para que pelo menos conversássemos algumas vezes, nem que minha mãe ou alguma de minhas irmãs estivesse conosco.

Fui à área de serviços e chamei um criado de meu pai, o primeiro que acordou e pedi que me levasse à fazenda Castelnuovo. Deixei um bilhete rápido explicando que era chegada a hora de eu assumir os bens de meu marido. Disse também, que respeitassem minha maneira de resolver os problemas e de conduzir a fazenda, que se eu precisasse de alguma ajuda eu os chamaria. Eu estava temerosa pelo futuro, mas tive de me encher de coragem e seguir sem olhar para trás. Augustus não poderia ir comigo e eu deveria ser forte por nosso filho e por mim mesma.

Rapidamente, a carruagem Castelnuovo cruzou a distância que me separava de minhas terras. Passamos a nova ponte com cuidado e adentramos os pórticos da fazenda.

Lá chegando, como era muito cedo, não havia muitos escravos ainda pela varanda. Contornei o alpendre e entrei pela porta lateral que eu sabia estar com problemas na tranca. Fui ao escritório de José Maria, busquei o testamento e o escondi embaixo de uma tábua corrida, no que antes fora meu quarto. Se não houvesse outra cópia, aquela estaria segura. Até que Leôncio fosse encontrado, sempre teria medo de encará-lo. Não demoraria para que os seguranças, que eu tinha contratado, começassem a chegar e eu ficaria mais tranquila.

Agora eu assumia minha propriedade, passados mais alguns meses de luto e de recato, pensaria melhor em como faria para buscar Augustus para viver comigo. Poderíamos nos casar se meus pais insistissem, mas eu mesma não me preocupava mais com isso.

Minha primeira ação como dona de Castelnuovo foi empreender uma busca pela propriedade para ver se Leôncio não estava em algum lugar da fazenda. Pensei que se ele não estivesse por ali, ninguém mais se intrometeria nos meus assuntos e se estivesse eu o poria para fora. O dia foi passando, as pessoas aparecendo e trazendo notícias dos quatro cantos, que eu nem sabia que existiam na propriedade. Se não fosse encontrado, melhor, eu ficaria mais tranquila.

Após o almoço, reuni os escravos e esclareci a todos o que estava acontecendo. Não eram mais escravos e os que quisessem poderiam ir embora. A notícia, que pensei que seria como uma explosão a espalhá-los para longe, surtiu efeito

contrário. Eles se abraçaram comemorando, alguns dançavam, outros sorriam, queriam fazer festa. Pedi mais um momento de atenção e expliquei que eu contrataria alguns e arrendaria a terra a outros que quisessem ficar e pudessem ajudar na colheita daquele ano.

Eu disse, empostando a voz, no pátio aberto onde todos se reuniram:

– Vocês são livres por ordem da princesa Isabel Cristina, desde alguns meses atrás. Os que quiserem podem ir embora, mas os que ficarem firmarão comigo um acordo de trabalho. Com a morte de José Maria, meu filho é herdeiro da fazenda Castelnuovo e até que ele possa assumi-la, eu estarei à frente de tudo. Vocês podem me chamar de sinhá Milena e meu filho será o novo barão. Quanto a Leôncio, não sabemos onde está, então, eu vou contratar outra pessoa para ser meu auxiliar, talvez um de vocês possa fazer esse serviço.

Como o assunto da rebelião tinha chegado por ali como um boato, acabei por explicar também o que houve na fazenda Paraíso. Disse a eles que na fazenda de meu pai não havia mais escravos, que eles tinham deixado a lavoura por colher, saíram assustados com a nova condição, mas muitos estavam regressando com fome. Por isso também, eu os estava esclarecendo – eram homens livres, mas precisariam de um lugar para morar e de alimentação. Ficando comigo, no local que já estavam acostumados, poderiam levar uma vida digna, pois já conheciam o serviço. Imediatamente, começariam a ser construídas moradias pequenas para abrigá-los, não mais haveria senzala, nem torturas, nem castigos.

Naquele primeiro momento, eu nunca vi rostos tão felizes, dançaram e cantaram com lágrimas nos olhos. Muitos deles ficaram comigo, pois odiavam Leôncio e José Maria, sabiam como eu era tratada ali, do que sofri nas mãos deles.

Nos dias imediatos, fiquei atarefada e confusa com os afazeres da fazenda Castelnuovo e depois de uma semana precisei mesmo contratar mais homens para o trabalho. A polícia veio, fez as perguntas e eu disse a verdade, Leôncio não estava por lá. Soube que ele continuava desaparecido e era o principal suspeito do assassinato de Clair. Os policiais o deram como foragido e pediram que eu avisasse, imediatamente, se ele regressasse. Com certeza, eu faria isso e se ele representasse alguma ameaça, os meus seguranças tinham ordens para matá-lo.

Passaram-se algumas semanas em que fiquei ocupada com as novas decisões a

tomar, contratações e compras urgentes. Quando tudo acalmou, mandei chamar os advogados de meu marido e o tabelião que veio me procurar no mesmo dia. Todos tinham cópias do testamento do velho Castelnovo e queriam saber se o barão tinha herdeiros...

Como eu já tinha lido o testamento e estava a par da situação, já tinha também conversado com o doutor Freitas e pedido que ele atestasse a minha gravidez. Afirmei que estava grávida, desde antes da morte de meu marido. Conteí ao advogado que José Maria queria que o médico me examinasse, assim que regressou de viagem, e que doutor Freitas veio e conferiu os sintomas. Pedi que o procurassem para que ele repetisse isso.

Sem maiores problemas, um dos homens entrou em ação e levou documentos do médico até o tabelião. Em pouco mais de dois meses, com o suposto herdeiro crescendo dentro de mim, recebi os papéis que me davam a posse da fazenda em nome do filho que carregava no ventre. Fiquei mais tranquila depois disso.

Quanta coisa havia mudado ali. Parecia outro lugar, até os pássaros vinham cantar pela manhã com mais disposição e alegria. Eu estava leve e livre como senhora de mim mesma, de uma fazenda e de uma criança – fruto de meu amor. Em breve, o pai da criança estaria comigo, eu pensava e tudo ficaria perfeito.

Naquela noite, fui me deitar com a cabeça em mil pensamentos e articulações sobre o futuro que sempre sonhei para mim. Augustus, uma criança, justiça, liberdade, humanidade... O mundo começava a mudar ou seria apenas o meu coração? Muitas possibilidades se descortinavam diante do meu ser e eu não sabia ainda como agir, como pensar, o que viria me deixava excitada, como a possível felicidade tão sonhada, que eu apenas vislumbrava. Um único detalhe incomodava minha consciência – meu filho não era legítimo herdeiro...

Sonhei com protetores espirituais e minhas novas amigas Therezinha Castelnovo e a baronesa Boaventura. Aliás, esses sonhos se tornaram constantes, muito lúcidos e coloridos. Naquela noite, elas estavam me esperando na sala de estar, ali mesmo na fazenda, sorriam e diziam que o pior já tinha passado. Conversamos longamente, enquanto elas me aconselhavam a retomar os estudos dos livros espíritas.

As duas nunca permaneciam comigo por muito tempo e logo percebi que tinham mais o que fazer, eram seres ocupados no plano espiritual, comprometidos com o

bem-estar de muitos daquela região.

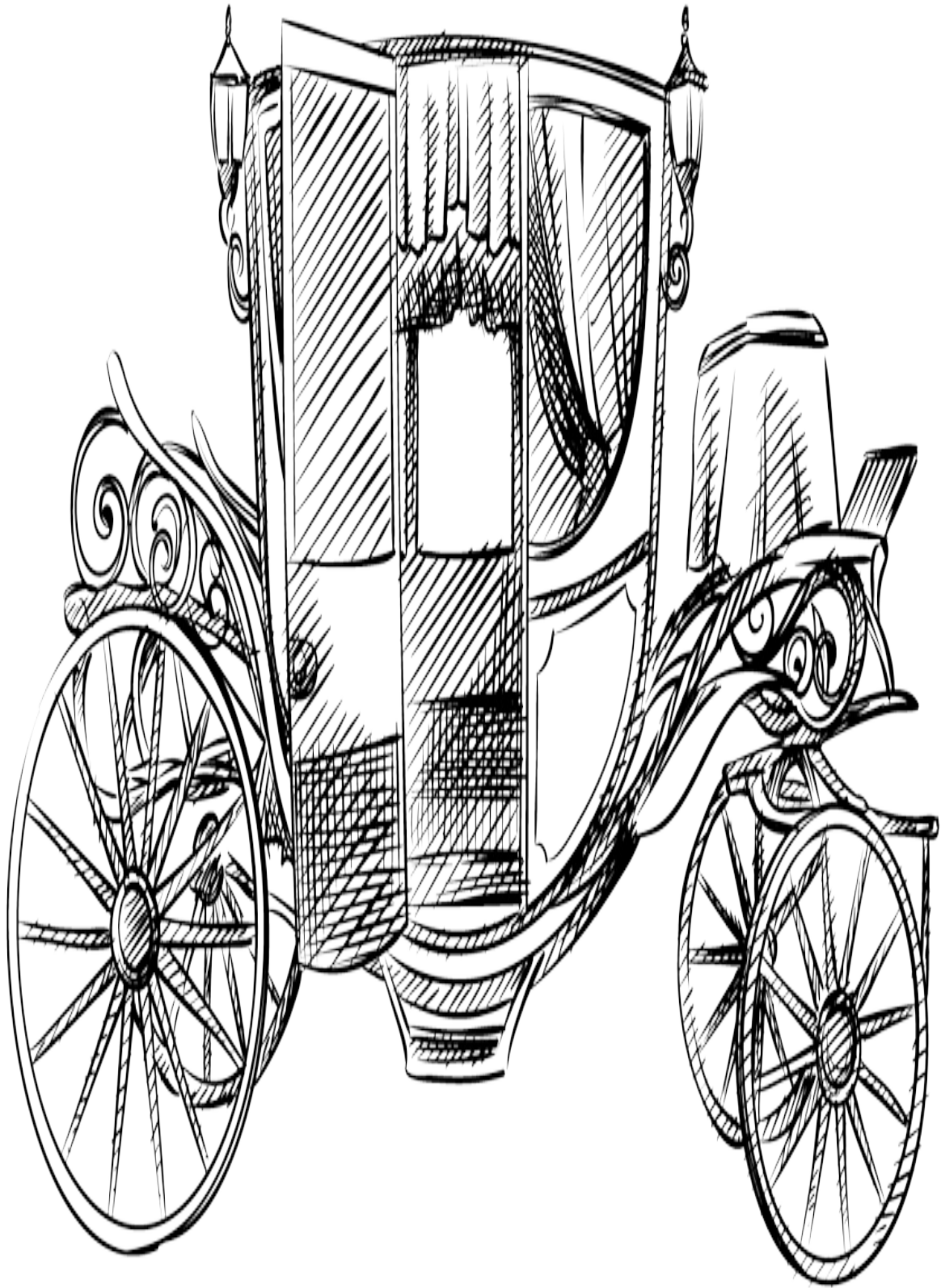
Num dos sonhos, vi um grande salão cheio de negros da fazenda que curavam as pessoas, como se trouxessem uma luz brilhante dentro do peito e nas mãos. Therezinha me dizia que tinha sido por meio da piedade que eu tinha conquistado o coração daqueles homens humildes e por isso tinha me livrado de outras dores. Libertando-os e acolhendo-os para o trabalho de forma digna, tinha enchido aquela fazenda de luz.

Eu estava chorando quando me mostraram a condição espiritual daqueles amiguinhos que agora me ajudavam com o trabalho duro do campo. A baronesa Boaventura se aproximou e disse com carinho que faltava ainda uma pessoa para ser resgatada. Uma pessoa com quem eu tinha um compromisso reencarnatório. Depois disse que eu precisava aliviar meu peito do sentimento de culpa, porque nada acontece sem que seja da vontade de Deus.

Vi novamente a placa pendurada num caminho obscuro do que parecia um sítio. Lenita trabalhava numa cozinha tosca e trazia marcas de violência no rosto. Therezinha me sugeriu: “ela precisa de sua ajuda”.

Acordei assustada com as cenas que iam sumindo junto com as palavras e, depois de alguns minutos, não tinha certeza do que sonhara. Ficou apenas uma mistura de preocupação e arrependimento. Uma ansiedade no peito, nem consegui bem lembrar as palavras do sonho, mas sabia que precisaria ajudar a minha amiga.

A estranha sensação do sonho, que era boa em princípio, transformou-se em algo ruim, pressentimento e dor. Foi depois desse sonho que me dei conta de que alimentava no coração a ideia de que seria injusto que eu estivesse ali, sem que o herdeiro fosse legítimo. Uma grande dúvida foi se formando dentro de meu peito. Eu não era culpada pelas mortes, mas não poderia ser feliz ali, naquele ambiente onde tinha sido tão maltratada, humilhada e torturada moralmente. Porém, enquanto o bebê não se tornasse um homem, eu não poderia sair dali ou mesmo vender a fazenda, pelo bem dele.



## 17. Sozinha

*O homem e a mulher são iguais perante Deus e têm os mesmos direitos?*

*– Deus não deu a ambos a inteligência do bem e do mal e a faculdade de progredir?*

*O Livro dos Espíritos, questão 817.*

As dificuldades e os problemas da vida servem para nos desafiar e nos fazem crescer. Naquela semana, particularmente difícil, tudo pareceu se complicar mais. Pequenos detalhes que atrasavam a colheita, as obras das casinhas dos colonos, até mesmo as chuvas tinham diminuído tanto que atrapalhou a floração do pomar. Eu me sentia sozinha e cansada. Estava inquieta com alguma coisa que não sabia definir o que seria. Lembrei-me de meus sonhos e resolvi agir.

Eu pedi a um dos homens da fazenda de nome Justino, para procurar por Lenita, mas como poderia dizer que sonhara com a entrada de um sítio? Não sabia se esse local seria próximo ou não. Pedi que Justino começasse a investigar pelas redondezas, se ele conhecia um lugar em cuja entrada havia uma placa caída. Fora da porteira, eu conhecia pouca coisa, porque em meus passeios nunca podia sair da fazenda e, depois, a gravidez não permitia que eu me aventurasse a cavalo. A busca durou alguns dias, mas o investigador improvisado sempre voltava de mãos vazias. Não conhecia um lugar assim, nem tinha visto em suas buscas. Eu não queria desistir, mas não sabia como prosseguir.

Meus enjoos pioraram sobremaneira, comia um lanche frugal por várias vezes no dia, para diminuir a sensação. Pela manhã, eu me demorava muito tempo para me levantar do leito por causa do mal-estar e precisava dar ordens na casa para que tudo fluísse.

Não queria chamar os meus pais, mas eu precisava de ajuda, então, escrevi uma carta para minha mãe contando sobre os enjoos, principalmente, pela manhã. No mesmo dia, ela escreveu de volta e disse que meu pai insistia para que eu

voltasse a morar na nossa fazenda, como era de se esperar. Uma coisa era aceitar ajuda, outra era voltar a morar lá, sob o jugo de meu pai. Rever Augustus seria a única parte boa dessa ideia. Preferi enfrentar resignada o meu problema, se era da gravidez, iria passar. Resolvi tocar a minha vida por minha conta, se a ajuda que ofereciam dependia de minha submissão novamente a um homem, eu ficaria sozinha.

Não pude escrever a Augustus, seria perigoso deixar registrado que o procurara tão pouco tempo depois das mortes. O que poderia dizer a ele por carta? Nem tampouco podia procurá-lo pessoalmente, pois comprometeria o nosso plano. Confiava em nosso diálogo, nosso compromisso de esperar para que fosse possível nosso casamento.

Dias depois das cartas que trocamos, mesmo sendo negativa minha resposta, meus pais vieram me visitar. Talvez, quando escrevi a eles, eu soubesse, que isso viria a acontecer. Fiquei feliz por vê-los, sinceramente, representavam um apoio, uma ajuda que eu pedia, não que viessem tirar minha autoridade ali. Augustus veio junto para minha mais doce surpresa. Não pude disfarçar o meu sorriso ao vê-lo entrando pelo alpendre, queria correr para abraçá-lo e não largar mais, mas ainda era cedo para isso. Descobri a razão inconsciente de minha carta – eu queria vê-lo, ainda que junto com meus pais.

Conversamos os quatro na sala da fazenda Castelnuovo. O constrangimento permeando minhas palavras... Efetivamente, não sabia o que dizer a eles assim juntos, tendo vindo me ver ou ver o neto que crescia dentro de mim. Minha mãe estava dispersa, ausente, reclamando a minha falta, como se nunca esperasse que a filha tivesse posturas masculinas, como, por exemplo, comandar uma fazenda. Ela pensava que aquilo que eu fazia era uma traição. Ela se mantinha quieta por essa razão, pouco à vontade para falar de costura ou de sociedade ou mesmo dar dicas de maternidade. Meu pai, sutilmente, voltava ao assunto das colheitas e da venda do café, mas não queria me ajudar, queria resolver por mim. Dizia que eu não poderia naquele estado estar a frente de uma fazenda sozinha.

Augustus se afligia ao perceber meu desconforto e tentava, mais uma vez, vir ao meu socorro. Ele era tão gentil e polido que sua ajuda teria de ser solicitada, mas eu não podia solicitá-lo sem comprometer nossa posição de preferidos. Difícil era olhar para ele querendo abraçá-lo e ter de responder às perguntas de meu pai, sempre o mesmo assunto:

– Soube que os escravos aqui arrendam a terra, que absurdo! Como estão, Milena, as contas da fazenda Castelnuovo? Você sabe inspecionar o livro caixa? Tem um contador?

– Não foi para isso, caro barão e meu pai, que eu os chamei, não se preocupem com minhas responsabilidades. Tenho ajuda profissional e estou bem representada – eu disse num suspiro de impaciência.

– Quem são? Respeitam a uma mulher? – ele tinha de me lembrar desse fato a toda hora.

– Senhor barão, não nos dizem respeito esses detalhes. Creio que a baronesa Castelnuovo já afirmou que tem sob controle seus negócios – afirmou veemente, meu amigo e fiel defensor.

– Como não? – indagou meu pai parecendo surpreso e continuou – temos negócios em comum. O barão José Maria tinha contatos para venda do café, saía, viajava, conversava com homens influentes... O que minha filha sabe disso? Nada. Temos um contrato junto a compradores internacionais que minha filha e eu agora precisamos honrar. Exijo saber o que é feito da fazenda Castelnuovo!

Levantei-me, a cabeça ativa, busquei o olhar de Augustus como aprovação, mas falei calmante:

– Meu pai, se quer detalhes, sugiro que procure meu advogado em nome do contrato firmado junto ao meu marido. Não darei satisfações sobre minhas resoluções, sobre meu acordo com os escravos. Estamos bem assim, eles trabalham e merecem utilizar a terra para seu próprio sustento. Assim entendo e assim será.

Augustus mais uma vez viria contemporizar com toda sua habilidade diplomática, se mamãe não tivesse falado com a capacidade de mudar de assunto que lhe era natural, roubando o cerne da conversa para algo que ela conhecia bem e que me pareceu uma das poucas vezes em que fez algo útil, emprestou-me sua experiência e foi sensata:

– Milena, você precisará de ajuda nos últimos meses e após o parto. Não sabe como a mulher pode ficar frágil nessa situação, nada entende de bebês, do momento perigoso que pode passar. Como sua mãe, posso ajudar se me deixar... Nós todos aqui só queremos ajudar. Augustus mesmo, poderia...

Pela primeira vez na minha vida toda, achei que ela estava preocupada comigo, que tinha em suas palavras algo de sinceridade, mais que isso, uma solidariedade feminina. Nunca eu tinha sentido isso nos atos ou nas palavras dela. Talvez pensasse na criança, seu neto.

Meu pai olhou para ela com desdém. Cortou de imediato o que ela iria falar, fiquei curiosa para saber o que ela pensava que Augustus poderia, mas não tive a chance de ouvir. O senhor de Paraíso disse:

– Minha filha, sei que você está muito ressentida conosco. Sei que a culpa foi minha, em não consultar seus sentimentos antes de mandá-la para cá, mesmo já tendo idade suficiente para se casar, mas não tinha outra solução na época, precisava da aliança financeira com seu marido. Entenda, se me altero é porque me preocupo com você e conosco. Perdoa minha postura, não tive intenção de magoá-la...

O passado de novo. Não queria me lembrar mais daquilo. Eles não sabiam de nada do que acontecera, nem eu poderia contar sobre meu tempo de prisioneira. A verdade poderia comprometer minha atual situação. Meu coração tinha congelado aqueles sentimentos horríveis de repulsa e revolta solitária, de prisão e de desprezo. Eles não poderiam imaginar o que passei. Olhei para Augustus e tinha certeza de que meu olhar quente me denunciaria, mas também era muito cedo para declarar a minha família que, no futuro, eu viveria com meu professor.

– Vamos esquecer o passado, meu caro pai e minha mãe. Tenho certeza de que quando a época vier, o final da gravidez e o parto, poderei contar com ajuda dos dois e ficarei muito feliz em recebê-los aqui como meus hóspedes. Esses meses tenho sobrevivido aqui sozinha, tenho me aconselhado com pessoas que já faziam as tarefas, tenho ouvido conselhos sim, mas no final sempre decido o que será melhor a fazer. Tomei à frente de Castelnuovo em nome do meu filho e não pretendo ceder de minhas decisões.

Fiz uma breve pausa e continuei falando:

– Bem, entendo que sem educação, os libertos não terão como trabalhar dignamente um dia, então, estou construindo uma cobertura para improvisar uma escola para os meus colonos. Eu mesma poderei ensinar-lhes as primeiras letras e as noções matemáticas para que não sejam enganados no trato com o dinheiro. Depois, pretendo que o barão de Calligari me auxilie com o projeto.

Meu pai falou o que mais pareceu uma gargalhada de protesto diante de minhas atitudes, para ele, absurdas:

– Isso vou querer conhecer, uma escola para negros! Francamente, Milena! Quero ver o que está fazendo com o dinheiro dessa criança que nem nasceu.

Respondi, ríspida e séria:

– Não foi para vistoriar minha situação de dona de uma fazenda que os convidei a vir, mas para contar com ajuda por causa dos enjoos, mas se querem conhecer o projeto da escola, não me importo que perguntem. Vejam a fazenda como está em bom estado e tudo funcionando bem e deixem-me em paz com minhas escolhas. Entendo que todos precisem aprender e vou promover educação nessas terras.

Os dois saíram um para cada lado e nem esperaram que eu chamasse pelos empregados para levá-los onde queriam ir. Na verdade, me pareceram aflitos para andar por Castelnuovo verificando se tudo que eu estava fazendo estava mesmo trazendo a paz e a produtividade.

Augustus e eu rimos juntos por alguns momentos e, quando nos vimos sozinhos, aproveitamos para rápido abraço roubado. Ele passou a mão pela minha barriga que crescia e exclamou:

– É só por ele que suporto ficar longe de você, minha querida.

Ficamos com medo de sermos surpreendidos e nos separamos. Ele foi até a janela e me sorriu emoldurado pelo brilho do sol. Sorri de volta, com felicidade evidente e disse:

– Depois que o bebê nascer, você pode vir morar comigo. Acho que estaria bom para a sociedade nove meses de luto.

– Não, meu amor, temos que fazer tudo direito. Falarei com seu pai. Pedirei a sua mão, já dizendo a ele que tenho sua aprovação. Faremos o noivado, cumprindo um ano esperado. Infelizmente, depois dos acontecimentos, temos de ser tradicionais, temos de esperar. Nossos cônjuges morreram assassinados, havia herança, precisamos ser discretos.

Não gostei do que ouvi, minha urgência de tê-lo ao meu lado falava fundo:

– Mais uma vez discordo de você, querido amigo. Entendo que não é mais meu pai quem concede a minha mão. Sou uma viúva, está lembrado? Posso decidir com quem me casar. Se esperarmos muito, o pequeno não o chamará de pai.

– Viúva sim, mas na nossa sociedade ainda preciso falar com um homem da família. Não me importo, falo com quem for. Sei que você acha isso injusto, incoerente, ter de se submeter mais uma vez às decisões de seu pai, mas pense na criança que esperamos, essas precauções são para garanti-lo. Estarei sempre por perto depois que ele nascer. Quero que conte comigo sempre.

– Claro que contarei, Augustus, só preciso de uma boa justificativa para ter você comigo, nada mais me importa. Preciso de sua ajuda, não poderei controlar tudo e ainda ficar de resguardo de um bebê. Precisarei de um tempo para ficar em paz, recolhida em auxílio a nosso filho.

Eu falei como um desabafo, para que ele percebesse o meu esforço estando ali sozinha, aqueles meses. Eu parecia muito mais madura e consciente após passar a morar sozinha. Parecia mais sensata, mais próxima ainda dele, que era a lisura em pessoa.

– A justificativa será um papel escrito que nos casamos, – ele disse meio triste – também preciso de garantias, não suportaria perdê-la de novo.

– Como queira, mas não peça a meu pai. Ele não tem mais o direito de interferir na minha felicidade. Se ele pedir dote? Se disser não, o que faremos? Não sabemos o que pensa e não posso esperar que compreenda meus motivos. Tenho medo, querido, de que se interponha a nossa felicidade. Há algumas horas em que ele é muito conservador, outras ele é preocupado com a sociedade, outras ainda, é injusto com meus sentimentos. Não o entendo, nem preciso mais entender.

Pensei um pouco antes de continuar e completei:

– Escuta, se ele pedir algum dinheiro quero que você me fale, não há espaço entre nós para esse tipo de orgulho. Aliás, você poderia dizer que comprarei suas dívidas...

Augustus não desanimava, era sempre otimista do futuro e positivo em seus pensamentos. Ele disse:

– Você viu como ele é preconceituoso em relação à liberdade das mulheres. Não posso dizer que aceitarei seu dinheiro, Milena. Precisamos do apoio dele no nosso casamento. Não nos custa fazê-lo pensar que opinou, que decidiu, que consentiu. Vou descobrir o que pensa, depois voltamos a conversar. Se realmente eu sentir que ele se opõe, nós nos casamos sem o consentimento dele, mas se não se opuser, faremos tudo conforme mandam as tradições. Nós merecemos a felicidade tão sonhada. Assim, calamos as más línguas e qualquer suspeita de que já estivemos juntos contrariando nossa sociedade. O futuro do nosso filho depende disso, Milena. Entenda, por favor, querida.

Corei imensamente como não pensava mais que seria capaz diante dele que me amava como eu o amava, quando o ouvi confessar nosso erro perante as leis dos homens. Ele falava tão naturalmente, como se discutíssemos pratos de sopa. Havia no meu coração a semente da culpa, por meu filho não ser herdeiro ali; por ter reclamado a Mina sem pensar nas consequências; por tudo que aconteceu com Leôncio...

Ele disse enquanto segurava a minha mão com prazer:

– Por outro lado, pensei muito durante esses meses e concluí que fui imprevidente. Como pude deixar de pensar na segurança dos meus dois amores, que são toda a minha vida? Você está aqui sozinha com o bebê e o assassino solto por aí. Leôncio pode vir cobrar o que acha que é direito dele. Penso que ele merece nossa atenção e esclarecimento se isso vier a acontecer.

– Augustus, agora que falou, posso também confessar minhas inseguranças e dúvidas a partir de nossas leituras espíritas. Já pensou na injustiça que estamos criando para nós? Essa fazenda não pertence a nosso filho. Sinto-me culpada por enganar a todos dessa maneira – respondi abrindo meu coração, como se estivesse desabafando à única pessoa que poderia me compreender, e ele completou:

– Sinto-me igualmente culpado por saber que esta fazenda nunca seria de nosso filho ou seria nossa, se a sociedade fosse mais justa com as relações desse tipo. Se entendemos, por outro lado, que Deus é soberanamente justo e que nada acontece sem que Ele saiba, concluímos que nada nesta vida é sem propósito, sem uma razão de ser. Podemos pensar no seu compromisso pelo que sofreu, Milena. Tenho a certeza de que nada aconteceu por acaso. A justiça de Deus é maior que tudo e pode enxergar essas nuances que nos escapam. Se está aqui é

porque tem responsabilidades com essa terra, com essa gente. Por ora não temos escolha. Se houver qualquer pressentimento, qualquer apreensão de sua parte, por favor, me chame e terei uma desculpa para vir.

Não pude responder que era o que eu mais queria fazer, porque uma serva veio perguntar se poderia servir um chá e logo meus pais estavam de volta à enorme sala de estar. Aos poucos, eu voltava à realidade e olhava para onde estivéramos, minutos antes, revendo as cenas que tinham acabado de acontecer – o carinho e entrosamento com que nos tratávamos – eu e Augustus, naquele curto espaço de tempo em que estivemos sozinhos. O sonho de amor foi sumindo no meio das conversas monótonas que se seguiram.

Sinhá Francisca e o barão João Carlos, meus pais, estavam animados com o que viram na fazenda. Viram pessoas em colaboração para um objetivo comum, explorar a terra. Começaram a ceder, deixando suas ideias intransigentes e preconceituosas, não por que concordavam comigo, mas porque a falência econômica assim exigia. Ouvi boquiaberta meu pai dizer que pretendia modificar a forma como tratava os ex-escravos a exemplo do que vira...

Depois soube que minha mãe inspecionara as riquezas de Castelnuovo. Entrara na copa, conferira cristais e prataria. Soube por Joelma que ela pediu para vistoriar as rendas dos lençóis, bordados das toalhas de linho e o véu das cortinas. Então, quis saber sobre o enxoval do bebê e enumerou vários itens que estavam faltando. Ela não se esqueceu de nada, foi conferir o ouro que emoldurava os quadros na parede e mandou buscar no sótão os quadros dos familiares de José Maria, para que se aproveitasse o metal precioso para outros fins. Ela enumerou também uma lista para a confecção de móveis que o bebê iria precisar. Somente as joias da baronesa Castelnuovo, mãe de meu marido, sinhá Francisca não pôde ver, porque Joelma não sabia onde estavam. Não pensei que ela fosse fazer isso, mas já que tinha feito só pude ficar consternada com seu comportamento. Absurdamente abusivo e enxerido, mas naquele momento eu precisava dela e não pude dizer nada. Ela tinha razão em me sugerir o que providenciar para o bebê. Era tanta coisa em minha mente que eu não conseguiria pensar nisso.

Antes que meus convidados se fossem, porém, lembrei-me de minha amiga Lenita e de tomar providências para encontrá-la, já que Justino não descobriu nada nas redondezas sobre as pistas que dei. Não havia, por ali, nenhuma porteira com placa pendente que fosse entrada de um sítio, talvez fosse uma

figura com outro significado vindo dos sonhos. Tacitamente e com um olhar bem significativo a meu amigo preferido, concordei com a proposta que ele tinha feito para que eu o chamasse a vir me visitar por algum motivo. Falei meio displicente, como se estivesse me lembrando naquele momento.

– Caro professor Augustus, há um assunto cuja resolução o senhor me poderia ajudar. É a respeito de ex-escrava da casa, que fugiu antes de se saber liberta. Tenho sonhado com ela e gostaria de descobrir seu paradeiro, mas não sei como fazer para procurar por ela. Já pedi a homens de confiança que buscassem pelas redondezas, mas não tive sucesso. Não sei como é feito agora, se não contratamos mais capitão do mato, o senhor sabe? Claro que não a caçaríamos... Deveria ser um investigador. Gostaria muito de ter essa pessoa de volta para o trabalho, sempre me serviu com dedicação e cuidado.

Meu professor sorriu antes de responder. Ele percebeu que eu estava, na verdade, cedendo ao impulso dele em me ver de novo, conforme tínhamos conversado havia poucos minutos, quando ele me tomara nos braços. Ainda sorrindo, ele falou:

– Será um prazer ajudá-la, baronesa. Já que a senhora não pode ir à cidade para que o balanço dos animais não prejudique a criança que carrega, posso localizar um investigador e trazê-lo aqui, se é o que deseja, senhora. Posso conversar com um policial também, mas preciso de detalhes do caso.

Ele deixou clara a necessidade de me encontrar para os tais detalhes, mas fiquei apreensiva, poderia parecer demais, então falei:

– Eu os enviarei por uma carta, senhor barão de Calligari. Depois, venha ver-me com o investigador ou já com as novidades e o preço... – disse, escondendo a felicidade e ele respondeu na mesma representação contida:

– Às suas ordens, senhora...

Tinha certeza de que por dentro ele estava rindo da minha seriedade e da facilidade com que arrumava uma desculpa para que ele viesse. Não era uma desculpa, eu realmente precisaria de ajuda e, ao mesmo tempo, a vinda dele estaria justificada.

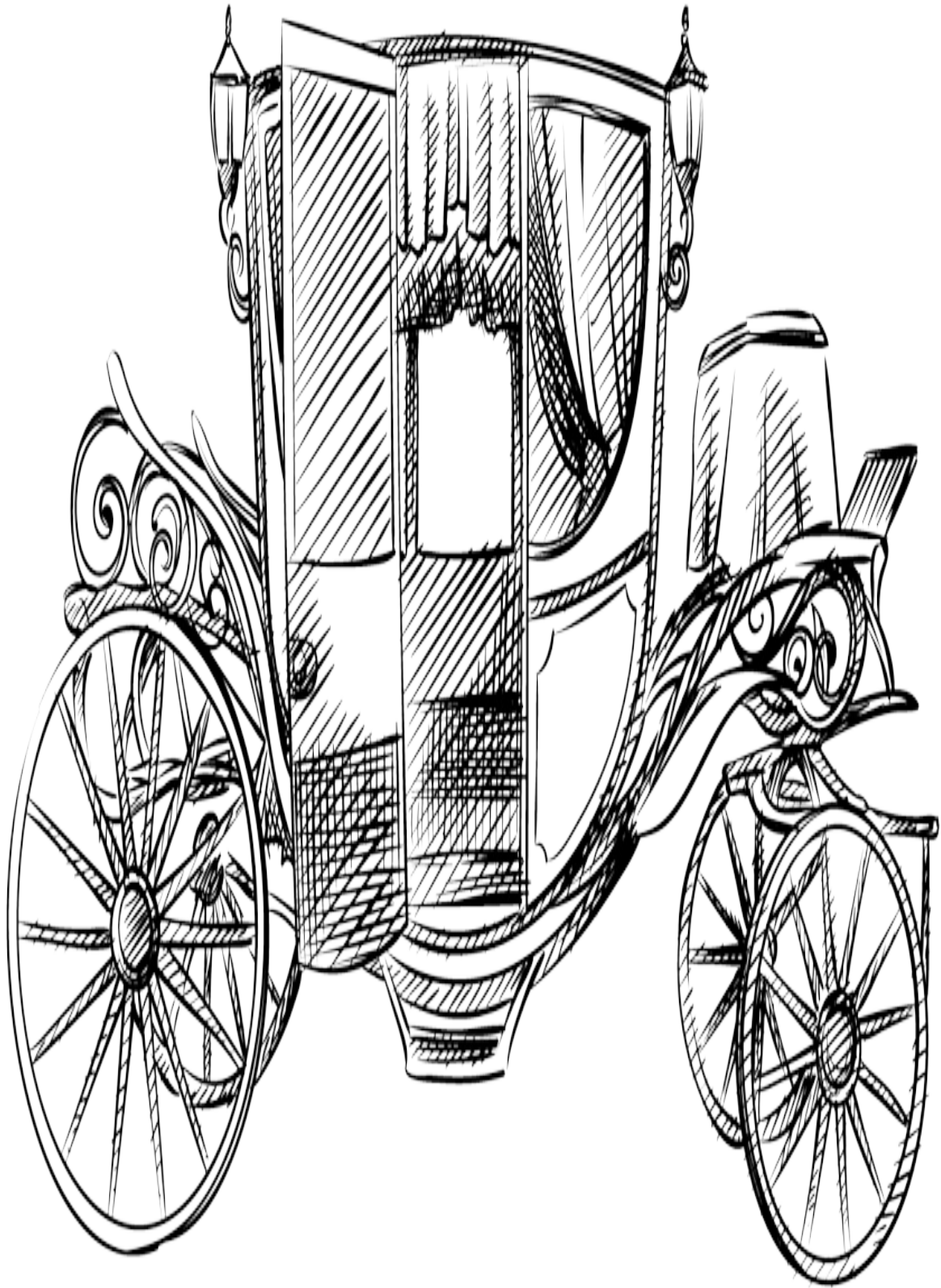
Muito antes de que ele me sugerisse o nosso encontro, eu sabia que precisava procurar por Lenita. Os sonhos eram avisos que de alguma forma ela sofria, mas

seria muito difícil procurar por ela sem que a polícia estivesse envolvida, devido às mortes recentes. Se ela fosse encontrada, ou aparecesse, ainda teria de responder a perguntas sobre seu paradeiro e suas ações naqueles dias tumultuados quando ocorreram as mortes. Essa constatação de que poderiam pensar que ela estava escondida, era o único motivo que me fazia hesitar em procurá-la.

Não tinha pensado que Augustus poderia intermediar a busca, mas quando ele se mostrou irrequieto a ponto de me pedir uma visita, descobri dentro do meu coração a mesma urgência em vê-lo. Pensando melhor, ele tinha direito de acompanhar a gravidez como pai que era, de ver-me crescendo para abrigar a criança. Ele era viúvo e eu era viúva, ele me prometia casamento, tinha o nosso filho... e eu o amava tanto. Não haveria mais ninguém num raio de vinte quilômetros que se importasse.

Depois, escrevi uma boa versão dos detalhes da fuga de Lenita, que ele já conhecia em parte. Relatei também os sonhos que tive para que Augustus tivesse uma boa ideia do problema. Resumi a história que ela me contara sobre sua vida na fazenda Boaventura, sua fuga e seus filhos separados por seu antigo dono.

Quando dobrei a carta e pus no envelope, fechei os olhos e pedi ajuda espiritual para o caso de Lenita. Sabia que minhas amigas do invisível estavam tramando a ajuda. Orei para que ela não estivesse nas garras de Leôncio, mas enquanto fazia a prece me dei conta de que poderia ser isso que estava acontecendo.



## 18. Novidade

*Existem vários processos pelos quais o homem poderá ser informado de um ou outro acontecimento futuro importante de sua vida. Comumente, se ele fez jus a essa advertência, ou lembrete, pois isso implica certo mérito, ou ainda certo desenvolvimento psíquico, de quem o recebe, é um amigo do Além, um parente, (...) que lhe comunicam o fato a realizar-se. De outras vezes, é o próprio indivíduo que (...) os vê tais como acontecerão...*

### **Explicação de Charles por psicografia à indagação de sua pupila Yvonne do Amaral Pereira em Recordações da mediunidade, cap. Premonições.**

Amanheceu um dia esplendoroso, eu me sentia disposta naquela manhã, apesar de carregar um peso extra. Após uma refeição leve, saí para um passeio pelos pomares e jardins da fazenda. Via a luz do sol, ainda tombada no início da manhã, refletir as sombras de pequenas nuvens pelas veredas agora floridas por minhas ordens. Pequenas margaridinhas coloridas amontoadas nos canteiros, estátuas de mármore organizadas com esmero copiavam e recompunham os cenários conforme eu gostava de me lembrar dos jardins da fazenda Paraíso, onde eu conversara certa vez com meu amado professor.

Meus olhos se deleitavam com a harmonia que havia construído ao redor de mim, como se uma fonte inesgotável de energia brotasse constantemente do meu coração – seria amor? Dentro de meu ventre, um entezinho se endureceu como se seu corpinho diminuto se contraísse de prazer, o mesmo que eu sentia. Disse a ele com voz doce:

– Falta pouco amiguinho para que veja a luz do sol e ouça o canto dos pássaros, meus preferidos. É muito amado por sua mãe e por seu pai.

Dirigi-me ao canteiro de ervas que estava cultivando junto com as negras velhas, que me ensinavam os nomes das plantas e para que serviam. Estavam verdinhos os galhos tenros, que colhíamos para fazer chás de diversos tipos: para dor de barriga, para enjoos, para insônia. Eu adorava, especialmente, aquele cantinho

do pomar onde estavam as ervas. Havia uma sensação boa que sempre invadia o meu coração, trazendo lembranças de um tempo muito distante, juntamente, com aqueles odores perfumados.

Nenhuma suspeita, nenhuma sombra de medo passava no meu coração por aqueles dias. Eu tinha aprendido a gostar dos dias solitários, embora adorasse a companhia de Augustus que viria naquela tarde. Tínhamos nos correspondido e soube que ele encontrara o profissional para a busca de Lenita. Ele queria dar outras notícias, pessoalmente, claro. Durante aquelas semanas em que ele me falava por carta, embora tão polido quanto antes, senti meu coração exultante de felicidade só por poder ler sua letra caprichada e seu verbo coerente. Eram cartas cheias de deferências como convinha, mas eram dele.

Eu me achava senhora da minha liberdade, graças a Lenita, e em retribuição a ela tinha que fazer alguma coisa, pelo menos descobrir notícias. E se ela estivesse mesmo em apuros? Tudo que tinha conquistado eu devia, em partes, a ela. Esperava um dia poder retribuir. Preferi pensar que devia a ela e não a Mina. Na verdade, o amor que Mina me devotava agora me afligia, nunca disse nada a ela, ou ela poderia supor que eu a amaria menos, mas não podia aceitar o que fizera por mim. Era quase uma conivência tácita. Por mais que desejasse me livrar da situação toda que envolvia meu casamento, nunca pensaria na maneira como ocorreu. Depois que minha mãe se recusou a deixar que ela viesse comigo, não tive como vê-la mais e me distanciei dela, mantendo seu nome junto as minhas orações. Talvez ela não tivesse consciência da gravidade do que cometeu ou do que cometeria em seguida se eu não a tivesse impedido. Talvez isso fosse uma fuga da realidade, talvez eu não estivesse pronta para assumir minha responsabilidade naquela morte, reclamei sim por que era ignorada por meu marido, mas nunca pensei que Mina poderia matá-lo. Chegaria a época certa de resolver essa questão em meu íntimo.

A manhã demorou a passar, ou seja, eu estava ansiosa pelo início da tarde. Tudo estava em ordem na casa, tinha recomendado que ajustassem os menores detalhes para aquele momento em que o veria. Esta constatação me dava um frio no estômago, afetava também o bebê. Pensei mil assuntos para conversarmos, que não fossem apressados, como das outras vezes que nos vimos, sempre com o tempo como inimigo. Assuntos que não precisassem ser interrompidos, mas sempre me esquecia do que tinha pensado, com vontade de imaginá-lo adentrando os pórticos da sala. Desta vez, estaria sozinho?

Talvez eu o levasse mais uma vez à saleta reservada da baronesa Therezinha. Ele gostava tanto de ler que o ambiente seria harmonioso para nós, e conversariamos sobre os estudos a que agora eu me dedicava. Confesso que ensaiei posturas, premeditei ações, inventei cenas... mas a espontaneidade dele me quebraria os esquemas mais tarde. Não se pode prever as atitudes de um homem, somente sonhá-las.

O carrilhão soou três horas, chegara a hora, quando cavalo e cavaleiro cruzariam a entrada da fazenda. Foi assim que aconteceu minutos depois. Apesar do sol, o dia não estava quente, mas a cavalgada o deixara com sede. Pedi para servirem uma limonada, que ele bebeu com gosto, após os cumprimentos e deferências.

Pensava comigo mesma, como ele estava elegante com roupas de montaria, como seus cabelos caídos sobre o rosto davam-lhe um ar descontraído e alegre, como se fosse um menino. Ele fez uma brincadeira e o amei mais. Algo sobre miragens sob o sol do deserto, o simples prazer de tomar a limonada que estava mais doce em minha companhia.

Quando os criados se retiraram, por ordens minhas, chamei-o a uma saleta reservada que possuía um piano e um canapé, onde poderíamos conversar mais intimamente. Comecei a tocar ao piano, que ele ouvia com curiosidade, a música que tocara anos atrás, quando ele adentrara a fazenda Paraíso, nos dias de minha adolescência, vindo morar conosco para nos ensinar, a mim e a meus irmãos: “Sonata ao Luar” de Beethoven. Depois, sentamo-nos lado a lado, conforme havia imaginado, mas ele quebrou meus esquemas derrubando todos os ensaios, desmanchando as cenas imaginadas em gostosos detalhes durante aquelas semanas que precederam nosso encontro. Ele acariciou a barriga crescida e conversou com o bebê como eu fazia sempre.

– Como vamos chamá-lo? – perguntou-me, de repente.

Seu olhar curioso para mim, revelava a expectativa quanto ao sexo do bebê, quanto ao nome que eu gostaria que tivesse.

– Isabel, se for menina, em homenagem à princesa. Se for menino, deixo que você escolha – disse com ternura na voz. E completei – eu o chamo “pequeno”.

Ele sorriu de uma forma encantadora e disse:

– Gostaria de chamar meu filho de Cássio. Era o nome de meu pai e eu o

admirava muito. Você acha que poderá chamar atenção?

Respondi articulando uma justificativa:

– Pensarei em alguma desculpa.

Invertendo meus planos, passeamos pelos recantos da enorme casa que seria dele também algum dia e por isso mesmo eu quis mostrar. Tínhamos nos esquecido de Lenita até. Só nos lembramos dela ao regressarmos ao salão para o café que eu mandara servir. Não percebemos que duas horas se passaram, entre palavras amenas, carícias e planos futuros.

As xícaras de porcelana ouviam ainda nossas confidências, quando me lembrei do investigador e da história que encomendara. Ele comia um biscoito de nata com café.

– Sim, sim, o investigador. Por isso vim – e sorriu encantadoramente, como um menino travesso que sabe que está mentindo para brincar. Os olhos azuis brilhando de ternura por mim.

Sorri de volta, naquele dia o que mais fizemos, apreciamos a companhia um do outro e apenas os sorrisos seriam capazes de expressar o que sentíamos e serviam para tomarmos consciência de nossa ventura.

– O investigador foi há duas semanas em busca de Lenita. Soubemos por uma vizinha que ela saiu em uma charrete de aluguel, certa tarde, em busca de um dos filhos e não voltou. A vizinha afirma que Lenita tinha uma pista de que ele, o mais velho, estaria vivendo em um quilombo. Fomos atrás do cocheiro e pelas indicações dele, descobrimos que caminho a charrete tomara. Era muito longe, dois dias de viagem. Ele deve regressar em breve com notícias e retorno com outras novidades.

– Retorna? – perguntei com mais sorrisos e olhar de cumplicidade, mas ele desmanchou meus sonhos.

– Se o investigador a encontrar, deverá trazê-la. Voltarei aqui com os dois, se não se importar. Se ele não achar ninguém lá ou nenhuma pista, irei à polícia e venho com os policiais. Será melhor que saibam o que ocorreu, mas não creio que deem importância ao caso, por se tratar de uma escrava, digo, liberta. Talvez nem venham até aqui. Não há mais como saber para onde vão os que são livres.

– Resolva, meu amigo, como achar melhor, estarei esperando. Venha sempre que puder, quiser ou que tiver uma desculpa. Está sendo muito boa a sua companhia esta tarde. Pudemos conversar livremente, longe dos curiosos.

Terminamos o lanche com tranquilidade e a tarde se findava, agradável e fresca, e muito rápido já estava na hora em que ele teria de ir. Assim, ele se foi com a promessa de voltar. Fiquei mais uma vez sozinha.

O tempo foi passando na mesma morosidade que os que amam e estão separados, experimentam, mas eu nem me importava que me demorasse a ver meu professor. Quando nos encontrávamos, eu festejava, até mesmo o olhar que trocávamos era acolhedor.

Mais três semanas se passaram, entre rezas, enjoos e vestimentas que aumentavam para conter a barriga. Tinha engordado e estava visivelmente com o rosto redondo – sinal de beleza para as moças de minha época.

As noites eram especialmente difíceis, porque me sentia mal nas posições em que costumava dormir e não podia me virar na cama. Numa dessas noites, acordei com o coração apertado, tinha sonhado mais uma vez com Lenita, mas foi um sonho diferente e eu ainda guardava a nitidez dele, antes que se fossem os detalhes, resolvi escrevê-lo. Corri ao escritório de José Maria, agora adaptado para me servir de sala de estudos. Tomei pena e papel e principiei o meu relato assim:

*Eu caminhava sobre uma relva orvalhada que refletia o brilho da lua em milhares de pequenos pontinhos pelo chão. O clima era tenso e eu podia sentir o vento frio descendo da montanha para compor minha altivez. Percebia os detalhes e prestava atenção às sombras que se moviam, mas eram apenas reflexos das árvores balançando com a brisa. Caminhei alguns passos até a beira de um precipício, para não cair, sentei-me em uma pedra e olhei para o fundo escuro diante de mim. Algumas imagens se formavam dentro do desfiladeiro. Havia uma bacia de prata com água, que refletia a luz da lua. Fixei o olhar e vi uma figura diminuta, como se enxergasse a quilômetros de distância, sem nitidez, mas dando para perceber do que se tratava.*

*Vi Lenita dentro de uma grade no que me pareceu um porão frio e escuro, seus braços magros estavam cansados de lutar para sair, como se ela fosse um*

*pássaro se debatendo. Vendo a liberdade diante de si, mas tendo as barras de ferro contendo o voo de seu coração. Ela chorava com soluços entrecortados que ecoavam pelas paredes de pedra até os meus ouvidos, fazendo um estranho gemido de dor.*

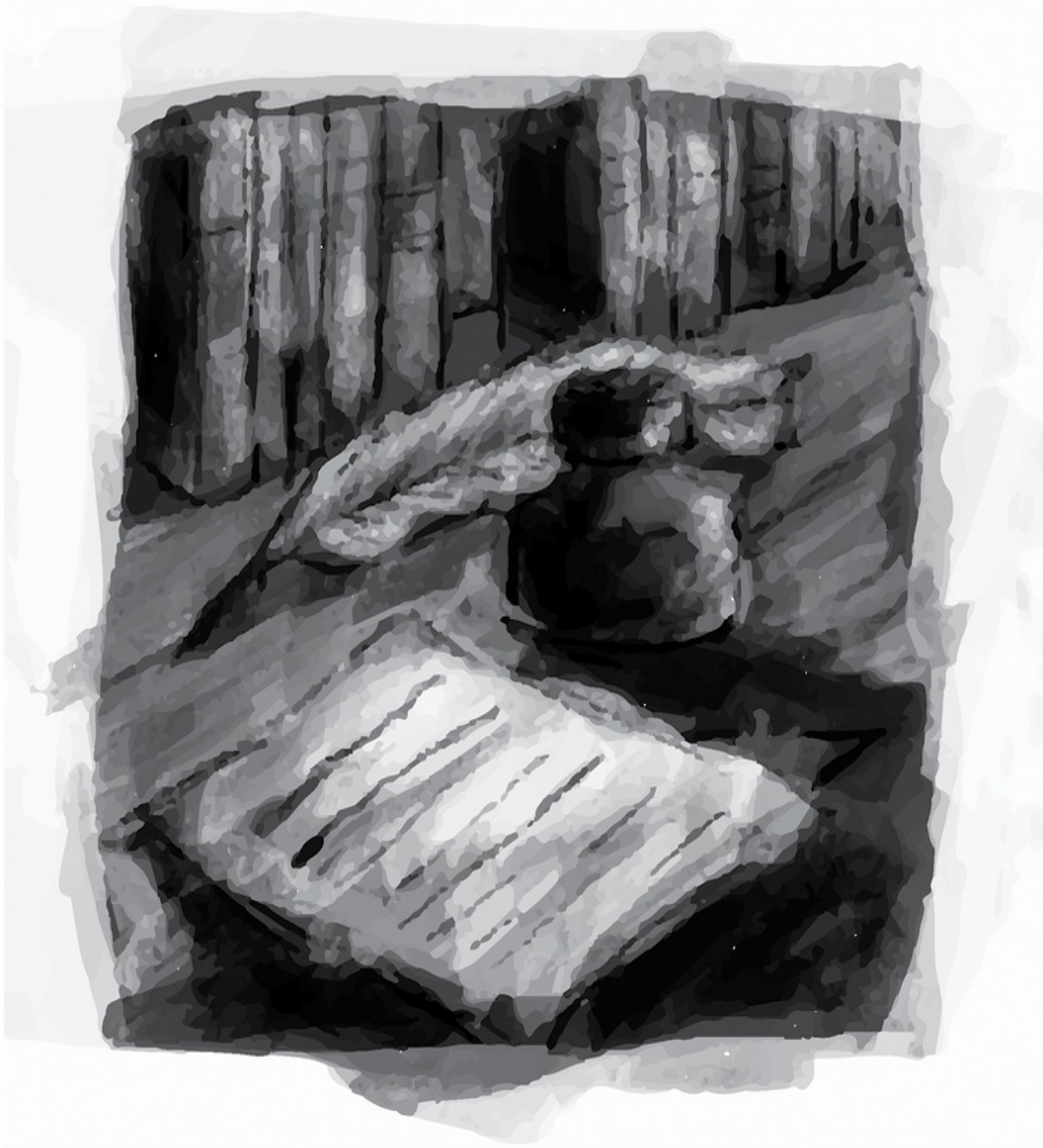
*Fiquei ainda mais aflita. Não poderia ir até ela, não poderia vencer a distância que nos separava, nem ela poderia escalar a montanha para ver-me. Ela nem se dava conta de que de alguma forma eu a estava observando. Batia a cabeça contra a grade, provocando grave estrondo que também fazia eco entre as pedras até chegar aos meus ouvidos, vinda do fundo do precipício.*

*Desesperei-me ao ver que o sangue escorreu em seu rosto e ela nem mesmo se deu conta, não tentou estancar nem parou de bater. Gritei seu nome, fazendo eco de volta, mas ela não me ouviu.*

*Quem surgiu sorrindo no meio da escuridão da cena, foi Leôncio... Ele era o algoz que a prendia, como se estivesse garantindo que ela não fugisse. Dava gargalhadas como se estivesse louco.*

*Ao me esticar para vê-lo, derramei a água da bacia, desequilibrei da beirada do penhasco e caí. Uma sensação horrível tomou meu coração, uma sensação de vazio indescritível. Caindo, caindo sem tocar ao chão.*

*Acordei com suor gelado descendo do rosto. A sensação era ruim, fiquei olhando para a vela para me certificar de que estava acordada e bem segura em minha cama.*



—

Escrevi imediatamente a Augustus, contando minhas impressões e perguntando por notícias, o que mais eu poderia fazer? No dia seguinte, enviaria a ele meus escritos, mas já estava aflita pela resposta. Meu coração ia todo naquela carta, remexendo minhas dores antigas, como se ainda eu mesma estivesse presa à condição de mulher submissa. Revoltava-me o íntimo saber que minha única amiga de dissabores ainda sofria, em partes por minha causa. Eu a mandara para a luta pela minha libertação – o que ela mais queria fazer: vivenciar sua própria liberdade.

Não obtive resposta, mas na semana seguinte, nova visita de meu professor. A pessoa que ele tinha mandado atrás de Lenita, não a tinha encontrado, perderam a pista dela. Augustus tinha ido, então, ao investigador da polícia, que estava cuidando do caso do desaparecimento de Leôncio, por causa das mortes. Todos os foragidos eram suspeitos – nessa altura dos acontecimentos, quase todos os que foram escravos de meu pai. Augustus não tivera escolha, senão pedir-lhes ajuda, já que não existiam mais capitães do mato, profissão extinta com a abolição. Não se pagava por escravo foragido, porque não havia mais escravos teoricamente.

Era um homem baixinho, com olhos pequenos e me pareceu nervoso, como se escondesse que aceitava algum tipo de suborno. Impressões de meu espírito sensível, claro que ele não havia revelado esse pormenor. Chamava-se Heitor Torres e deveria ter mais de quarenta anos, a julgar por sua calvície.

Enquanto os dois discutiam detalhes do passado, pensei ser impossível rever Lenita, se os policiais a queriam por considerá-la criminosa... mas Augustus tinha outras evidências, que apresentava com toda galhardia que lhe era comum. Ele alegava que ela não era da fazenda de meu pai e sim dali de Castelnuovo e que ela saíra com a notícia de que os escravos já eram homens livres. Talvez, por isso, Leôncio tenha pensado nela como sendo o começo de toda a confusão que acabou gerando a morte de José Maria. Ela não seria criminosa, estaria fugindo de Leôncio, com medo de alguma ameaça. Como ele conseguia resumir tão bem, sem faltar com a verdade e dando tão pouco detalhe do que realmente acontecera?

Segundo o professor Augustus, eu tinha deixado escapar, inadvertidamente, a ela que os escravos eram livres. Ela que se indignou ao ouvir essa informação, resolveu partir sem delongas, sem querer esperar que seu patrão retornasse para saber da notícia de forma oficial. Confirmei o que ele disse, sem dar outros detalhes da minha situação com José Maria, que não tinha relevância para o caso ou não careciam mais de solução. Eu disse, concluindo:

– Foi mesmo isso que o professor contou. Depois que conversamos sobre liberdade, sem querer expliquei a ela que já vivíamos em uma situação extinta porque a princesa Isabel libertara os escravos. Ela se deu conta da notícia, indignada, e disse que iria embora. Para não complicar as coisas com o meu marido, pedi a ela que mantivesse segredo para os outros escravos daqui de Castelnuovo. José Maria demorou a contar sobre a Lei Áurea e eu tive de pedir que Lenita fosse discreta. Em respeito a mim, ela deixou a fazenda sem falar nada com eles, mas, pelo que vi, ela contou tudo na fazenda de meu pai.

– Por que mesmo a senhora a quer de volta, se não é mais escrava? – o investigador perguntou, fazendo jus a sua profissão, e eu tive de explicar:

– Temos laços de amizade, senhor Torres, e grande respeito entre senhora e escrava. Ela me serviu por alguns anos com desvelo e cuidado. Eu sabia de sua história. Ela foi vendida e separada dos filhos, e queria revê-los. Dizia que queria reuni-los e depois, se eu a aceitasse de volta, queria continuar me servindo. Combinamos que ela voltaria a Castelnuovo, após a inevitável libertação de todos os escravos. Achei estranho que não enviasse pelo menos algumas notícias. Pelo menos mandando dizer que encontrara os filhos, que estava com um deles, que estava bem e não voltaria.

– A senhora pensa que ela sabe que Castelnuovo contratou os libertos? – ele disse rapidamente.

– Tenho certeza de que sabe da situação de minha fazenda, se souber da morte de meu marido. Lenita conhecia meus princípios, eu não os manteria cativos se coubesse a mim a decisão, como agora cabe. Nem poderia fazer isso sendo um decreto imperial, por mais que demorasse, teria de ser cumprido.

Os dois homens tomaram café com broa quente, sentados à enorme mesa da sala de estar, depois se retiraram com cerimônia. Nada que pudesse denunciar nossa cumplicidade, minha e de Augustus. Nada que denotasse que nos conhecíamos

além das cordialidades. Talvez meu olhar pudesse ter evidenciado um brilho diferente, mas nele não notei o mínimo suspiro destoante de sua característica polidez. Foi altivo como sempre, um sorriso de mármore, uma gentileza indistinta, as palavras comedidas e pensadas.

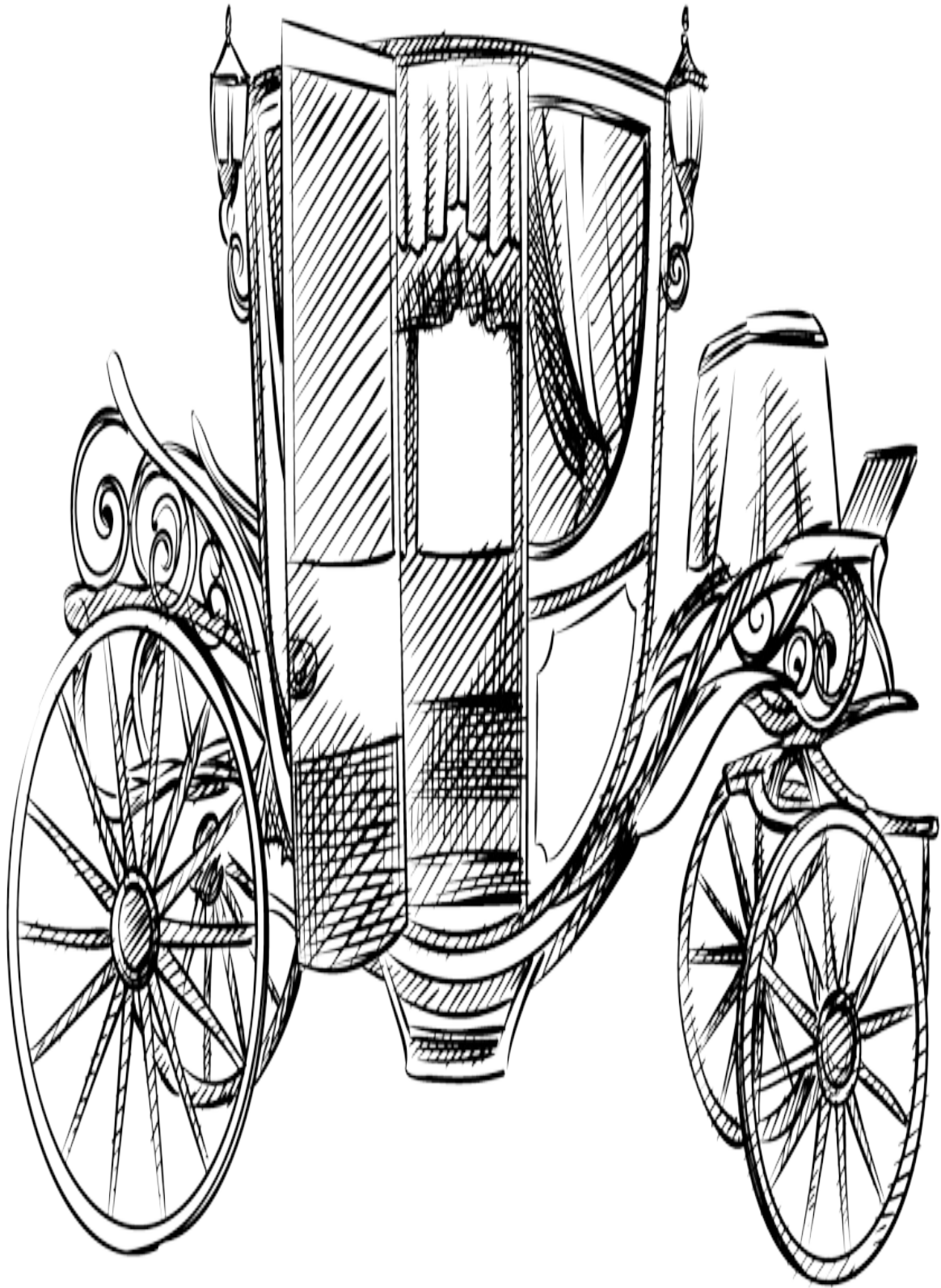
Tomou minha mão ao sair e a beijou, dentro dos costumes. Talvez seu toque tenha sido demasiado apertado para um cavalheiro que fingia desconhecer a dama. Deu para perceber que as mãos dele não tremiam, não suavam, apenas diziam tacitamente o desejo de tocar-me. Sorri em resposta. Não foi um sorriso tímido, comum às viúvas diante de outro viúvo, mas um sorriso que denunciava que eu o amava. Somente ele o percebeu, porém. O investigador já se tinha adiantado para a carruagem. Como ele se viu sozinho diante de mim, beijou dois dedos seus e os enviou para o bebê, rapidamente. Enquanto se retirava, disse apressado:

– Fizemos tudo a nosso alcance, agora é com a polícia. Nosso homem não achou ninguém no endereço para onde o cocheiro levou Lenita. Pedi que ele descrevesse o lugar e ele disse que era um sítio, em cuja entrada havia uma placa meio caída, que escondia o nome Sítio Redenção.

Fiz cara de espanto, enquanto Augustus descia os degraus do alpendre. Meu sonho, então, estava certo, havia mesmo aquele sítio e aquela placa caída!

– Voltem depois para outro café. Terei prazer em recebê-los – gritei para eles, enquanto o cocheiro tomava as rédeas dos animais para fustigá-los estrada afora.

A mensagem era para Augustus, mas eu sabia que não ficaria bem convidar apenas ele. Se o investigador encontrasse uma solução para o caso de Lenita, de certo, voltaria, e Augustus viria junto.



## 19. Retorno

*A cada um será dado segundo as suas obras.*

*Jesus (Mateus, cap. 17, v. 27).*

Minha mãe veio ficar comigo nos últimos dias de minha gravidez, que todos esperavam para o princípio de maio de 1889, mas o bebê se antecipou e nasceu no final de abril. Aqueles últimos dias foram os mais difíceis porque eu estava pesada e cansada de carregar o peso extra dentro de mim.

Na véspera do nascimento de meu filho, sonhei mais uma vez com minhas protetoras Therezinha Castelnuovo e a baronesa Boaventura. Como boas conselheiras, falaram que o bebê nasceria no dia imediato e pediram que eu mandasse buscar Mina. Lembrei-me de que ela fazia o parto das escravas, que tinha experiência no assunto e que gostava muito de mim. Já era tempo de acolhê-la, de perdoá-la e de tê-la de volta.

Assim fiz e assim aconteceu, chamei-a. Mina era boa com bebês e entendi que aquela seria uma chance para ela, de trazer à vida física um espírito, compensando sua consciência. Eu teria também oportunidade de me reencontrar com ela, que me amava como se eu fosse sua filha. Ela veio, então, e eu não deixaria mais que ela voltasse. Minha mãe que estava lá em casa para ajudar, deu mais trabalho que eu. Teve tonteiras e quase desmaiou nas horas mais difíceis de minha dor.

Esforcei-me pela madrugada inteira e só os que sofrem podem lamentar o tempo moroso e febril durante a noite. Nas primeiras luminosidades do dia, como quem vê definitivamente uma saída, Cássio nasceu e pude ouvi-lo chorar, para o alívio meu e de todos. Um choro forte e grave. Minha aventura como mãe tinha início.

Dei à luz um lindo menino. Corado. Olhos azuis cintilantes. Uma cabeleira negra cobria sua cabecinha. Assim que o vi, percebi os traços de Augustus. Pensei que seria evidente a todos a semelhança entre os dois, mas se alguém notou, não

falou nada. Recém-nascidos são sempre parecidos, com o rostinho amassado e o corpinho minúsculo. Lembrei-me de quando minhas irmãs mais novas tinham nascido.

Meu pai veio de Paraíso, quando a manhã já ia alta, com ele veio meu amado Augustus. Eles entraram no quarto, falando em sussurros, levantaram o véu do berço que eu tinha mandado fazer e foi um momento comovente. Vi juntos, pai e filho, notei ainda mais que eram os mesmos traços. Não tinha nada do rosto redondo e inchado, nem os olhos amendoados e castanhos de José Maria, nem as expressões abrutalhadas de Leôncio. Quem poderia notar as semelhanças e dessemelhanças de um bebê? José Maria não tinha parentes no Brasil, seus pais, de procedência espanhola tinham desencarnado, como sabemos e outros parentes ainda viviam na Espanha. Esta simples constatação, que escapava a todos, voltou a incomodar a minha consciência. Não era certo o que tínhamos feito. Sentia-me culpada pela felicidade que experimentava. Não era culpada pela morte de meu marido, mas tinha lamentado junto à pessoa que me amava e que, certamente, resolveu tomar partido. Dissipei aqueles sentimentos conturbados que limitavam minha felicidade. Eu não queria mais experimentá-los. Entregaria a Deus a justiça, como tinha recomendado meu professor.

Minha mãe tomou a criança no colo e chegou bem próxima ao meu pai para que ele visse o rostinho branco e sonolento. Augustus se aproximou também. Uma cena linda, aquela família em torno do meu bebê.

Naqueles primeiros momentos de maternidade, eu via que meu filho seria lindo com os mesmos olhos azuis do pai. Segredei isso a Augustus quando veio me cumprimentar e sinhá Francisca, a nova vovó, estava levando o pequeno para trocar a fralda junto ao avô, na saleta contígua ao meu quarto.

Ficamos a sós por alguns momentos, enquanto ele sorria comovido, pela beleza da vida de seu filho. Ele colocou os dedos sobre os meus lábios com carinho, imitando o gesto de silêncio, depois acariciou meus cabelos. Indisfarçável seu rosto de orgulho e as lágrimas de emoção embargaram sua voz naquele momento. Nunca o tinha visto sem palavras... Infelizmente, não tive uma desculpa para deixar que ele segurasse o pequeno Cássio nos braços. O machismo não permitia que os homens segurassem bebês...

Minha família insistia para que eu colocasse o nome do pai, mas eu simplesmente não podia. Seria um absurdo ceder a essa sugestão. Mantive o

sobrenome por precaução. O pequeno barão recém-nascido herdara o título de meu marido falecido. Inventei, com receio de reprimendas, que José Maria tinha pedido esse nome que era de seu avô Cássio Félix de Castelnuovo. Eu sabia que conseguiria uma desculpa que todos aceitariam e não se falou mais no assunto.

Mina tomava conta do pequeno com desvelo de avó. Seu colo macio que me servira muitas vezes ao aconchego e carinho, serviram também ao meu filho. Olhando para ela em sua bondade, não pude crer mais que tivesse colocado amendoim de propósito na comida de José Maria. Ela era idosa, poderia ter-se esquecido desse detalhe e depois que aconteceu, pode ter ficado com medo das consequências.

Quando ficamos sozinhas, falei brandamente a ela, como quem tem uma certeza íntima:

– Mina, o que você fez a José Maria foi em nome do amor que sentia por mim, eu entendo, minha mãe preta, mas foi uma infração às leis de Deus. Sei que o Sempiterno perdoa aqueles que se arrependem sinceramente. Peça perdão a Ele, querida. Sei que tenho minha responsabilidade nas reclamações que fiz, eu oro todos os dias pelo perdão e por você.

As lágrimas vieram aos seus olhos negros, quando ela disse:

– Tive minha escolha e a oportunidade de salvar a sinhazinha e o menino Cássio e salvei. Sei que Deus é justo e que colocará no meu caminho o barão Amendoim quando reencarmos, acerto as contas com ele depois, ele precisava de uma lição.

Nós nos abraçamos a Cássio e pensei que nesta nova encarnação dela, eu também teria de estar novamente por perto.

– Quero que viva comigo agora, minha amiga. Já tinha pedido a sinhá Francisca que não entendeu o que eu queria, mas agora, acredito que aceite a sua vinda para cá. Nunca mais pense naquela loucura de suicídio. Precisarás estar bem para ficar com Cássio, vou ampará-la sempre que puder.

– A sinhazinha tem razão! Quero ficar com Cássio, quero ajudar. A “puliça” tinha me assustado naquele dia, mas agora sei que errei muito em pensar em me matar. Não quero mais isso não.

Seus olhos negros continuavam pensativos, longe dali, em alguma revelação profunda que não pude acompanhar.

Algumas semanas de pura suavidade ao lado do neném me fizeram recuperar a forma física, emagrecendo e desinchando e pude me dedicar a amá-lo mais. Meu pai tinha regressado a Paraíso, mas minha mãe ficou mais um pouco conosco e, como criança, brincava com seu primeiro netinho.

Augustus, indisfarçavelmente embevecido, se tornara solícito ao extremo. Ele vinha todos os dias a pretexto de saber se eu estaria precisando de algo. Acho que alguém notou alguma coisa quando ele foi, pessoalmente, buscar entre as criadas uma ama de leite e trouxe ao quarto meu e da criança, falando que cumpria minhas ordens. Eu aquiesci fingindo que tinha mesmo mandado providenciar uma ama. Minha mãe, que era pessoa acostumada às insinuações das rodas sociais, percebeu algo diferente e ficou perguntando quando eu tinha dado tais ordens se ela não tinha saído do quarto desde que Augustus entrara naquela manhã. Contemporizei, dizendo que muito antes tínhamos conversado sobre o assunto e ele sabia minha vontade. O fato é que estava ficando evidente que eram pai e filho. Eu deixava que meu professor decidisse, que interviesse, que participasse, mas limitava a ação dela e de meu pai.

O tempo foi passando suavemente, como a vida de um neném, entre choros e sorrisos, banhos e fraldas. Somente me vi corada e forte um mês após o parto e pude me levantar e cuidar melhor de tudo. Durante esse tempo, meu pai me deu o esperado apoio, mas exigi saber de tudo, diariamente.

Cássio era muito guloso e dorminhoco. Ele e a ama de leite se entendiam muito bem, enquanto eu tinha mais tempo para voltar às minhas atividades normais.

Augustus vinha com meu pai, ver-me todos os dias, mas também ele não tinha mais desculpas para estar comigo. Logo as visitas cessaram e não fiquei mais sozinha, agora tinha minha diminuta companhia.

O tempo me era escasso e o sono muito pouco, entrecortado e leve. A ama de leite chamava-se Kátia, era uma negra que tinha acabado de dar à luz uma menina de nome Sara. Separei para ela uma das primeiras casinhas que eram erguidas no local da senzala e ficou feliz em servir por um salário justo. Cássio já tinha uma irmãzinha colaça, uma mulatinha sorridente. O companheiro de Kátia era um dos nossos contratados. Ela e Mina se revezavam com desvelo de

mãe, mas a velha Mina continuava comigo dentro da casa grande, não poderia mais deixá-la voltar a Paraíso ou morar sozinha em uma das casinhas.

Meu professor não tinha mais desculpas para vir, então, eu lhe escrevia semanalmente e mandava que um empregado levasse a correspondência para não haver engano. O moleque esperava pela resposta, assim se tornava mais rápido o correio e eu me certificava de que a carta chegaria às mãos certas e retornaria também em segurança. Nossas cartas nesse tipo de correio puderam ser mais explícitas, planejávamos como ele falaria com meu pai a respeito de eu me casar de novo, agora que o bebê nascera. Meu professor se lembrou de que meu pai pensava que um homem poderia administrar a fazenda com mais segurança, dando apoio a mim, que em seu ver precisava dar atenção ao bebê. Usou esse argumento, com a habilidade que lhe era característica.

O que eu não sabia era que Augustus já tinha conversado com meu pai mesmo antes de Cássio nascer, mas não queria me afligir, por isso não me contou nada. Na ocasião meu pai se mostrou favorável a que eu me casasse de novo, mas não deixou claro quem seria o noivo. Na missiva daquela manhã, eu pedia a meu amado que conversasse, efetivamente, sobre o casamento e se tudo corresse bem, logo poderíamos nos encontrar para oficializar o noivado. Ele respondeu que não queria apressar as coisas, que depois que viu Cássio, sentiu por ele imensa ternura e amor e que se deixássemos transparecer qualquer suspeita, poderíamos pôr o futuro dele em risco. As malditas aparências, as máscaras sociais, a reputação da mulher viúva e o nome de família se interpunham às exigências do pai e do futuro marido. Compreendi com o coração cada vez mais apertado. Com certeza, ele também se sentia culpado daquela situação que desfrutávamos.

Os meses foram passando, minha dor e solidão só eram abrandadas pelas ternuras da criança que via crescer. Raramente, recebia a visita de meus pais, nem sempre Augustus vinha para não chamar a atenção, dizia ele com o coração apertado. O meu também não estava em melhores condições.

Três meses difíceis se seguiram, em que meu corpo voltava ao normal, desinchava e se remodelava mais belo que antes, nas formas femininas. Mandei fazer novas roupas contratando uma modista e usando os recursos que me cabiam da fazenda. Não era difícil administrá-la, somente dava ordens aos homens e esperava resultados. Analisava compras e decidia sobre os criados, que eram os escravos libertos, diferente de meu pai que tivera de contratar estranhos para o trabalho, eu me via entre antigos companheiros de dor e prisão. Tudo fluía

bem. Eu me perguntava para que eu precisaria de um homem? Na verdade, estava gostando de ser livre e independente. Fossem outros tempos e jamais iria querer me casar de novo.

Augustus me voltava à mente como um sonho distante. Será que o tempo, finalmente, possibilitaria nossa união?

Ao final desses três meses, os dias ficaram ainda mais frios e aconchegantes para o chá no final da tarde, que sempre tomava sozinha entre minhas conjecturas mentais e cartas que recebia de meu amado. Concordamos que agosto seria uma boa data para revelarmos nossa intenção de ficarmos juntos. Eu chamaria minha família para o almoço num domingo e ele falaria a meu pai sobre o meu segundo casamento. Tudo dentro do esperado, dentro dos padrões sociais, dentro das convenções.

O meu coração já estava exultante mesmo quinze dias antes, por saber das possibilidades de vê-los juntos – pai e filho – meus tesouros na vida, muito amados de meu coração. Não estaria mais sozinha, com Augustus em casa, conversaríamos, leríamos e eu poderia relaxar um pouco quanto ao trato com os empregados. Sempre ficava apreensiva diante de uma decisão importante, mas pelo que constatava, estava me saindo bem.



—

Na semana em que ele viria para nosso almoço de noivado, eu preparei a fazenda com esmero para recebê-los na maior alegria, ocupei-me dos pequenos detalhes, caprichei muito mais que das outras vezes que vieram me visitar. Para o grande dia, no almoço de noivado, eu escolhi criteriosamente os alimentos e receitas que seriam preparados por minhas cozinheiras. Separei duas coleções de pratos e baixelas para serem limpos e polidos, depois eu me decidiria qual usar. Recomendei limpeza de todos os quartos e dependências com meticulosidade. Dei ordens para trocar os candelabros por outros mais requintados e sugeri os enfeites como flores e ornamentos sobre os móveis. Mandei preparar o jardim para que estivesse bem cuidado. Encomendei uma nova bata para Cássio, na cor azul que combinava com seus olhinhos doces.

Naquela manhã do dia esperado, tudo precisaria estar dentro dos preparativos numa harmonia perfeita. Horas antes do almoço, enquanto eu esperava que meus convidados chegassem, lembro-me bem deste dia, como poderia esquecer! Foi marcante demais, traumatizante, ao mesmo tempo decisivo. Tudo começou quando eu escolhia entre as duas coleções de louça que tinha separado, qual seria usada para o almoço no grande salão, onde eram servidas as refeições. Eu decidia também em conjecturas mentais, se, durante o encontro, seria melhor que o bebê estivesse presente ou não, afinal, era o grande dia de seu pai e mãe – foi neste exato momento que ouvi um rebuliço do lado de fora, no pátio da ala oeste. Agucei os ouvidos. Uma voz de alguém que gritava desesperada. Que seria aquilo? A voz aguda gritou:

– É seu Leôncio que voltou. Ele está armado.

Corri à janela, o que estaria Lenita fazendo ali e gritando como louca? Era a voz dela, mas ao longe não conseguia enxergar bem, somente um vulto com roupas escuras correndo ao sol. Ela continuou, mas demorei para entender que era perigoso ficar dali olhando:

– Ele está armado, sinhá Milena. Ele quer o menino! Quer matar a senhora, quer o bebê de José Maria.

Ouvi um tiro de carabina que ecoou pelo espaço aberto e depois tudo ficou silencioso. Abaixei e consegui concluir que minha felicidade tinha murchado como uma flor ao sol. Eu tremia quando deixei a sala de estar. Lenita parara de falar. Teria morrido com aquele tiro? Minha grande amiga!

Corri ao quarto de Cássio, contíguo ao meu, já pensando para onde poderia levá-lo e me esconder. Leôncio conhecia aquela fazenda melhor que eu... Pensei e concluí que o único lugar que ele não se atreveria a entrar seria o quartinho de estudos, que fora da baronesa Therezinha. Enrolei meu filho na linda mantinha azul que tinha mandado tecer e rumei para lá. Entrei sem fazer barulho, abri a estante de livros, separei um espaço para colocar a pequena trouxa, onde dormia inocentemente a razão de minha existência. Fechei a porta da prateleira, enquanto não chorasse, ele estaria a salvo.

Fiquei orando baixinho, junto a meus livros preferidos, vendo que estava totalmente indefesa. Onde estaria Justino, Gregório e os outros seguranças da fazenda? Teriam visto aquilo? Faltava algum tempo ainda para que meu pai viesse, quanto mais o gigante demorasse a me encontrar, melhor seria, pois daria tempo para que mais homens chegassem, com eles Augustus. Comecei a chorar quando constatei as minhas chances de sobrevivência. Pedia a Deus pela vida de meu filho indefeso que dormia enrolado em sua mantinha azul. Ficaria dormindo por bastante tempo naquele lugar fechado?

Como eu tinha sido imprevidente expondo assim a criança, o único suposto herdeiro da fazenda, sabendo que Leôncio amava meu marido, que se achava no direito de amante e que pensava que Cássio era seu filho. Por isso tinha sumido, por isso matara Clair: vinganças e ódios, ciúmes e mágoas. Por isso, prendera Lenita, ele queria saber a verdade, talvez não se lembrasse da noite do ataque. No fundo, eu era a única pessoa que poderia compreender a situação dele, eu que sofrera com o entorpecimento que os dois sentiam por mim, bem ali naquele cenário, e que presenciara a união deles. Que terra amaldiçoada, como pude pensar em ser feliz ali!

Voltei a me preocupar com Lenita. O investigador não a tinha encontrado porque ela estivera bem escondida em algum covil de Leôncio, algum antro de maldade ali perto mesmo, de onde ela tinha conseguido fugir para me avisar. Mais uma vez, devia minha vida e a de meu filho a ela. Se ela sobrevivesse, nunca mais nos separaríamos. Eu a levaria comigo para onde fosse, longe dali.

A massa descomunal de homem passou como uma sombra do lado de fora, mancando e arrastando a perna. Gelei da cabeça aos pés. Ele tentava não fazer barulho, mas era impossível com todo aquele tamanho e com sua deficiência que adquirira após o incidente em meu quarto. Prendi a respiração e ele passou sumindo de minha visão. Suspirei aliviada. Minha vontade era pegar Cássio e correr na direção oposta, mas temia que ele ouvisse meus passos e que me acertasse com a carabina.

Sem que eu esperasse, ele quebrou o vidro e abriu a porta que nos separava, sem esforço, deu um passo coxeando para dentro da sala de leitura que tinha sido da mãe de José Maria. Estremeci ao encará-lo ali naquele lugar que ele parecia profanar só com sua presença. Outra vez, estava diante de Leôncio, o gigante que me atacara, que desdenhava de mim e que me humilhava sempre que podia. Parecia um de meus mais tristes pesadelos. Ele estava envelhecido, barbas por fazer, os olhos injetados de raiva, o cabelo eriçado e despenteado, as mãos peludas tremiam ao segurarem a espingarda. Arrepios de horror percorriam meu corpo atrás da nuca e da cabeça. Senti meus ombros tremerem. Não queria estar na presença dele, não queria vê-lo nunca mais. As impressões do dia do ataque me voltavam à mente. O mesmo cheiro de álcool, a mesma força bruta de que eu me esquivava. As grandes mãos desajeitadas que tentavam agarrar meu corpo. Agora, ele queria Cássio e eu sozinha estava ali para impedir.

Ao abrir a boca, pensei que iria bravejar, mas ele não queria chamar a atenção, então, disse em tom baixo:

– Se gritar, eu atiro e será o fim desse corpinho desajeitado e magricela, será o fim de seus achaques de menina mimada, de seus livros assombrados. Será o fim da legítima esposa, da baronesa de Castelnuovo, que só tinha mesmo o título, nada mais. Na verdade, era menos que uma escrava. Era uma égua parideira a qual tive de fazer o sacrifício de emprenhar. Só quero saber onde você escondeu o meu filho e de Zezinho? Ele é mais meu do que seu, não é mesmo? Ele precisa de um tutor, serei eu, que sou seu legítimo pai. Para que precisará de mãe?

Para meu desespero, não podia responder a nenhuma daquelas acusações. Eu estava muda diante dele e rezava para que ninguém ouvisse aquelas evidências. Ele pareceu se lembrar, repentinamente de algo importante e disse em seguida:

– Tenho tentado durante esse tempo, extrair daquela maldita escrava, a verdade sobre aquela noite. Ela viu, foi testemunha. Fiz aquilo por Zezinho, ele me pediu

para providenciar um herdeiro e tive sorte. Não precisei aturar você duas vezes...

Ele riu desproporcionalmente, depois parou, como se, de repente, tivesse encontrado outras evidências. Continuou a falar sem que eu tivesse chance de responder:

– Não houve nada, não foi? As duas me enganaram, mas depois você e José Maria me traíram. Nunca pensei que isso poderia acontecer. Providenciaram um legítimo herdeiro. Desgraçada, você merece morrer. Você me traiu, conseguiu que meu Zezinho desesperado fizesse aquilo. Por isso me deixaram apagado por algum tempo.

Ele partiu para mim com furor e com apenas uma das mãos me atirou contra a parede sem o mínimo esforço, num único gesto brutal. Nem tentei me levantar, nem fugir, mas foi pior. Ele largou a arma no chão e se aproximou ainda mais, caindo sobre um joelho ao meu lado. Com as mãos enormes tentou me sufocar. Tossi pela dor, num gemido rouco desesperado e, talvez por me ouvir, Cássio chorou dentro do armário de livros. Na sua inocência, ele me salvou, atraindo para si o inimigo.

Leôncio se levantou com grande esforço, fazendo caretas de dor e apoiando a perna coxa. Eu estava quase desmaiada e não pude me erguer, consegui apenas esticar a perna e chutei com a ponta da bota a arma dele para debaixo da mesa. Ele começou, novamente, a perguntar onde estava o filho de Zezinho, sem identificar de onde vinha o choro.

Foram alguns momentos de desespero. Eu sem forças para voltar a respirar livremente, tossindo, segurando minha garganta, sem conseguir me erguer, enquanto ele, abria cada uma das portas do armário de livros e se certificava se meu filho estaria ali chorando, indefeso.

Para minha surpresa, naquele momento, Augustus entrou pela porta e foi logo visto, mas Leôncio não encontrou sua arma onde a deixou. Nem percebeu que eu a tinha chutado para trás da mesinha de leitura. Numa rapidez incrível, Augustus mostrou as mãos desarmadas ao agressor e correu para me acudir, porque também ele não tinha identificado onde estava Cássio. Diante do meu amado, vendo que ele estava calmo, consegui respirar fazendo força para o ar passar pela garganta. Ele estaria ali, iria ajudar. Meu pai e os outros homens estariam tomando providências também, porque diante de um gigante como aquele, eu era

apenas uma mulher indefesa e concordava com o sistema vigente, sabendo que não teria força suficiente, nem habilidade. Eu só tinha a inteligência que usava a meu favor.

Eu tinha deixado ordens para matar Leôncio se ele entrasse sem se anunciar. Era a hora de os seguranças que contratei entrarem em ação. Onde estariam? Não poderiam demorar mais, Cássio corria perigo. Augustus disse algo, entre sussurros, que não ouvi, enquanto me abraçava e me punha de pé para que eu saísse dali. Fiquei de pé, mas não me mexi, parecia paralisada no chão, enlouquecida com aquela cena:

– Onde está Cássio? – disse Augustus.

Dessa vez ouvi.

Aquelas palavras pareciam chamar-me de volta à realidade. Apontei com o rosto para a estante de livros.

Leôncio agora gritava que queria o filho de Zezinho e começou a quebrar o vidro dos móveis, porque ouvia o choro do bebê e não identificava onde ele estaria entre as mais de vinte portinhas de livros. Até que abriu aquela que escondia o meu filho. O gigante o tomou com uma única mão, demonstrando curiosidade pelo rosto diminuto e pelas mãozinhas que se contorciam e tremiam, agitadas pelo choro. Cássio perdia o fôlego, de tanto gritar seu apelo pela vida.

Augustus correu até perto dos dois com cuidado, olhou bem nos olhos do brutamontes como se o hipnotizasse e disse, com coragem:

– Este menino é meu, Leôncio. Olhe para ele! – curiosamente, Leôncio obedeceu.

Augustus continuou em tom sereno:

– Veja os cabelos pretos, os olhos azuis como os meus. Sempre amei Milena, mas não tinha recursos para me casar com ela. Pense um pouco, não há traços de José Maria no bebê, nem seus. Foi Lenita que você atacou naquela noite. Ela tomou o lugar da sinhazinha, na época, ainda inocente. Você estava muito bêbado para notar a diferença.

Finalmente, ele sabia a verdade. Duas lágrimas rolaram de seus olhos vidrados.

Ele olhou para Cássio agora com desdém, com desprezo, como se visse algo impuro em suas mãos. Amarrotou o rosto, como quem se dá conta do passado, do erro e da loucura. Sem preocupação com o pequeno, largou-o da altura de suas mãos para que caísse no chão e, por sorte, a mantinha azul o amparou. Ele chorou estridentemente quando sua cabecinha bateu no assoalho de tábua corrida. Augustus abaixou-se para pegar o pequeno fardo que continha todo o meu coração, sem nem pensar que estaria entrando no meio das pernas do homem enorme, coxo e desajeitado que nos havia machucado. Leôncio não percebeu nada mais, os olhos vidrados em algo que não alcancei.

Tateei por baixo da mesa e encontrei a espingarda, engatilhei-a e, da distância que estava, não havia como errar. Augustus e o bebê estavam seguros no chão. Armei-me de coragem e atirei, mas ao mesmo tempo, pela porta quebrada, outro tiro de pistola acertou Leôncio no meio do peito. Era Gregório, nosso capataz, que tinha reagido à invasão de um homem armado.

Ao ouvir o estrondo, assustei-me, tremendo o corpo em choque e, sem entender se foi da detonação do meu tiro que atingia Leôncio, desfaleci, como já havia acontecido anteriormente, em outros momentos como aquele, onde a dor e a violência se evidenciavam de forma brutal, característica da época em que vivia. Augustus amparou-me com um dos braços, no outro trazia nosso filho, fechei os olhos e deixei cair o meu corpo inerte, para desespero de meu amado. Mais uma vez desdobrava-me fora do corpo dada a aridez da cena que afetava profundamente a minha sensibilidade.

\*\*\*

Flutuei no ar mais uma vez, pelo choque, pela violência, pelo susto. Vi-me em companhia da baronesa Castelnuovo, suspensa acima das tragédias que vivenciava. Fui ao encontro de Lenita mais uma vez. Sempre que me via livre do fardo carnal ia ao encontro dela, num sonho ou numa libertação do espírito. Ela estava sobre o corpo morto, em visível confusão. Percebi que minha ex-escrava tinha desencarnado, mas não fiquei triste, antes compreendi que ela se libertara. Recebi instruções para acolhê-la e esclarecer o que havia. Abracei-a sem o peso da materialidade, ela era leve e branda como uma brisa, nada a prendia na Terra

a não ser alguns afetos, mas a morte que tinha experimentado era traumática, violenta e repentina. Era preciso que dormisse em espírito para ser levada, para que se rompessem definitivamente os laços com o corpo. Acalentei-a como a um bebê.

– Durma, minha amiga, o pior já passou.

Ela estava confusa, indagava o que havia com seu corpo. Não olhei para baixo, mas vi que uma nuvem branca se desprendia de lá, voltando para seu verdadeiro corpo, o espiritual. Ela estremeceu, enquanto eu ia dizendo palavras calmantes, trechos de O Evangelho segundo o Espiritismo de que me lembrava, as falas de Jesus: Vinde a mim todos vós que estais cansados e eu os aliviarei<sup>7</sup>, continuei orando até que ela adormeceu e vi que alguns enfermeiros ou médicos a levavam com extremo cuidado.

Em meu voo de volta ao meu corpo, vi também Leôncio como um ser duplo, vivo em espírito e morto na carne. Irmãos menos felizes disputavam com ele, agrediam e xingavam. Perguntei, sem palavras, pela força do pensamento, à minha protetora, se seria preciso ajudá-lo, mas ela fez um sinal com a cabeça dizendo que não poderíamos.

Vendo aquelas mortes, me lembrei dos outros dois que havíamos enterrado há pouco mais de um ano e indaguei ainda, preocupada. Queria saber sobre Clair e sobre José Maria, em vida, filho de minha protetora. Ela disse que os dois tinham sido amparados pela espiritualidade responsável pelas suas encarnações e que estavam se recuperando em local apropriado. Clair preparava-se para reencarnar.

Não pude mais perguntar nada, sentida prece fazia-se ouvir vinda dos encarnados, era Augustus que orava por mim. Tive de regressar.

Eu despertei, com meu amado segurando minha mão e fazendo o mesmo procedimento de molhar meu rosto e colo com água fria, acrescido de ervas aromáticas. Ele me continha em seus braços, acordei no calor de seu corpo.

– Milena, minha querida, pensei que a havia perdido - ele beijou-me no rosto e ajeitou meus cabelos em desalinho, não se importando que outras pessoas vissem ou constatassem que nos amávamos.

– Augustus, onde está Cássio? Ele está bem?

– Está com a ama de leite, dormindo tranquilo, não se preocupe, tudo acabou, minha amada.

Meus pais queriam me poupar das notícias de morte, mas eu já sabia, tinha visto do alto em meu voo de desprendimento, livre do peso da matéria física. Leôncio e Lenita já estavam na pátria espiritual. Eu orava em silêncio por aquela que fora minha amiga até o fim, escapando das garras de Leôncio para vir me avisar e me salvar, mais uma vez. Eu devia a ela meu bem-estar e de meu filho.

Providenciaria um enterro digno, mais que isso, oraria sempre por ela. Orei também por Leôncio, tive pena de sua ignorância e dei razão à sua indignação. Afinal, ele tinha perdido tudo e escolhera cobrar da forma mais violenta e cruel, vingando-se em Lenita.

Depois daquele dia, Augustus não escondeu mais seu amor por mim. Meus pais viram como ele se arriscou para me salvar, enfrentando a fúria do gigante e depois, carregando-me e a meu filho nos braços quando saímos da sala de leituras, onde não podíamos permanecer. Meus pais viram as atitudes dele quando fiquei desacordada, ele estava visivelmente abalado, mesmo assim, reuniu forças para nos acudir, carregando-nos até o divã da sala de estar, e, depois, ficando abraçado ao meu corpo desmaiado e a Cássio, como se quisesse nos conter em seu coração.

Fez, como sempre, tudo que podia para me ajudar, chamou as criadas e providenciou mais uma vez as ervas aromáticas para me despertar e, com todo carinho, limpou meu rosto certificando-se de meus hematomas. Enquanto eu não acordava, ele dizia sem se importar com quem estava por perto e poderia ouvir:

– Meu amor, volte para mim, você já voltou antes, sabe o caminho. Eu nunca mais deixarei você sozinha.

Quando despertei, ficamos abraçados por longo tempo, oramos juntos em agradecimento a Deus, por nos permitir estar vivos.

Terminado aquele trauma da morte de Lenita, Augustus não mais deixou Castelnuovo. Não quis que eu ficasse sozinha com nosso filho nem mesmo por uma noite. As convenções sociais, as exigências de meu pai e mãe foram apelos em vão para aquele que só pensava na segurança de nós dois.

Vimos a nos casar mais tarde, quando foi conveniente e vivemos uma vida marcada por aqueles acontecimentos do passado. Tivemos mais três filhos e a

baronesa Castelnuovo recomendara-me especificamente que eu trouxesse Mina para tomar conta deles. Eu me indagava quem seriam, mas não obtive permissão de saber.

Meus queridos leitores, se quiserem saber as razões pelas quais a Justiça Divina me encaminhou a posse daquela fazenda, releia o prólogo, onde resumi a encarnação que escondia sob o véu do passado muitos motivos para nossos sofrimentos. Não temos como levar vantagens sobre as dores alheias e toda desavença, ódio e rancor precisam ser compensadas com o imenso amor.

Esta é minha história e de minha família espiritual em uma de nossas vidas na Terra. Quando estamos obscurecidos pelos véus da ilusão, não conseguimos perceber o que somos realmente – espíritos em jornada de aprendizagem. Debato-nos por desejos, medos e ódios, completamente esquecidos de que somos imortais e de que voltaremos se infringirmos as leis soberanas de Deus. Foi o que houve conosco.

**Fim**

---

[7 O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. VI.](#)

